BESTSELLER #1 DO NEW YORK TIMES

+ DE 100 MILHÕES DE VISUALIZAÇÕES NO TIKTOK

Se ele estivesse comigo



IF HE HAD BEEN WITH ME

LAURA NOWLIN

PRESENÇA

BESTSELLER #1 DO NEW YORK TIMES

+ DE 100 MILHÕES DE VISUALIZAÇÕES NO TIKTOK

Se ele estivesse comigo



IF HE HAD BEEN WITH ME

LAURA NOWLIN

PRESENÇA

Se ele estivesse comigo

LAURA NOWLIN

Se ele estivesse comigo

IF HE HAD BEEN WITH ME

TRADUÇÃO DE FÁTIMA ANDRADE

PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título: *Se Ele Estivesse Comigo*
Título original: *If He Had Been With Me*
Autora: *Laura Nowlin*
Copyright © 2013, 2019, Laura Nowlin
Edição original publicada por Sourcebooks
Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2023
Tradução: *Fátima Andrade*
Revisão: *Raquel Cabrita/Editorial Presença*
Design da capa: *Belle & Bird Design*
Imagem da capa © *Helena G. M./Arcangel*
Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*
1.ª edição em papel, Lisboa, outubro, 2023

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à
EDITORIAL PRESENÇA
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena
info@presenca.pt
www.presenca.pt

Para o meu marido, Robert;
sem ti, não saberia como escrever sobre o verdadeiro amor.

UM

Eu não estava com o Finny naquela noite de agosto, mas a minha imaginação gravou a cena a ferro em brasa na minha mente, pelo que a sinto como uma recordação.

Estava a chover, claro, e ele ia com a namorada, Sylvie Whitehouse, a deslizar pela chuva no carro vermelho que o pai lhe tinha dado pelo seu décimo sexto aniversário. Daí a poucas semanas, o Finny ia fazer dezanove anos.

Estavam a discutir. Nunca ninguém diz sobre o que discutiam. Na opinião das outras pessoas, isso não é importante para a história. O que essas pessoas não sabem é que existe outra história. A história que espreita sob e entre os factos da que elas veem. O que elas não sabem, a causa da discussão, é fundamental para a minha história.

Consigo ver tudo. A estrada escorregadia por causa da água e as luzes rotativas das ambulâncias e dos carros da polícia a cortar a escuridão da noite, a avisar quem passava: a catástrofe aconteceu, conduzam devagar. Vejo a Sylvie sentada de lado, com as pernas de fora do carro da polícia, a tamborilar com os pés no pavimento molhado enquanto fala. Não consigo ouvi-la, mas vejo-a dizer-lhes o motivo da discussão e sei, sei, sei. Se ele estivesse comigo, tudo teria sido diferente.

Vejo-os no carro antes do acidente: a chuva intensa, o mundo e o pavimento, tão molhado e escorregadio como se tivesse sido oleado para a sua passagem. Eles deslizam na noite, lamentavelmente juntos, e discutem. O Finny tem a testa franzida. Não está a pensar na chuva, nem no carro, nem na estrada molhada debaixo das rodas. Está a pensar na discussão com a Sylvie. Está a pensar no motivo da discussão, e o carro derrapa bruscamente para a direita, arrancando-o aos seus pensamentos com um sobressalto. Imagino que a Sylvie grita, depois ele tenta corrigir a trajetória, mas exagera e vira demasiado o volante.

O Finny tem o cinto de segurança posto. Não tem nada que se censurar. O mesmo não acontece com a Sylvie. Quando ocorre o impacto, ela é projetada através do para-brisas para a escuridão da noite e, contra todas as probabilidades, miraculosamente, só sofre pequenos cortes nos braços e no rosto. Embora seja verdade, é difícil imaginar, tão difícil que nem eu consigo conjurar essa imagem. A única coisa que vejo é o momento seguinte, o momento em que ela fica suspensa no ar, como se não tivesse peso, com os braços a agitar-se em câmara lenta, o cabelo, ligeiramente ensanguentado e, agora, molhado pela chuva, a ondular atrás de si como o de uma

sereia, a boca arredondada no *O* de um grito de pânico, a noite, escura e chuvosa, a contorná-la numa silhueta perfeita.

A Sylvie volta subitamente à terra. Bate no pavimento com um baque sonoro e fica inconsciente.

Jaz no pavimento, inerte. O Finny não tem um arranhão. Respira pesadamente e olha para a noite com um misto de choque e fascínio. É o seu momento de suspensão, como se não tivesse peso. A sua mente está vazia. Não sente nada, não pensa em nada; existe, perfeito e incólume. Nem sequer ouve a chuva.

Fica, sussurro-lhe. *Fica no carro. Fica neste momento.*

Mas claro que ele não o faz.

DOIS

O Phineas Smith é filho da tia Angelina. A tia Angelina não é minha tia; é a melhor amiga da minha mãe dos seus tempos de juventude, a melhor amiga dela ainda agora e a vizinha do lado. As nossas mães estiveram grávidas ao mesmo tempo, naquela primavera e naquele verão distantes. A minha mãe respeitavelmente grávida, casada há mais de um ano com o seu namorado do liceu e com numerosas fotografias do casamento espalhadas por toda a casa, que dispunha de um jardim nas traseiras devidamente protegido por uma cerca. O meu pai nunca estava — nunca está — em casa por causa do trabalho, mas a Mãe não se importava; tinha a Angelina. Quanto à Angelina, tinha engravidado do amante, que era casado, rico e demasiado velho para ela. Ele recusou-se a acreditar que a criança era sua. Foi preciso um teste de ADN, feito por ordem do tribunal, algumas semanas após o nascimento do Phineas para obrigar o pai a tomar a atitude honrosa: comprar a casa ao lado da da minha mãe para a tia Angelina e, depois de assinar cada cheque mensal, tratar de passar os trinta dias seguintes a fingir que ela e o bebé não existiam.

A minha mãe não trabalhava e a tia Angelina era professora de Artes na Vogt Elementary, do outro lado da rua do seu duplex, pelo que o verão lhes pertencia. Contaram-nos que, no verão das suas gravidezes, a tia Angelina vinha do seu duplex em Church Street, com a barriga dilatada e pesada, protuberante como se estivesse a indicar o caminho, até à nossa grande casa vitoriana em Elizabeth Street, e as duas passavam o dia no alpendre das traseiras, com os pés apoiados na balaustrada. Bebiam limonada ou chá gelado e só entravam em casa para verem *I Love Lucy* à tarde. Sentavam-se muito juntas, para que eu e o Finny pudéssemos dar pontapés um ao outro, como se fôssemos gémeos.

Fizeram muitos planos para nós nesse verão.

O Phineas nasceu primeiro, no dia 21 de setembro. Uma semana depois, como se sentisse a falta do companheiro que me dava pontapés, nasci eu.

Em setembro, as pessoas dizem-nos que a sua estação favorita é o outono. Não o dizem em nenhum outro mês. Esquecem-se de que setembro é, de facto, um mês de verão. Em St. Louis isso devia ser evidente: as folhas nas árvores continuam verdes e o tempo continua quente, mas as pessoas penduram espantalhos sorridentes nas portas. Quando as folhas e o tempo começam efetivamente a mudar, no fim de outubro, já estão cansadas do outono e a pensar no Natal. Nunca param, nunca se perguntam se

já terão tudo.

A minha mãe deu-me o nome de Autumn [Outono]. As pessoas dizem-me, «Oh, tão bonito!», e depois o nome parece escapar-lhes por entre os dedos, sem que se apercebam de todas as coisas que essa palavra devia significar para elas, tons de vermelho, mudança e morte.

O Phineas compreendeu o meu nome antes de mim. O meu nome tinha aquilo que faltava ao dele: associações, significado, uma história. A sua desilusão quando a nossa turma do quarto ano foi consultar livros com nomes para bebés surpreendeu-me. Cada livro atribuía ao nome dele um significado e uma origem diferentes: cobra, núbio, oráculo, hebreu, árabe, desconhecido. O meu nome significava exatamente aquilo que era; não havia nada para descobrir acerca dele. Eu achava que, se um nome tinha uma origem e um significado desconhecidos, não podia ser fonte de desilusão. Nessa altura, não compreendia que um rapaz que não tinha um verdadeiro pai ansiaria por uma origem e um significado.

Havia tantas coisas que eu não compreendi acerca dele ao longo dos anos, mas claro, claro, claro, claro, agora todas elas fazem sentido.

Crescemos em Ferguson: uma vilazinha nos subúrbios de St. Louis, composta por casas vitorianas, velhas igrejas de tijolo e uma baixa pitoresca, cheia de lojas que pertenciam às mesmas famílias há várias gerações. Suponho que foi uma infância feliz.

Eu era peculiar, esquisita e não tinha quaisquer amigos além do Finny. Ele podia ter tido outros amigos próximos, se quisesse: era bom em desporto e não tinha nada de esquisito. Era querido, tímido e todos gostavam dele. As raparigas tinham paixonetas por ele. Os rapazes escolhiam-no em primeiro nas aulas de educação física. Os professores chamavam-no para dar a resposta certa.

Eu quis estudar os julgamentos das bruxas de Salém em História. Lia livros por baixo da mesa durante as aulas e recusava-me a comer o canto inferior esquerdo das minhas sanduíches. Acreditava que os ornitorrincos eram uma conspiração do governo. Não era capaz de fazer uma roda, nem de rematar, bater ou servir qualquer tipo de bola. No terceiro ano, anunciei que era feminista. Durante a Semana das Profissões, no quinto ano, anunciei aos meus colegas de turma e à minha professora que o meu objetivo era ir viver para Nova Iorque, usar camisolas de gola alta pretas e passar o dia sentada em cafés, a meditar pensamentos profundos e a inventar histórias.

Após um momento de surpresa, a Sra. Morgansen escreveu *Escritora Independente* por baixo da minha fotografia sorridente e colou-a na parede, entre as imagens dos futuros professores e estrelas de futebol. Depois de a consultar, concordei que essa

ideia era suficientemente próxima do que eu tinha em mente. Acho que ela ficou contente por ter conseguido encontrar algo para mim, mas às vezes pergunto-me se se teria importado tanto caso eu fosse feia, além de esquisita.

Desde que me lembro, as pessoas dizem-me que sou bonita. Isto vinha mais dos adultos do que das outras crianças. Diziam-no quando me conheciam e sussurravam-no uns aos outros quando julgavam que eu não estava a ouvir, até que isso se transformou num facto que eu sabia acerca de mim própria, da mesma maneira que sabia que o meu segundo nome era Rose ou que era canhota: eu era bonita.

Não que isso me servisse de alguma coisa. Todos os adultos pareciam pensar que sim ou, pelo menos, que devia ser bom para mim, mas, durante a infância, a minha beleza dava mais prazer aos adultos do que a mim.

Para as outras crianças, a minha característica definidora era outro facto que eu também tinha aceitado acerca de mim própria: eu era *esquisita*.

Nunca tentei ser esquisita e detestava ser vista assim. Era como se tivesse nascido sem a capacidade de compreender se as coisas que me preparava para dizer ou fazer eram estranhas, pelo que ficava presa na armadilha de ser constantemente eu mesma. Ser «bonita» era fraco consolo aos meus olhos.

O Finny era-me leal. Desafiava quem quer que se atrevesse a atormentar-me, desfeiteava quem quer que troçasse de mim e escolhia-me sempre em primeiro para as suas equipas.

Era claro para toda a gente que eu pertencia ao Finny e que o lugar de cada um de nós era com o outro. Éramos aceites como uma singularidade excêntrica pelos nossos colegas e, a maior parte do tempo, eles deixavam-me em paz. E eu era feliz; tinha o Finny.

Era raro não estarmos juntos. No intervalo, eu sentava-me na encosta a ler, enquanto o Finny jogava *kickball* com os outros rapazes no campo. Fazíamos todos os trabalhos de grupo juntos. Íamos juntos para casa e, no Halloween, saíamos a pedir doçura ou travessura juntos. Fazíamos os trabalhos de casa sentados lado a lado à mesa da minha cozinha. Visto o meu pai passar tanto tempo fora, as Mães convidavam-se frequentemente uma à outra para jantar. Não era difícil passar uma semana inteira em que eu e o Finny só nos separávamos para dormir nas respetivas camas, e mesmo nessas alturas adormecíamos sabendo que o outro não estava longe.

Na memória da minha infância, é sempre verão primeiro. Vejo a luz a dançar e as folhas verdes. Eu e o Finny escondemo-nos debaixo dos arbustos ou nas árvores. O outono traz os nossos aniversários, as idas juntos para a escola e o aprofundar daquela luz dourada. Ele e a mãe passam o Natal em nossa casa. O meu pai aparece. O pai dele envia um presente que é simultaneamente caro e insondável. Um conjunto de

química. Tacos de golfe feitos à medida. O Finny encolhe os ombros e põe-nos de lado. O inverno é um turbilhão de branco e mãos geladas enfiadas nos bolsos. O Finny salva-me quando os outros miúdos me atiram bolas de neve. A primavera é um quadro pintado em tons de verde-pálido e eu sento-me nas bancadas a ver o Finny jogar futebol.

Todo esse tempo que ficou registado na minha mente como Antes.

TRÊS

Dirijo-me para a paragem da camioneta com a mochila pendurada ao ombro. Já lá estão alguns miúdos, vagamente agrupados, mas sem acusarem a presença uns dos outros. Olho para o passeio. As minhas botas estão pintadas a tinta *spray* prateada. Tenho o cabelo e as unhas pintados de preto. Paro na esquina e deixo-me ficar um pouco afastada. Permanecemos todos calados.

A nossa paragem da camioneta é no cimo da colina grande, em Darst Road. Eu e o Finny costumávamos descer esta encosta de bicicleta. Eu tinha sempre medo. O Finny, nunca.

Olho disfarçadamente para os outros miúdos parados na esquina. Somos sete. Reconheço alguns deles do segundo ou do terceiro ciclo, ou mesmo do primeiro; outros, não.

É o meu primeiro dia no secundário.

Baixo de novo os olhos e estudo a bainha esfiapada do meu vestido preto. Cortei a renda com um corta-unhas há uma semana. A minha mãe diz que eu posso vestir-me como me apetecer, desde que as minhas notas se mantenham boas. Mas a verdade é que ela ainda não percebeu que eu não vou ser uma das raparigas populares este ano.

No último dia de aulas, eu e a Sasha fomos à drogaria e passámos uma hora a escolher tintas para o cabelo. Ela queria que eu pintasse o cabelo de ruivo, por causa do meu nome. Achei isso uma palermice, mas não lho disse. Desde a nossa recente expulsão da Clique, a Sasha passou a ser a minha única amiga. Amiga ou amigo, para dizer a verdade.

— Olá — diz alguém. Todos levantam os olhos. O Finny juntou-se a nós, alto, louro e suficientemente betinho para aparecer num catálogo. Todos desviam de novo o olhar.

— Olá — diz uma voz de rapariga. Está algures atrás de mim, pelo que não consigo vê-la. Eu devia ter respondido ao olá do Finny, mas estou demasiado nervosa para falar.

A noite passada, em casa dele, fizemos o que as Mães chamaram um churrasco de fim do verão. Enquanto elas se ocupavam do grelhador, eu fui sentar-me no alpendre das traseiras a ver o Finny chutar uma bola de futebol contra a cerca. Estava a pensar num conto que tinha começado a escrever na véspera, a minha primeira tentativa de compor um romance gótico. Tinha planeado um fim muito trágico e ia refletindo

nos detalhes dos infortúnios da minha heroína enquanto o via jogar. Quando as Mães nos mandaram ir lá dentro buscar os pratos de papel, ele falou-me:

— Então porque é que pintaste o cabelo?

— Não sei — respondi. Se alguém me perguntasse por que motivo eu e o Finny já não éramos amigos, eu diria que tinha sido por acidente. As nossas mães diriam que nos tínhamos afastado progressivamente ao longo dos últimos anos. Não sei o que o Finny diria.

No primeiro e no segundo ciclos, tínhamos sido aceites como uma singularidade. No terceiro, parecia esquisito sermos amigos e, no princípio, tínhamos de explicar a nossa relação aos outros, mas depois começámos a ver-nos cada vez menos e, portanto, a ter de explicar cada vez menos também.

Por um estranho acidente, a minha esquisitice tornou-se aceitável e eu tornei-me numa das raparigas populares nesse primeiro semestre do sétimo ano. Chamávamos ao nosso grupo a Clique. Todos os dias almoçávamos juntas e depois íamos todas à casa de banho escovar o cabelo. Todas as semanas pintávamos as unhas da mesma cor. Tínhamos alcunhas secretas e pulseiras de amizade. Eu não estava habituada a ser admirada, ou invejada, ou a ter amigas, e embora o Finny tivesse sempre sido o bastante para mim Antes, bebi tudo isso como se fosse algo por que estivesse sedenta há anos.

O Finny juntou-se a um grupo de rapazes que eram vagamente totós, mas não o suficiente para serem perseguidos, e eu costumava acenar-lhe quando o via na escola. Ele retribuía-me sempre o aceno.

Tínhamos aulas diferentes, o que significava trabalhos de casa diferentes. Ao fim de algumas semanas, deixámos de estudar juntos e eu passei a vê-lo ainda menos. Ser uma das raparigas populares tomava muito tempo. Depois das aulas, elas queriam que fôssemos para a casa de uma de nós ver filmes e arranjar o cabelo umas às outras. Aos fins de semana, íamos às compras.

Quando, por qualquer motivo, estava com o Finny, já não tínhamos grande coisa para conversar. Cada momento que passávamos em silêncio era como outro tijolo no muro que se ia erguendo entre nós.

De algum modo, tínhamos deixado de ser amigos.

Não tinha sido uma escolha. Não propriamente.

Estou a olhar para as minhas botas prateadas e para a renda rasgada quando a camioneta chega. Todos avançam, de cabeça baixa. Entramos silenciosamente na camioneta, onde toda a gente está a falar. Embora não tenha qualquer motivo para pensar que a Sasha não esteja lá, fico aliviada ao vê-la sentada a meio do veículo. Usa

uma *T-shirt* preta e *eyeliner* espesso e escuro à volta dos olhos.

— Olá — digo, deslizando para o lado dela e pousando a mochila no colo.

— Olá — diz ela. Dado que eu me recusei a pintar o cabelo de ruivo, ela optou por pintar o dela de uma cor pouco natural. Trocamos um sorriso. A nossa transformação está completa. Mais ou menos.

Sei exatamente o motivo por que eu e a Sasha deixámos de ser amigas da Alexis Myers e das outras raparigas.

Eu não fiz as provas para entrar na equipa de *cheerleaders*.

Tinha planeado fazê-lo. Queria ser *cheerleader*. Queria ser popular, andar com um jogador de futebol (na McClure High, o desporto fixe é futebol normal em vez do futebol americano) e ter tudo o que advinha de pertencer à Clique. Mas não fui capaz de criar a minha própria rotina e executá-la sozinha para as provas de seleção. E pronto.

A Alexis, a Taylor e a Victoria conseguiram entrar na equipa, mas a Sasha, não. Oficialmente, não fomos expulsas da Clique, mas a única coisa de que elas falavam ao almoço era o acampamento de *cheerleading* e das raparigas mais velhas da equipa, que pareciam tãããããão simpáticas.

No último dia de aulas, a Alexis, a Taylor e a Victoria vieram para a escola com o cabelo entrançado. Não nos tinham dito que ia ser um dia de tranças. Todas fazíamos sempre tranças no mesmo dia. Ao almoço, quando lhes perguntámos porque não nos tinham dito, elas limitaram-se a olhar umas para as outras e a rir. Concluí que tinham finalmente percebido a verdade que eu tinha escondido com tanto cuidado: eu era uma Rapariga Bonita, mas não era uma Rapariga Popular. Era diferente. Era estranha. De maneira que decidi desistir e voltar a ser a Rapariga Esquisita, e a Sasha seguiu-me o exemplo.

Na camioneta, a Sasha inclina-se para mim e diz:

— Estás com um aspeto fixe.

— Tu também — respondo. Viro-me para a frente e vejo uma rapariga a avançar pela coxia com o uniforme azul e vermelho. O seu cabelo louro saltita de um lado para o outro, preso num rabo de cavalo. Ainda estou a sentir a dor da rejeição quando a vejo sentar-se ao lado do Finny. No fim desse mês, os dois estarão a andar juntos e a minha mãe vai dizer-me que o Finny conheceu a Sylvie Whitehouse no *campus*, enquanto ele estava no treino de futebol e ela, no de *cheerleading*.

— O que achas que as pessoas vão dizer? — pergunta a Sasha. Quase lhe digo para não ser tão palerma.

— Não sei — replico.

QUATRO

Nos primeiros dias, eu e a Sasha almoçamos sozinhas naquilo a que começo a chamar Escada para Nenhures. São degraus de cimento que descem do pátio da frente pela encosta de uma colina até um campo coberto de ervas que não é utilizado para coisa nenhuma.

A Alexis e as outras usam os seus uniformes e fazem um sorriso trocista sempre que nos veem, como se o nosso novo visual lhes fosse hostil. Uma rapariga nova, a Sylvie da Escola Católica de St. John's, senta-se à mesa delas. Quase todos os caloiros são da mesma escola pública, mas há alguns destes novos miúdos católicos, cujos pais não conseguiam pagar o custo mais elevado das escolas privadas. Todos eles tinham os mesmos colegas desde o jardim de infância e sentem-se perdidos e atordoados no vasto mar da McClure High. É estranho nos primeiros dias, quando toda a gente está a tentar descobrir o seu lugar. Depois, aos poucos, todos vão formando novas alianças, e começa a definir-se um padrão que será seguido o resto do ano, possivelmente o resto do ensino secundário.

A Sasha conheceu uma rapariga da St. John's que usa um crucifixo e um crânio no mesmo fio. Têm aulas de Educação Física juntas e percorrem a pista de atletismo lado a lado alguns dias antes de a Sasha a convidar para almoçar connosco. Chama-se Brooke e traz o namorado, Noah, e o primo, Jamie. No dia seguinte, aparecem mais pessoas, tipo o amigo deste, um colega de turma daquele, que parece simpático. Não tardamos a ter um grupo na Escada para Nenhures. Alguns afastam-se de novo ao fim de alguns dias para se juntarem a outros grupos; outros ficam. No fim da segunda semana, emerge um grupo de amigos na Escada para Nenhures.

Há quatro raparigas e três rapazes no nosso grupo. A Brooke e o Noah já estão juntos e são muito dedicados um ao outro. Até são parecidos, com cabelo castanho e sardas, e franzem os olhos quando se riem.

Isso deixa-me a mim, à Sasha e à Angie para o Jamie e o Alex. A Angie, loira e um pouco rechonchuda, ainda tem uma paixoneta por um rapaz da sua antiga escola. O Alex tem olhos bonitos, mas é baixo e do tipo pateta e disparatado, ainda um pouco imaturo. A forma como a Sasha olha para o Jamie mostra-me que é ela a minha rival na competição por ele.

Sinto borboletas no estômago da primeira vez que vejo a cara do Jamie. Os seus olhos são verdes e orlados por pestanas impossivelmente compridas. O cabelo é

escuro, um pouco encaracolado e muito despenteado. É alto, magro e pálido.

É animado, divertido e sorri muito. Lembra-me o Puck de *Sonho de Uma Noite de Verão*. É ele que conduz os outros rapazes em traquinices que as raparigas ficam a ver, rindo, sentadas na escada. Eles jogam futebol no campo de ervas com o sapato da Brooke, atiram bolas de papel pelas janelas das salas de aula abertas e cantam canções num estilo que ridiculariza o grupo de canto *a cappella* da escola. O Jamie atira a cabeça para trás e ri-se quando as suas traquinices acabam como ele pretendia. Quando o vejo fazer isso, penso no Peter Pan a dizer à Wendy que não pode deixar de cantar de galo quando está satisfeito consigo próprio.

Eu e a Sasha tentamos chamar a atenção do Jamie, cada uma à sua maneira. A Sasha provoca-o e exibe a sua graça de maria-rapaz. Eu mostro-me alternadamente recatada e coquete. Ela desce a escada e participa nos jogos dos rapazes. Eu sorrio das piadas dele e olho-o com as pestanas semicerradas. Ela levanta a mão para trocar *high fives* com ele. Eu torço por ele dos degraus. É uma batalha, mas nunca nos tornamos hostis uma com a outra. Tanto a Sasha como eu sabemos que, quando isto acabar, temos de continuar amigas.

Lentamente, mas, de certo modo, de repente, porque acontece numa simples questão de dias, ganho terreno à Sasha. Ela ainda faz um corajoso esforço durante algumas horas de almoço, mas depressa se torna evidente que o Jamie está interessado em mim. Senta-se ao meu lado na Escada. Oferece-me o resto das suas batatas fritas. Faz-me cócegas. Sorri-me enquanto joga à bola com os outros rapazes e o meu estômago dá um salto. *Jamie. Jamie. James.* Jamie.

Numa segunda-feira à tarde, na Escada para Nenhures, o Jamie pega na minha mão, como se fosse ponto assente que tem o direito de lhe pegar quando quiser, e todos reagem como se esse gesto fosse completamente normal. Eu fico de mão dada com ele e olho para os degraus de betão para tentar impedir-me de sorrir, revelando os meus sentimentos. Por dentro, sinto-me como se estivesse a tremer; por fora, mantenho uma atitude tão casual como a dele. Claro que estamos juntos, claro. Claro.

Nesse dia, a Alexis e as outras olham para mim com interesse quando eu e o Jamie passamos por elas no corredor, depois viram-se simulando indiferença. Mas só podem ter reparado. Ele é inegavelmente espetacular. O Jamie é um Adónis de cabelo escuro, um príncipe gótico. E agora é meu.

CINCO

O Jamie quer ir mais longe e eu digo-lhe que ainda não estou preparada para isso. Estamos juntos desde a terceira semana de aulas, mas ainda é só o princípio de novembro e surpreende-me o facto de já estarmos a ter esta discussão. Há uns dias, ao telefone, ele disse que me amava. Eu respondi que ainda não estava preparada para lhe dizer o mesmo e agora, deitada ao lado dele, a olhar para o teto, pergunto-me se terá sido este o motivo por que ele o disse.

— Está bem — diz ele e pega na minha mão.

Estamos ambos completamente vestidos, com o uniforme excêntrico adotado pelo nosso grupo. Não somos góticos nem *hipsters*, apenas estranhos. As raparigas pintam o cabelo com cores não naturais e os rapazes fazem um esforço para dar a impressão de que acabaram de sair da cama. Todos usamos botas e roemos as unhas. Sei que estamos apenas a seguir normas de conformidade diferentes, mas não o digo em voz alta. O que une o nosso grupo é a afirmação partilhada de que somos diferentes e, portanto, de alguma forma melhores do que todos os miúdos «normais» da escola. Especialmente melhores do que a malta popular.

Agora que estou mesmo no liceu, não tenho qualquer desejo de ser uma daquelas raparigas de rabo de cavalo e saia plissada. Estou entusiasmada por ser finalmente eu mesma, ainda que dentro de certos limites. Com os meus novos amigos, ser esquisito é uma coisa boa, desde que seja o mesmo tipo de esquisitice que eles.

— A tua casa é tão estranha — diz o Jamie.

Viro-me e olho para ele. Esta foi a primeira vez que ele viu a minha casa por dentro. Os meus pais foram à festa de outono do escritório do meu pai. O Jamie estava doente na noite da minha festa de aniversário e a minha mãe ainda não conseguiu convencer-me a convidá-lo para jantar.

— O que queres dizer com isso? — pergunto.

— É tudo tão perfeito — diz ele. — Até o teu quarto.

Não é um elogio.

Olho para as paredes cor de alfazema e para os móveis de vime branco. Encolho os ombros.

— Foi a minha mãe que o decorou — declaro. É uma meia-verdade. Ela decorou o resto da casa, que é perfeita, tal e qual como ela. Tudo coordenado; tudo organizado com absoluta precisão. Podia aparecer numa revista de decoração, com a minha mãe

sentada à mesa da cozinha com uma jarra de tulipas brancas e sem um único cabelo fora do sítio, enquanto fingia ler o jornal. Fizemos o meu quarto juntas. Nessa revista, eu vestiria o uniforme de *cheerleader*. Estaria a sorrir.

— Devias arranjar uns pósteres ou coisa parecida — sugere o Jamie. Rebolo para ficar de lado e pouso a cabeça no ombro dele. Penso para comigo que ele é atraente à maneira tradicional, do tipo alto e moreno. Ele diz que quer fazer um *piercing* na sobrancelha, e eu tenho tentado convencê-lo a não o fazer.

— Sim, provavelmente vou fazer isso — replico. Gosto muito do Jamie, embora ainda não tenha a certeza de o amar. Ele é inteligente e excêntrico, e é o líder do nosso grupo. Enquanto estiver com ele, nunca poderei ser expulsa. Ele pousa a mão na minha nuca e enrola os dedos no meu cabelo.

— Amo-te, Autumn — diz ele. Lá em baixo, a porta das traseiras bate inesperadamente. Endireitamo-nos, sobressaltados. — Será a tua mãe? — Eu não devia estar sozinha com o Jamie em casa, especialmente porque os meus pais ainda não o conhecem. Na verdade, estou surpreendida por ele ter conseguido convencer-me a deixá-lo vir cá. Olho para o relógio. Os meus pais só devem voltar daqui a horas. Abano a cabeça.

— Deve ser o Finny — digo-lhe.

— Estás a falar a sério? — pergunta ele.

— Sim — respondo. Contei ao Jamie o meu passado sórdido, a popularidade e os rabos de cavalo. Apresentei as coisas como uma história de fuga. Como por pouco não me tinha tornado numa *delas*. Ele também sabe que a minha mãe é a melhor amiga da mãe do Finny. Contei-lhe que costumávamos brincar juntos quando éramos pequenos. Na minha cómoda havia uma velha fotografia minha com o Finny, que de alguma forma sobreviveu à nossa separação durante o terceiro ciclo; há quase dois anos que só falei com o Finny quando tive de o fazer, mas nunca me ocorreu tirar a fotografia dali até esta manhã, quando estava a preparar-me para a vinda do Jamie. Escondi-a na gaveta de cima da cómoda, por baixo das meias.

Agora toda a gente sabe quem é o Finny, só que não lhe chamam assim. Na escola, todos lhe chamam «Finn». Ele foi o único caloiro a entrar na equipa de futebol. Ele e alguns dos seus antigos amigos totós foram agora absorvidos pela Clique, mas esse grupo também já não se intitula assim. Agora é considerado muito imaturo ter um nome para um grupo de amigos. É estranho que há apenas alguns meses eu considerasse aquelas raparigas as minhas melhores amigas e ainda mais estranho que o Finny esteja agora a tornar-se amigo delas.

Mal conseguimos evitar convidar-nos mutuamente para as respetivas festas de aniversário. No terceiro ciclo não teria sido tão complicado, mas nessa altura as

minhas festas eram só com raparigas e as dele, só com rapazes. Mas desta vez as nossas mães acharam que, já que íamos ter grupos mistos nas festas, devíamos convidar-nos um ao outro também. O que elas não compreendiam era que, este ano, eu e o Phineas estamos separados por algo muito mais profundo do que um simples afastamento. Movemo-nos em planos de existência completamente diferentes e trazer um para o reino do outro causaria uma alteração da realidade que perturbaria toda a estrutura do Universo. Agora o Finny é popular. Eu sou uma inadaptada que encontrou outros inadaptados com os quais encaixa.

Elas não falaram sobre o assunto diante dos dois: a minha mãe discutiu-o comigo e, quando eu lhe disse que era absolutamente impossível ele vir, ela suspirou e disse: «O que se passa com vocês os dois este ano?» Foi assim que percebi que ele estava a ter a mesma discussão com a tia Angelina.

— Porque é que o Finn Smith havia de estar em tua casa? — pergunta o Jamie.

— Deve ter vindo buscar alguma coisa — respondo.

— Tipo o quê? — quer saber ele. Encolho os ombros. Não sei como explicar. — Vamos lá ver.

Não discuto com ele, apesar de o coração me cair aos pés.

O Jamie fica no corredor enquanto eu olho para a cozinha. O Finny está agachado diante do frigorífico aberto, com a cabeça loira fora da minha vista.

— Olá — cumprimento-o. Então, ele olha para mim por cima do ombro. Até ao terceiro ciclo, fomos sempre da mesma altura. Mas, de uma maneira ou de outra, durante esses anos ele disparou à minha frente e agora tem um metro e oitenta. É estranho vê-lo a olhar para cima para mim.

— Oh, olá — diz ele. Levanta-se e encara-me do outro lado da cozinha. Cora ligeiramente. — Desculpa, a porta das traseiras estava destrancada, mas não pensei que estivesse alguém em casa.

— Não fui com eles.

— Oh! — faz ele. — Tens ovos?

— Hum, sim, creio que tenho. — Atravesso a cozinha e abro novamente a porta do frigorífico. O Finny desvia-se para me dar passagem. Antes de me dobrar, vejo os seus olhos a focarem-se na porta e percebo que ele viu o Jamie a rondar no corredor. — De quantos precisas? — pergunto.

— Não sei — diz ele. — A minha mãe disse para ver se tinham ovos.

Levanto-me e estendo-lhe a caixa inteira.

— Obrigado — agradece ele.

— Na boa — respondo.

— Até depois — despede-se ele.

— Adeus. — Fico onde estou, a ouvi-lo descer a escada das traseiras, antes de voltar para o corredor.

— Uau — diz o Jamie. — Vocês conhecem-se mesmo.

— Já te tinha dito — replico.

— Sim, mas aquilo foi estranho — comenta ele. Encolho os ombros e dirijo-me para a escada. — Ele faz isto muitas vezes?

— Vive aqui ao lado — sublinho.

— Sim, mas... não interessa. — Não dizemos nada até voltarmos ao meu quarto. Deito-me primeiro em cima da minha colcha florida e ele desliza para o meu lado. Beijamo-nos durante muito tempo. Passado um bocado, afasto as mãos dele e ficamos deitados em silêncio. Pergunto-me se estar apaixonado será assim. Não tenho a certeza. De repente, o Jamie fala:

— É quase como se fosse suposto seres um deles — diz ele. — Mas, de alguma forma, não és.

— O que queres dizer? — indago.

— Não sei — confessa ele. — O teu quarto e ele.

— Bem, não sou um deles — declaro. Começo a beijá-lo de novo. Beijo-o para o fazer parar de pensar nisso. O quarto fica mais uma vez em silêncio, tirando o som da nossa respiração.

Mas eu estou a pensar nisso. Estou a pensar em como ia com a tia Angelina buscar o Finny ao treino de futebol. Estou a pensar nas *cheerleaders* a perguntarem-me se ele era meu namorado. Estou a pensar em como me tinha sentado ao lado do Finny na camioneta no primeiro dia de aulas.

Podíamos ter acabado juntos, apercebo-me justamente quando o Jamie começa a roçar a pelve contra a minha. Ele já me teria dito que me amava, mas não teria falado sobre sexo. Ainda não.

Vejo tudo isso como se já tivesse acontecido, como se tivesse acontecido de facto. Sei que teria sido assim até ao mínimo detalhe, porque, apesar de tudo o que se passou, ainda conheço o Finny e sei o que teria acontecido.

— Amo-te — digo ao Jamie.

SEIS

O boneco está a chorar outra vez.

— Nunca vou fazer sexo — diz a Sasha. Ajoelha-se entre as prateleiras de roupa e tira o boneco do carrinho. A vendedora, que está a dobrar roupa junto à caixa, olha para nós. A Sasha levanta a camisa do boneco e insere a chave que pende da sua pulseira nas costas do bebé-chorão, que continua a chorar.

— Isso é o que querem que digas — observo, fazendo-me ouvir acima do barulho. Olho por cima do ombro para a vendedora. — Acho que ela julga que é real — acrescento. Passado um bocadinho, o choro do boneco acalma. A Sasha continua a segurá-lo deitado sobre o braço, com a chave metida nas costas. Se a tirar antes de passarem dois minutos, a choradeira vai recomeçar, e se o *chip* de computador que está dentro do boneco registar que o choro foi ignorado, a Sasha terá negativa no projeto e, no máximo, um Satisfaz Pouco em Ciências da Família. Ela olha para a vendedora e encolhe os ombros.

— Bem, está a resultar — afirma. — Nunca vou ter sexo.

— O Alex sabe? — pergunto. Viro-me para o expositor e recomeço a ver as roupas.

— Se o boneco começar a chorar durante o filme, eu dou-lhe a notícia — responde a Sasha, fazendo-me sorrir.

Os rapazes vêm encontrar-se connosco mais tarde. Tem sido um bom semestre. Gosto dos nossos novos amigos e das minhas roupas novas. Vou ter notas altas no fim do período e, segundo o acordo que fiz com a minha mãe, ela não pode dizer nada sobre a maneira como me visto desde que as minhas notas não baixem.

Exibo um espartilho preto falso, com grossos atilhos de renda. A Sasha arqueia as sobrancelhas.

— Posso usá-lo com um casaco de malha — comento. Desta vez, ela ri-se, mas eu estou a falar a sério. Gosto da ideia de misturar uma peça sensual com algo pudico. Dirijo-me para a vendedora: — Quero experimentar isto.

Ela olha para mim e acena com a cabeça. Vejo os seus olhos desviarem-se brevemente para a Sasha, que está ajoelhada a sentar o boneco de novo no carrinho. Sigo-a até aos provadores e vejo-a destrancar a porta.

— Obrigada — agradeço.

— Que idade têm vocês? — pergunta ela, ainda de costas para mim.

— Quinze — respondo. A Sasha só faz anos em março, mas eu opto por lhe

atribuir a minha idade.

— Hum — faz ela. Vira-se para se afastar. Uma parte de mim detesta esta mulher, outra parte tem vontade de a deter, agarrando-lhe na manga, e dizer-lhe que, na verdade, sou boa rapariga.

— É um boneco — informo. Ela vira-se para me encarar:

— O quê?

— É um boneco. Um projeto para a escola.

Ela semicerra os olhos e afasta-se.

É uma hora depois, numa bijutaria, enquanto a Sasha procura um colar para a irmã mais nova, que eu vejo a tiara. É prateada, com cristais transparentes, do tipo que usaram para coroar as princesas da festa de regresso às aulas, há apenas dois meses. Nós rimos e torcemos desdenhosamente o nariz à tradição, mas nessa altura eu queria uma coroa, só não queria o que ela simbolizava. Pego nela e prendo-a no cabelo. Admiro a minha cabeça, virando-a para trás e para a frente diante do espelho, depois recuo para ver o efeito de conjunto, com as minhas calças de ganga e a *T-shirt*. Agrada-me.

— O que vais fazer com isso? — pergunta a Sasha, vindo ter comigo à caixa.

— Usá-la — respondo —, todos os dias.

— Olá, Alteza — saúda-me o Jamie quando nos encontramos com eles mais tarde, à porta do cinema do centro comercial. Fico contentíssima por ter a sua aprovação. Estendo a mão para a dele e ele dá-me um beijo.

A meio do filme, o boneco recomeça a chorar. Eu e a Sasha trocamos um olhar e começamos a rir. Rimos tanto que temos de sair para o átrio enquanto ela enfia a chave no boneco. Ficamos ali a rir, em pleno átrio do cinema, ela com o boneco e eu com a minha tiara, e as pessoas que passam dirigem-nos olhares estranhos.

Foi uma boa época para nós, o primeiro semestre. O tipo de felicidade que nos leva a pensar que ainda há muito mais, talvez até o suficiente para que o riso dure para sempre.

SETE

— Então, porque é que usas essa tiara? — pergunta o Finny. A maneira como o diz faz-me lembrar de quando me perguntou porque tinha pintado o cabelo, mas, por alguma razão, desta vez irrita-me.

— Porque gosto — replico.

É a noite de Consoada e estamos a pôr a mesa com o serviço de porcelana do casamento da minha mãe. O meu pai está a beber uísque à frente da árvore de Natal. As Mães estão na cozinha.

— Pronto, desculpa — diz ele. Lanço-lhe um olhar. Tem uma camisola vermelha que pareceria parva em qualquer outro tipo, mas a ele dá-lhe o ar de quem devia frequentar um colégio privado na Costa Leste e passar os verões a remar ou coisa do género. Vai andando à volta da mesa, a pôr um guardanapo em cada lugar. Eu sigo atrás dele com os talheres.

— Desculpa — peço, por minha vez.

— Não há crise — diz o Finny. É difícil fazê-lo zangar-se.

— É que já passam a vida a perguntar-me isso na escola.

— Então porque é que a usas?

— Porque gosto — respondo de novo, mas desta vez sorrio e ele ri-se.

Ao jantar, as Mães deixam-nos beber meio copo de vinho cada um. Estou secretamente eufórica por ser tratada como uma adulta e o vinho faz-me sono. O meu pai passa muito tempo a falar com o Finny sobre o facto de ele ser o único caloiro da equipa principal. Parece satisfeito por ter algo para falar com um de nós, como se eu e o Finny fôssemos intercambiáveis, como se o seu dever fosse o mesmo para com qualquer um de nós. É fácil perceber o motivo por que pensa assim: a única altura que ele passa um período de tempo significativo em casa é nas festas, e o Finny e a tia Angelina estão sempre connosco. Talvez ele sinta que a tia Angelina é a sua outra mulher.

A mãe e a tia Angelina falam de todos os Natais de que se lembram e comparam-nos com este. Fazem isso todos os anos e todos os anos é o melhor Natal de sempre.

Gostava de acreditar que é sempre o melhor Natal, mas não posso, porque sei quando foi de facto o melhor. Foi o de quando tínhamos doze anos, o último Natal do segundo ciclo.

Nesse ano, nevou na véspera da noite de Consoada. Eu tinha um casaco de inverno

novo e luvas que combinavam com o meu cachecol. Eu e o Finny descemos até ao riacho e abrimos buracos no gelo com os pés, até vermos as águas rasas. As Mães fizeram-nos chocolate quente e jogámos Monopólio até o meu pai chegar do escritório, e nada mais importava exceto o facto de ser Natal.

Não voltou a nevar no Natal desde então e todos os anos tem havido cada vez mais coisas que importam, e cada vez sabe menos a Natal.

O Jamie foi passar a festa com a avó no Wisconsin e eu estou contente por ter saudades dele. É uma dor surda que eu gosto de revolver.

Jamie, penso, *Jamie, Jamie, James*, e lembro-me da língua dele na minha boca. Não gosto tanto como pensava que ia gostar, mas estou a habituar-me. Digo-lhe que o amo a toda a hora e ele não voltou a falar sobre sexo. Ofereceu-me um diário novo como presente de Natal e, apesar de ainda ter espaço no meu antigo, vou começar a escrever neste no Ano Novo. Nessa altura ele já estará em casa e vamos festejar a passagem de ano juntos. *Jamie, Jamie, James.*

— Autumn — diz o meu pai —, este ano és a Fada do Açúcar? — Faz-se um silêncio à mesa, enquanto eu tento perceber o que ele quer dizer. Depois vejo a minha mãe a morder o lábio e compreendo que ele está a falar da minha tiara. Não reparou que a tenho usado todos os dias nas últimas três semanas. Respiro fundo.

— Sim — replico. — Só pensei em tornar o jantar um pouco mais festivo. — Ele sorri-me e dá uma dentada no presunto. Está satisfeito consigo próprio. A minha mãe diz algo ao Finny e, aos poucos, a conversa recomeça. Minutos depois, peço licença e vou para o meu quarto.

Comprei alguns pósteres: o Jimi Hendrix a rolar pelo palco com a sua guitarra, a Ofélia afogada e a olhar para o céu, uma foto a preto-e-branco de uma árvore sem folhas. Gosto do efeito que fazem no quarto todo em tons de alfazema e branco, como o espartilho com o casaco de malha, ou a minha tiara com *jeans* rasgados. Mas agora não olho para os pósteres. Deito-me na cama a olhar para o teto.

Quando batem à minha porta, finjo que estou a dormir. Passado um momento, a porta abre-se e o Finny espreita lá para dentro.

— Ei — diz ele. — Pediram-me para te dizer que já acabámos de comer.

— Está bem — respondo, mas não me mexo. Estou à espera de que ele se vá embora.

Mas ele não vai. Continua ali como se eu devesse fazer alguma coisa. Não faço nada. Permaneço de olhos fixos no teto até ele voltar a falar.

— É uma treta ele não ter reparado — diz o Finny.

— Pelo menos o meu pai está em casa no Natal — retruco. A expressão dele altera-se apenas por um instante. Depois é como se uma porta se tivesse fechado de novo.

— Não era isso que eu queria dizer — digo-lhe.

— Não faz mal — diz ele. — Estão todos à espera lá em baixo.

Depois de ele se ir embora, ainda fico deitada na cama por um bocadinho. Penso em dizer ao Finny que não me importo, mas que dói, e que de facto não tem importância para mim, mas que gostava que a tivesse para o meu pai. Imagino que de repente o Finny está a abraçar-me e a dizer-me que está tudo bem, e diz que se pode ter mais do que um só sentimento acerca de uma pessoa. Vamos juntos para baixo e ele dá-me a mão enquanto vemos *Do Céu Caiu Uma Estrela* lado a lado no sofá. Quando ele e a tia Angelina vão embora, ele beija-me no alpendre e vemos que está a começar a nevar.

Passo as pernas sobre a borda da cama, limpo os olhos e desço a escada.

OITO

A festa é em minha casa, porque é grande e assim os meus pais têm oportunidade de conhecer o Jamie antes de saírem para a festa de passagem de ano do escritório do meu pai.

O Jamie esteve bem com os meus pais. Apertou as mãos, fez contacto visual e não cheirava a qualquer tipo de fumo. O meu pai ficou satisfeito e a minha mãe ficou contente, e tenho a sensação de que foi por o Jamie ser tão bem-parecido: agora ela pode ficar tranquila na convicção de que eu não sou demasiado totó na escola.

A Sasha, a Brooke e a Angie passam cá a noite. A mãe do Alex vem buscar os rapazes depois da meia-noite. Até lá, estamos sozinhos.

A Brooke roubou uma garrafa de champanhe da festa dos pais. Está embrulhada no saco-cama dela, e só muito tarde é que nos apercebemos de que era seguro metê-la no frigorífico.

Comemos piza e vemos um filme, que não é grande coisa. Os rapazes fazem piadas e competem entre si para ser aquele que faz as raparigas rir mais. O Jamie está a ganhar, claro. Reclino-me no sofá de pele e sinto-me como uma consorte.

Depois, sentamo-nos e conversamos, e agora todos estamos a tentar ser engraçados. Falamos sobretudo dos outros miúdos da escola. Por fim, a conversa deriva para o tema do sexo, como, segundo tenho aprendido, acaba por acontecer com todas as conversas. Nenhum de nós fez sexo e somos suficientemente jovens para que isso não seja embaraçoso; é apenas um facto que o tempo irá remediar. Provocamo-nos uns aos outros e trocamos histórias de quem na escola fez o quê e onde. Rimos muito e atiramos almofadas uns aos outros. O sexo é motivo de gracejos. Parece possível, tão real como o mundo acabar à meia-noite.

Meia-noite. Estou tão entusiasmada com o beijo que vou trocar com o Jamie como se fosse o nosso primeiro. Só fui beijada à meia-noite uma vez e estou ansiosa por este beijo para substituir esse outro, que seja um beijo que recordarei para sempre.

Às onze e cinquenta revolvemos a cozinha em busca de tachos e panelas. Às onze e cinquenta e cinco plantamo-nos junto à porta da frente e perguntamos as horas ao Jamie a cada trinta segundos. Por alguma razão decidimos que o telemóvel dele é o mais fiável.

E então, como sempre acontece, o momento chega e passa, e mesmo enquanto uma parte de mim está mais uma vez surpreendida por não me sentir diferente do que

sentia um minuto antes, corro pelo relvado com os outros, a bater na minha panela e a olhar para as estrelas e para os fogos de artifício ilegais dos meus vizinhos. Gritamos como se tivéssemos ouvido notícias maravilhosas. Gritamos «Feliz Ano Novo» uns aos outros, às árvores e às pessoas que não conseguimos ver lá fora e que estão a gritar para o céu como nós. Gritamos como se esta demonstração de alegria espantasse todos os nossos medos, como se já soubéssemos que este ano nada de mal irá acontecer-nos e estivéssemos felizes por isso.

— Jamie, vem beijar-me! — grito. Atiro a minha panela e a minha colher de pau para a relva e estendo-lhe os braços. Ele dirige-se para mim, num passo que irradia confiança, e puxa-me para si agarrando-me nas ancas. Os outros batem nas respetivas panelas. É um bom beijo, tal e qual como todos os nossos outros beijos. Os outros largam os seus tachos e trocam também beijos. Eu pego de novo na minha panela e, na breve pausa de silêncio antes de recomeçarmos a bater, dou-me conta de que não estamos sozinhos.

A dez metros de distância, o Finny, a Sylvie, a Alexis, o Jack e os outros estão também a bater em panelas e a rir para o céu. Eu e o Finny cruzamos o olhar e ele olha discretamente para a esquerda e para a direita antes de me acenar subrepticiamente. Eu retribuo o aceno, com a mão apenas à altura da anca, aterrorizada com a ideia de que um dos amigos dele julgue que estou a acenar para eles. Nesse preciso momento, ambos os grupos parecem reparar no outro, pois mergulhamos imediatamente numa competição que ninguém confessará em voz alta: nós estamos a divertir-nos mais do que eles. Nós amamo-nos mais. Fazemos mais barulho. Temos melhores expectativas para este ano do que eles. Gritamos, berramos e beijamo-nos um pouco mais. Os rapazes começam a sua imitação *a cappella*, e nós esticamos os braços e rodopiamos na rua.

E, claro, estamos a divertir-nos tanto que nem damos pela presença dos outros.

Então o Jamie faz algo que prova mais uma vez porque é que é ele o nosso líder:

— Está na hora do champanhe! — grita, e todos irrompemos num coro de concordância que afoga a rua com o nosso júbilo. Corremos pelo relvado, a rir, antes que eles possam retaliar. Estamos muito acima de bater em panelas na rua; temos coisas muito mais fixes para fazer em casa.

Bebemos o champanhe quente em copos de água e procedemos como se não fosse nada de extraordinário.

Com um grão na asa pela primeira vez nas nossas vidas, começamos a desafiar-nos uns aos outros a beijarmo-nos. A Brooke e a Angie beijam-se. Eu beijo o Noah. A Sasha beija o Jamie. Então decidimos que cada um de nós tem de beijar todos os outros para selar o nosso laço de amizade eterna. Rimos e juntamo-nos num círculo.

Já te beijei? Já nos beijámos? Meu Deus, beijei o Alex duas vezes!

Depois, lavamos todos os copos duas vezes. O Jamie e os rapazes assumem a tarefa viril de partir a garrafa no caminho de acesso e varrer os pedaços. Quando voltam para dentro, todos tomamos tiras de menta para o hálito e ficamos juntos na cozinha, as raparigas ao lado dos respetivos namorados, preparando-se para a separação iminente. Damos as mãos e pousamos a cabeça no ombro deles, suspirando que estamos cheias de sono. Os namorados sorriem-nos com expressões indulgentes. A Angie fica sentada à mesa da cozinha e aguenta, como sempre.

— Ei, o Finn Smith acenou para nós? — indaga o Noah. A Brooke abre os olhos e levanta a cabeça:

— Sim, eu também vi — diz ela.

— Devia estar a acenar à Autumn — observa a Sasha.

— Porquê? — perguntam a Angie e o Noah ao mesmo tempo.

— Eles eram, tipo, melhores amigos — diz a Sasha. Todos olham para mim.

— Ele vive aqui ao lado — explico. — As nossas mães são amigas. Amigas muito próximas.

— Passam o Dia de Ação de Graças e o Natal juntos — conta a Sasha. — Todos os anos.

— Oh, meu Deus, isso é estranho — diz a Brooke.

— Somos como primos — replico. — Se o Jamie fosse um dos miúdos populares, continuavas a ter de o ver, certo, Brooke?

— Eu?! — exclama o Jamie. Todos se riem.

— Mesmo assim, é estranho — diz a Sasha. — Durante algum tempo, no terceiro ciclo, vocês ainda faziam algumas coisas juntos, não era? Quero dizer, ainda podiam ser amigos mesmo...

— Ei, não fui eu quem fez provas para *cheerleader* — atalho e deixo automaticamente de ser o centro das atenções.

— Tu fizeste o quê? — brada o Alex, como se ela o tivesse traído. A Sasha implora por misericórdia, alegando a sua juventude, a sua inexperiência, a sua ingenuidade.

— Não sabia o que fazia — diz ela, com as mãos entrelaçadas diante do corpo. Nós ouvimos a sua argumentação e, após ela ter sido suficientemente melodramática, o Jamie pronuncia-a perdoada e todos a abraçamos, precisamente quando a mãe do Alex bate à porta.

O tema do nosso passado fica arrumado por essa noite. Desenrolamos os nossos sacos-cama e amontoamo-nos no chão da sala de estar. Falamos dos nossos rapazes e sobre qual das raparigas populares é a mais *snob*. Não conseguimos concordar, pois cada uma de nós escolhe a que sente ser sua homóloga.

— A Sylvie tem sempre um ar tão presunçoso — digo eu. — *Detesto* isso.

— Mas a Victoria faz-me carrancas — diz a Angie. — Quero dizer, a sério. Assim. — Todas rimos da sua imitação, que lembra mais o Popeye do que a Victoria. Eu e a Sasha estamos particularmente deliciadas, porque sempre tínhamos achado a carranca dela engraçada, mesmo quando éramos amigas.

Os meus pais voltam para casa antes de adormecermos. Estão a discutir e a tentar ser discretos a esse respeito, e as outras raparigas fingem não reparar. Passados uns minutos, ouço o meu pai subir a escada. Um momento depois, a minha mãe mete a cabeça pela porta da sala de estar.

— Tiveram uma boa passagem de ano? — pergunta animadamente.

Todas as raparigas acenam e dizem:

— Sim, senhora.

Ela olha diretamente para mim:

— E tu, querida?

Faço que sim com a cabeça, mas ela olha para mim com uma expressão estranha e deixa-nos.

Se eu não a tivesse impedido, a Sasha provavelmente teria acrescentado que eu e o Finny passávamos sempre o ano juntos também.

NOVE

O inverno é sempre uma época morta para mim. Gostava de ser como as árvores. Gostava de poder fingir a morte ou, pelo menos, de dormir até ao fim do inverno. A minha tiara continua o seu reinado como um acessório permanente na minha cabeça. Passado pouco tempo, já ninguém me faz perguntas a esse respeito.

No segundo semestre, troco a disciplina de Educação Física por Saúde. No primeiro dia, a professora, a Sra. Adams, conta-nos que tinha praticado esqui aquático como atleta profissional, mas deixa de fora a parte sobre como acabou como professora profissional de Saúde. Ao fim do primeiro mês, torna-se evidente que ela conheceu alguém que teve cada uma das doenças que estudamos. A maioria dessas pessoas pertencia à equipa de esqui aquático. A Angie está nessa aula comigo e a Sra. Adams torna-se um tema frequente das nossas conversas ao almoço.

Ir e esperar pela camioneta é agora o meu inferno pessoal. Bato com os pés no chão, mantenho a cabeça baixa e os ombros encolhidos, e odeio silenciosamente o mundo por estar tão frio. Tenho o cuidado de me manter sempre de costas para a Sylvie e o Finny. Nunca disse a ninguém como detesto vê-los juntos; se o dissesse, fariam um grande sururu acerca disso e pensariam que significava algo estúpido. Acontece apenas que não gosto dela e que eles me irritam.

Há manhãs em que tenho a sensação de que talvez a Sylvie esteja a falar de propósito para eu ouvir. Quando está mesmo muito frio, acho que a ideia é ridícula e que eu sou estúpida por pensar sequer nisso. Está frio e nada mais interessa além de entrar na camioneta e ir ter com o Jamie.

— Estava a pensar que este fim de semana devíamos ir àquela festa, sabes a que me refiro.

— Sim.

— Quero dizer, todos vão estar lá, por isso devíamos mesmo ir.

— O Jack vai?

— *Todos* vão, Finn.

— Turma — diz a Sra. Adams —, distúrbios alimentares não são brincadeira nenhuma. Já vi o que podem fazer a uma pessoa. Uma rapariga da minha equipa de esqui aquático tinha anorexia. Outra era bulímica. Eram raparigas muito bonitas, mas estas doenças não têm nada de bonito.

Eu e o Jamie falamos ao telefone todas as noites antes de irmos dormir. Falamos em casar um dia e no tipo de casa que teremos e quantos filhos iremos ter. Surpreende-me o quanto ele quer estas coisas, tão normais, e nada mais.

Às vezes fico desiludida com o amor. Pensava que, quando estamos apaixonados, o amor estaria sempre ali, mesmo à nossa frente, a lembrar-nos a cada momento que amamos aquela pessoa. Ao que parece, nem sempre é assim. Às vezes sei que amo o Jamie, mas não o sinto, e pergunto-me como seria estar com outra pessoa.

Amo-o mais quando discutimos e tenho medo de que ele me deixe. Depois de uma discussão, quero muito estar perto dele e no dia seguinte quero a mão dele na minha todos os minutos. Às vezes ele ama-me mais do que eu o amo e quer que lhe preste atenção, enquanto eu tenho vontade de que ele me deixe em paz para eu poder voltar a ler ou a falar com a Angie sobre a Sra. Adams. Às vezes, ambos nos amamos muito e é difícil desligar o telefone à noite, e eu gostaria que fosse sempre assim.

— Turma, eu também já fui jovem — diz a Sra. Adams. — Sei o que são as pressões para fazer sexo. Não só do vosso parceiro, mas dos vossos amigos, dos meios de comunicação e até do vosso próprio corpo. Pode ser difícil. Mas, por favor, tenham cuidado. Sei que acham que nenhuma das pessoas que conhecem tem uma DST, mas é exatamente assim que essas doenças se espalham. Lembro-me de ter de segurar nas mãos de várias das minhas colegas de equipa depois de descobrirem que tinham uma DST. Uma rapariga apanhou herpes, e, como aprendemos, é uma doença que nunca desaparece. Imaginem ter uma coisa dessas para sempre.

*

Uma manhã, parece que a Sylvie e o Finny estão a discutir. Trocam sussurros freneticamente e, de repente, o Finny está a dizer muito mais do que «sim».

Agora que quero ouvir o que estão a dizer, não consigo. Olho por cima do ombro para eles. O Finny está ao lado dela, com os olhos no chão. A Sylvie está virada para ele e agarra-se ao seu flanco, com o rosto levantado para o dele. Vistos de mais longe, seria difícil perceber que estão a discutir.

— Por favor — vejo, mais do que ouço, a Sylvie dizer. O Finny abana a cabeça e não responde.

O Jamie dá-me um anel de compromisso no Dia dos Namorados. Durante todo o dia, sempre que vejo alguém que conheço, apresso-me a mostrar-lhes a mão e a dizer que tenho o melhor namorado de sempre. Ele dá-me também outra tiara. Esta é dourada e tem mais arabescos.

Para surpresa de todos, a primavera chega mais cedo nesse ano.

DEZ

É no momento em que chego à minha porta que dou conta de que deixei as chaves de casa no meu cacifo. É quinta-feira, o dia em que a minha mãe tem consulta com o psiquiatra e depois vai ao ginásio. Só chega a casa às cinco e meia.

São duas e meia da tarde e estamos no início de março. A neve já desapareceu, mas ainda está frio na rua e está prestes a chover.

Fico parada à frente da porta por um momento. Tenho duas opções. Uma é ficar no alpendre, esperar que não me chova em cima e depois tentar explicar à minha mãe por que motivo não escolhi a segunda opção.

— Fiquei fechada cá fora — digo-lhe, quando ele abre a porta. Mesmo assim, uma breve expressão de confusão perpassa-lhe pelas feições.

— Oh, está bem — diz o Finny. Desvia-se para me dar passagem. Eu calço *Doc Martens* e tenho uma nova tiara cor-de-rosa. Ele usa calças de sarja e uma camisola. Já se livrou dos sapatos. As suas peúgas são verdes. Quase faço um comentário. Que tipo de rapaz usa peúgas verdes?

— A que horas é que a tua mãe volta para casa? — pergunto.

— Às quatro — responde ele. A sua mãe tem uma chave da nossa casa. — Onde está a tua mãe?

— É dia de terapia — explico. Sigo-o até à sala de estar e ele senta-se no sofá. A casa da tia Angelina está sempre um pouco desarrumada, do tipo desarrumação habitada, em que há livros empilhados nos cantos, e almofadas e sapatos espalhados por toda a parte.

A tia Angelina também nunca chegou a terminar verdadeiramente a decoração: na parede acima da cabeça do Finny há três amostras de tinta diferentes pintadas em grandes manchas. Estão lá desde que me lembro.

— O que queres ver? — indaga o Finny. Pega no comando e olha para mim.

— Vou ler — respondo. Tinha planeado trabalhar um poema que comecei a escrever na aula de História, mas não há a mais pequena hipótese de pegar no meu caderno e começar a escrever aqui, diante dele.

Sento-me na poltrona do outro lado da sala. É azul-forte e há anos que a tia Angelina diz que vai mandar estofá-la, assim que se decidir por um esquema de cores para a sala. Quando ouço o Finny percorrer os canais da televisão, tiro o meu livro da mochila e olho para ele.

O Finny parece uma pintura renascentista de um anjo ou alguém que podia pertencer a uma família real moderna. O seu cabelo permanece loiro durante o inverno e tem um tom de ouro no verão. Ele cora muito, em parte por ser tão branco, em parte por ser tímido e se envergonhar com facilidade. Sei que a Sylvie deve tê-lo abordado primeiro e que foi seguramente ela que o convidou para sair.

O Finny nunca diz a ninguém como se sente; é preciso conhecê-lo o suficiente para se perceber quando está triste ou assustado. Hoje, a sua expressão não me revela o que ele sente acerca da minha presença aqui. Ou não se importa, ou talvez o irrite.

Vemo-nos com frequência, mas raramente estamos sozinhos. E embora por vezes continuemos a unir-nos contra as Mães acerca de um problema qualquer, nunca temos nada a dizer um ao outro que não seja superficial.

Há anos, eu e o Finny pendurámos um cordel e dois copos nas janelas dos nossos quartos para podermos falar um com o outro à noite. Quando deixámos de falar, não chegámos a tirá-los, mas o cordel acabou por apodrecer.

O telemóvel do Finny toca e ele sai da sala sem dizer nada.

Baixo os olhos para o meu livro e tento ler. A chuva começou a cair e o ruído distrai-me. O Finny costumava pedir-me para ir lá fora com ele salvar os vermes no passeio. Incomodava-o vê-los a secar e a contorcer-se no dia seguinte. Detestava a ideia de fosse quem fosse, ou o que quer que fosse, estar triste ou magoado.

Quando tínhamos oito anos, ouvimos a mãe dele a chorar no quarto depois de uma rutura com um namorado e o Finny pôs-se a passar lenços para ela por baixo da porta. Quando tínhamos onze, ele deu um murro no estômago ao Donnie Banks por me ter chamado aberração. Foi a única luta em que ele se meteu e acho que a Sra. Morgansen só o pôs de castigo porque era obrigada a fazê-lo. A tia Angelina nem sequer o castigou.

— A Autumn já cá está — ouço-o dizer na sala ao lado. Há uma pausa. — Ficou fechada na rua. — Segue-se um silêncio mais prolongado. — Está bem — diz ele, e depois: — Também te adoro.

Desta vez olha para mim quando regressa à sala:

— Vocês jantam cá esta noite, por isso a mãe diz que o melhor é deixares-te ficar.

— Mas o meu pai era para estar em casa esta noite — protesto. O Finny encolhe os ombros.

O meu pai cancela jantares de família com uma frequência para a qual suponho que não vale a pena chamar-me a atenção. Encolho os ombros por minha vez e concentro-me de novo no meu livro.

Só levanto novamente os olhos quando ouço a tia Angelina entrar pela porta das traseiras.

— Olá? — brada ela.

— Aqui dentro — grita o Finny em resposta. Tira o som à televisão e a mãe dele entra na sala.

— Olá, meninos — diz ela. A sua saia comprida em *patchwork* continua a ondular à volta dos seus tornozelos mesmo quando ela para. O seu aroma a óleo de patchuli entra na sala com ela.

— Olá — cumprimentamos os dois. A tia Angelina olha para mim e sorri com o lado esquerdo da boca. É o mesmo sorriso torcido que o Finny tem quando se sente brincalhão.

— Autumn, porque estás a usar uma camisola da campanha do Jimmy Carter? — pergunta ela.

— Não sei — replico. — Porque é que o teu filho está a usar peúgas verdes?

Ela vira-se para o Finny:

— Phineas, estás a usar peúgas verdes?

Ele olha para os pés.

— Bem, sim.

— Onde arranjaste peúgas verdes?

— Estavam na minha gaveta das peúgas.

— Nunca te comprei peúgas verdes.

— Estavam lá.

— Isso soa-me muito suspeito — comento.

— Concordo. Finny, eu e a Autumn vamos à cozinha e, quando voltarmos, é bom que tenhas uma explicação para as tuas peúgas.

Eu e o Finny trocamos um olhar de surpresa. Viro o rosto e pouso o meu livro. A tia Angelina está à minha espera à porta. Quando chego ao pé dela, ela pousa-me uma mão no ombro enquanto se dirige comigo para a cozinha.

— Querida, a tua mãe não está a ter um dia bom — diz ela em voz baixa. — O teu pai teve de cancelar o jantar esta noite e isso perturbou-a muito.

Para qualquer outro miúdo, uma coisa assim não pareceria nada de especial. Mas quando a nossa mãe já foi hospitalizada duas vezes por depressão, aprendemos a ler nas entrelinhas.

— Certo — respondo.

Da última vez que a minha mãe esteve no hospital, eu andava no sexto ano. Passei duas semanas a viver com a tia Angelina e o Finny. Nessa altura, foi divertido. Toda a gente me dizia que ela ia ficar bem. Falaram-me de desequilíbrios químicos e de como era uma doença como outra qualquer, e que ela ia melhorar. Por isso, aceitei bem a situação e todas as noites o Finny esgueirava-se para o quarto de hóspedes,

onde nos entretínhamos a desenhar imagens nas costas um do outro com os dedos e depois tentávamos adivinhar o que eram.

Duvidava que fosse assim desta vez. Em todos os sentidos. Por um lado, porque desta vez vou perguntar porque é que, se é um desequilíbrio químico, o meu pai parece ser a causa.

— Ela vai ficar bem. Só precisamos de ser compreensivos esta noite, está bem?

— Percebo — respondo. Ela está a dizer para eu não me lembrar de encenar uma rebelião adolescente ao jantar.

— A tua mãe ama-te muito — acrescenta ela.

— Percebo — repito. — Está bem.

— Pronto — diz ela e aperta-me o ombro. Apesar da promessa de que ia querer saber mais acerca das meias misteriosas, a tia Angelina não volta comigo para a sala. Quando entro, o Finny corta o som da televisão e olha para mim enquanto me sento.

— Está tudo bem? — pergunta.

— Está — replico. — Como sempre, não é?

Ele ri-se, uma exalação rápida pelo nariz, depois o seu rosto torna-se sério de novo e ele põe a cabeça de lado. Está a perguntar-me se quero falar sobre o assunto. Abano a cabeça e ele desvia rapidamente o olhar. Volta a aumentar o som da televisão e eu pego no meu livro.

No sexto ano, ele tinha de se esgueirar para o quarto de hóspedes porque já não nos deixavam dormir na mesma cama. Quase nunca infringíamos as regras e eu ficava nervosa sempre que ele lá ia, mas nunca lhe disse para não o fazer. A verdade é que, se não o tivessem sugerido, nunca me teria ocorrido que as coisas pudessem ser diferentes entre nós só porque éramos mais velhos. Deitávamo-nos lado a lado e só nos tocávamos para desenhar nas costas um do outro. Eu desenhava flores, corações e animais. O Finny desenhava foguetões e bolas de futebol.

Na minha última noite lá em casa, a tia Angelina apareceu e parou à porta. A sua silhueta recortava-se contra a luz no corredor. Suponho que ela nos conseguisse ver melhor do que nós a ela.

— Phineas, o que estás a fazer aqui? — perguntou ela.

— A Autumn está triste — respondeu ele. Só quando o ouvi dizê-lo é que eu percebi que era verdade. Fez-se um longo silêncio. O Finny continuava ao meu lado. Olhei para o vulto escuro da tia Angelina à porta.

— Quinze minutos — disse ela e foi-se embora. Era a vez de o Finny desenhar nas minhas costas. Fechei os olhos e concentrei-me nas formas que ele traçava na minha pele. Fazia-me sempre cócegas, mas nunca me ria.

— Duas casas — declarei. — E quatro pessoas.
— São as nossas casas — disse ele. — E a nossa família.

A minha mãe sai do ginásio e vem diretamente para casa. A tia Angelina manda vir piza e comemos diante da televisão, algo que nunca fazemos em minha casa. Quando acabamos, desculpo-me com os trabalhos da escola e vou para casa. A minha mãe fica. Diz que irá ter comigo mais tarde.

Quando chego a casa, ligo ao Jamie para lhe contar tudo. Choro e digo-lhe que estou assustada. Digo-lhe que descobri que só hospitalizam as pessoas se forem suicidas. Digo-lhe que é suposto ser genético.

O Jamie diz-me que me amará sempre e que tomará conta de mim, aconteça o que acontecer. Di-lo vezes sem conta.

ONZE

O campo no fundo da Escada para Nenhures fica inundado com a chuva da primavera. Os rapazes andam à volta daquele lago temporário, ameaçando empurrar-se uns aos outros ou a fingir que estão prestes a saltar, para nos fazer gritar.

Ouvimos dizer que quase ninguém vai à Festa da Primavera, por isso decidimos que deve ser fixe e que nós iremos.

As raparigas vêm a minha casa para se prepararem. É uma festa informal e todas vestimos calças de ganga. Vou usar o espartilho que comprei com a Sasha no outono passado.

A Brooke quer tratar da maquilhagem de nós todas, por isso sentamo-nos à frente dela à vez, enquanto as outras assistem. Eu sou a última e é durante a minha vez que ela anuncia:

— Autumn, não vou dormir cá logo à noite.

— Porquê? — perguntamos todas em coro. As coisas de dormir de todas elas, incluindo as da Brooke, estão empilhadas ao lado da minha cama. A Brooke para de aplicar base nas minhas faces e respira fundo.

— Porque os pais do Noah estão fora e eu vou para casa dele — diz ela. Faz-se silêncio.

— Vais...? — começa a Angie, depois a voz dela extingue-se. A Brooke olha em redor, para todas nós, e faz que sim com a cabeça. Começamos aos gritos e ela tapa o rosto com as mãos.

— Malta! — diz ela.

— Oh, meu Deus! — exclama a Sasha.

— Porquê? — pergunto, para logo me interrogar se isso seria a coisa errada para dizer. A Brooke destapa o rosto e sorri.

— Porque o amo — declara — e sinto que está certo.

— Ui! — faz a Angie.

— Uau — diz a Sasha. — Agora vou passar a noite inteira a pensar nisso.

Todas rimos.

— Vamos para casa dele depois da festa. Diz à tua mãe que fiquei maldisposta e fui embora mais cedo, está bem? — pede a Brooke. Faço um sinal de concordância. — Venho buscar as minhas coisas amanhã.

— Vais contar-nos tudo, certo? — diz a Angie.

— Bem... — hesita a Brooke.

— Tens de contar! — exclama a Sasha. Todas concordamos que tem mesmo.

Quando os rapazes chegam, descemos juntas e a minha mãe tira-nos uma fotografia antes de nos empilharmos na carrinha para irmos para a escola. O Jamie está um pão e eu digo-lhe isso mesmo ao ouvido.

Ele sorri e não responde, mas, quando lhe aperto a mão, ele aperta a minha também.

Dos mil e quinhentos alunos da escola, só aparecem cerca de sessenta na Festa da Primavera. Temos a pista toda só para nós, dançamos todos juntos no meio e bradamos pedidos ao DJ, que os satisfaz. Como há tão poucos alunos, ninguém nos impede quando começamos a dançar em cima das mesas. A maneira como dançamos não tem importância, porque quase ninguém está a ver-nos, e os nossos movimentos e pedidos tornam-se cada vez mais ridículos. Formamos uma fila de conga. Fazemos os movimentos da «Macarena» ao som de «Electric Boogie». Esgotamo-nos a dançar, bebemos um pouco de ponche e voltamos à pista. Na primeira música lenta, o Jamie convida a nossa diretora, a Sra. Black, para dançar, e ela aceita perante os aplausos de toda a sala.

Felicitamo-nos e concordamos: a Festa da Primavera é fixe porque ninguém vai.

Passa muito tempo até o DJ tocar outra música lenta. Nessa altura, o meu coração está a bater com tanta força e eu estou tão sem fôlego que desabo praticamente em cima do Jamie. Ele é tão bonito que me sinto a tremer por dentro só de olhar para ele. Enrolo os braços à volta do seu pescoço e balouçamos ao ritmo da música.

— Amo-te — digo-lhe, e desta vez não é para me lembrar de que é verdade; neste momento, é o que sinto de facto.

— Também te amo — diz ele.

— Já sabes da Brooke e do Noah? — pergunto-lhe. O Jamie revira os olhos e suspira:

— Sim, ele passou a tarde inteira a gabar-se disso.

— A sério? O que é que ele disse?

O Jamie encolhe os ombros:

— Só disse que iam fazê-lo.

— E?

— E o quê?

— Que mais disse ele?

— Não disse mais nada. Só que iam fazê-lo esta noite.

— Bem, isso não é gabar-se.

— É, sim.

— Porquê?

— De que estás a falar? — retruca o Jamie. — Acabei de te dizer que ele passou a tarde inteira a gabar-se disso.

— Só não percebo como é que ele estava a gabar-se se tudo o que disse foi que iam fazê-lo. Isso é, tipo, *uma* frase.

— Não interessa — diz o Jamie. — Não quero falar do assunto.

— Porque não?

— Porque não quero, está bem?

— Mas porquê?

— Autumn, não quero falar sobre eles fazerem sexo, está bem?

— Tudo bem — replico. Terminamos a música em silêncio. Depois peço à Angie para ir à casa de banho comigo. Falamos do nosso cabelo e de como estamos a divertir-nos, e um bocadinho sobre a Brooke, claro.

— É um pouco estranho, não é? — comenta ela. — Quero dizer, o facto de que a Brooke não será virgem amanhã. Não parece real.

— Sim, eu sei — concordo. Voltamos lá para fora. Olho para o Jamie de longe e tento recuperar a sensação agradável que tinha antes, mas não consigo. Pergunto-me se quando beija o Noah, a Brooke às vezes imagina que ele é outra pessoa. Pergunto-me se quando ela toca no seu próprio corpo, ele é o único rapaz em que pensa.

Digo a mim mesma que as relações exigem trabalho. Ninguém é perfeito. Não existe essa coisa de se ser feliz para sempre.

Na segunda-feira, na Escada para Nenhures, a Brooke diz que depois uma pessoa não se sente diferente, só que o ama muito mais do que antes.

— Mas não se fica do género: «Meu Deus, já não sou virgem!»

— A sério? — admiro-me. Acho que seria a única coisa em que conseguiria pensar a seguir. Acho que ia olhar-me ao espelho e repetir isso uma e outra vez.

— Sim — diz ela. — É como... — Não termina a frase; fica a olhar para os rapazes que estão à beira da água. Estão a ver quem consegue atirar pedras mais longe. Vejo o Jamie a ganhar. Imagino como seria sentir que estava certo com ele.

— Doeu? — quer saber a Angie.

— Oh, sim — diz a Brooke.

DOZE

— Então, o que sabes sobre a Sylvie?

Levo uma colher cheia de gelado à boca e olho para ela. Estamos sentadas na esplanada da Train Stop Creamery, a única gelataria da vila. É o primeiro dia quente de maio.

— A namorada do Finny? — pergunto. A minha mãe acena. — Não sei. Porquê?

— Por nada de especial — diz ela.

— Começaste a pensar nela assim de repente?

— Bem... — começa ela.

— O quê? — insisto.

— Eu e a Angelina estávamos a falar dela no outro dia e então eu perguntei-me o que tu acharias.

— Não é má — respondo. — Não a conheço verdadeiramente. — Comemos em silêncio durante um bocado, depois pergunto: — A tia Angelina não gosta dela?

— Gosta, mas acho que nunca ultrapassou a desilusão por tu e o Finny não terem ficado juntos. — Toca-me com o pé por baixo da mesa.

— Mãe! — exclamo, fitando-a com indignação. — Eu tenho um namorado.

— Eu sei, eu sei — diz ela. — É só que sempre pensámos que era isso que ia acontecer.

— Pois bem, não aconteceu — replico. — Nem sequer nos damos com as mesmas pessoas.

— Eu sei — diz ela de novo. Suspira. Reviro os olhos e como o meu gelado.

Sempre que me pergunto como seria se eu e o Finny estivéssemos juntos, nunca imagino que esteja mais alguém connosco. Não gosto de pensar que teria de me ter tornado *cheerleader* para voltar a ser amiga do Finny. Na minha imaginação, ele não está no meu grupo e eu não estou no dele: somos só os dois, como dantes. Na escola, almoçamos juntos e ele acompanha-me às minhas aulas. Fazemos os trabalhos de casa juntos. Ele leva-me a ver filmes independentes na cidade. À noite, deitamo-nos de costas na relva e conversamos. Gravamos CD um para o outro. Trocamos bilhetinhos. Damos as mãos na paragem da camioneta. Imagino que o adoro inquestionavelmente. Tenho a certeza de que o adoraria, se estivesse apaixonada por ele.

— A tia Angelina está algures com o Finny, a perguntar-lhe o que pensa do Jamie?

— indago. A minha mãe sorri:

— Sim, querida. É uma conspiração.

— Bem, se estiveram a falar da Sylvie, porque não do Jamie?

— Gosto do Jamie — diz ela. Tira a última colherada de gelado. — Dá para ver que é bom rapaz. Os pais dele parecem boas pessoas.

— Mas vocês não têm a certeza se a Sylvie é boa rapariga? — pergunto. Estou satisfeita com o rumo que a conversa está a tomar, mas não quero mostrá-lo.

— É? — pergunta a minha mãe.

Se os rumores forem verdadeiros, a Sylvie não é boa rapariga. Corre uma história de que ela e a Alexis curtiram uma com a outra numa roda gigante enquanto os rapazes assistiam, e consta que o grupo inteiro se embebeda de vez em quando. Mas como são bons alunos, a maioria dos adultos não desconfia de nada.

É difícil imaginar o Finny bêbedo, ou a gostar de uma rapariga que curte com outra para dar espetáculo. Pergunto-me se ele ainda é tímido quando bebe e se corou quando viu a Sylvie beijar a Alexis.

Pergunto-me o que a tia Angelina faria se soubesse o que os amigos do Finny fazem.

— A Sylvie é *cheerleader*. Pertence ao conselho estudantil e é aluna do quadro de honra. Está demasiado ocupada a ser perfeita para andar por aí a injetar heroína.

— Pronto, pronto — atalha a minha mãe. Levantamo-nos, deitamos fora as nossas taças e colheres de plástico e dirigimo-nos para o carro.

Imagino o Finny a amar a Sylvie, mas a desejar de vez em quando que ela fosse diferente, como eu de vez em quando desejo que o Jamie fosse diferente. Imagino-o a ficar excitado quando ela curtiu com a Alexis à frente de toda a gente e depois a pedir-lhe para nunca mais fazer aquilo. Imagino-o a sentir-se livre e confiante enquanto bebe com os amigos, a sentir-se incluído, parte de algo.

No carro, abro a janela e sinto o ar quente da noite a soprar-me na cara. A minha mãe vai calada ao meu lado. Pergunto-me onde estarão a tia Angelina e o Finny esta noite, de que estarão a falar.

Imagino eu e o Finny a sairmos de casa às escondidas para brincar no riacho. Imagino-me a deixar as persianas abertas para ele quando mudo de roupa. Imagino a mão dele a subir-me pela coxa enquanto vemos um filme com uma manta atirada por cima dos joelhos.

Imagino que, apesar de sermos amigos em crianças, não teríamos permanecido crianças só por estarmos juntos.

TREZE

O último dia de escola sabe verdadeiramente a último, como se eu estivesse a ser libertada, não por três meses, mas por trinta anos. Os assustadores exames finais já acabaram. Tudo o que tenho hoje são o exame de Inglês e de Saúde. Vou fazer Inglês Avançado no outono e o exame de Saúde deve ser simples. Drogas e sexo são maus; esqui aquático é bom.

Há abraços e guinchos na Escada para Nenhures. A Sasha é a única que está a estudar; o resto do grupo está mais ou menos livre. O Jamie beija-me ruidosamente e envolve-me os ombros com o braço.

— Mal posso esperar que o dia de hoje passe — diz ele.

— Eu também — diz o Noah.

— Ainda não assinaste o meu anuário, querido — digo eu. É o terceiro dia que lhe peço e ele diz sempre que o fará mais tarde.

— Eu sei, eu sei. Dá-mo — diz ele. Entrego-lho e ele abre a mochila.

— Porque não assinas agora? — pergunto.

— Não estou para aí virado agora. Dou-to ao almoço — replica ele.

Enfia o meu anuário na mochila e fecha-a.

— Está bem — anuo. Descobri que é mais fácil deixá-lo fazer o que quiser em todas as pequenas coisas que não deviam ter importância.

— A minha mãe diz que pode levar-nos amanhã para o nosso dia de raparigas — diz a Angie.

— Boa — diz a Sasha entre dois cartões.

— Pois, bem, sabem que também vamos ter um dia de rapazes amanhã? — anuncia o Alex.

— Certo — respondo.

— E vamos fazer coisas de rapazes para as quais não estão convidadas — acrescenta o Jamie.

— Tudo bem, o que quer que isso signifique — diz a Brooke. — Mas nós só vamos ao centro comercial.

— Malta, vamos ao centro comercial — propõe o Noah.

— Não — objeta a Sasha —, vocês não podem ir ao centro comercial. Nós é que vamos.

— Podemos arranjar as unhas — diz o Alex.

— E o cabelo. Preciso de madeixas — declara o Jamie.

— Oh, cala-te — corta a Brooke. — Nem sequer sabes o que são madeixas.

— Porque é que vocês ficam assim esquisitos sempre que fazemos algo sozinhas? — observa a Angie.

— Sim, acham que estamos a conspirar contra vocês? — pergunto.

— Não — afirma o Jamie, mas, por uma vez, nem ele nem nenhum dos outros têm uma resposta pronta. Os rapazes começam a falar sobre irem a casa do Noah no dia seguinte para jogarem um jogo de computador qualquer.

«Amo-te», diz a dedicatória do Jamie. «*És a melhor coisa que já me aconteceu. Tudo o que quero na vida é casar contigo e termos a nossa família. Desejo-te um bom verão. Comigo.»*

Fecho o meu anuário e guardo-o outra vez na mochila. O Jamie não mo deu ao almoço; estamos no fim do dia. Ele pediu-me para não o ler à frente dos outros, por isso eu anunciei que tinha de ir à casa de banho antes de sairmos para casa do Jamie. Puxo o autoclismo, apesar de não ter usado a sanita, porque a Brooke veio comigo. Quando saio do cubículo, ela está a ver-se ao espelho. Lavo as mãos e olho para ela.

— Estás bem? — pergunto. Ela demora um pouco a responder:

— Estou. Desculpa, estava muito longe daqui.

— Não há crise — replico. — Não acredito que já não somos caloiras. Tu acreditas?

— Não, na verdade não — diz ela.

Na piscina do Jamie, tentamos derrubar-nos umas às outras, empoleiradas nos ombros dos rapazes. Eu e o Jamie ganhamos e ele pavoneia-se comigo às cavalitas. Então, de repente, deixa-me cair para me fazer gritar. Faço beicinho, ele beija-me e depois faz-me uma amona. Começa uma guerra de amonas que os rapazes ganham, apesar de nós sermos mais. Eles trocam *high-fives* e nós reviramos os olhos.

Encostamo-nos à parede na parte menos profunda e os rapazes passam os braços à volta das nossas cinturas nuas. O sol bate-nos em cheio na cabeça e na água. É verão e estamos livres.

As pizas chegam e nós comemos estendidos à volta da piscina, até termos a sensação de que nunca mais teremos de comer. Decidimos ignorar a regra de deixar passar uma hora e voltamos para a água. Os rapazes começam a lutar e nós ficamos de lado a vê-los. Passado um bocado estou maçada e a pensar em tentar levar o Jamie sozinho para o quarto dele, quando me apercebo de que a Brooke e a Angie saíram da piscina há muito. Entro em casa e caminho descalça pela cozinha. A porta da casa de banho está fechada. Encosto a cabeça à madeira. Ouço-as a falar lá dentro. Bato.

— Ei, o que se passa? — indago. Há uma pausa, depois ouço as vozes delas outra

vez. A Angie abre uma fresta na porta.

— Estás sozinha? — pergunta.

— Estou.

Ela abre a porta o suficiente para eu me espremer lá para dentro.

A Brooke está sentada na borda da banheira. Tem os olhos vermelhos e já voltou a vestir os calções e a blusa.

— Meu Deus, o que aconteceu? — pergunto. A Brooke baixa os olhos para os nossos pés no chão de mosaico.

— Enganei o Noah — diz ela. A Angie está encostada ao lavatório de braços cruzados. A informação não é nova para ela. A Brooke desfaz-se novamente em lágrimas. Sento-me ao seu lado.

— Com quem?

Mas a Brooke continua a chorar e é a Angie que responde:

— Com o parceiro de laboratório, o Aiden. Foram amigos durante todo o semestre.

— O Aiden Harris ou o Aiden Schumacker?

— O Aiden Harris — diz a Angie.

— Divertíamo-nos juntos nas aulas — diz a Brooke. — Não pensei que tivesse algum significado.

— O que aconteceu? — pergunto.

— Ele convidou-me para estudar para o exame com ele — diz a Brooke. — Beijou-me e, por um momento, eu deixei-o beijar-me.

— Mais nada?

— Depois fi-lo parar e fui-me embora, e não tencionava contar nada disso ao Noah — prossegue a Brooke —, mas odeio esconder segredos dele. — Começa a chorar outra vez. Alguém bate à porta.

— Então, malta — diz a Sasha —, o que se passa?

Deixamo-la entrar e contamos-lhe a história.

— Foi só um beijo? — pergunta ela. A Brooke acena com a cabeça.

Há uma batida na porta.

— Ei — diz a voz do Jamie. — O que estão a fazer aí dentro?

— Estão a planear alguma coisa? — pergunta o Alex.

A Sasha abre a porta e põe a cabeça de fora.

— Olhem, rapazes — diz ela —, temos aqui uma situação muito séria, portanto, parem com isso.

— O que queres dizer com isso? — pergunta o Noah. Ao meu lado, os soluços da Brooke transformam-se num uivo. — O que se passa? Brooke?

— Brooke, querida, queres falar com ele? — pergunto. Ela assoa o nariz e faz um

sinal afirmativo. Eu e a Angie pomo-nos imediatamente em sentido atrás da Sasha.

— Ela quer falar com ele — anuncio. A Sasha abre a porta o suficiente para podermos sair e o Noah poder entrar. Fechamos a porta atrás dele e viramo-nos para encarar os rapazes.

— Devíamos ir lá para fora — diz a Angie.

— Sim — concordo.

— O que se passa? A Brooke está bem? — pergunta o Jamie.

— Não podemos contar-vos — afirmo. A porta das traseiras fecha-se atrás de nós e encaminhamo-nos para a beira da piscina.

— Porquê?

— Porque são rapazes — replica a Sasha. Eu, ela e a Angie sentamo-nos a balouçar as pernas na água.

— O Noah está lá dentro — observa o Jamie.

— O assunto tem que ver com o Noah — explico.

— Como é que tem que ver com o Noah? — indaga o Alex.

— Não podemos dizer-te — responde a Angie. Eu limito-me a acenar com a cabeça.

— Isso é estúpido. Ela é minha prima — protesta o Jamie.

— Eu sei — respondo. — Mas não podemos contar-te.

— Não nos compete — acrescenta a Sasha. Acenamos as três.

— Vão acabar? — pergunta o Alex.

— Talvez — diz a Sasha.

— Oh, meu Deus, espero que não! — exclamo.

— Não vão nada — afirma a Angie.

— Pronto, isto é mesmo estúpido — declara o Jamie. Ele e o Alex vão sentar-se nas espreguiçadeiras. Eu e as outras raparigas começamos a sussurrar. Passado um bocado, o Noah sai e chama a Angie. Ela reaparece sozinha uns minutos depois.

— Ela está bem? — pergunto. A Angie faz um sinal afirmativo:

— Está. Contou ao Noah. Vão para casa falar do assunto.

Balouçamos as pernas na água e fazemos ondas, mas ninguém fala. Já dissemos tudo o que tínhamos a dizer umas às outras e continuamos a recusar-nos a contar aos rapazes. Por fim, passada meia hora, pegamos nas nossas coisas para irmos para casa. O Alex fica com o Jamie.

Quando me despeço do Jamie com um beijo, ele não retribui o meu abraço e depois desvia o olhar.

— Adeus — diz-me.

— Adeus, amo-te — digo eu. — Logo telefono-te.

— Está bem.

Nessa noite, discutimos ao telefone. Apesar de eu começar a chorar, ele não me perdoa até lhe contar o segredo da Brooke. Depois, fica instantaneamente querido outra vez e não falamos da discussão.

No centro comercial, no dia seguinte, a Brooke conta-nos a conversa que teve com o Noah enquanto almoçamos na praça da restauração. Ela diz que o Noah a perdoou, que lhe disse que sabia que ela estava arrependida e que detestava vê-la chorar.

— Não posso crer como ele me ama — diz ela. Baixa o olhar para o seu prato de batatas fritas e sorri.

Começo a perguntar-me o que o Jamie teria dito se aquilo tivesse acontecido connosco e trato de afastar esse pensamento. Nada desse género aconteceria connosco.

CATORZE

Passamos o 4 de Julho na feira, no parque. O namorado da Angie, de Hazelwood, está connosco, e ficamos satisfeitos por sermos um grupo completo de quatro casais. Vagueamos pelas poucas bancas e cabines e ouvimos a música. Sempre que vemos alguém da escola, detemo-nos para a Angie poder apresentar o Mike. O Finny e a Sylvie também estão na feira, mas não paramos para lhes falar. A feira é pequena, por isso passamos por eles com frequência. Eu sabia que eles iam lá estar, mas sempre que os vejo é como uma imagem a saltar para mim como as ilustrações de um livro *pop-up*. Almoçamos cachorros e farturas, e nós, raparigas, decidimos que queremos ir à Quintinha.

Apaixono-me por uma cabra bebé castanha e ela apaixona-se por mim. Quando lhe peguei ao colo, ela roçou o focinho contra mim e deitou a cabeça no meu peito. Pergunto ao Jamie se posso ter uma cabra bebé quando nos casarmos. Ele diz que não, depois corrige para talvez, se isso significar que não tem de cortar a relva.

Sento-me num fardo de feno com a *Augusta*, a minha cabra, ao colo como se fosse um bebé humano. Ela olha fixamente para mim, e ou está hipnotizada pelo brilho da minha tiara, ou pensa que sou a mãe dela. Estou a cantar uma canção de embalar à cabrinha quando levanto o olhar e deparo com o Finny a observar-me com um sorriso retorcido; a Sylvie está de cócoras ao lado dele, a olhar para a cerca dos leitões. Paro de cantar e brindo-o com uma carranca. Os ombros dele estremecem num riso silencioso.

— Oh, Finn, olha, ele gosta de mim — diz a Sylvie. O Finny vira o rosto para ela e ajoelha-se ao seu lado. Nos últimos meses amadureci o suficiente para me lembrar de que não a conheço. Talvez até seja muito simpática.

O Jamie e os outros juntam-se à minha volta. Já se divertiram tudo o que podiam na feira e querem voltar para a casa da Sasha.

— Mas eu não quero deixar a *Augusta* — protesto.

— Deste-lhe um *nome*? — espanta-se o Jamie. Faço que sim com a cabeça.

— Certo, pousa a cabra e afasta-te devagar — diz o Alex, com ambas as mãos estendidas diante de si.

— Essa piada não faz sentido — observo. O Jamie puxa-me o braço.

— Anda lá, estou cheio de calor — diz ele. Suspiro, dou um beijo na cabeça da *Augusta* e pouso-a no chão. Quando me afasto, ela corre até ao limite da corda que a

prende e põe-se a balir.

— Oh! — exclamo. O Jamie pega-me na mão e continua a andar, puxando-me com ele. Olho para trás por cima do ombro. O Finny está a inclinar-se e a coçar a cabeça da *Augusta*.

Passamos as horas de calor em casa da Sasha, depois voltamos para o parque pouco antes do pôr do sol. Tenho de os deixar e ir para casa. O meu pai disse que ia sair do escritório a tempo de ver o fogo de artifício connosco, por isso a minha mãe quer que o façamos em família. Família, claro, inclui a tia Angelina e o Finny.

— Tens de ir? — queixa-se o Jamie. Faço que sim com a cabeça e beijo-lhe os lábios.

— Vou ter saudades tuas — digo-lhe. Ele está tão bonito que só a ideia de ter de esperar até amanhã para voltar a vê-lo dá cabo de mim.

— Liga-me quando chegares a casa — diz ele e beija-me outra vez, durante mais tempo. Fico corada de orgulho e sorrio. Antes de ir, aceno para os outros, que retribuem o aceno até eu me virar. Quando volto a olhar para trás, estão todos a afastar-se juntos.

A minha mãe, o meu pai e a tia Angelina estão sentados à beira do lago, onde vemos sempre o fogo de artifício.

— Olá, querida — diz a minha mãe. Está a sorrir e de mãos dadas com o meu pai. Ele levanta-se e abraça-me.

— O teu dia foi bom, Autumn? — pergunta. Faço que sim com a cabeça. Ele recua e olha para mim com uma expressão interrogativa: — O teu cabelo?

— Pintei-o outra vez de castanho — respondo. — Ontem.

— Ontem? — diz ele.

— Sim — confirmo. Sorrimos um para o outro. Estamos ambos satisfeitos por ele ter notado aquela diferença subtil tão depressa.

— O Finny disse-me que fizeste amizade com uma cabra — comenta a tia Angelina.

— Pois foi. Quero uma cabra, mãe — declaro, depois olho para a tia Angelina: — O Finny esteve a falar de mim?

— Fez-me uma descrição detalhada de ti a embalar e a cantar para uma cabra — afirma ela. Os olhos dela focam-se algures acima do meu ombro. — Ali vem ele — anuncia. Viro-me.

O Finny vem na nossa direção de mãos dadas com a Sylvie.

— Olá a todos — cumprimenta ele. A Sylvie sorri e acena com os dedos. O meu pai levanta-se.

— E quem é esta jovem? — pergunta.

— Tio Tom, esta é a Sylvie — diz o Finny. — Sylvie, o tio Tom.

— Olá — diz ela e sorri de novo.

— Muito prazer em conhecer-te — saúda o meu pai. — Vem — acrescenta, desviando-se para o lado —, eu mudo de sítio para vocês, meninas, poderem ficar juntas.

Parece que o meu pai não consegue distinguir a diferença não-tão-subtil entre mim e a Sylvie.

Fico sentada entre o meu pai e a Sylvie. O Finny está do outro lado dela, e as Mães estão a falar uma com a outra do outro lado do Pai.

Olho fixamente para o pedaço de céu onde será o fogo de artifício. O Finny e a Sylvie estão de mãos dadas ao meu lado. Tenho uma escolha: posso continuar ali sentada em silêncio ao lado deles, ou posso tentar ser simpática e manter uma das conversas superficiais que eu e o Finny às vezes temos quando estamos juntos.

— Quanto tempo achas que ainda falta? — pergunta a Sylvie. O Finny olha para o relógio.

— Dez minutos — responde ele, com um suspiro.

— Já reparaste que o tempo passa mais devagar enquanto se espera por um fogo de artifício?

— Bem, o tempo passa sempre mais devagar quando se espera por alguma coisa — replica ele.

— Acho que se torna ainda mais lento quando se está à espera de fogo de artifício — insiste ela. O Finny abre a boca.

— Concordo — intervenho. A Sylvie olha para mim, surpreendida. — Acho que é porque, quando não estamos a olhar para o relógio, estamos a olhar para a luz a extinguir-se no céu. Nunca deixamos de ter consciência da sensação de expectativa.

— Hum — faz o Finny.

— Suponho que sim — diz a Sylvie. Dá a impressão de que acha que haverá uma armadilha qualquer em concordar comigo. Nunca tínhamos falado uma com a outra, além das indispensáveis frases de cortesia na escola ou na paragem da camioneta: *Com licença. Obrigada. Ei, deixaste cair isto*.

— Então, pela tua lógica, se olharmos para o lago em vez do céu, o tempo vai passar mais depressa — observa o Finny.

— Bem, não mais depressa do que quando estamos à espera de qualquer outra coisa — replico.

— Certo, então vamos olhar para o lago — sugere ele. Olho para o lago.

Uma vez, no tempo a que me refiro como Antes, o meu pai decidiu levar-nos, a

mim e ao Finny, a pescar. Eu aborreci-me e trepei a uma árvore que se debruçava sobre a água. O Finny achou a pesca muito emocionante e ficou toda a tarde muito sossegado, a dizer-me para não abanar os ramos da árvore porque estava a assustar os peixes. Eu tentei ficar quieta por ele. Apanhou um peixe pequeno. A tia Angelina não fazia ideia de como o amanhar, por isso meteu-o no congelador e nunca mais se lembrou dele. O peixe congelou completamente. Às vezes, eu e o Finny tirávamo-lo do congelador e examinávamo-lo. Passávamos os dedos sobre as escamas rígidas e espetávamos o dedo no olho congelado, e falávamos sobre como seria morrer. Meses mais tarde, quando a mãe dele finalmente se lembrou de deitar o peixe fora, ficámos tristes com a perda.

— Uma vez vim pescar neste lago — conta o Finny à Sylvie.

— A sério? — diz ela.

— Estava mesmo a pensar nisso — digo eu, rindo.

— O nosso peixe congelado?

— Sim — respondo.

— Acho que o tempo não está a passar mais depressa — diz a Sylvie, mas nesse preciso momento começa o fogo.

Passo a hora seguinte em silêncio, deixando-os sussurrar um ao outro. A Sylvie apoia a cabeça no ombro dele. Penso no Jamie, algures no parque, a ver este fogo de artifício sem mim. Imagino-me encostada a ele, sentindo-o a respirar ao meu lado, e sinto uma mágoa como se não o visse há semanas.

O fogo de artifício deixa manchas de fumo no céu e o cheiro de enxofre paira sobre nós. Ao meu lado, a Sylvie ri-se. Quem me dera que ela não estivesse aqui. Não é justo; devíamos ser só nós, a família.

Quero estar sozinha com o Jamie ou sozinha com o Finny.

Esse pensamento assusta-me e olho para o rosto atraente do Finny, momentaneamente iluminado pelas luzes do céu. Nunca me permito pensar no que me leva a imaginar-nos juntos às vezes ou se essas divagações significam alguma coisa. Amo o Jamie.

Olho para o céu.

QUINZE

Eu e o Jamie estamos abraçados, a ouvir a chuva. O meu cabelo molhado está espalhado sobre o seu peito nu e a mão dele está mergulhada na parte de cima do meu biquíni. Sinto o ar fresco contra a minha pele nua.

Estou contente por ter começado a chover.

Suspiro e roço o rosto no ombro dele. O seu cheiro é-me tão familiar, tão reconfortante, que os meus músculos relaxam a cada inspiração.

— Estás a dormir? — murmura ele.

— Ainda não — respondo. Estou a tentar regular a minha respiração em sintonia com a dele. Sinto-me satisfeita, o que nem sempre acontece quando estamos juntos. Nunca lhe disse isso, mas como estou sempre em silêncio quando ele me beija, tudo o que tenho de fazer é não dizer nada quando ele para de se mover. É quanto basta para ele presumir que eu também terminei.

Hoje, porém, os meus pés enrolaram-se sobre si próprios e os meus dedos enterraram-se nas suas costas. Quase pele contra pele, a sensação foi tão real que eu não conseguia pensar em mais nada a não ser no momento presente, com ele.

— Amo-te — diz o Jamie. Move a mão sobre o meu peito enquanto o diz.

— Amas mesmo? — pergunto.

— Sabes que sim — diz ele. Penso no nosso futuro juntos, como será perfeito. Compraremos uma casa, teremos uma família e seremos felizes juntos. O Jamie é perfeito e a vida dele será perfeita, por isso, se eu fizer parte da sua vida, serei perfeita também. Corro os dedos pelo seu peito e ele recua. — Não — protesta. — Isso faz cócegas.

— Desculpa — replico. Pouso de novo a mão no ombro dele. Faz-se outro silêncio. Os meus olhos começam a fechar-se.

— Quero-te — diz o Jamie. Sinto as minhas pestanas a rasparem-lhe na pele ao abrir os olhos.

— Eu também te quero — respondo. — Mas ainda não. — Sinto-o suspirar por baixo de mim.

— Porquê? — pergunta, apesar de eu já lhe ter dito.

— Quero que seja especial — explico.

— E seria — afirma ele.

— Como? — inquiro. — Aqui, neste quarto? — Olho para os pósteres de rock e

bonecos de *anime* que revestem as prateleiras do quarto dele, para as meias sujas no chão e para a vista da janela sobre o pátio das traseiras. Quando sonho com a minha primeira vez, vejo-a a acontecer num bonito quarto, com uma cama de dossel dourada e uma janela com vista para a Torre Eiffel, ou numa luxuriante floresta verde, numa manta de veludo com flores silvestres à nossa volta.

— Sim — diz ele. — Ou no teu quarto.

Faço uma careta e luto para encontrar palavras enquanto tento controlar o pânico perante a ideia do meu quarto ou, pior ainda, do dele.

— Não, não estás a perceber — insisto. — Tem de ser *perfeito*. Absolutamente perfeito.

O Jamie mexe-se por baixo do meu corpo, tentando sentar-se. Largo-o e sento-me de frente para ele.

— Se somos nós os dois, isso é tudo o que realmente importa, certo?

— Sim. — Articulo a palavra devagar, sentindo como essa resposta é incompleta, como deixa tanto por dizer.

— E nada na vida é realmente perfeito. Quero dizer, de que estás à espera?

— Só estou à espera de sentir que está certo — digo-lhe. Olho para o edredão e tiro uma bola de cotão.

— E quando será isso? — pergunta ele. Encolho os ombros, sem levantar os olhos.

— Estás zangado?

— Não, estou frustrado — diz o Jamie. A voz dele é dura e soa como se viesse de muito longe.

— Vais deixar-me? — pergunto. Ele aproxima-se rapidamente de mim e envolve-me num abraço.

— Nunca, nunca, nunca te abandonarei — declara.

— Também te amo — digo por fim.

DEZASSEIS

Eu e a Sasha estamos sentadas no chão do quarto da Brooke com ela, a ler revistas. A Angie saiu com o Mike. O Jamie foi passar uma semana em Chicago com a família. Os outros rapazes vão fazer algo estúpido em casa do Alex.

Estamos a fazer testes das revistas umas às outras. Os testes têm títulos como «És boa a NAMORISCAR?» e «Sabes como conseguir o que TU queres?». De acordo com estas revistas, somos todas incrivelmente equilibradas. Os testes são de escolha múltipla e é fácil perceber qual é a resposta certa: uma das opções tem um determinado traço em excesso, outra não o tem em quantidade suficiente e outra ainda é exatamente a medida certa, como uma espécie de Caracóis Dourados adolescente. Passamos a tarde a escolher todas as mesmas respostas e a ler que estamos no bom caminho, que devemos continuar exatamente como estamos e que tudo vai correr bem. Devia ser aborrecido, mas não é. É reconfortante.

— «Não tens medo de correr riscos, mas também sabes recuar quando as coisas ficam demasiado sérias» — lê a Sasha. — «Por isso os teus amigos podem contar contigo para seres uma companhia divertida sem que as coisas se descontrolem. Podes usar o teu bom senso para ajudar uma tímida flor de estufa a soltar-se um pouco mais ou para manter um rebelde dentro dos limites. Embora às vezes possas cometer erros, como na noite em que a polícia te mandou parar por excesso de velocidade ou na festa em que foste demasiado tímida para convidar a tua paixão para dançar, o teu bom senso e o teu sentido de diversão vão sempre ajudar-te a chegar a bom porto.» — Atira a revista para o lado e espreguiça-se, esticando os braços acima da cabeça.

— Quando é que o Jamie volta? — pergunta. — Apetece-me nadar.

— Na sexta-feira — respondemos eu e a Brooke em coro. Sorrimos uma para a outra. Gostamos de fazer piadas sobre sermos primas por casamento.

— Tenho tantas saudades dele — acrescento, porque tenho mesmo e isso agrada-me. — Não posso crer que estamos juntos há quase um ano. — Estamos no princípio de agosto. Faltam seis semanas para o nosso aniversário e mal posso esperar. Para mim, isso vai dar-nos uma nova legitimidade como casal: estaremos indiscutivelmente juntos a longo prazo e a nossa relação será digna de respeito face a pares menos estáveis.

— Sim, eu e o Alex também — diz a Sasha. Lembro-me de quase um ano antes,

quando eu e a Sasha rivalizámos uma com a outra pelo Jamie e ele me escolheu a mim. Sorrio para o teto, sentindo-me um pouco presumida.

— Em outubro faz um ano e meio que eu e o Noah estamos juntos — diz a Brooke. Sinto-me menos presumida.

— Vocês são tão queridos — comenta a Sasha. Tenho de concordar.

A Brooke e o Noah nunca discutem (embora a Brooke jure que sim, de vez em quando) e fazem tudo o que o outro lhe pede para fazer, por isso estão constantemente a correr para ir buscar refrigerantes um para o outro ou a dar-se mutuamente massagens nos ombros.

— Há uma eternidade que não conseguimos estar os dois sozinhos — lamenta a Brooke.

Pego noutra revista. A Sasha emite um som de simpatia em resposta ao desabafo da Brooke e eu lanço-lhe um olhar desconfiado. Está a folhear uma revista nova, à procura do teste nas últimas páginas.

— Oh, meu Deus! — exclama ela. — Está aqui um bom para a Autumn.

— O que é? — pergunto, inclinando-me para ver. Fiquei curiosa e gosto da ideia de ser alvo de atenção especial.

— «Ele gosta de ti como MAIS do que uma amiga?» — lê ela. Fito-a, sem compreender.

— Quem? — pergunto. A Sasha ri.

— O Finn Smith — responde. — Lembras-te, no sétimo ano, como ele costumava passar o almoço todo a olhar para ti?

— Não — respondo. Lembro-me de lhe acenar do outro lado do refeitório. Não me lembro de olhares nenhuns.

— Ele olhava para ela? — interessa-se a Brooke.

— Sim — assevera a Sasha. — Mas não era tão atraente como agora.

— Achas que ele é atraente? — indago. Eu acho, mas surpreende-me que ela pense o mesmo. O Finny é tão beto, sossegado e introvertido, em vez de charmoso e extrovertido como os rapazes do nosso grupo.

— Acho — responde a Sasha, revirando os olhos para o teto. — Quero dizer, não estou interessada em andar com ele, mas sim, ele é atraente.

— É bastante atraente — confessa a Brooke.

— Está bem, mas já não somos amigos, por isso não posso fazer o teste — declaro.

— Claro que podes — argumenta a Brooke. — Só tens de responder com o que teria sido verdade nessa altura.

— Não posso...

— «Número um» — começa a Sasha. — «Telefonas ao teu melhor amigo a chorar

depois de uma discussão com a tua mãe. No dia seguinte, na escola, ele: A, pergunta-te se estás bem. B, não fala do assunto, pois desligou muito depressa. Ou C, dá-te um abraço e lembra-se de todos os detalhes da vossa conversa da noite anterior.»

— Bem, C — digo eu. De repente, as respostas tipo Caracóis Dourados já não são assim tão claras. Não sei qual é a resposta certa, qual é a verdade.

A. Ele corava quando as pessoas perguntavam se eu era a namorada dele.

C. Ele nunca falava de outras raparigas à minha frente.

B. Ele parecia à vontade em tocar-me.

A. Ele dizia que eu era a melhor amiga dele.

Olho por cima do ombro da Sasha enquanto ela soma a minha pontuação. Fico aliviada ao ver, pelos números atribuídos às minhas respostas, que não estão todas no extremo da escala, mas, apesar disso, muitas estão. Quando termina, a Sasha olha para mim com uma expressão triunfante:

— «És cega, rapariga?» — lê ela. — «Esse rapaz está completamente louco por...»

— Pronto, já chega — interrompo. — Tínhamos doze anos. Ainda nem sequer tínhamos hormonas.

— Tu tinhas treze no sétimo ano — recorda-me a Sasha — e vocês ainda foram amigos até ao Natal.

— Aconteceu alguma coisa no Natal? — pergunta a Brooke.

— Não — respondo. — Fomo-nos afastando ao longo do primeiro semestre.

A Sasha encolhe os ombros:

— Bem, ao que parece ele estava apaixonado por ti — afirma.

— Ora, vá lá, metade dessas perguntas não podiam verdadeiramente aplicar-se a nós quando éramos crianças. «Quantas vezes é que ele chegou tarde a casa para passar tempo contigo?» «O que seria preciso para ele ir ao carro buscar o teu livro de biologia, embora o quarto dele seja do outro lado do *campus*?»

— Mesmo assim, tu tinhas respostas para tudo isso — diz a Sasha e, com isso, apanhou-me. Eu tinha de facto respostas.

— Limitei-me a adivinhar — declaro. — Seja como for, nada disso tem importância. Ele está com a Sylvie Whitehouse.

— E tu estás com o Jamie — diz a Brooke.

— Exatamente — replico. A Sasha encolhe os ombros e recomeçamos a folhear as revistas.

DEZASSETE

O primeiro dia do segundo ano do secundário vai ser quente e abafado; já dá para perceber. Tenho uma tiara nova, que comprei juntamente com o resto das coisas para o regresso às aulas. Esta é preta com pedras escuras. Visto uma saia vermelha pregueada e uma camisa preta. Em vez da mochila do ano passado, tenho um saco de correio verde do exército, que cobri com *pins*. Tudo é novo.

Estou pronta para o secundário.

O grupo na paragem da camioneta é mais pequeno este ano. Agora somos apenas cinco. Dois são o Finny e a Sylvie. Outro é um novo aluno chamado Todd, com quem eu nunca tinha falado. A última é uma rapariga nervosa, que parece demasiado nova para ser sequer caloira. Tenho quase a certeza de que ela vem de uma escola privada e está aterrorizada.

O Finny e a Sylvie estão de mãos dadas. O uniforme de *cheerleader* foi redesenhado. Gosto mais deste do que do antigo, mas não tenho qualquer desejo de o usar.

A rapariga nova olha-me com uma expressão desconfiada quando paro no meu lugar habitual no passeio. Como sempre, sou assaltada pela memória de voar por aquela colina abaixo na minha bicicleta. O Finny nunca tinha medo. Eu tinha sempre.

— Olá — digo à rapariga nova, com um sorriso. Ela murmura qualquer coisa e sorri também, um pequeno sorriso grato. — Sou a Autumn — acrescento. Estou a sentir-me generosa. Além de que tenho um plano.

— Vamos divertir-nos tanto em Química juntos — diz a Sylvie.

— Eu sou a Katie — diz a rapariga.

— Andavas na St. John's? — pergunto à Katie, a Rapariga Nova. Ela faz que sim com a cabeça.

— Tu também? — indaga, franzindo a testa.

— Oh, não, eu não — respondo. Por um momento, sinto o impulso de olhar para trás, para o Finny. No quarto ano, o meu pai queria que eu fosse para a St. John's e isso podia ter acontecido se eu não tivesse chorado todas as noites ao jantar e não me tivesse recusado a comer. Queria ficar na Vogt Elementary com o Finny. Na altura, pensava que ser separada dele seria a pior coisa que podia acontecer-me. Ficava acordada à noite, a pensar como poderia sobreviver sem ele. Saber que o Finny estava na mesma sala que eu tornava todos os testes menos assustadores, cada provocação

menos dolorosa. Olhava para ele, sentado à sua mesa, e era quanto bastava para saber que estava tudo bem. A ideia de ter de me aguentar todos os dias sem ele privava-me do meu sentido de mim mesma, de equilíbrio, de esperança. Tudo terminou finalmente quando a tia Angelina disse aos meus pais que o Finny estava tão perturbado como eu e a implorar para mudar de escola também.

Estou tão absorvida pela intensidade da memória que demoro um momento a perceber que o meu plano está a exceder as minhas expectativas.

— Sim, ele era da minha turma — diz a Katie, a Rapariga Nova.

— Oh, a sério? — replica o Todd, o Caloiro. — Também conhecias a Taylor Walker? — A Katie, a Rapariga Nova, acena outra vez com a cabeça. — É minha prima — prossegue o Todd.

Falam sobre a Taylor, depois sobre outros potenciais conhecidos de ambos. Algures atrás de mim, a Sylvie também está a falar, mas o plano funcionou: agora tudo se confunde numa mistura de vozes e quando me abstraio da conversa da Katie e do Todd, a voz da Sylvie desvanece-se em segundo plano também.

Quando a camioneta chega, não fiquei a saber mais nada sobre como o Finny e a Sylvie vão divertir-se este ano.

DEZOITO

Tenho Inglês Avançado com o Jamie e a Sasha. É a única aula que tenho com qualquer deles. Este ano, ambos estão nas turmas avançadas em todas as disciplinas. Eu só estou naquela. O Finny, a Sylvie e vários dos seus outros amigos estão na nossa turma.

Como somos uma turma pequena e presumivelmente inteligente, o nosso professor é muito permissivo connosco nas aulas. É maravilhoso para nós, este tratamento especial, esta liberdade. O Jamie é frequentemente hilariante. Fico mais orgulhosa quando os outros riem das piadas dele do que ficaria se fossem minhas. Ele é atraente, engraçado e meu.

O professor, o Sr. Laughegan, gosta de mim; todos os professores de Inglês gostam. Às vezes, depois da aula, preocupo-me a pensar que posso ter falado de mais, que tenha parecido uma «sabichona», mas na aula seguinte volto a não conseguir impedir-me de pôr a mão no ar.

Na terceira semana de aulas, vejo um livro na mesa do Sr. Laughegan. Ele não está na sala, mas está quase a tocar. Trata-se de *David Copperfield*, um livro que eu queria ler há muito. Pego nele e abro-o. Fico absorvida logo na primeira página. Sento-me à mesa do professor e continuo a ler.

— O que estás a fazer? — pergunta o Jamie.

— A ler o livro do Sr. Laughegan — replico. Alguém ri. O Jamie resfolega. É difícil prever quando ele irá aprovar ou desaprovar uma das minhas excentricidades. Acho que isto está no limite. Talvez ele desejasse tê-lo feito primeiro.

— Ela é tão esquisita — comenta o Jack. Sinto a habitual onda de orgulho e vergonha, e estou determinada em ficar ali sentada a ler.

Ainda estou mergulhada no livro quando o Sr. Laughegan entra na sala.

— Olá, Autumn — diz ele. — Gostas de Dickens? — Aceno com a cabeça. — Eu empresto-te esse quando acabar de escrever o meu trabalho, se quiseres. — A surpresa deve ter transparecido na minha cara, porque ele acrescenta: — Estou a fazer o meu mestrado à noite.

— Oh, fixe! — exclamo. A campainha toca e eu vou para o meu lugar sem que ele mo peça.

O Sr. Laughegan cumpre o prometido quanto ao empréstimo do livro; o Jamie goza comigo por causa do meu novo melhor amigo, o professor de Inglês, e faz troça

do livro do princípio ao fim. Adquiro o hábito de me sentar à mesa do Sr. Laughegan antes das aulas, a ler os livros dele; por vezes, chego mesmo a revolver as gavetas. Ele nunca se importa. Questiono-o sobre o conteúdo do seu *kit* de primeiros socorros e a sua preferência por marcadores azuis.

Acho que o Sr. Laughegan me compreende. Um dia, pergunta-me se escrevo. Digo-lhe que sim. Ele pergunta-me se conheço a aula de Escrita Criativa para adultos que ele dá. Conheço, sim.

O primeiro aniversário da minha relação com o Jamie calha numa terça-feira. Ele dá-me três rosas vermelhas na escola. Eu esperava que ele me trouxesse uma rosa e fico surpreendida por serem três. Na sexta-feira seguinte, eu e o Jamie vamos jantar fora e curtimos no sofá da minha sala. Agarro-me a ele com mais força do que nunca e, pela primeira vez, esqueço-me de tudo o resto enquanto ele me beija. De repente, ele para e fita-me. Fico perplexa, a pensar que devo ter feito algo errado. E também fico irritada, a pensar no que é que não lhe agrada desta vez.

— O que foi? — pergunto, antes que ele tenha tempo para falar.

— Queres o teu presente agora? — pergunta o Jamie. Sorri e eu faço que sim com a cabeça. Sentamo-nos e eu passo os dedos pelo cabelo enquanto ele mete a mão no bolso. De repente, estou nervosa com a possibilidade de não gostar do presente. Ele estende-me uma caixa branca lisa e eu fico a olhar para ela.

— Força — diz ele. Há tanto entusiasmo na sua voz, que prometo a mim mesma que, seja o que for que esteja na caixa, ele vai acreditar que adorei. Fecho os olhos antes de abrir a tampa. A sala está escura; quando abro os olhos, tenho de me inclinar para a frente para ver o que repousa sobre o algodão.

Uma pulseira de prata com dois pendentes. Levanto-a e tento vê-los à luz fraca. Um é uma tartaruga. O outro, um coração com algo gravado. Aproximo-o do rosto para ver melhor.

— É o dia em que nos conhecemos — diz o Jamie. — É aí que começa. Depois a tartaruga é o nosso primeiro ano juntos. E vou dar-te um todos os anos, pelo resto das nossas vidas, e também para os acontecimentos especiais, como o nosso casamento e os nossos filhos.

Sinto os olhos e a garganta comprimidos, como se estivesse quase a chorar. Abraço-o e descanso a cabeça no seu ombro. Penso na certeza dele de que esses anos a dois virão. A nossa idade não lhe importa. Nunca receia que não estejamos destinados a ficar juntos. Nunca duvida de nós; nunca duvida de nada.

— Amo-te, James Allen. — A minha voz falha. As lágrimas não chegam a brotar-me dos olhos, mas não deixa de ser espantoso. Nunca tinha chorado de felicidade.

— Estás a chorar? — pergunta o Jamie. Faço que sim com a cabeça, embora não seja bem verdade. Os dedos dele cerram-se no meu cabelo e eu comprimo o rosto contra o seu ombro. Ficamos assim sentados durante muito tempo. Penso para comigo: É *isto, amo-o mesmo*. Esta noite isso é fácil de dizer, de sentir.

— Porquê uma tartaruga? — pergunto, por fim.

— São lentas, mas firmes — diz ele. — E eu gosto de tartarugas. — Ri quando eu rio e encostamos a testa um ao outro. Ele estende a mão e passa as pontas dos dedos por baixo dos meus olhos; fecho-os com força, para que algumas lágrimas humedeçam as minhas pestanas inferiores para ele limpar.

O Sr. Laughegan sugere mais livros para eu ler e empresta-me vários outros. Esforço-me a sério no meu primeiro relatório de leitura para ele; quero impressioná-lo.

Ao almoço, mostro a todos os comentários que ele escreveu no meu trabalho.

— Lê isto — ordeno, enfiando o trabalho debaixo do nariz da Brooke. — «Nunca tinha reparado nisso, Bom Trabalho.» Fiz uma observação em que ele nunca tinha pensado!

— Isso é porreiro — diz ela.

— Eu também gosto do Sr. Laughegan — diz o Noah. — Ele é fixe.

— Oh, eu amo-o! — exclamo. O Jamie revira os olhos.

— Sim, estás apaixonada por ele — comenta.

— Não, só o amo — replico e percebo que é verdade. Amo o Sr. Laughegan, não como uma paixoneta ou como se fosse um pai ou um irmão ou qualquer outra coisa que consiga definir; amo-o, simplesmente. Amo-o porque ele disse que eu podia olhar pela janela quando está a chover, desde que não deixe de ouvir a aula, e porque disse que o Macbeth era um sacana. Amo o Sr. Laughegan e isso é um pensamento simples e fácil de ter; não custa nada dizê-lo.

O Jamie revira novamente os olhos.

— Estás apaixonada por um professor — resmunga baixinho. Não lhe ligo e leio os comentários do Sr. Laughegan mais uma vez.

— Olá, Autumn — diz o Finny. Estaco abruptamente. A voz dele é baixa. Não olha diretamente para mim quando fala. Estamos à porta da minúscula sala de aula. A mochila dele pende-lhe do ombro e ele está ao lado da porta, para que não possam vê-lo lá de dentro.

— Olá — respondo. Pergunto-me se se passará alguma coisa.

— Feliz aniversário — diz ele. Continua com os olhos fixos nos nossos pés.

— Obrigada — agradeço. Estou confusa. Ele podia ter-me dito aquilo na paragem

da camioneta, esta manhã. Podia ter esperado até esta noite, quando formos jantar fora com as Mães e o meu pai. O Finny vira as costas e entra na sala. Eu sigo-o. Do ponto de vista dos outros, parece que chegamos simplesmente ao mesmo tempo.

Já que é o meu aniversário, o Sr. Laughegan diz que posso ficar sentada à mesa dele a aula toda, se prometer portar-me bem. Cruzo as mãos e sento-me muito direita, qual imagem de uma atenção perfeita, como se alguma vez desse menos do que isso ao Sr. Laughegan.

Contudo, estou distraída. A mesa dele fica de um dos lados da sala, perpendicular ao quadro. Deste ângulo, tenho uma visão desimpedida do Finny. Quando olho para o quadro também o vejo. Só o vejo a ele.

E amo-o. Amo-o desde que me lembro; já nem dou por isso. Sinto o que sempre senti quando olho para ele e até agora nunca me tinha perguntado o que esse sentimento é ao certo. Amo-o de uma forma que não consigo definir, como se o meu amor fosse um órgão dentro do meu corpo, sem o qual não pudesse viver, embora seja incapaz de o identificar num livro de anatomia.

Não o amo da mesma maneira que amo o Jamie. Não da mesma maneira que amo a Sasha, ou a minha mãe, ou o Sr. Laughegan.

É a maneira como amo o Finny.

E isso é impossível de dizer e ainda mais difícil de sentir.

DEZANOVE

Quando o tempo arrefece, a Guerra começa.

Numa segunda-feira, em meados de novembro, quando entro na cantina, a Angie corre para mim com os olhos semicerrados.

— Eles estão na nossa mesa — diz ela. Sei a quem se refere sem ter de perguntar.

— O quê? — exclamo. Sigo-a pelo meio da multidão até uma mesa que não é a do costume. O Jamie, o Alex, a Brooke, o Noah e a Sasha já estão apinhados à volta do pequeno tampo quadrado. — Não posso acreditar — observo, enquanto me sento. Olho para a mesa onde a Alexis, o Jack, o Josh e a Victoria estão sentados, com espaço de sobra. A Alexis acena para alguém algures na multidão. Sigo o seu olhar até à Sylvie e ao Finny, que vão serpenteando na direção dela. Puxam cadeiras e instalam-se à mesa redonda.

— Isto não é fixe — declara o Noah. O Jamie abana a cabeça.

— Pois não — corrobora. — Não é.

A mesa que eles ocuparam era indiscutivelmente nossa; ninguém muda de mesa a meio do ano letivo. Isto é um ato de hostilidade. Mas deve ser ignorado, pelo menos aparentemente. Confrontá-los ou admitir que estamos zangados dar-lhes-ia oportunidade de revirarem os olhos e dizerem: «O quê? Estão chateados por causa de uma mesa?»

— Bem, eles não vão sentar-se ali amanhã — afirma o Alex.

— Venho a correr da aula de Química — diz o Noah.

— Eu venho ainda mais depressa — diz o Jamie. Passamos o almoço furiosos. Não sou a única a olhar por cima do ombro para aquela profanação da nossa mesa. Eles riem e atiram coisas uns aos outros, procedendo como se se sentassem ali todos os dias. Como se fossem sentar-se ali todos os dias.

Os rapazes cumprem a promessa e terça-feira a mesa é nossa outra vez. Pensamos estupidamente que isso porá um ponto final à situação; afirmámos novamente a nossa reivindicação. Com certeza que eles irão recuar, ao ver que não vamos ceder-lhes.

Na quarta-feira, estamos de novo na minúscula mesa quadrada, com os joelhos a roçarem uns nos outros.

Quinta-feira corro para a cantina, mas, quando chego, o Alex já lá está, com a mochila pousada no centro da mesa e ele plantado ao lado, com os braços cruzados sobre o peito, a olhar desafiadoramente em redor.

— Boa, Alex! — aplaudo. Trocamos *high-fives*. Olho para o outro lado da sala e vejo a Alexis e a Sylvie a olharem para nós do que costumava ser a sua mesa habitual. Sorrio, aceno-lhes e sento-me.

Quando vencemos a batalha novamente na sexta-feira, penso que acabou; agora ganhámos certamente a Guerra. Eles não podem ter a lata de continuar com isto na segunda-feira.

Têm, sim. Têm essa lata.

Recuperamos a mesa na terça-feira e festejamos a vitória ao longo de todo o almoço. Parte de mim diz que *é* apenas uma mesa, mas se eu tivesse a certeza de que não havia hostilidade, sentar-me numa das mesas quadradas não seria mais do que um incómodo.

Mas é hostilidade; estamos a meio do semestre, todos os outros grupos reivindicaram as suas mesas e mantiveram-se fiéis a elas, tal como no ano passado. Eu e a Sasha deixámos o grupo delas e criámos um nicho para nós próprias com um novo grupo. Somos unidos. Temos boas notas. Os nossos rapazes são atraentes e as nossas raparigas, bonitas.

Há um ano que nós somos os adversários deles, e eles, os nossos.

Isto tem que ver com mais do que uma mesa.

Na quarta-feira ficam todos a olhar para mim enquanto corro loucamente pelos corredores na direção da cantina. A minha mochila verde ressalta contra a minha perna, mas eu não lhe ligo, nem às pessoas com quem me cruzo. Visualizo mentalmente a mesa vazia.

A minha visão é quase verdadeira. A mesa está vazia por um momento. Depois o Finny destaca-se da multidão e pousa a sua mochila no tampo. Os meus pés estacam quando o vejo ali parado. Do outro lado da cantina, vejo o Jamie e o Noah a abrandar o passo também. A Sylvie e a Alexis, que também estão a atravessar a sala, abrandam igualmente o passo, com um sorriso triunfante, ao verem o Finny. O olhar do Jamie cruza-se com o meu. Revira os olhos e franze o sobrolho.

Em toda a semana passada, eu não tinha incluído o Finny na minha raiva. De uma maneira ou de outra, pensei que ele estava a seguir cegamente os seus amigos, sem se aperceber das implicações dos seus atos, do significado de ocuparem aquela mesa. Mas ali está ele, a reivindicar a mesa como se sempre lhe tivesse pertencido. De repente, é como se alguém pusesse as mãos nas minhas costas e me empurrasse para a frente.

Avanço para o Finny, numa linha reta e constante, direito à nossa mesa. Atiro a minha mochila para cima do tampo, ao lado da dele, e levanto a cabeça para o

encarar.

— Vais almoçar connosco hoje? — pergunto. Ele não responde logo e, por um momento, também fico sem palavras. Há muito tempo que não olhava diretamente para o rosto dele.

Os seus olhos azuis são salpicados de dourado; é difícil não pasmar para aquela estranha combinação. Apetece-me estender a mão e afastar o cabelo loiro da testa dele, para poder ver melhor os seus olhos. As suas faces pintam-se de cor-de-rosa e, antes que me lembre de que não devia sentir aquilo, dou por mim a pensar que ele é muito bonito. Sei que ele fica embaraçado quando cora, mas não consigo deixar de pensar que é agradável. Faz com que pareça tremendamente inocente, como se nunca tivesse feito nada de errado em toda a sua vida.

— Eu, hum... — começa o Finny. Olha para mim. Pergunto-me o que estará a pensar. Dá a impressão de que ficamos a olhar um para o outro durante um bom minuto, mas com certeza não foi mais do que um momento. Respiro pela primeira vez desde que falei e sou inundada pelo seu aroma familiar. Parte de mim tem vontade de fechar os olhos e focar-se no cheiro; a outra parte só quer continuar a olhar para ele.

— A Sylvie pediu-me para guardar uma mesa para nós — diz ele. O nome dela arranca-me ao meu transe. Puxo uma cadeira e sento-me.

— Oh! Bem — replico —, aqui normalmente ficamos *nós*.

O Jamie aparece atrás de mim e puxa também uma cadeira.

— Olá, beleza — diz ele. — Como está a correr o teu dia?

— Bem — respondo. O Noah senta-se do outro lado do Jamie. Nenhum deles presta atenção ao Finny, que pega na mochila e afasta-se. A Sylvie está a poucos metros dele, mas não olha para ele; olha para mim. Os seus olhos semicerram-se. Sustento-lhe o olhar apenas por um momento, antes de me virar para o Jamie.

Isto é só uma mesa, digo a mim mesma. Não é nada de pessoal. É só uma mesa.

VINTE

No dia a seguir ao Dia de Ação de Graças, os meus pais discutem. Fico no meu quarto o dia todo, a ouvir e a tentar não ouvir. Por vezes, a minha mãe grita e ele berra também. Outras, sussurram com fúria. Outras ainda, há silêncios. As portas batem uma e outra vez.

Ao meio-dia, desço e vou buscar queijo ao frigorífico. As vozes vacilam e extinguem-se até eu estar de novo na segurança do andar de cima.

Estendo-me na cama ao fim da tarde, a seguir com os olhos um feixe de luz que se vai deslocando pelo chão, com a garganta apertada e o corpo muito quieto. Esta é a parte mais triste de qualquer dia, quando passou demasiado tempo para criar felicidade enquanto ainda há luz. É demasiado tarde. A luz do dia foi desperdiçada na minha imobilidade. O feixe de luz detém-se e começa a desvanecer-se. Será melhor quando tiver desaparecido. É apenas um dia, lembro a mim mesma, e está quase no fim.

As vozes calam-se. A fronteira entre o dia e a noite esbate-se. Ninguém me chama para jantar. O sol pôs-se e o meu quarto está às escuras, mas não me dou ao trabalho de acender a luz. Deixo que a escuridão alastre sobre mim e continuo quieta.

Um estrondo vindo do andar de baixo sobressalta-me. Sento-me bruscamente. As vozes recomeçam a fazer-se ouvir. Sobem de tom. Gritam. Uma porta bate. Agora as vozes estão lá fora.

Vou para a janela. Não consigo vê-los, só o pátio lateral e a janela escura do Finny. Nas semanas que se seguiram à Guerra, a linha que separa os meus amigos e os do Finny transformou-se numa muralha de gelo. Já não há trocas de palavras educadas entre eles nas aulas ou quando os nossos caminhos se cruzam nos corredores ou nas casas de banho. Todos fazemos o nosso melhor para fingir que os outros não existem. Eu e o Finny não nos falamos desde o dia em que lhe roubei a mesa.

Apoio a testa no vidro fresco e fecho os olhos. As vozes dos meus pais são mais claras agora, embora estejam a falar mais baixo.

Ouço o barulho do carro do meu pai a afastar-se. A minha mãe começa a chorar. O cascalho range sob os seus pés quando se dirige para dentro de casa. Acendo o interruptor. O meu corpo reage à luz: fico subitamente alerta. Pego no meu livro e estendo-me de lado na cama. A casa fica silenciosa de novo.

A batida de que estou à espera não demora muito. A porta abre-se e a cabeça da

minha mãe espreita pela fresta. Sorri para mim, como se os seus olhos não estivessem inchados.

— Vou a casa da Angelina, querida — diz ela. Tenho vontade de lhe atirar com o livro. Tenho vontade de lhe perguntar para que serve fingir que está tudo bem, coisa que a magoaria muito mais do que o livro.

— Está bem — respondo e ela desaparece.

Acordo com fome. A casa ainda está escura e silenciosa. Desço a escada, descalça. Tudo na velha casa range quando lhe toco. Aqueço as sobras de puré de batata e fico a vê-las rodopiar no micro-ondas. Vou apreciar mais a refeição desta vez. Foi um Dia de Ação de Graças confrangedor.

Em todos os jantares de Ação de Graças e de Natal, desde que me lembro, o meu pai senta-se à cabeceira da mesa, as Mães de ambos os lados e eu e o Finny ao lado delas, em frente um do outro. Ontem o Finny sentou-se no lugar da mãe, em vez de ficar à minha frente. As Mães trocaram um olhar, mas não disseram nada. Entretanto aceitaram que já não somos os melhores amigos um do outro, mas deu para ver que não vão aceitar que não tenhamos uma relação amistosa. Em todo o dia, nunca cruzámos a linha separadora entre nós. Só falávamos quando um dos pais nos dirigia a palavra e nada do que eles pudessem dizer nos fazia falar um com o outro.

É provável que as Mães tivessem acabado por dizer qualquer coisa, em condições normais, mas o que quer que tenha explodido entre os meus pais hoje já estava a fervilhar ontem, e provavelmente tudo aquilo era demasiado para eles também. Senti-me mal pela tia Angelina e pelo Finny, interrogando-me se teriam sido mais felizes na sua própria casa, onde não há divisões nem conflitos latentes.

Tiro o prato do micro-ondas e abro o frigorífico. Pego em pedaços de carne branca fria com as mãos e ponho-os no meu prato. Quando me endireito de novo, olho pela janela. A luz da cozinha da casa ao lado está acesa. Imagino a tia Angelina e a minha mãe sentadas diante uma da outra à mesa da cozinha, com canecas de chá à frente.

O vento abana as folhas e sinto um impulso súbito de sair. O mundo cinzento lá fora parece convidativo, aveludado e fresco. Olho para o relógio. Passa pouco da uma.

Não há ninguém em casa para se ralar com o que eu faço esta noite.

Pego no meu prato e vou para o alpendre. Quando transponho o limiar, sinto o ar frio e húmido na pele; as tábuas do soalho gelam-me as plantas dos pés quando me sento nos degraus. Apercebo-me de que me esqueci de trazer um garfo, mas resolvo não me ralar com isso. Agarro em grandes pedaços quentes de puré de batata e lambo os dedos.

É uma rebelião idiota, comer puré de batata com as mãos, sentada no alpendre

depois da meia-noite, mas é aquela a que posso entregar-me de momento.

Como o peru frio mais devagar, escolhendo os pedaços com cuidado e dando pequenas dentadas.

Quando termino, pouso o prato no chão e recosto-me contra a balaustrada do lado direito do alpendre. O vento sopra novamente através das árvores. Começo a tremer, mas não me mexo. Quero ver quanto tempo aguento aqui fora. Talvez aguente a noite toda. Estremeço outra vez e fecho os olhos. Está frio. Ouço o som de um carro e os meus olhos abrem-se de novo.

Um carro azul parou na rua. A porta abre-se e a luz do habitáculo acende-se. Reconheço as figuras masculinas que estão dentro do carro, especialmente uma delas. O Finny apeia-se a cambalear. Ri e diz qualquer coisa aos amigos. Eles bradam uma resposta e ele leva os dedos aos lábios. Depois acena e o carro arranca, demasiado depressa.

Fico a vê-lo subir o relvado. Não consigo ver o seu rosto, apenas a sua silhueta recortada na noite. Há algo estranho na maneira como caminha: os seus passos são demasiado pequenos e inclina-se demasiado para a frente. Apalpa os bolsos das calças enquanto anda. A luz da janela da cozinha torna as suas feições mais nítidas à medida que se aproxima. Detém-se a poucos metros do alpendre de sua casa e franze a testa. Debruço-me para tentar vê-lo melhor, para perceber o que o fez franzir a testa, e os degraus rangem sob o meu peso. O Finny levanta os olhos e os nossos olhares encontram-se. Fico com a respiração presa.

— Olá — diz ele, passado um momento.

— Olá — respondo. Ele fita-me, ainda de testa franzida.

— Não há tiara — comenta.

— Como?

— Não trazes nenhuma tiara — explica ele. A sua voz é estranha, as palavras entaramelam-se como se estivesse muito cansado.

— Estou de pijama — replico.

— Oh. — Ele vacila ligeiramente.

— Estás bêbedo? — pergunto. Nunca vi uma pessoa bêbeda.

— Sim, mais ou menos — diz ele.

— Então se calhar é melhor não entrares — digo-lhe. Ele ainda não tirou os olhos de mim. O doce e tímido Finny, bêbedo. Embora tivesse ouvido falar disso, embora esteja a vê-lo com os meus olhos, ainda me custa a acreditar.

— Porquê?

— As Mães estão na tua cozinha.

— Oh. — Vacila de novo. — Posso sentar-me aí um bocadinho?

— Claro — respondo. Ele passa por mim aos tropeções e senta-se pesadamente na escada. Exala longamente e encosta a cabeça à balaustrada. A Sra. Adams, a nossa professora de Saúde, deu-nos a entender que o álcool nos transformava numa pessoa diferente. O Finny é o mesmo de sempre, apenas um pouco inseguro de movimentos e um pouco mais amistoso para comigo do que ontem.

— Não encontro as minhas chaves — diz ele.

— Isso não é bom — replico. Ele acena em sinal de concordância, depois olha outra vez para mim. Estou encolhida sobre mim própria, a esfregar os braços nus.

— Estás com frio? — pergunta ele. Faço um sinal afirmativo. No entanto, é tolerável; talvez ainda aguente até de manhã. — Toma. — O Finny começa a puxar o seu blusão com o monograma da equipa da escola.

— Não, não faças isso — digo-lhe. Deve ser isto que o álcool faz às pessoas: leva-as a esquecer todas as linhas separadoras cuidadosamente traçadas no mundo.

— Vá lá, Sylvie, toma o casaco — diz ele, estendendo-mo.

— Autumn — corrijo.

— Hum? — Ele franze a testa.

— Eu chamo-me Autumn. Tu acabaste de me chamar Sylvie — esclareço. A testa dele franze-se ainda mais.

— Oh. Desculpa, Autumn. Toma o casaco, Autumn — diz ele. Inclina-se para diante, de maneira que o casaco está praticamente no meu colo. Suspiro e aceito-o. Está quente e cheira ao Finny. Visto-o e aperto-o bem à volta do corpo. — Pronto — diz ele. Encosta-se de novo à balaustrada, satisfeito, e olha para mim. — Fica-te bem — declara.

— O casaco? — Estendo os braços, para que ele possa ver como as mangas se estendem muito para lá dos meus pulsos.

— Não — diz o Finny —, o teu nome. Autumn Rose Davis. Embora não haja rosas no outono.

— Claro que há — contradigo. — Pelo menos em St. Louis. — Aqui não há uma fronteira nítida entre o verão e o outono. A mudança de estação começa, para e retrocede, levando as árvores a ficarem vermelhas, ao mesmo tempo que engana as rosas para que floresçam um pouco mais, enquanto a estação anda para a frente e para trás, fria e quente. As folhas já estão douradas e vermelhas e ainda há algumas rosas no jardim da minha mãe, um tudo-nada murchas e castanhas nas orlas, mas ainda belas. Tinha-as admirado sem fazer a associação ao meu nome, mas agora tenho de admitir que realmente me fica bem: bonita, mas não integrada.

— Pois — diz ele, arrastando a palavra. — Mas não é suposto haver rosas no outono.

— As coisas nem sempre são como eram supostas ser — replico.

Faz-se um longo silêncio. Desvio o olhar do Finny e estudo o longo relvado escuro que nos separa da rua, depois as nuvens que ocultam as estrelas aos nossos olhos. Aperto novamente o casaco à volta do corpo.

Sinto algo mexer dentro do bolso. Meto a mão lá dentro e os meus dedos fecham-se em torno de um objeto facilmente reconhecível. Sorrio.

— Toma — digo, estendendo-lhe as chaves. Ele sorri também e pega nelas.

— Obrigado. Não tinha vontade nenhuma de ter de dizer ao meu pai que tinha perdido a chave daquele carro.

O pai do Finny, noutro dos tais gestos desconcertantes, deu-lhe um carro pelos seus dezasseis anos. Não sei que marca é. É vermelho e desportivo, presumo que ridiculamente caro e italiano. Admira-me haver maneira de o Finny lhe dizer que tinha perdido a chave. Sempre pensei que as linhas traçadas entre eles apenas permitiam a comunicação num sentido.

— Então de manhã vais lembrar-te de que falaste comigo? — pergunto. O Finny franze de novo a testa.

— Sim — assevera. — Não estou assim tão bêbedo.

— Bem, eu não sei como essas coisas funcionam — replico. Ele põe a cabeça de lado:

— Nunca te embebedaste? — pergunta.

— Não. — Compreendo, demasiado tarde, que o meu tom é defensivo. Mas ele não dá por isso.

— Hum — faz ele. — Pensava... — Interrompe-se e franze mais uma vez a testa. — Hum.

— O que foi? Pensavas que toda a gente o fazia? — pergunto. Ele encolhe os ombros e desvia o olhar. Interrogo-me que horas são, quanto tempo ainda falta para terminar a minha pena autoimposta de permanência no alpendre. O céu não parece perto de clarear.

— Porque estás aqui fora? — indaga o Finny.

Fico surpreendida ao perceber que fico com um nó na garganta.

— Os meus pais discutiram — respondo.

— Oh.

— O meu pai foi-se embora de carro e a minha mãe está em tua casa.

— Autumn, lamento.

— É o costume — comento.

— Mas eu lamento mesmo — diz ele. — A sério. — Virou-se para me encarar de novo.

— Não há crise — afirmo.

— Queres falar sobre isso?

— Estás bêbedo.

— Estou a ficar sóbrio — diz ele.

— Ainda vais querer falar comigo quando estiveres sóbrio? — Faz-se um novo silêncio depois daquelas palavras. Olho para o rosto dele. Não consigo decifrá-lo. Continuo a fitá-lo e vejo-o respirar fundo.

— Ainda vou querer — diz ele, mas algo no seu tom diz que não.

— Não faz mal — assevero. — Não te preocupes com isso.

— Amas o Jamie? — A minha respiração falha abruptamente. — Quero dizer... ele é bom para ti? — indaga o Finny.

— O quê? — exclamo. O choque transparece na minha voz e, desta vez, ele parece notar. Tento falar num tom ligeiro, como se estivesse a rir dele: — Não me digas que te vais armar em irmão mais velho comigo, assim do pé para a mão.

Ele encolhe os ombros. Já não está a olhar para mim. Pergunto-me se estará a corar. Provavelmente.

— Sim — digo, por fim. — Amo-o. E ele é bom tipo. — Tento imaginar que género de rapaz ele pensa que o Jamie poderia ser e o que faria se eu confirmasse as suas suspeitas. Lembro-me dele a esmurrar o Donnie Banks no quinto ano. — E, seja como for, não me parece que agradasse à Sylvie se tu fosses lutar com o Jamie para defender a minha honra.

— Pois — diz o Finny. O seu rosto continua virado para o outro lado. — Mas eu fá-lo-ia na mesma.

— Tens a certeza de que quererias fazê-lo se estivesses sóbrio? — pergunto.

O Finny faz que sim com a cabeça.

— Sim — reitera. — Mas só te digo isso porque não estou.

Penso nas coisas que eu diria ao Finny se estivesse bêbeda ou, pelo menos, se tivesse coragem para as dizer. Primeiro dir-lhe-ia que o seu casaco cheira bem. Depois dir-lhe-ia que gostei de estar aqui sentada a falar com ele, que não quero ir para dentro e pôr fim à conversa.

— Lembras-te do terceiro ciclo? — pergunta ele.

— Lembro. — O vento sopra nas árvores. O céu continua sem sinais de clarear. Talvez não tenha passado tempo nenhum. Talvez fiquemos aqui sentados para sempre. Eu não me importaria; talvez fosse melhor do que enfrentar o dia de amanhã. Espero que ele termine o que ia dizer. Está outra vez de testa franzida.

— Se calhar era melhor ir para casa antes de dizer mais alguma coisa que não deva — diz o Finny. — Acho que sou capaz de fingir suficientemente bem para chegar ao

meu quarto.

— Oh, está bem.

Ele levanta-se e olha para mim:

— Não vais ficar aqui fora, pois não? — pergunta. Abano a cabeça.

— Não, acho que não. — Levanto-me e começo a despir o casaco dele.

Ele abre a boca e faz menção de levantar a mão, como se estivesse a mandar parar o trânsito, depois detém-se. Pega no casaco.

— Obrigado — dizemos ao mesmo tempo. Ambos sorrimos debilmente. — Boa noite — despeço-me. Ele acena e afasta-se do alpendre.

— Ei, espera — chama-me. Viro-me para trás. Está parado na linha imaginária que separa o meu jardim do dele. — Já passa um bocadinho da minha hora de chegar a casa. Se a minha mãe estiver zangada comigo de manhã, posso usar-te como desculpa?

— Claro — respondo. — Diz-lhe que estive a soluçar incontrolavelmente no teu ombro.

Ele sorri outra vez:

— Ela vai adorar isso. Não a ideia de tu chorares, mas sabes o que quero dizer. B' noite — despede-se. Viro-me de novo e vou para dentro.

Deito-me na minha cama fria e olho para a luz que ilumina a janela do quarto do Finny. Lembro-me de como, quando eu estava triste, lhe fazia sinal com a minha lanterna e ele pegava no copo na sua extremidade do cordel que ligava as nossas janelas, e falávamos até ambos adormecermos. A luz demora muito tempo a apagar-se.

VINTE E UM

O Jamie disse que, assim que tivesse a carta de condução, seríamos livres para estarmos juntos sempre que quiséssemos. Nada nos separaria a não ser a minha hora de estar em casa.

A maior parte do tempo limitamo-nos a passear sem destino. Às vezes estacionamos atrás da biblioteca e curtimos. É desconfortável, com a cabeça comprimida contra a porta e os joelhos dobrados, mas finjo que não é, porque gosto da ideia de curtir no carro dele; como numa cena de filme, as janelas ficam embaciadas e o rádio toca a nossa música.

Não sei grande coisa sobre condução. O Jamie é a única pessoa da minha idade com quem andei de carro, mas acho que ele deve ser bom condutor. Sinto-me segura com ele. Gosto de o ver ao volante, de estudar o seu perfil, de ver os seus olhos focados na estrada. Fica distante e isso faz-me querê-lo mais.

A minha mãe sempre disse que o meu pai me ensinará a conduzir, um dia, e eu ainda estou à espera de que esse dia chegue. Mas, por enquanto, não tem importância. Não há nenhum sítio onde eu queira estar onde o Jamie não vá também.

O Finny tirou a carta de condução no seu dia de anos. A tia Angelina tinha-o ensinado a conduzir há séculos. Ela diz que ele é bom condutor, mas que não deixa de ter pavor de que ele se mate na estrada uma noite qualquer. Tenho dificuldade em perceber como ela salta tão depressa de condução para morte. Todas as noites há imensa gente a andar de carro sem morrer.

Sou virgem e não sei conduzir.

Tenho medo de perder a virgindade no carro do Jamie. Mantenho-me atenta a algum impulso de paixão que possa fazer-me cometer esse erro fatal, mas isso nunca acontece. Estou controlada quando o deixo deslizar o dedo para dentro de mim. Tenho perfeita consciência do que se passa quando ele pega na minha mão e a fecha à volta da sua ereção.

Nunca deixei o Jamie ver-me quando nos tocamos e nunca olho para ele. Quando abro a camisa e o deixo beijar os meus seios, observo-o para ter a certeza de que tem os olhos fechados. Quero que ele me veja pela primeira vez quando fizermos amor. Isso faz parte do meu sonho, despir-nos lentamente um ao outro e vermos pela primeira vez todas as partes secretas que escondemos.

E isso faz com que eu tenha menos medo.

Uma noite, o Jamie pede-me que segure o volante enquanto ele põe um CD. Confio em que, se ele está a pedir-me, é porque eu sou capaz de o fazer. Quase faço com que nos despistemos. O Jamie agarra no volante e endireita o carro.

— Chiça, Autumn — murmura ele. Não diz mais nada até entrarmos no caminho de acesso da minha casa, à hora marcada. — Talvez não devas aprender a conduzir — comenta, depois de me beijar. — Não suporto a ideia de te matares.

Sei que um dia vou morrer e sei que um dia vou perder a virgindade; as duas coisas parecem igualmente prováveis, igualmente impossíveis.

A hora de chegada do Finny é meia hora depois da minha e, ao fim de semana, eu presto atenção ao som do seu carro enquanto estou na cama, à espera de adormecer. É reconfortante ouvir o motor a aproximar-se e a parar, a porta do carro a bater, o ranger da porta das traseiras. Vejo o brilho súbito da janela do seu quarto, quando ele acende a luz. Ele atravessa o quarto já sem camisa. A luz apaga-se outra vez e eu sei que ele está deitado na sua cama, junto à janela, apenas duas vidraças e seis metros de ar a separar-nos.

VINTE E DOIS

Sinto-me doente no último dia do semestre, mas tenho de ir à escola, tenho três testes. Passo a manhã a olhar para o relógio, a contar as horas até poder ir para casa e ir para a cama. Ao almoço, começo a sentir náuseas e só bebo uma garrafa de água. O Jamie é querido para mim e acaricia-me o cabelo quando pouso a cabeça na mesa.

— Querida, acho que devias ir para casa — diz ele. Mexo a cabeça de um lado para o outro sobre o tampo, numa espécie de sinal negativo. Depois do almoço, o Jamie ajuda-me, levando a minha mochila para a aula do Sr. Laughegan. Hoje não me dou ao trabalho de vasculhar as gavetas do professor. Vou direito à minha mesa e desabo na cadeira. Com o Natal à porta e duas semanas de liberdade à espera daqui a escassas horas, todos os outros estão de bom humor, com ou sem teste. Ouço o barulho dos outros alunos a entrar e a sentar-se e só me apetece morrer. O Jamie pousa uma mão nas minhas costas e fala com a Sasha sobre um filme que ambos querem ver, mas eu não. Os outros estão a fazer planos para irem ao centro comercial, a queixar-se de visitas a familiares, a falar em recuperar o sono. Dormir parece-me bem.

O teste do Sr. Laughegan é fácil para mim, mesmo no meu estado debilitado. Termino primeiro e pouso as folhas viradas para baixo na mesa do Sr. Laughegan. Ele olha para mim e sei que está a notar a minha pele pálida e a minha expressão vazia. Sorrio-lhe fracamente antes que me pergunte se estou bem. Volto para o meu lugar e penso que devia estudar para o exame de Geometria, mas o meu estômago está pior e volto a descansar a cabeça na mesa.

Pela altura em que já quase todos terminaram o teste, começo a desconfiar que vou vomitar. As minhas entranhas estão a agitar-se por baixo da caixa torácica e as minhas glândulas salivares trabalham furiosamente na minha boca. Talvez precise de sair. Tento avaliar a probabilidade de estar prestes a vomitar. Não sinto que posso sair a menos que tenha a certeza, mas não posso aceitar a ideia de não chegar à casa de banho a tempo. A minha mesa fica do lado oposto à porta. Há um caixote do lixo entre mim e o limiar, mas isso seria um destino pior do que a morte.

A última aluna põe o teste na mesa do Sr. Laughegan e ele põe-se em pé.

— O que acharam do teste? — Salto da cadeira e corro para a porta com uma mão a tapar a boca. O Sr. Laughegan desvia-se para me deixar passar. — Jamie, Finn, sentem-se, por favor — ouço-o dizer enquanto irrompo no corredor.

O meu sentido do tempo acaba por ser perfeito, embora não pudesse ter esperado

nem mais um segundo. Ajoelho-me no chão do cubículo, com uma mão a afastar o cabelo e a outra a segurar a tiara, para que não caia na sanita.

Depois lavo a boca no lavatório e estudo o meu rosto no espelho. Ainda estou pálida, mas sinto-me muito melhor. Respiro fundo. Ainda faltam vinte minutos para o fim da aula. Tenho de regressar à sala antes que o Sr. Laughegan mande alguém para ver como estou.

Mantenho a cabeça baixa e os olhos no chão quando entro de novo na sala de aula. Ouço a voz suave do Sr. Laughegan:

— Autumn...

— Meu Deus, estás grávida? — brada a Alexis. Os meus joelhos ficam hirtos e a minha cabeça vira-se bruscamente para ela.

— O quê? Não! — exclamo.

— Tens a certeza? — diz a Victoria. — Porque tu...

— Alexis, Victoria — corta o Sr. Laughegan num tom ríspido. Vira-se para mim: — Deixa-me dar-te um passe para a enfermaria.

— Não — recuso. Abano a cabeça e sento-me no meu lugar. — Tenho outro teste no próximo tempo. Estou bem.

— Tens a certeza? — pergunta ele. Aceno com a cabeça e endireito-me para demonstrar que me sinto melhor. O Sr. Laughegan encolhe os ombros e volta aos seus comentários finais acerca do semestre. — Como não terminámos a *Jane Eyre* a tempo do teste final, vou ter de vos dar algumas páginas para lerem durante as férias.

O Jamie estende o pé, de modo que os nossos ténis ficam encostados uns aos outros. Copio os trabalhos de férias para o Sr. Laughegan no meu caderno e sorrio para o Jamie.

— Ei — diz ele quando toca no fim da aula. — Tens a certeza de que estás bem?

— Tenho — respondo. Quando saímos da sala de aula, ele envolve-me num abraço. Vai para o ginásio, do outro lado do *campus*. Não nos veremos até ao fim do dia.

— Amo-te, rapariga doente — diz ele. — Mesmo quando o teu hálito cheira a vómito.

— Obrigada — replico. Ele beija-me a boca e afaga-me o cabelo.

Sobrevivo ao meu teste de Matemática e até à viagem de camioneta para casa. O Finny e a Sylvie saem mesmo à minha frente. Percorrem a Rua Elizabeth de mãos dadas. Eu demoro-me um pouco na paragem da camioneta e depois sigo uns nove metros atrás deles até chegarem ao cruzamento onde a Sylvie vira para ir para casa. Despedem-se com um beijo e a Sylvie atravessa a rua. O Finny acena-lhe e retoma o

seu caminho.

— Ei, Finny, espera — chamo. Pelo canto do olho, vejo a Sylvie a virar-se para olhar para nós. Não lhe ligo. O Finny para e vira-se para mim. Espera que eu o apanhe. Surpreende-me o facto de ele não parecer surpreendido. — Olá — digo quando o alcanço.

— Olá — responde ele. Recomeço a andar em direção às nossas casas e ele segue-me o exemplo.

— Tenho um favor a pedir-te — começo. Olho para o chão enquanto caminho.

— Está bem — diz o Finny.

— Podes certificar-te de que a Alexis, a Taylor, a Victoria e... — Consigo impedir-me de acrescentar a Sylvie. — E as outras todas não andam por aí a dizer que estou grávida?

— Porque haviam de fazer isso? — replica ele. Isto resolve um mistério e parte de mim fica aliviada. Sempre me perguntei como é que alguém como o Finny podia ser amigo de raparigas como elas. Pelos vistos, ele não percebe que tipo de raparigas elas são. Eu compreendo isso. Eu própria também não sabia. E o Finny pensa sempre o melhor das pessoas; talvez tenha pensado que me estavam a perguntar-me se eu estava grávida por preocupação.

— Porque... — hesito, sem saber como pôr as coisas de modo a não insultar os amigos dele.

— Não estás, pois não? — pergunta ele baixinho.

— Phineas! — exclamo. Levanto o rosto primeira vez para o encarar de sobrolho franzido. Ele olha a direito para mim.

— Eu... — diz ele. — Quero dizer, elas disseram que era uma possibilidade...

— Não, não é — atalho. — Nunca fiz sexo sequer.

— Oh! — faz ele. No seu rosto pinta-se a expressão de surpresa de que eu estava à espera quando o chamei. Baixo os olhos. Caminhamos em silêncio por mais um minuto. Estamos quase a chegar.

— Podes só certificar-te...

— Sim — diz ele. O seu tom é brusco e acho que o ofendi. Mas é verdade: elas são capazes de espalhar um boato desses. Tanto quanto sei, metade da escola já pensa que serei mãe na primavera.

— Obrigada — agradeço. Ele não me responde. Olho para o seu rosto. Tem a testa franzida. Subimos juntos o relvado e separamo-nos quando nos aproximamos dos alpendres. Ele não se despede de mim.

Vou direito para o meu quarto e meto-me na cama. Fecho os olhos e tento dormir.

O meu corpo está a começar a relaxar quando me lembro da forma como o Finny olhou para mim quando lhe disse que era virgem, da forma como ele franziu a testa.

Um espigão de gelo vara-me de um lado ao outro. Não consigo respirar. O espigão é demasiado grande. O frio alastra do meu estômago até aos pulmões e ao coração, mas não entorpece a dor.

O que é que isso te interessa?, pergunto-me. O gelo derrete-se e forma uma poça no fundo do meu estômago dorido.

O meu Finny.

Ele não é o teu Finny.

Eu sei isso. Mas há uma diferença entre saber algo e senti-lo. Eu sabia que ele já não era o meu Finny, mas agora ele está na outra margem, separado de mim por um oceano que tenho medo de atravessar, e agora sinto-o.

VINTE E TRÊS

Não me sinto melhor até à manhã de Natal, cinco dias depois. Como os ovos que a minha mãe me faz como se não comesse há anos. O meu pai desce a escada e beija a minha mãe durante mais tempo do que o habitual. Não lhes presto atenção e continuo a comer. Quando acabo, o meu pai vai à sala buscar a primeira carga de presentes para levar para a casa da tia Angelina e eu subo a escada para me vestir.

Quando éramos pequenos, eu e o Finny acampávamos debaixo da árvore de Natal onde iríamos abrir os presentes de manhã. Deitávamo-nos lado a lado, a olhar para a árvore, adornada ou com os ornamentos de vidro com uma coordenação de cores perfeita da minha mãe, ou com as decorações desirmanadas da dele: borlas de missangas exóticas da Índia e as criações excêntricas em barro ou papel feitas por ela própria.

Sussurrávamos um para o outro e fixávamos a árvore até as luzes ficarem turvas aos nossos olhos. De manhã, acordávamos juntos e corríamos a chamar os nossos pais para podermos abrir os presentes.

Visto uma saia preta e uma camisola verde. Após um momento de deliberação, escolho uma tiara prateada, tão fina que quase parece uma fita de cabelo. Houve três Natais, depois de as Mães decidirem que não podíamos continuar a dormir juntos, em que eu e o Finny tínhamos tanta pressa em ir ter um com o outro que as Mães não conseguiam convencer-nos a vestirmo-nos, pelo que abríamos os nossos presentes em pijama, como se tivéssemos passado a noite juntos. Há anos que isso já não acontece, claro.

A tia Angelina abraça-me e beija-me. A minha mãe abraça o Finny e o pai aperta-lhe a mão ainda agarrado ao último lote de presentes. O Finny está de camisa e calças de sarja. Os nossos olhos voltam-se rapidamente um para o outro, mas não dizemos nada.

Por tradição, abrimos os nossos presentes um de cada vez, e todos fazemos comentários e soltamos exclamações a cada novo objeto. O Finny está mais calado do que de costume, mas não me preocupo muito com isso. Pergunto-me se ainda estará zangado comigo por eu ter dito que as suas amigas eram capazes de espalhar um boato a meu respeito.

O presente marcado como sendo da tia Angelina e do Phineas contém uma tiara feita de flocos de neve de prata. Atravesso a sala a correr para abraçar a tia Angelina.

A minha mãe aceitou as tiaras, mas nunca as encorajou. Às vezes pergunto-me se ter um filho ilegítimo e uma série de amantes terá mantido a tia Angelina jovem. Talvez sim. Ou talvez tenha sido o casamento que envelheceu a minha mãe.

— Obrigada — agradeço. A tia Angelina retribui o meu abraço.

— Foi o Phineas que a escolheu — diz ela.

— Obrigada, Finny — digo, sentando-me de novo no chão. Ele limita-se a acenar, mas depois sorri suavemente quando ponho a tiara na cabeça juntamente com a primeira.

Quando terminamos os presentes, já passa do meio-dia. As Mães vão à cozinha preparar o almoço. Instalo-me na minha cadeira favorita junto à janela para começar um dos livros que recebi. Tenho uma bela pilha que estou desejosa de terminar durante a próxima semana, em que ainda estamos de férias. O pai e o Finny veem uma coisa qualquer de desporto no sofá. Mal dou por o meu pai se levantar e sair da sala. Muitas vezes ele tem de receber chamadas importantes do escritório, mesmo nos feriados.

— Ei, Autumn? — diz o Finny. A voz dele está tão próxima e baixa que dou um salto na cadeira. Levanto os olhos. O Finny está junto ao braço da cadeira, a olhar para mim. Tem as mãos enterradas nos bolsos.

— Sim?

— O favor que me pediste, acho que não vai haver problema.

— Obrigada — agradeço. Sorrio, mas ele não retribui o sorriso.

— O que estão aí a sussurrar? — pergunta a tia Angelina da porta.

— Nada — respondemos ambos em coro. Ela põe a cabeça ao lado e sorri-nos.

— O almoço está pronto — anuncia.

— Então, como é que o Finny está a aguentar-se? — pergunta a minha mãe enquanto atravessamos o quintal para nossa casa. Já anoiteceu e eu esfrego os braços para os aquecer, ainda que o percurso não seja longo.

— De que estás a falar? — pergunto.

— Da separação — replica ela. Estaco, atónita:

— O Finny e a Sylvie acabaram?

— Pensei que soubesses — diz a minha mãe. Abre a porta e despimos os casacos na entrada.

— Mãe, porque é que eu havia de saber?

— A Angelina disse que ele ficou bastante destroçado na noite em que isso aconteceu, mas eu achei que ele parecia bem hoje — prossegue ela, sem ligar à minha exasperação. Dirige-se para a cozinha, para guardar um prato de restos no

frigorífico. — Claro — brada da cozinha — que, com o Finny, é sempre difícil perceber. — Vou atrás dela e detenho-me à porta. Duvido que o Finny deixasse a Sylvie por ela ter dito a alguém que eu estava grávida, mas a ideia passa-me pela cabeça.

— Porque é que ele acabou com ela? — pergunto.

— *Ela* é que acabou com ele — esclarece a minha mãe.

— A sério?

— Isso também te surpreende? — pergunta a minha mãe.

— É só que ela sempre deu a impressão de gostar imenso dele — explico.

— Foi o que eu disse — diz a mãe. — E claro que não sou isenta, mas ele é um rapaz tão atraente e querido, de maneira que não sei porque é que ela não havia de gostar.

— Espero que ele esteja bem — observo. Pensar no Finny com o coração partido dói-me. Apetece-me ir perguntar à Sylvie o que lhe passou pela cabeça. Qualquer que fosse a resposta dela, não alteraria nada: continuaria a ter vontade de lhe puxar o rabo de cavalo por o ter magoado.

— Porque é que não lhe ligas e perguntas como está? — sugere a minha mãe. — Ou podias voltar lá a casa?

Reviro os olhos:

— Mãe! — digo simplesmente. Ela suspira e abana a cabeça.

Subo para o quarto com os meus livros. A luz do Finny está acesa, mas as cortinas estão corridas. A tia Angelina disse que ele parecia bastante destroçado na noite em que aquilo tinha acontecido. Para alguém tão calmo e estoico como o Phineas Smith, isso é dizer muito. Lembro-me das duas vezes em que vi o Finny chorar quando éramos miúdos. Fico com um nó na garganta.

— Vai-te lixar, Sylvie — digo em voz alta.

VINTE E QUATRO

O Finny e a Sylvie não são as únicas baixas das férias de Natal. O Mike deixou a Angie. No primeiro dia do semestre, ela chora na casa de banho, à hora de almoço. Nós juntamo-nos no cubículo com ela e damos-lhe as mãos.

— Ele disse que eu não fiz nada de mal, mas que não estava a resultar — diz ela entre soluços. — O que quer isso dizer?

— Que ele é um idiota — declara a Sasha. — É o que isso quer dizer. — Todas acenamos em sinal de concordância e a Angie recomeça a chorar. Olho para o seu rosto.

Quando andava no oitavo ano, tive um namorado durante alguns meses. Chamava-se Josh, andávamos de mão dada nos corredores e falávamos ao telefone todas as noites. Ele acabou comigo de repente, uma tarde, dizendo que já não sentia o mesmo. Durante dias senti-me como se tivesse levado um murro no estômago. Era como se não conseguisse respirar, como se algo tivesse sido arrancado da minha barriga. Era um sentimento distinto, diferente de qualquer outro tipo de tristeza que eu tivesse conhecido antes ou desde então. Ver a Angie chorar faz-me lembrar esse sentimento. É como cheirar o sabor pungente de uma comida repugnante que já tivesse comido. Nunca mais quero sentir-me assim.

Abraçamo-la durante um bocado, depois voltamos para a nossa mesa. O Finny e a Sylvie ainda se sentam à mesma mesa com o resto dos amigos, mas já não ficam ao lado um do outro. Faço ideia de como as coisas devem ser constrangedoras àquela mesa. Esta manhã, na paragem do autocarro, mantiveram-se longe um do outro e não falaram uma única vez. O Finny permaneceu de cabeça baixa e olhos no chão. A Sylvie olhava friamente para a estrada, com a cabeça bem erguida. Atualizei a minha fantasia de lhe puxar o cabelo para a versão em que a empurrava para a frente do autocarro.

Em Inglês Avançado, o grupo deles reorganizou-se de modo que o Finny e a Sylvie não ficassem ao lado um do outro. Penso como seria complicado se um dos nossos casais se separasse. É-me difícil imaginar tal coisa. A Brooke e o Noah continuam a adorar-se; parecem seguros. A Sasha e o Alex costumam estar felizes.

Tento imaginar eu e o Jamie a acabar.

A minha primeira reação é uma chocante sensação de alívio: se eu e o Jamie acabássemos, isso significaria que ele não era o grande amor da minha vida; não teria

de me sentir culpada por às vezes pensar em estar com outra pessoa, se seria melhor, talvez até perfeito com esse outro.

Olho para o outro lado da sala. Ele está a olhar para baixo, a rabiscar no caderno e a falar baixinho com o Jack. Ele também anseia por outra pessoa, alguém que não sou eu. E amar da forma como é descrito nos livros e poemas não é real; é imaturo ansiar por isso e é estúpido pensar que, com a pessoa certa, seria assim. O Jamie cuida de mim e ama-me; no mundo real, não se arranja melhor.

A minha segunda reação é um sentimento de medo: adoro o Jamie e a ideia de que o amor pode ser tão impermanente assusta-me.

— Quem leu as páginas que vos dei para as férias? — pergunta o Sr. Laughegan, cortando o fio dos meus pensamentos. Levanto a mão. A maioria dos outros também. — Muito bem, o que acharam do segredo que o Sr. Rochester tinha no sótão? Autumn?

A minha mão já não estava no ar, mas eu sei o que quero responder. O Sr. Laughegan costuma chamar-me primeiro, para dar início ao debate.

— Sabia que se passava algo estranho, mas não estava à espera do que aconteceu. Quase deixei cair o livro — digo. — E depois fiquei tão irritada que não conseguia dormir. Estava sempre a acordar, tão zangada com o Sr. Rochester...

— «Fiquei tão irritada que não conseguia dormir»? — imita a Alexis, atrás de mim. Várias pessoas, incluindo a Sylvie, riem-se. O Sr. Laughegan lança-lhes um olhar de reprovação.

— Não sei se ainda *devia* querer que a Jane acabe com o Sr. Rochester — continuo —, mas a verdade é que quero.

— E porquê? — pergunta o Sr. Laughegan. Faço uma pausa, esforçando-me para pôr o sentimento em palavras.

— Porque toda a gente diz sempre que nunca ultrapassamos o nosso primeiro amor. Ela amou o Sr. Rochester primeiro e amava-o muito. Mesmo que voltasse a apaixonar-se, acho que parte dela desejaria sempre ainda estar com ele.

— E o que foi que o Sr. Rochester fez que perturbou tanto a Autumn, Alexis? — diz o professor. Olho por cima do ombro. A Alexis fica muito corada e engasga-se ao responder.

Toda a gente diz sempre que nunca esquecemos o nosso primeiro amor. Imagino-me com outra pessoa e a ansiar pelo Jamie, o meu primeiro amor. Respiro fundo e lembro-me de que isso nunca irá acontecer; o Jamie diz que vai casar comigo.

— Nunca me deixes — digo ao Jamie quando saímos juntos da aula.

— Não deixarei — promete ele.

VINTE E CINCO

Está a nevar no Dia dos Namorados. Ponho a tiara de flocos de neve para levar para a escola; é a minha nova favorita e uso-a todos os dias que o chão está nevado. Terei de a arrumar quando a primavera chegar, mas como todos os invernos, este parece durar para sempre.

Na paragem do autocarro, o Todd, o Caloiro, oferece rosas à Katie, a Rapariga Nova. Entretanto começaram a namorar. Gosto de pensar que ajudei a fazer com que isso acontecesse. Como o Finny e a Sylvie já não se falam, ficamos os três a ouvi-los todas as manhãs. Não é assim tão mau.

A Katie sorri e olha para as suas rosas enquanto diz qualquer coisa. Sei que o Jamie vai estar à minha espera na escola com um ramo semelhante. Dá-me sempre rosas, geralmente vermelhas. Às vezes gostava que ele fosse mais criativo, mas é ridículo queixar-me de receber rosas. Muitas raparigas na escola gostariam de que o Jamie levasse rosas para elas.

O Jamie vai levar-me a jantar fora esta noite. O presente dele está em casa, à espera que eu lho dê. Colecionei para ele uma série de pequenas coisas de que penso que ele vai gostar: um CD gravado com canções que me fazem pensar nele, a figura de ação da mulher da sua personagem de *Anime* favorita, uns doces, uma tartaruga de borracha e uma carta de amor que levei uma eternidade a compor.

Quando ouvimos o barulho da camioneta a aproximar-se, dou-me conta de que o Finny ainda não chegou. Olho para o passeio, na direção das nossas casas. Ele não vem a correr para chegar à paragem a tempo; de facto, não vejo sinais dele em lado nenhum. A camioneta começa a abrandar à nossa frente.

— O Finn vem à escola hoje? — pergunta a Sylvie. Demoro um segundo a perceber que ela pode estar a falar comigo. Olho por cima do ombro e vejo-a a olhar para mim.

— Não sei — respondo.

— Ele está doente?

— Não sei — repito.

— Oh.

Fazemos fila para entrar na camioneta.

Deslizo para o banco ao lado da Sasha. Ela veste um casaco do exército que comprou numa venda de garagem no outono passado. Invejo-lhe aquele casaco. Sei

qual a tiara que usaria com ele, mas o Jamie disse-me que não gostaria de me ver nele. Diz que fica bem à Sasha porque ela é arrapazada, mas que ele gosta de mim feminina. Penso em contar à Sasha que a Sylvie me perguntou sobre o Finny; ficaria surpreendida por ela ter falado comigo, mas algo me leva a não dizer nada.

— Eu sei o que o Jamie vai dar-te pelo Dia dos Namorados — diz a Sasha.

Acho que também sei.

À tarde, saio do autocarro a pensar no meu encontro com o Jamie. Vamos a um novo restaurante italiano. Estou entusiasmada para lhe dar o meu presente. Quando chegar a casa, vou dormir uma sesta e depois tomar um banho. A minha roupa já está preparada. Deverei usar uma tiara diferente para o jantar?

— Autumn? — chama a Sylvie. Paro e viro-me. Ela está a olhar diretamente para mim, mas, apesar disso, se ela não tivesse chamado o meu nome, eu teria dificuldade em acreditar que estava a falar comigo outra vez.

— Sim? — Pergunto-me se ela conseguirá ouvir a suspeita e a surpresa na minha voz. Parece nervosa.

— Podes dar isto ao Finn por mim? — pergunta ela. Estende-me um envelope quadrado cor-de-rosa.

— Está bem — acedo. Com gestos hesitantes, aceito o envelope da mão dela. Os nossos dedos não se tocam.

— Obrigada — diz ela. Fico a olhar para ela, para ver se haverá mais alguma coisa. Ela devolve-me o olhar em silêncio. Passado um momento, viro-me e tomo o caminho para casa. Um segundo depois, ouço os passos dela um pouco atrás. Não viro a cabeça quando ela atravessa a rua. Farei o que ela me pediu, mas ela não precisa de saber que estou curiosa, que me importo.

O carro do Finny está estacionado no caminho de acesso, o da mãe dele, não. Embora pudesse abrir simplesmente a porta das traseiras e chamar por ele, opto por me dirigir à porta da frente e bato; há algo nesta transação que me leva a manter a formalidade. Um momento depois, vejo as cortinas ondular e tenho um vislumbre da mão dele.

— Só um segundo. — A sua voz chega-me demasiado abafada para eu poder avaliar o tom. Espero. Ouço-o murmurar enquanto a porta se abre. Sobressalto-me ao vê-lo e a parte da minha mente que ainda pensa espera que ele não tenha reparado.

O peito do Finny está nu, braços, os ombros e a barriga expostos aos meus olhos. A sua pele não tem pelos, tirando uma ligeira mancha à volta do umbigo, que se prolonga até ao elástico dos seus *boxers*, que espreitam um tudo-nada acima das calças. Os seus olhos azuis estão ensonados, rodeados por olheiras cinzentas, e o seu

cabelo loiro desgrenhado espeta-se em todas as direções. Tem o nariz vermelho, mas é difícil avaliar até que ponto devido ao rubor que já lhe alastra pelas faces. Tomo consciência de que fiquei ali especada a olhar para ele.

— Hum, Autumn? — Agora consigo ouvir como a sua voz está rouca e carregada. Engulo em seco e respiro fundo, a minha primeira inspiração desde que ele abriu a porta.

— Desculpa — digo. — Estás com péssimo aspeto. — Está lindo.

— Sinto-me péssimo — diz ele. Muda ligeiramente de posição, apoiando o peso no outro pé. — Mandaram-te vir ver como estou?

— Não. Bem, talvez, não sei. — Meto a mão no bolso de trás das minhas calças e tiro o envelope cor-de-rosa. A sua expressão começa por exprimir choque, depois, confusão. Pega no papel com um olhar cauteloso. Fita-me com suspeita. — A Sylvie pediu-me para te dar isto — explico. Ele fica novamente chocado.

— A Sylvie? — Faço que sim com a cabeça. — Oh. Está bem.

A sua voz é estranhamente monocórdica. Olha para o envelope e depois para mim:

— Ela disse-te mais alguma coisa?

— Não — respondo.

Ele franze a testa:

— Ela foi amigável?

Franzo a testa também.

— Acho... que sim — digo-lhe.

— Hum.

Olhamos um para o outro. Dou-me conta de que estou a traçar as linhas dos seus ombros e braços com os olhos. Baixo o olhar e concentro-me nos seus pés descalços.

— Bem, deves estar com frio — observo. — E eu tenho um encontro, por isso... — Encolho os ombros.

— Oh, pois — diz o Finny. — Feliz Dia dos Namorados.

— Obrigada — digo. — Para ti também, acho eu... As melhoras.

Viro-me sem levantar de novo os olhos. Só ouço a porta fechar depois de já ter saído do alpendre e atravessado o relvado.

A memória do que aconteceu no alpendre destrói a minha sesta. Deito-me de lado na cama, virada para o lado oposto à janela, e tento tirá-lo da minha mente.

Sei que é normal achar outras pessoas atraentes mesmo quando se está apaixonado. O que me incomoda é o derretimento, a sensação vertiginosa que me dominou quando o vi. Não foi apenas atração, mas uma combinação de desejo e afeto que me fez querer encostar-me ao seu peito e alisar o seu cabelo rebelde. Até conseguia ver: a minha cabeça no ombro dele, a olhar para o seu rosto enquanto os meus dedos se

estendiam para acariciar o seu cabelo. Imaginei que a pele dele estaria quente, febril, e eu absorvia o calor enquanto sentia todas as linhas daquele corpo que estivera a admirar comprimidas contra mim.

Porque, claro, na minha fantasia, ele abraçava-me, acariciava-me.

Queria-me também.

Sou horrível e ingrata; o Jamie é melhor do que eu mereço.

Mas ao mesmo tempo que me amaldiçoo pelo meu egoísmo, um outro pensamento egoísta enche-me a mente: de que estou a desperdiçar a felicidade que poderia ter.

Amo o Jamie e ele quer ficar comigo para sempre. Compra-me presentes e chama-me a sua menina bonita. Ele é bonito, inteligente e divertido, e eu devia estar perfeitamente satisfeita, ou até mais do que satisfeita.

Mas não estou, porque esta preocupação com o Finny impede-me de imergir no meu amor pelo Jamie. Impede-me de ser tão feliz como podia ser. Como devia ser.

Quero arrancar o Finny da minha mente como se fosse uma farpa, para poder adorar o Jamie como ele merece ser adorado.

E ainda mais do que isso, porque sou uma criatura egoísta e má, quero sentir essa adoração. Quero libertar-me desta culpa.

— Gostas? — pergunto.

— Sim — diz o Jamie como se fosse uma pergunta estúpida. Vejo-o a vasculhar o conteúdo do saco e sorrio para mim mesma. O restaurante está cheio e barulhento; mal ouço o papel de seda a rasgar. O Jamie ri e inclina-se por cima da mesa para me dar um beijo.

— És a melhor das namoradas — diz ele.

— Tento sê-lo — replico.

VINTE E SEIS

Os rapazes estão a construir uma rampa de neve assustadora. Estamos em casa do Noah, cujo quintal tem o tipo de colina para onde as pessoas se disporiam a conduzir quilómetros e quilómetros para a descerem de trenó, se fosse propriedade pública. O plano é passarmos a tarde a andar de trenó e depois irmos ao centro comercial. Não vou poder ir ao segundo evento, porque a tia Angelina decidiu que está na altura de nos apresentar o novo namorado. A minha mãe vai convidá-los para jantar e o meu pai até vai estar em casa. Disse a toda a gente que tinha uma coisa de família à qual não podia baldar-me. Tento deixar o Finny fora das nossas conversas o máximo possível. É muito estranho para eles serem lembrados de que um rapaz que é suposto ser um dos nossos inimigos na escola é família para mim em casa.

Nós, raparigas, deslizamos do nosso lado da descida, enquanto os rapazes discutem entre si sobre como tornar a rampa deles mais perigosa. Testam-na e acrescentam mais neve. Testam-na de novo e voltam a acrescentar neve. Por fim, o Jamie voa um metro pelo ar antes de cair com violência. A rampa é considerada um sucesso.

Os rapazes riem-se quando são projetados de cabeça. Riem-se quando chocam uns com os outros. Riem-se quando escapam por pouco de bater numa árvore. Riem-se de nós por não querermos experimentar a rampa.

— Anda daí — diz o Jamie. Recua no trenó para me dar espaço, mas eu abano a cabeça. Ele revira os olhos e voa outra vez pela rampa abaixo, quase partindo o pescoço quando se atira do trenó para o chão.

— Isso foi espetacular — grita o Alex. As raparigas estremecem.

À medida que a tarde avança, convenço o Jamie a descer algumas vezes comigo por aquilo a que ele chama «o lado feminino da colina». Senta-se atrás de mim, enrola os braços à volta da minha cintura e eu encosto-me ao peito dele enquanto o trenó se precipita pela colina abaixo. Gosto da maneira como a emoção do medo me faz agarrar instintivamente a ele. O Jamie ri-se de mim por gritar e dá-me um beijo na cara quando chegamos ao fundo da colina. Os seus lábios são quentes contra a minha pele.

— Desce a rampa comigo, por favor — pede ele, prolongando a última palavra como uma criança.

— Não — replico, num tom igualmente infantil. Ele suspira e revira outra vez os olhos.

É a Sasha que nos trai. O Alex chama-a apenas uma vez, ela diz «Pronto, está bem», e vai ter com eles. Fico no fundo da colina a ver como os dois se equilibram desajeitadamente no trenó. Os meus olhos desviam-se brevemente para o Jamie. Está no topo da rampa, a olhar para eles também.

A Sasha grita e o Alex ri-se quando se lançam na descida. Como são dois, não são projetados a tanta distância pelo ar, mas o trenó vira-se quando batem no chão e eles aterram de cara na neve.

Os rapazes aplaudem e riem, e o Alex ajuda a Sasha a levantar-se e sacode-lhe a neve do cabelo.

— Foi divertido! — diz ela. O Alex sorri de orelha a orelha, virando-se para nós.

— Sim, a minha namorada é que é fixe — proclama. A Brooke bufa e revira os olhos para o Noah. A Angie encolhe os ombros. Eu e o Jamie olhamos um para o outro. A sua expressão é suplicante. Trepo pesadamente a colina na sua direção.

— Tens de ir à frente — digo-lhe. O Jamie sorri e imobiliza o trenó com o pé. Sento-me e ele salta para a minha frente. Pega nos meus braços e cerra-os à volta da sua cintura. Por um momento, sinto-me menos nervosa.

— Agarra-te a mim — diz ele.

Inclina-se um pouco para a frente, fazendo avançar o trenó centímetro a centímetro, e nós começamos a voar suavemente. Enterro o rosto no casaco do Jamie. De repente, damos um solavanco. Fecho os olhos com força quando perco o contacto com o Jamie e sinto o meu corpo ser atirado pelos ares. O ar é como gelo na minha garganta quando arquejo. Algo duro e quente atinge a minha cara antes de eu bater no chão. A surpresa supera a dor por um momento, depois apercebo-me de que estou sentada na neve com as mãos crispadas sobre o olho. E dói.

— Autumn, oh, porra! — exclama o Jamie. Ouço a neve ranger quando os outros correm pela colina abaixo na nossa direção. Respiro com força através dos dentes cerrados. Acho que chorar por causa de uma dor física é tremendamente embaraçoso.

— Estou bem — afirmo, sem descerrar o maxilar. É um reflexo, mas sei que não estou a morrer, por isso deve ser mais ou menos verdade. Vários pares de luvas agarram-me, tentam afastar-me as mãos do rosto. Recuo instintivamente, tentando proteger a minha dor. — Não façam isso — protesto. Abro o outro olho para fixar reprovadoramente o meu agressor. O Jamie e a Sasha estão ajoelhados à minha frente, com os rostos inclinados para o meu. Os outros estão atrás deles.

— Tens de nos deixar ver — diz a Sasha. A minha irritação para com ela transfere-se subitamente para o Jamie, por me ter obrigado a descer aquela estúpida rampa com ele. Tenho um momento de fúria. Detesto quando ele me convence a fazer coisas que não quero. Mas depois lembro-me de que ficarei envergonhada se tiver uma

reação emocional. Afasto lentamente a mão do rosto. Tenho de fazer um esforço para lutar contra o instinto de esconder a minha lesão. Todos arquejam bruscamente e ficam a olhar para mim.

— Não é assim tão mau — declaro. Ninguém me responde.

— Uh — faz o Jamie. A Sasha agarra num punhado de neve e tenta pô-la no meu olho. Recuo de novo.

— Oh, pá, Autumn — diz o Alex. — Vais ficar com um olho negro por causa da *cabeça* do Jamie.

— Temos gelo lá dentro — diz o Noah, enquanto eu tento livrar-me dos cuidados da Sasha. — Para de tentar esfregar-lhe neve na cara.

— Temos de lhe pôr alguma coisa — diz o Jamie. — Já está com um aspeto horrível.

— Estou bem — insisto. Levanto-me e eles agarram-me os braços de ambos os lados. Deixo que o Jamie e a Sasha me amparem pela colina acima, com o resto dos nossos amigos atrás de nós como numa procissão, e me conduzam para dentro de casa, onde me fazem sentar à mesa da cozinha. A Brooke parece considerar a cozinha do Noah como território seu; manda-o ir buscar um pano enquanto enche um saco de plástico com gelo. O pano é enrolado à volta do saco e tenho direito a esconder-lhes a minha ferida outra vez enquanto o pressiono contra o rosto.

O Jamie faz-me levantar para poder sentar-se na cadeira e puxar-me para o seu colo.

— Estou bem — digo pela terceira vez.

— Certo, certo, nós acreditamos em ti — diz ele e eu fico aliviada. Ele beija-me, abraça-me e eu gosto disso. Está a começar a escurecer do outro lado da janela. Os outros rapazes trazem os trenós para dentro e falamos de como o meu hematoma vai estar horrível amanhã, quanto tempo irá durar, se valerá a pena tentar disfarçá-lo com maquilhagem. Agora já consigo gracejar e eles acalmam-se. Quando eu e o Jamie partimos, para ele me levar a casa antes de seguirem todos para o centro comercial, o meu olho negro passou a ser uma história humorística em vez de um motivo de preocupação. O Jamie quer que eu diga a toda a gente na escola que foi ele que me fez aquilo para ver as reações dos outros. Acha que vai ser engraçado.

— Mas foste mesmo tu que me puseste o olho negro — observo. Ele para no caminho de acesso à minha casa.

— Eu sei. Essa é a melhor parte — replica, com um sorriso. Franzo o sobrolho e começo a revirar os olhos, mas o movimento faz-me doer. Tiro o saco de gelo para me inclinar e dar-lhe um beijo de despedida. Ele beija-me com doçura, como fez na cozinha à frente dos outros. — Desculpa ter-te magoado, menina bonita. — Aperta-

me a ponta do nariz. Sorrio, saio do carro e aceno-lhe enquanto ele se afasta. Já escureceu e a única coisa que vejo, quando ele chega à estrada, são os seus faróis.

De dentro de casa derrama-se um brilho quente enquanto atravesso a neve em direção à porta das traseiras. Há vozes lá dentro e fico satisfeita por ter as nódoas negras visíveis para explicar o meu atraso. Tiro o saco de gelo da cara e abro a porta.

— Oh, cá está ela... — A voz da minha mãe eleva-se subitamente e dou por mim rodeada de rostos mais uma vez, tal como tinha acontecido na outra cozinha. Os da tia Angelina, do Finny e da minha mãe são os mais próximos. O meu pai e um estranho estão atrás deles, a espreitar por cima dos seus ombros. A minha mãe pega no meu queixo e inclina-o para cima.

— Autumn — diz, numa voz aguda —, o que aconteceu?

— Estávamos a andar de trenó. O Jamie bateu-me...

— O quê? — exclama o Finny. Não grita. Não precisa de o fazer. Os seus olhos semicerrados são o suficiente para me fazer gaguejar as palavras seguintes.

— ...com a cabeça quando apanhámos um alto na neve e caímos.

— Estás bem? — pergunta a minha mãe.

— Estou ótima — assevero.

— Mas como é que tens a certeza? — insiste ela. De repente, o Finny abre caminho para junto de mim.

— Estás tonta? — pergunta. — Tens a visão turva? Vês manchas? — Abano negativamente a cabeça a todas as suas perguntas. — Consegues seguir o meu dedo? — Mexe o dedo indicador de um lado para o outro diante da minha cara. Afasto os olhos dos dele para obedecer ao seu pedido. Ele acena.

— Está bem — diz ele. — E não estás confusa? Sabes quem é toda a gente?

— Sim — replico. — Bem, exceto ele. — Indico o desconhecido atrás do ombro dele. A tia Angelina ri-se.

— Este é o Kevin, o meu namorado — diz ela. — Kevin, esta é a minha afilhada, aparentemente ferida.

— Olá — cumprimento. — Prazer em conhecê-lo. Agora a sério, podem parar de se passar com isto? Aconteceu há mais de uma hora. Claramente não vou morrer de traumatismo craniano nem nada do género.

O Finny vira-se e marcha porta fora. Tê-lo-ei ofendido?

— Vamos arranjar-te um saco de gelo — diz o meu pai. Mostro-lhe o meu saco de plástico.

— Já tenho — respondo. — Estão a ver? Está tudo bem. Estou bem.

Depois de mais alguns minutos de perguntas e especulações, todos recuam e retomam as posições casuais em que deviam estar antes da minha chegada.

A minha mãe examina-me o olho, suspira, depois manda-me sentar e comer guacamole com os outros enquanto ela termina o jantar. Os adultos recomeçam a conversar. Tenho a boca cheia quando o Finny reaparece na sala, por isso não consigo dizer nada quando vejo o que ele tem na mão. Ele abre a porta do congelador e eu engulo apressadamente:

— Finny, isso é a minha meia? — É amarela com macacos a dançar, não pode ser de mais ninguém, mas tenho de perguntar.

— É — diz ele. O seu rosto está escondido pela porta do congelador. Ouço o som de cubos de gelo a baterem uns nos outros.

— Já tenho gelo — digo-lhe.

— Eu sei — replica o Finny. — Já vi. Estou a fazer-te um melhor.

— Então, Finny — começa a dizer o Kevin antes que eu tenha tempo para protestar. Está encostado ao balcão do outro lado da cozinha, a olhar para ele. — Como sabias todas aquelas perguntas que fizeste à Autumn? — Acho que ele está contente por ter algo de que falar com o Finny; parece satisfeito consigo próprio.

— Futebol — responde o Finny. Fecha a porta do congelador e atravessa a sala para abrir a gaveta ao lado do Kevin. — Sempre que um tipo bate com a cabeça, o treinador tem de verificar se há sinais de traumatismo.

— Oh! — faz o Kevin. — Não tinha noção de que o futebol era um desporto violento. Eu jogava futebol americano. O outro futebol parece-me suave. — Sei que ele tocou num ponto sensível para o Finny, mas nada transparece no rosto dele. Deixa passar o passo em falso e estica a minha meia sobre o saco de gelo.

— Foi lá que aprendi isto também — declara. Estica-se por cima da mesa e dá-me o embrulho gelado. — Isso deve ser mais confortável — diz-me. Encosto cuidadosamente o gelo ao rosto. Ele tem razão, a ponta arredondada é muito mais ergonómica e mantém o frio apenas onde é preciso. A meia macia também é agradável.

— Obrigada — agradeço.

— Só deves deixar isso vinte minutos de cada vez — diz ele. — Depois dá um descanso de meia hora à tua pele, para não danificares os tecidos.

A tia Angelina ri-se.

— Pareces um médico, Finn — comenta ela. — Talvez tenhas encontrado a tua vocação.

Fico surpreendida quando o Finny encolhe os ombros. Da última vez que ele e eu falámos sobre carreiras, tínhamos doze anos e ele queria ser jogador profissional de futebol. Joga bem, mas suponho que já deve estar a ponderar outra coisa. Eu continuo agarrada à minha visão de cafés e camisolas pretas de gola alta de quando

andava no quarto ano. Claro que o Jamie não quer mudar-se para Nova Iorque e quer que eu arranje um outro trabalho além de escrever.

O jantar corre suficientemente bem. Não gosto tanto do Kevin como do Craig, o meu namorado favorito, e também do Finny, de quando éramos crianças, mas este também não me dá nenhuma razão em particular para não gostar dele. Pergunto-me o que o Finny pensará, mas é impossível dizer, pois ele é sempre educado.

A maior parte do tempo passa-se com os quatro adultos a conversar e eu e o Finny a ouvir. O Kevin estragou a disposição habitual dos nossos lugares, de maneira que eu e o Finny ficamos sentados lado a lado. Há tanto tempo que não comemos ao lado um do outro que nos esquecemos de que eu tenho de me sentar à sua esquerda: sou canhota e os nossos cotovelos batem constantemente um no outro. É embaraçoso e tento não prestar atenção a isso, mas gosto de o sentir assim perto.

Depois do jantar, o meu pai vai buscar o vinho do Porto, e eu e o Finny somos dispensados para irmos ver televisão. Deixamos os adultos a rir-se quando saímos da sala de jantar. Todos os outros parecem gostar do Kevin. Eu e o Finny optamos por uma comédia e ficamos a ver em silêncio. Dantes, estaríamos a decidir por que motivo detestávamos o Kevin. Por regra, não gostávamos dos namorados; o Craig foi a única exceção.

Passada uma hora, vou à cozinha encher a meia com gelo. Enquanto o faço, debato-me com uma sensação persistente de que havia algo na gaveta das meias que não queria que o Finny visse. É estranho perceber que ele ainda se sente suficientemente à vontade para ir ao meu quarto buscar uma coisa minha, mas, por outro lado, acho que faria o mesmo por ele se estivesse magoado.

O Finny fita-me quando regresso à sala.

— Então, isso doeu? — pergunta. Sento-me ao lado dele, deixando um metro de espaço entre nós. Não cedo à vontade de me sentar mais perto. É assim que eu e o Finny nos sentamos agora.

— Sim — confesso. — Muito.

— Deixa-me adivinhar. Não choraste e não disseste a ninguém como doía?

Abano a cabeça:

— Chorar é embaraçoso.

Ele sorri:

— Mas se aparecer aquele anúncio dos cartões de boas-festas com a velhota, ficas toda lacrimosa — comenta. Encolho os ombros e cubro a cara com o saco de gelo.

— Esse anúncio é tão triste — replico.

— Tem um final feliz — argumenta ele. Encolho outra vez os ombros. Ficamos em

silêncio. É o Finny que fala primeiro, quando afasto o gelo do olho passados vinte minutos, para não danificar os tecidos.

— Não me parece que esteja tão mal como há bocado — diz ele.

— A sério? — pergunto. Apalpo gentilmente o meu rosto. O inchaço diminuiu, mas não sei que aspeto tem.

— Sim — assevera ele. — O gelo está a fechar os capilares, mas a pisadura vai estar pior amanhã.

— Talvez devesses ser médico — observo.

O Finny encolhe os ombros, como tinha feito há bocado.

— Na verdade, tenho estado a pensar nisso — confessa.

— Ena! — exclamo. — Só esta noite ou... — A minha voz extingue-se quando começo a pensar a sério nisso. Faz sentido. O estoico e calmo Finny, que detesta ver alguém sofrer, mesmo os vermes na rua.

— Há uns meses que penso nisso, mas não sei. Nem todos descobrem o que querem ser durante a Semana das Profissões, no quarto ano. — Faz um sorriso carinhoso e eu tenho de desviar o olhar.

— Bem, vou ter de descobrir algo mais prático do que isso — digo-lhe.

— Porquê? — pergunta ele. — És boa.

— Nunca leste nada escrito por mim — comento. Levanto o olhar de novo para ele. O seu comportamento é estranho. Não me lembro da última vez que ele se tinha metido comigo ou sorrido para mim assim.

— Li a história que escreveste no sexto ano — refuta ele. — Era boa.

— Isso foi no sexto ano.

O Finny encolhe os ombros para me mostrar a pouca importância desse detalhe.

— Devias ser escritora — declara. — Hás de encontrar maneira de o conseguir.

— Seria pedir demasiado ao Jamie que me sustentasse para eu poder escrever. Quer dizer, vamos ter filhos e uma casa e isso tudo.

O Finny franze a testa. A televisão está completamente esquecida. Já nem sei o que está a passar no ecrã.

— Achas que vais casar com ele?

Não gosto da maneira como está a olhar para mim agora, com os olhos semicerrados como tinha feito na cozinha. Baixo novamente o rosto e cravo os olhos no sofá.

— É o que queremos — respondo. — Sabemos que somos muito novos, mas não podemos imaginar sequer a ideia de nos separarmos.

Faz-se um silêncio que me assusta tanto como se ele me tivesse gritado. Levanto mais uma vez o olhar. Ele está a olhar para mim. Deve achar que sou esquisita por

dizer que vou casar com o meu namorado do liceu. Sinto um rubor quente espalhar-se pelas minhas faces.

— Ama-lo realmente dessa maneira? — Faço que sim com a cabeça. — Hum. — Ele vira o rosto para a televisão, mas continua a falar: — Então, o que vais fazer? Quero dizer, se não vais escrever?

— Pensei em ir para o ensino — digo-lhe. A minha voz eleva-se esperançosamente na última palavra. Percebo que quero a sua aprovação. Ele franze a testa, mas não olha para mim.

— Isso não me parece teu — declara.

— Porque não? — pergunto, demasiado depressa. — Podia ensinar inglês como o Sr. Laughegan.

O Finny abana a cabeça:

— O ensino é demasiado... — O vinco na sua testa aprofunda-se. — Ensinar é demasiado *normal* para ti, Autumn — diz ele. Encolho os ombros e viro-me também para a televisão. Quando ele volta a falar, a sua voz é tão baixa que não tenho a certeza de que quisesse que eu o ouvisse.

— Não parece nada teu — murmura. — Ensinar, uma casa, filhos. O que é feito das golas altas e dos cafés?

— Isso era um sonho — replico. — Tenho de aceitar a realidade.

Aceitar quando as coisas são o melhor que alguma vez podem ser, acrescento mentalmente. Não o digo em voz alta, mas não importa. Ficamos a ver televisão sem mudar de canal, nem falar. Quando ele e a mãe se vão embora com o Kevin, passada uma hora, o Finny só me diz um adeus rápido por cima do ombro. Não levanto o olhar para o ver sair.

Mais tarde, no meu quarto, lembro-me do que não queria que o Finny visse na minha gaveta das meias: a nossa fotografia emoldurada, que eu tinha escondido na gaveta de cima no ano passado, antes de o Jamie vir cá a casa pela primeira vez. Tinha-a enterrado no fundo da gaveta e praticamente não a tinha visto desde esse dia. Agora está em cima da cómoda, centrada como se estivesse em exposição. Olho para ela, hesitante. O meu olhar demora-se nos nossos sorrisos fáceis, nos braços que envolvem os ombros um do outro.

Pego na fotografia e enterro-a outra vez. Fecho a gaveta com ambas as mãos. Não posso dar-me ao luxo de o ter como amigo.

VINTE E SETE

Claro que o meu olho negro dá brado na escola, na segunda-feira. Chego a uma solução de compromisso com o Jamie, contando a história como tinha contado acidentalmente na cozinha, de modo a permitir que todos tenham a impressão errada por uma fração de segundo. Quando o Alex está presente, encarrega-se dos esclarecimentos com uma narração detalhada do acidente visto de fora; a maneira como ele descreve o choque entre mim e o Jamie é quase poética:

— ...e então, enquanto rodopiavam pelo ar, a cabeça do Jamie ressaltou para trás justamente quando a Autumn começava o movimento descendente, e colidiram um com o outro com um estrondo que parecia duas rochas a bater. — Abre as mãos, depois esmaga-as uma na outra à laia de demonstração e o seu público ri apreciativamente.

Quando o hematoma começa a desaparecer, já toda a gente ouviu a história e já ninguém me faz perguntas a esse respeito. Agora só querem dizer-me como está melhor. Tenho uma atualização acerca do estado do meu olho de hora a hora, mas cada colega acha que é a primeira pessoa a dizer-me isso, tal como, na terça-feira, todos me perguntaram se tinha escolhido a tiara roxa para condizer com o meu hematoma. Sorrio e agradeço, mas na sexta-feira já estou farta de falar do meu estúpido olho negro.

É na sexta-feira que encontro a Sylvie na casa de banho.

Estou a lavar as mãos quando ouço uma porta aberta atrás de mim. Olho instintivamente para cima e vejo o reflexo dela atrás de mim no espelho. Mantenho-me deliberadamente inexpressiva e concentro-me nas minhas mãos enquanto as lavo. É entre duas aulas e não está mais ninguém aqui.

— Olá, Autumn — diz ela. Olho para o seu reflexo, na defensiva. Não sei o que ela pode querer de mim. Hoje o Finny está na escola.

— Olá — respondo. Ela sorri-me. Estou demasiado surpreendida para retribuir a cortesia.

— O teu olho está com muito melhor aspeto — diz ela.

— Pois está, obrigada. — Estou confusa e receosa de que isto seja algum tipo de armadilha. Pergunto-me se terá sido assim que ela se sentiu quando me dirigi a ela no 4 de Julho, só que nessa altura ninguém andava a roubar mesas ou a tentar espalhar boatos de gravidez. Nem a magoar o Finny. Viro as costas e puxo uma

toalha de papel do rolo. Ela suspira.

— Olha — diz ela —, estou a tentar ser amigável. — As minhas mãos imobilizam-se por um segundo.

— Oh! — exclamo. Apesar de, na escola, os seus amigos serem reconhecidos mais ou menos publicamente como nossos inimigos, as convenções sociais do mundo em geral impedem-me de acrescentar o que tenho vontade de dizer: «*Porquê?*»

Mas ela parece compreender os meus pensamentos:

— Foi o Finn que me pediu — explica.

— Certo. — Mais uma vez, a minha resposta não reflete os meus pensamentos; mais uma vez, apetece-me perguntar-lhe porquê. Mas desta feita, ela não responde à minha pergunta não formulada.

— Portanto... — diz ela. Quer que eu diga alguma coisa. Os nossos olhares encontram-se outra vez no espelho.

— Podemos ser amigáveis — acedo. *Se é o que o Finny quer*, penso para comigo.

A Sylvie sorri. Arqueio um canto da boca em resposta. Estou demasiado confusa para conseguir muito mais. Saio enquanto ela abre a torneira para lavar as mãos. Nenhuma de nós se despede.

Ao almoço, enquanto nos agrupamos protetoramente à volta da nossa mesa redonda, conto ao Jamie e aos outros o que aconteceu com a Sylvie na casa de banho. Tentamos adivinhar o que aquilo poderá significar, mas eles estão tão perplexos como eu. Claro que, como não lhes disse que tinha sido o Finn a pedir-lhe para ser simpática comigo, eu é que tenho culpa por ninguém ter adivinhado a resposta. Talvez se lhes tivesse contado toda a verdade, eles tivessem percebido o motivo por que a Sylvie estava a ser simpática para comigo. Mas não o fiz, pelo que só quando entrei na aula do Sr. Laughegan é que tudo passou a fazer sentido.

O Finny e a Sylvie estão novamente juntos. Ela está sentada na mesa dele, de frente para ele, a conversar com os dedos entrelaçados. Dirijo-me para a mesa do Sr. Laughegan e sento-me. Ele está outra vez a ler Dickens, *Dombey & Filho*. Pego no livro e finjo ler.

«A tentar ser amigável», disse ela. É a mesma palavra que o Finny usou quando lhe dei o cartão dela no Dia dos Namorados. Perguntou-me se ela tinha sido amigável comigo.

Fico surpreendida por o meu coração dar um salto quando me apercebo de que ele não gosta que a namorada se ria de mim ou espalhe boatos a meu respeito.

A Sylvie ri-se e não consigo deixar de olhar para eles pelo canto do olho. Ela parece feliz e não posso negar que o mesmo se passa com ele.

Então ela beija-o. E eu começo a ler.

VINTE E OITO

No último dia de aulas, tenho medo de chorar quando me despedir do Sr. Laughegan. Sei que, se o fizer, ninguém, nem os meus amigos nem os do Finny, me deixará esquecê-lo.

— Vemo-nos no próximo ano, na minha aula de Escrita — diz-me o Sr. Laughegan.

— Assim espero — replico. — Sei que há muita concorrência para entrar.

— Vais entrar — diz ele rapidamente. Tomo aquelas palavras como uma promessa.

No primeiro dia de verão, acordo e espreguiço-me na cama, sentindo todos os meus músculos e articulações. Ainda é cedo, passa pouco das sete, mas o sol brilha na minha janela. Sento-me e esfrego os olhos. Nos últimos dias, tenho andado com uma ideia para uma história na cabeça e, de repente, este parece o momento perfeito para escrever. Não sei onde a história começa, mas sei o que quero que aconteça.

Como a maioria das minhas histórias, vai acabar tragicamente.

Sento-me à minha mesa de trabalho, sem comer nem lavar os dentes. Hesito por um momento, depois escrevo a primeira frase:

No dia em que o Edward morreu, deixei cair uma jarra de tulipas ao subir a escada.

Começo a descrever as tulipas, vermelhas, e a jarra de porcelana branca estilhaçada contra a madeira escura da escada. Ainda não sei qual é o significado das tulipas, mas há de me ocorrer.

Às dez horas, tenho um rascunho. Cinco páginas. Estou satisfeita comigo própria. A narradora foi a assassina acidental; a culpa deixou-a à beira da loucura e eu volto à primeira imagem: as flores vermelhas de sangue, a inocência estilhaçada da jarra branca.

A minha mãe está a ler o jornal na cozinha quando desço a escada. Olha para mim por cima das folhas de papel.

— De bom humor? — pergunta.

Aceno com a cabeça:

— É o primeiro dia de verão e já matei uma pessoa.

— Numa história?

— Hum-hum.

— Ah. — Ela retoma a leitura. O telefone toca e eu atendo.

— Autumn? — diz a voz da tia Angelina.

— Olá, vou chamar a mãe.

A minha mãe levanta o olhar.

— Não, para dizer a verdade, Autumn, era contigo que eu queria falar.

— Oh. — A primeira coisa que me passa pela cabeça é que aconteceu alguma coisa ao Finny.

— Vou despejar a minha sala de aula hoje e o inútil do meu filho roeu-me a corda. Achas que podes ajudar-me? Farei com que valha a pena.

— Oh, com certeza — acedo. Há muito tempo que não entro na nossa escola primária. Tenho curiosidade, além de que passar um bocado com a tia Angelina pode ser divertido.

— A sério? Podes cá estar daqui a um quarto de hora?

— Na boa — respondo. Ela agradece-me e reitera a promessa de fazer com que valha a pena.

— O que foi? — pergunta a minha mãe.

— A tia Angelina precisa de alguém que a ajude a despejar a sala de aula — explico.

— Onde está o Finny?

Encolho os ombros. Não parece do Finny, faltar a uma combinação com a mãe, mas não me senti à vontade para perguntar porquê. Tenho medo de que alguém suspeite da frequência com que penso no Finny. Tento sempre não mostrar demasiado interesse, por uma questão de precaução.

O Finny abre a porta das traseiras quando bato. O seu rosto está inexpressivo; não parece admirar-se por me ver e, apesar de eu ter a certeza de que a minha surpresa me transparece na cara, ele não reage à minha expressão.

— Oh, olá. Pensava que tinhas saído — digo-lhe.

— Estou a sair — replica ele. A voz dele é tão inexpressiva como o seu rosto. A tia Angelina entra na sala com uma pilha de pastas e sacos de lona.

— Quanto tempo vais demorar? — indaga ela.

— Não sei — diz o Finny. — Passarei por lá se puder. Desculpa.

— Está tudo bem, miúdo, põe-te a andar.

— Adeus — diz o Finny. Passa por mim e sai pela porta das traseiras. Desce os degraus em passo rápido. Olho para a tia Angelina. Não tencionava perguntar nada, mas a minha expressão deve ser bastante clara. Ela sabe que conheço o Finny suficientemente bem para ver quando algo está errado.

— Ele não disse — diz ela —, mas é algo com a Sylvie.

— Oh. — Espero que o meu rosto e a minha voz não deixem transparecer mais nada. A tia Angelina entrega-me algumas das suas coisas e saímos juntas. Olho para o sítio onde o Finny costuma estacionar, embora saiba que ele não está lá. Não falamos enquanto metemos as coisas no porta-bagagem e saímos do caminho de acesso. O trajeto até à escola é curto. Em menos de um minuto, estamos apenas a poucos quarteirões do nosso destino.

— Então, o Finny disse-me que estás a pensar ir para o ensino — observa a tia Angelina. Encolho os ombros, depois aceno com a cabeça.

— Tenho de fazer algo prático — replico. — Acho que é capaz de ser divertido.

— E é — diz ela. Vira à esquerda para a rua lateral ao lado da escola. — Mas é preciso muita dedicação. — Não respondo. Ela estaciona o carro e desliga o motor. — Mas tens tempo para decidir — conclui.

Descarregamos o carro e entramos pela porta lateral da escola onde eu e o Finny andámos. É um edifício antigo, da década de 1920, de tijolo escuro, tetos altos, janelas compridas e estreitas em todas as paredes. Sempre que vejo ou ouço a palavra «escola», este edifício é a imagem que me vem à cabeça.

Quando atravesso o limiar, penso que já não tenho assim tanto tempo para decidir. Quando frequentava as aulas aqui, tudo parecia possível. Ir viver para longe e escrever livros não parecia um sonho; parecia um plano. Aos dez anos, não pensava que querer ser escritora era inviável. Querer ser uma princesa pirata era inviável e eu tinha posto esse sonho de lado.

Mas agora sou mais velha e percebo que uma carreira assente em mais nada além de escrever histórias o dia inteiro é tão provável como casar com o príncipe pirata dos meus sonhos. Fiz a minha pesquisa: publicar é quase impossível e, entre os poucos que conseguem, apenas uma pequena parte tem condições para viver do seu trabalho. Se fosse só por mim, podia servir à mesa durante o dia, escrever a noite toda e ser feliz.

Mas agora o Jamie quer comprar uma casa e ter filhos comigo. Diz que sou perfeita. Que sou tudo o que ele quer. Não posso desiludi-lo.

A tia Angelina abre a porta da sala de aula e entramos. Agora percebo porque me quis a mim e não à minha mãe. A sala de aula é ainda mais desorganizada e cheia de vida do que a casa dela. Há um mural meio acabado na parede, mural esse que estava um quarto acabado quando nós saímos desta escola, há quatro anos. Impressões de obras de artistas famosos e obscuros forram as outras paredes e cobrem todo o teto. Os parapeitos das janelas estão pejados de esculturas e diversas peças de arte tridimensionais. Na mesa dela há uma jarra assimétrica cheia de flores feitas de papel de jornal. Sei, porque lhe perguntei há anos, que é um jornal do dia em que o Finny

nasceu. Na parede atrás da mesa está o único trabalho artístico emoldurado: um desenho que fizemos em conjunto no terceiro ano, de uma paisagem repleta de unicórnios, bolas de futebol, explosões e cachorrinhos.

As bolas de futebol e as explosões estão muito mais bem desenhadas do que os unicórnios e os cachorrinhos; o Finny desenhou sempre melhor que eu. Apesar disso, eu adorava as aulas de arte. Todos os anos a tia Angelina preparava o seu esquema de lugares de maneira que ficássemos sentados juntos na mesa do canto, que era a mais pequena e só tinha lugar para dois. A maioria dos nossos outros professores achava que eu e o Finny estávamos demasiado focados um no outro e queriam que fizéssemos outros amigos, pelo que nos sentavam muitas vezes em lados opostos das salas de aula. Mas essa técnica nunca resultou.

— Se puderes começar a embrulhar as esculturas que estão na janela — diz a tia Angelina —, eu tenho de arrumar esta secretária. — Suspira e olha para as pilhas de papel que se espalham sobre toda a superfície do tampo. Vamos ficar aqui um bom bocado.

Da janela avisto a colina onde eu costumava sentar-me a ler enquanto o Finny jogava *kickball* ou futebol com os outros rapazes. Não me importava que ele brincasse com os outros durante aquela meia hora. Eu queria sempre ler no recreio e estaríamos juntos depois das aulas.

Às vezes, pousava o meu livro e ficava a vê-lo jogar. Tentava enviar-lhe mensagens mentais, como «Olha para cima» ou «Bom pontapé». Estava convencida de que ele as ouvia, porque às vezes olhava para mim e sorria. Mas nunca falei das nossas conversas telepáticas secretas. Sabia que se falássemos sobre isso em voz alta, a magia deixaria de funcionar.

A tia Angelina liga o rádio. Embrulho as esculturas em papel de seda e guardo-as nos sacos de lona. A tia Angelina trauteia com a música. Penso na história que comecei esta manhã. Estou orgulhosa dela. Vou imprimi-la esta noite e dá-la ao Jamie amanhã.

Só o tampo da mesa está limpo quando termino: as gavetas estão todas abertas, a transbordar de fichas. Começo a tirar os cartazes das paredes, sem precisar que ela me peça para o fazer. Formo uma bola azul de pasta adesiva, que vai ficando cada vez maior com o passar dos minutos. Limpo uma parede de cada vez, pondo-me de pé numa cadeira quando os cartazes estão demasiado altos para mim. A tia Angelina suspira quando estou quase a terminar.

— Autumn — diz ela —, se não fosses tu, eu ia passar aqui o dia todo. Obrigada.

— Na boa — respondo. — É divertido estar aqui.

— Devias ir falar à Sra. Morgansen antes de sairmos. Ela ainda pergunta por ti.

— Talvez — replico. A ideia de ir ver a minha professora favorita intimida-me. Não sei de onde vem esse sentimento. Arranco o último cartaz da parede e faço-o deslizar para a pasta. A bola de pasta adesiva está quase tão grande como o meu punho. Atiro-a ao chão, mas, em vez de saltar, a bola agarra-se ao linóleo com um som surdo.

— Raios — murmuro. Inclino-me para a apanhar e pousar na mesa mais próxima.

— Certo — diz a tia Angelina. Larga uma pilha de livros e papéis no tampo da secretária. O caixote do lixo está a transbordar. — Se puderes tirar os cartazes do teto, eu despejo os armários e podemos começar a levar as coisas para o carro.

— Fixe — replico. Salto para uma das mesas e começo a arrancar tachas do teto. Uma canção familiar começa a dar na estação especializada em velhos êxitos e começamos as duas a cantar. Oscilo o corpo ao ritmo da música e sorrio de orelha a orelha.

— Sempre quis fazer isto.

— Fazer o quê? — pergunta a tia Angelina.

— Dançar em cima destas mesas. Sempre que cá estava, imaginava isso.

Ela sorri e aumenta o volume do som. Recomeçamos a cantar. A música seguinte é outra favorita. Danço à volta da mesa, com os braços levantados acima da cabeça, enquanto arranco cada cartaz do seu lugar. Até invento um movimento especial para quando preciso de me inclinar para pousar os cartazes na mesa.

Só quando o rádio muda para uma canção lenta é que ouço o riso baixo dele atrás de mim.

— Eis o meu filho desaparecido! — diz a tia Angelina.

— Desculpem o atraso. — O Finny está a olhar para nós da porta, com as mãos nos bolsos, a cabeça inclinada para o lado e os cantos da boca a tremularem. Apetece-me fazer-lhe uma carranca por estar a rir de mim, mas estou demasiado aliviada por ele parecer outra vez feliz.

— Dava para vos ouvir do fundo do corredor — comenta ele.

— A Autumn está a realizar um sonho de infância — diz a tia Angelina.

— Sim, lembro-me disso — diz o Finny. Transpõe o limiar e olha da minha cara para a da mãe. — O que posso fazer?

— Faz qualquer coisa útil com essa tua altura ridícula e tira os cartazes a que a Autumn não consegue chegar — responde a tia Angelina. O Finny já tem mais de um metro e oitenta. O futebol e o atletismo impediram-no de se tornar escanzelado enquanto crescia continuamente ao longo do inverno. Continua tão esbelto e levemente musculado como antes. A tia Angelina gosta de se queixar do muito que ele come.

A minha dança acabou. Trabalhamos os três em silêncio enquanto o rádio continua a bombar. Mesmo alto como é, o Finny precisa de uma cadeira para chegar ao teto. Passo para outra mesa e ele tira todos os cartazes no meio. Entre os dois, terminamos novamente antes da tia Angelina.

— Pronto — anuncia o Finny. Arrasta a cadeira pelo chão e repõe-na no sítio. Eu deixo-me ficar em cima da mesa; ainda não estou pronta para prescindir do meu sonho.

— Vão cumprimentar a Sra. Morgansen — diz a tia Angelina. — Vi o carro dela chegar há bocadinho.

— Está bem — anui o Finny. Olha para mim. Encolho os ombros num gesto de assentimento e salto da mesa a pés juntos. Os meus ténis aterram sonoramente no linóleo.

Caminhamos lado a lado pelo corredor. O som do rádio vai-se desvanecendo atrás de nós e, quando chegamos à escada, o edifício fica estranhamente silencioso de repente; todas as minhas memórias deste sítio são muito mais ruidosas. O corrimão de madeira é liso e familiar sob a minha mão. Eu sonhava dançar nas mesas da sala de artes, escorregar por estes corrimões e subir aos topos das estantes da biblioteca. Adorava tanto estar aqui que nem me apercebia de que adorava. Apesar de ansiar pelo verão, chorava sempre no último dia de aulas. Ontem não chorei.

E claro que os outros miúdos achavam que eu era esquisita por gostar da escola, mas isso era apenas mais uma estranheza entre as muitas por causa das quais o Finny tinha de me defender.

Olho-o cautelosamente, especulando sobre o que ele estará a pensar, se as suas memórias serão tão felizes como as minhas. Com toda a certeza, eu devia ter-me sentido uma proscrita aqui, uma pária, e o Finny devia ter sido o rapaz popular que é agora. Eu não o fui por causa dele e ele não o foi por minha causa.

O Finny vira o rosto para mim e apanha-me a olhar para ele. Fixo os olhos em frente e ele não diz nada.

À porta da sala da Sra. Morgansen, ele bate e sorri suavemente através do vidro. Ouço um arquejo sobressaltado do outro lado. Desvio-me quando o Finny abre a porta.

— Phineas! — Ouço a voz familiar da professora chamar antes de a ver. — Estava a contar ver-te hoje.

— Claro — diz o Finny. O prazer dela em vê-lo faz com que um rubor muito leve se espalhe pelas faces dele. A nossa professora favorita inclina-se para o abraçar através do limiar da porta e eu vejo-a pela primeira vez em anos. Parece um pouco mais velha, como se estivesse a passar da meia-idade para o limite do escalão dos

idosos. Apesar disso, reconheço instantaneamente o alfinete que lhe adorna a blusa e o aroma do seu perfume. Ela vê-me quando larga o Finny. Sinto uma pontada dentro de mim durante a fração de segundo de confusão nos olhos dela, depois o seu sorriso alarga-se.

— E trouxeste a *Autumn* — diz ela. Os seus braços transferem-se rapidamente para mim e eu sinto uma onda de alívio alastrar por todo o meu corpo. Receava que ela recuasse perante a adolescente de tiara e calças de ganga rasgadas que eu sou agora, que o seu afeto por mim fosse reservado à menina bonita que eu era outrora.

— Venham e sentem-se — diz ela. Conduz-nos para dentro da sala de aula, meio desarrumada, meio familiar. Puxa uma cadeira e faz sinal para nos sentarmos também. As mesas e as cadeiras parecem um pouco pequenas. — Agora contem-me o que têm andado a fazer — diz ela. Olha para nós com uma expressão expectante. Eu e o Finny trocamos um olhar, tal e qual como fazemos quando somos encurralados pelas Mães.

— Não tenho feito grande coisa — respondo.

— Ganhaste aquele concurso de poesia — diz o Finny. Encolho os ombros.

— Isso não é grande coisa — replico.

— Claro que é — objeta a Sra. Morgansen. — Embora não me surpreenda.

— Foi só a nível interno na escola — explico. — Escolheram um de cada ano e imprimiram-nos no anuário. Nada mais.

— Mas também ganhaste o prémio geral — diz o Finny. — Ela venceu os finalistas.

— Não foi nada de mais — insisto, porque não foi mesmo. Os poemas dos outros vencedores variavam entre banais a clichês; não era uma concorrência difícil de derrotar.

A Sra. Morgansen ri-se.

— Bem, vocês os dois não mudaram nada — declara. Franzo a testa, sem ter dado permissão ao meu rosto para o fazer. Ela não repara. — A tua mãe disse-me que começaste a praticar atletismo esta primavera — acrescenta ela, dirigindo-se ao Finny.

Ele conta-lhe da medalha de bronze que a equipa conquistou nos campeonatos regionais. Não diz que isso era algo com que nunca podiam sequer sonhar antes de ele se juntar à equipa. Eu não estava a ser modesta, mas ele está. Enquanto o ouço, deixo o meu olhar vaguear pela sala. Sei que é impossível que todos os dias que aqui passei tenham sido felizes, mas é assim que me lembro deles.

O soco do Finny na barriga do Donnie Banks acabou efetivamente com qualquer provocação por parte dos rapazes. Onze anos foi a idade em que todas as raparigas

decidiram ter paixonetas pelo Finny, e todas sabiam que ser desagradável para mim não as levava longe. Não que essa contenção lhes tenha servido para alguma coisa. O Finny nunca se interessou por raparigas. A única rapariga por quem, tanto quanto sei, ele alguma vez alimentou sentimentos foi a Sylvie Whitehouse. Volto a franzir a testa e a tentar perceber, pela milésima vez, como é que o Finny, que é devotado à sua mãe, nunca tem uma palavra má para ninguém e que todos os invernos limpa a neve na entrada da casa da velhota do outro lado da rua, recusando-se a aceitar um dólar que seja por isso, pode estar apaixonado por uma rapariga conhecida pelos seus excessos embriagados e pela sua mente suja.

— É tão bom vê-los aos dois — diz a Sra. Morgansen, e a minha mente volta ao presente. — E é bom saber que ainda são tão bons amigos.

Eu e o Finny trocamos um olhar, para logo desviarmos rapidamente os olhos. As faces dele já estão a ficar de um cor-de-rosa profundo. Não pudemos propriamente corrigi-la.

— Ou — pergunta ela — são mais do que só amigos?

O Finny fica vermelho como um pimentão.

— Não — respondo. Fito-a e abano a cabeça: — Não, não, não. — Pela expressão sobressaltada dela, ocorre-me que a minha negativa talvez tenha sido demasiado veemente para ser bem-educada. — Estou com o meu namorado há quase dois anos, bem, faz dois anos no fim do verão. Por isso, não.

— Estou a ver — diz ela. — E como é que ele é?

— É o quinto da nossa turma — respondo. O Finny é o terceiro. — E é muito bom para mim.

— Bem, isso eu já sabia — comenta ela. — Caso contrário, o Finny não o deixaria chegar perto de ti. — Sorri e eu simulo uma gargalhada. O Finny não diz nada. — Na verdade, Phineas — continua a Sra. Morgansen —, acho que a tua mãe disse alguma coisa sobre ti e uma namorada da última vez que lhe perguntei por ti.

— Oh, sim — diz o Finny. Levanta-se. — Por falar na mãe, é melhor irmos andando. Temos de ajudar a carregar o carro.

Somos novamente abraçados. Prometemos voltar um dia destes. A Sra. Morgansen diz-me para lhe enviar alguns dos meus poemas e eu, envergonhada, tento levar o assunto a rir. O Finny fecha a porta atrás de nós e rumamos de novo à escada. Penso nas memórias que a Sra. Morgansen tem de nós. Claro que não teria motivos para pensar que seríamos algo que não os mais chegados dos amigos. Quando me permito lembrar-me de como éramos, é difícil acreditar que as coisas pudessem mudar tão depressa.

Penso em como a Sra. Morgansen disse que não tínhamos mudado e penso na

rapariga que eu era quando andava nesta escola. Quero que isso seja verdade. Não quero ser muito diferente dela.

— Vou fazê-lo — digo ao Finny quando chegamos à escada. Paramos os dois.

— Vais fazer o quê?

— Escorregar pelo corrimão — declaro. Agarro-me ao corrimão com ambas as mãos e passo a perna para o outro lado.

— Espera — diz o Finny. — Deixa-me chegar lá abaixo para te apanhar se caíres.

Reviro os olhos enquanto ele desce apressadamente os degraus.

— És ridículo — brado-lhe. A minha voz ressoa pelo corredor.

— Tens uma tiara na cabeça e estás escarranchada num corrimão — replica ele. Cedo-lhe a vitória e espero até ele estar a postos lá em baixo.

Devem ter acabado de encerar a madeira: voo pelo corrimão e tenho de me segurar com força para não me estatelar no chão. O Finny agarra-me no cotovelo, mas eu consigo endireitar-me rapidamente e ele deixa cair a mão.

— De facto, isso até pareceu divertido — diz ele.

— E foi — replico. A tia Angelina cambaleia para o corredor sobraçando um vaso com uma árvore que é claramente demasiado pesado para ela. O Finny apressa-se a tirar-lho das mãos e, entre os três, carregamos rapidamente o carro.

— Podes vir almoçar connosco ou vais ter outra vez com a Sylvie? — indaga a tia Angelina quando acabamos. O rosto do Finny volta a ficar inexpressivo, como de manhã:

— Tenho de voltar — responde num tom neutro.

— Está bem — diz ela. Estica-se em bicos de pés para lhe dar um beijo na face. — Obrigada por teres vindo ajudar.

— Claro — diz ele. — Até logo. — Lança-me um olhar breve e dirige-se para o seu carro vermelho, estacionado do outro lado da rua.

No restaurante próximo, a tia Angelina fala comigo sobre os meus planos para o verão e a nossa visita à Sra. Morgansen. Conto-lhe que escorreguei pelo corrimão e que o Finny ficou no fundo da escada para me apanhar. Ela ri-se.

— Às vezes, vocês os dois são tão previsíveis — observa, lembrando-me outra vez o comentário da Sra. Morgansen. Falamos de outras coisas durante o resto do almoço e só quando estamos a voltar para o carro é que ela volta a falar do Finny.

— Suponho que ele não te disse o que se passa com a Sylvie? — pergunta. Abano a cabeça. — Pois, suponho que não esperava que tivesse dito. — E muda novamente de assunto.

VINTE E NOVE

Estamos deitados na relva a olhar para as estrelas como personagens num livro infantil. Surgiu naturalmente, sem qualquer intenção de ser giro, por isso não me importo.

É o quintal da Brooke e o chão é nivelado e macio, revestido com a relva cara que é a obsessão do seu pai. Com a mão que não está agarrada à do Jamie, acaricio as lâminas frescas e exuberantes com os dedos. Os outros estão espalhados por ali. Estávamos a rir-nos de algo que os rapazes tinham dito, mas nos últimos minutos fez-se silêncio, aquele tipo de silêncio que nos faz sentir mais próximos das pessoas com quem estamos. Consigo ouvir a respiração de toda a gente, embora não consiga identificar ritmos individuais além do do Jamie. Alguém, talvez a Brooke, solta um suspiro feliz.

— Então, qual é o sentido da vida? — diz a Angie.

— Ser feliz — responde o Jamie imediatamente.

— A sério? — diz o Noah. — Estava a pensar que seria fazer o bem ou algo assim.

— E eu estava a pensar que era ter orgasmos — interpõe o Alex. Ouve-se um som que presumo ser a Sasha a bater-lhe.

— Isso não é o mesmo que ser feliz? — pergunta a Brooke.

— Bem, é só um tipo de felicidade — diz o Jamie. — Refiro-me a ter muitos tipos *diferentes* de felicidade.

— Mas não achas que devemos tornar o mundo melhor? — insiste o Noah.

— Claro que sim — diz o Jamie. — Isso é outro tipo de felicidade.

— Hum — faz a Angie.

— Estou a ver isso — diz a Sasha.

— Acho que é apenas amar alguém antes de morrermos — opina a Brooke.

Somo tudo o que mais quero na vida: escrever o máximo que puder, ler tudo, as vagas impressões de maternidade que sinto em mim, ver a aurora boreal e o Cruzeiro do Sul. E outros desejos em que não me permito pensar muito, porque já resolvi essa parte da minha vida.

Tento encontrar a súmula de todas essas coisas:

— Acho que devemos experimentar o máximo de beleza possível.

— Isso não é o mesmo que felicidade também? — diz o Jamie. Abano a cabeça. A relva repuxa-me o cabelo.

— Não, porque, às vezes, as coisas tristes são belas — explico. — Como quando alguém morre.

— Isso não é bonito. Isso é uma treta — declara o Jamie.

— Não estás a perceber o que quero dizer — objeto.

— Os orgasmos podem ser belos — diz o Alex.

— Sim, podem — respondo. Apesar de nunca ter tido um orgasmo que possa ser descrito como belo, concordo com a ideia. — E fazer o mundo melhor seria belo também.

— Mas não estamos aqui para sofrer — diz o Jamie.

— Não penso assim — digo eu.

— Mas achas que estamos aqui para experimentarmos coisas belas e achas que a tristeza é bela?

— Pode ser — insisto.

— Não pensei que esta discussão fosse tornar-se tão séria — comenta a Angie. — Pensei que iam todos fazer piadas.

— Eu tentei — diz o Alex.

— Não achas mesmo que coisas tristes podem ser belas? — pergunto enquanto o Jamie me leva a casa. Ele não é superficial; com certeza já sentiu aquilo a que me refiro. A música preferida dele estava a dar no rádio quando entrámos no carro e não me foi permitido falar até agora. Fui pensando em exemplos para o fazer compreender. O Jamie não tira os olhos da estrada, não olha para mim.

— Não — diz ele. — É só que tu és esquisita.

— Porque é que isso faz de mim esquisita? — pergunto. Esqueço momentaneamente os meus argumentos e exemplos. — Só porque penso algo diferente de ti, não passo a ser esquisita.

— Aposto que se fizéssemos uma sondagem, toda a gente concordaria comigo.

— Isso não faz com que tenhas razão — objeto. — Além de que tu defendes não se ser como toda a gente.

— Não se trata de ser *como* toda a gente. Quando alguém morre, é mau — afirma o Jamie. — Isso é uma coisa que toda a gente *sabe*.

— Não estás a perceber — digo-lhe.

— Estou, sim — diz ele. Vira para o caminho de acesso de minha casa. — Tu vês as coisas de forma diferente e tudo bem, porque eu gosto de ti esquisita. És a minha menina bonita esquisita e mórbida. — Deixo-o dar-me um beijo de boas-noites. Suspiro.

— Ei — diz ele. — O que se passa?

— Nada.

— O que é? — insiste ele.

— E *Romeu e Julieta*? — pergunto. — É belo e triste.

— Mas isso não é a vida real.

— E então?

— Há a vida real e há os livros, Autumn — diz o Jamie. — Na vida real, isso seria triste e estúpido.

— Como é que duas pessoas morrerem por amor pode ser estúpido? — argumento. Estamos sentados no escuro, virados um para o outro nos bancos do carro, com os cintos de segurança abertos.

— Matavas-te se eu morresse? — pergunta o Jamie. Olho para o rosto dele na escuridão. Ele sustenta-me calmamente o olhar. Penso nele a correr pela escada com os outros rapazes. Penso no seu sorriso travesso quando se prepara para dizer algo para me provocar. Penso nele desaparecido e debaixo de terra, para nunca mais ser visto.

— Não, acho que não — respondo.

— Vês? — diz ele. Inclina-se para a frente e beija-me outra vez. — Também não quero que o faças. Quero que sejas feliz.

— Ficaria muito triste — digo eu. — Durante muito tempo. E nunca te esqueceria.

— Eu sei. Eu também.

— Mas não te matarias.

— Não — diz ele.

Volto a somar todas as coisas que quero na vida. Há a vida real e há os livros. Tento distinguir o que é real e o que não é, o que posso ter e o que nunca terei.

— Mas tu amas-me — digo-lhe.

— Sim — responde o Jamie — da forma como as pessoas se amam na vida real.

Inclino-me para a frente e pouso a cabeça no ombro dele.

— Acho que também te amo como as pessoas se amam na vida real.

Ele sorri e eu sinto os seus lábios no meu cabelo. Fecho os olhos e enterro o rosto nele.

TRINTA

Eu e a Sasha no alpendre das traseiras a ler, depois de uma viagem à biblioteca esta tarde. O livro é velho e tem aquele cheiro a pó ligeiramente bafiento que adoro. O autor é irlandês, provavelmente já morto e alguém de quem nunca tinha ouvido falar. O livro já não deve ser editado há muito e sinto-me como se tivesse um tesouro perdido nas mãos. Paro de repente e fecho os olhos. Este livro *é* um tesouro: não suspeitei de que fosse tão bom quando o escolhi, mas agora sinto as palavras impressas a escorrer pela minha pele e nas minhas veias, a correr para o meu coração e a marcá-lo para sempre. Quero saborear esta maravilha, isto de amar um livro e lê-lo pela primeira vez, porque a primeira vez é sempre a melhor, e nunca mais vou ler este livro pela primeira vez.

Suspiro e olho para o outro lado do quintal. Hoje é o dia mais comprido do ano e o sol está justamente a chegar à linha do horizonte atrás das árvores. O ar sabe bem nos meus pulmões e os meus músculos estão relaxados e quentes do sol que se desvanece lentamente. Vou ficar aqui mais um pouco e ser feliz. Embora esteja mortinha por baixar os olhos e recomeçar a ler, vou ficar aqui sentada, a amar este livro e a saber que ainda tenho muito mais para ler, porque isso não será verdade por muito tempo.

Na casa ao lado, a porta das traseiras bate e duas vozes falam baixo no alpendre. Levanto o olhar, sobressaltada.

— Então é tudo — diz a tia Angelina. A voz dela está calma e controlada.

— Sim — diz o outro. — Entrarei em contacto mais tarde, mas por enquanto é tudo.

— Muito bem, então. Adeus.

— Adeus, Angelina.

Kevin, o Homem do Futebol Americano, desce do alpendre e entra no carro sem olhar para trás. A tia Angelina fica parada a observá-lo enquanto ele manobra para sair do caminho de acesso estreito e comprido, e desaparece na rua. Depois de ele ter partido, ela continua a olhar sobre o caminho de cascalho para o pátio e o sol poente, e eu olho para ela.

— Autumn — diz ela. Estremeço e paro de respirar. Ela continua a olhar em frente. — Tenta casar com o teu primeiro amor. Pelo resto da tua vida, nunca mais ninguém te tratará tão bem.

Vira-se para entrar em casa e fecha a porta atrás de si.

De repente, está tudo muito silencioso aqui fora, o brilho desaparece da relva e das folhas, e embora o sol esteja apenas a começar a pôr-se, creio que em breve estará demasiado escuro para ler. Fecho o meu livro e levanto-me. Vou entrar, fazer qualquer coisa para o jantar e lerei mais tarde. Terei de esperar que a magia volte antes de abrir o meu livro de novo.

Vou esperar até me lembrar que a tia Angelina está feliz com a sua vida e que eu *vou* casar com o meu primeiro amor. Só será a primeira vez uma vez.

TRINTA E UM

Eu e a Sasha resolvemos ir a pé até à drogaria, embora ela pudesse pedir o carro da mãe emprestado. Caminharmos ocupa um bocado maior do dia comprido e quente, dá à saída um toque de aventura, mais do que apenas algo para fazer. As nossas sandálias batem no pavimento, sobre o pano de fundo do canto das cigarras, enquanto nos encaminhamos para a Main Street. Paramos no caminho para coçarmos as picadas de insetos nos tornozelos e para nos certificarmos de que as alças dos *soutiens* não aparecem por baixo dos nossos *tops*. Vamos conversando enquanto andamos, apesar das nuvens de calor que nos entram pela garganta abaixo a cada inspiração.

Quando chegarmos lá, vamos aspirar o ar condicionado a plenos pulmões e passar os dedos pelo cabelo. Sentadas lado a lado sobre a pilha de revistas da prateleira inferior do enorme escaparate, vamos folhear artigos sobre sexo e penteados. Até equilibraremos o livro de artigos de noiva do mês sobre os joelhos e olharemos para os vestidos brancos e para as alianças com uma espécie de reverência. Depois vamos passear pelos corredores e escolher *gloss* para os lábios e doces, verniz de unhas e refrigerantes. Por fim, voltaremos a pé para minha casa e estender-nos-emos em cima da cama, no meu quarto, com as pernas nuas a roçarem uma na outra, a ler as revistas que comprámos e a comer alcaçuz.

Este é o pano de fundo do nosso dia, mas o verdadeiro propósito de estarmos juntas é falarmos. Eu e a Sasha podemos falar sobre quase tudo e, quando falamos, fazemo-lo durante muito tempo, às vezes até um dia inteiro.

Há uma súbita pausa na nossa conversa, uma pausa anormal depois da minha história sobre o encontro de ontem à noite com o Jamie. Olho para ela, mas ela alonga o olhar pelo passeio como se houvesse alguém à sua espera.

— Tenho de te dizer uma coisa — diz ela, ainda a olhar para a pessoa invisível.

— O quê? — pergunto. O meu cérebro já está a ordenar todas as possibilidades; sou o tipo de pessoa que tenta descobrir o fim do livro enquanto o lê e com as minhas conversas não é diferente.

— Acho que vou acabar com o Alex — diz ela.

— Não podes fazer isso! — exclamo, enquanto cinco linhas narrativas diferentes me passam pela cabeça e tento resolver todos os pensamentos e reações: ciúmes por ela ser tão corajosa, presunção por eu e o Jamie termos durado, preocupação com o

Alex, surpresa...

— Vou fazê-lo — declara ela. — Na verdade, já decidi.

— Mas porquê? — pergunto, o choque a sobrepor-se momentaneamente a todas as outras reações. Ela encolhe os ombros, crava o olhar no passeio e franze o sobrolho. Mais à frente, vejo a esquina onde vamos esperar na passadeira. Na nossa impaciência, por causa do calor, vamos carregar no botão uma e outra vez e, mesmo sabendo que isso não fará com que a figura verde apareça mais depressa, vamos olhar fixamente para o sinal, na expectativa.

— Ainda amo o Alex — diz ela —, de certo modo. Mas já não sinto por ele o que sentia. Já não há nada de romântico. É mais como se fossemos velhos amigos.

— Mas é assim que são as relações a longo prazo — afirmo. — Não podes deitá-lo simplesmente fora.

— Não vou deitá-lo fora — replica ela. — Mas já não estou apaixonada e preciso que me apoies.

— Desculpa — digo. Paro de andar e viramo-nos uma para a outra. Abraço-a e ela aperta-me contra si. Estamos ambas suadas e quentes. — Estou apenas surpreendida. E triste.

E enciumada, presunçosa e preocupada.

Largamo-nos e retomamos a nossa caminhada e o nosso dia juntas.

TRINTA E DOIS

A rutura concretiza-se e seguem-se dias de discussão. O Jamie fica aborrecido com a Sasha, mas eu defendo o direito de ela acabar com a relação. Os rapazes mostram-se vagos nos seus relatórios sobre como o Alex se está a aguentar. Tentam dizer-nos que não falam da Sasha quando saem, mas isso é demasiado ridículo para ser verdade.

Em agosto, a Angie arranja um novo namorado, também da Hazelwood High, mas este é, para nosso espanto, um jogador da equipa de futebol americano e francamente betinho. A Angie avisa-nos a esse respeito, jurando que ele é realmente muito fixe e conhece tudo o que é boa música. Pergunto-me que género de aviso ele terá recebido acerca de nós.

Combinamos encontrar-nos com o Dave da Angie para uma ida ao cinema a três pares. A Brooke e o Noah vão de carro connosco para o centro comercial. Rimos e especulamos em voz alta sobre o Dave Betinho. Estou resolvida a gostar dele por causa da Angie, mas preocupo-me um pouco com os rapazes.

— Isto vai ser hilariante — diz o Jamie.

— Não o gozes muito — peço-lhe.

— Não vou ser mauzinho para ele — diz o Jamie. Revira os olhos, embora esteja a conduzir e eu dou uma olhadela à estrada por ele. — Mas talvez precisemos de o praxar um bocadinho, sabes, só para termos a certeza de que este betinho é suficientemente bom para a Angie. Certo, Noah?

— Não podemos permitir que a Angie esteja com alguém que não a merece — concorda o Noah.

— Vocês os dois vão portar-se como deve ser — diz a Brooke. Viro-me no meu banco para ver o olhar de aviso que ela fixa no Noah. — Ou estarão ambos em apuros. — Transfere o olhar de aviso para o primo, mas como este vai ao volante, obviamente não consegue vê-la, por isso ela dá-lhe uma palmada na nuca.

— Ei! — protesta o Jamie. Estica uma mão para trás e agarra no joelho dela; o carro guina e todos rimos e gritamos. A Brooke grita mais alto enquanto o Jamie a belisca no ponto macio acima da rótula e todos rimos outra vez. O Jamie endireita de novo o carro e aceleramos pela estrada, levantando as vozes acima do som do rádio e rindo enquanto trocamos ameaças com os rapazes.

Sinto-me culpada por saber que a Sasha e o Alex estão em casa enquanto o resto do grupo sai sem eles, mas é assim que as coisas são agora. Talvez um dia ambos estejam

com outras pessoas e possamos fazer um programa a cinco pares.

A Angie, com novas madeixas cor-de-rosa no cabelo loiro, está à nossa espera na praça da restauração, ao lado de um rapaz alto, de ombros largos e cabelo ruivo vibrante. Acena entusiasticamente quando nos vê e puxa a mão dele enquanto aponta para nós. Ela traz a saia dos anos cinquenta que comprou na primavera passada, ele veste um polo. Não podiam ficar mais esquisitos ao lado um do outro se pertencessem a espécies diferentes. Ele parece nervoso quando nos aproximamos e isso torna-o imediatamente simpático aos meus olhos.

— Olá — diz a Angie. — Pessoal, este é o Dave. Dave, o pessoal.

Os rapazes, no que reconheço como uma tática para tentarem desestabilizá-lo, apertam a mão do Dave e apresentam-se formalmente. O Noah simula um sotaque britânico. O Dave adota as mesmas formalidades com um ar muito sério, mas consegue transmitir a mesma impressão de gozo que eles, e isso faz-me ter esperança nele.

Temos uma hora até o filme começar, por isso vagueamos pelo centro comercial. Quando eu e a Brooke nos chegamos à Angie para podermos admirar o seu novo cabelo, os rapazes flanqueiam repentinamente o Dave. Fico outra vez preocupada, mas parece que eles decidiram vê-lo como uma espécie de animal de estimação. O Jamie diz ao Dave que também tem um polo. É preto e tem um homenzinho a cavalo. O Noah, ainda a fingir o seu sotaque britânico, diz que só usa os seus polos quando está a jogar polo, mas que defenderia até à morte o direito de qualquer homem usar sempre polos. O Dave ri-se e diz-lhes que também tem um par de calças de ganga rasgadas e que talvez as vista da próxima vez que se encontrar connosco, enquanto o Jamie poderá usar o polo. O Noah declara que é boa ideia.

Fiquei curiosa e surpreendida quando ouvi falar do Dave pela primeira vez, mas agora, que o conheço pessoalmente, consigo ver o que há de atraente nele. É tímido e as suas faces pintam-se frequentemente de cor-de-rosa por baixo das sardas. O seu sorriso é retorcido e despretensioso. Pela altura em que vamos comprar os nossos bilhetes, estou encantada.

Há algo de adorável na forma como o aspeto do Dave contrasta com o nosso, uma ovelha solitária vestida de sarja no meio de uma alcateia de lobos rebeldes. Até a sua expressão é um pouco tímida ao falar connosco, de mão dada com a Angie. Enquanto esperamos na fila, ela diz-nos num sussurro que ele tinha medo de que não gostássemos dele, visto ser diferente.

— Claro que não — afirmo. — Isso não é nada o nosso estilo.

— Eu sei, foi o que lhe disse — replica ela.

TRINTA E TRÊS

Estamos a meio do secundário e, de repente, tudo acontece demasiado depressa. A verdade é que sempre foi assim, mas não tínhamos dado conta. Este ano e depois mais um. Este ano e depois mais um, e mais um e mais um.

Agora temos autorização para ir para a escola de carro e o Jamie vem buscar-me todas as manhãs. É estranho e maravilhoso ser responsável por chegar à escola, sabendo que o Jamie poderia continuar a conduzir para sempre e ninguém daria pela nossa falta até ao fim do dia, e nessa altura já estaríamos muito, muito longe. Mas vamos sempre para as aulas.

Comecei a receber correio todas as tardes, montes de folhetos de universidades e cartas de reitores. Imagens brilhantes de estudantes amontoados à frente de estátuas e fontes, a jogar Frisbee e reclinados em mantas, rodeados de livros. Esses estudantes atravessam outonos perfeitos e verões quentes. «Aqui é assim todos os dias», proclamam os seus sorrisos. «A sério.»

Todas essas universidades têm uma licenciatura em Inglês. Se a brochura não incluir uma cadeira opcional de Escrita Criativa, deito-a fora. Se incluir, vai juntar-se à pequena pilha ordenada que vai crescendo sobre a minha secretária. A pilha tem um aspeto que irradia eficiência, embora esteja ali simplesmente à espera e não concretize nada.

Na Escada para Nenhures, comparamos sonhos que começam a soar como planos. O Jamie diz que vai seguir Gestão. Imagino-nos a viver numa casa vitoriana na nossa vila. Ele terá de ir de carro para um escritório na cidade todos os dias. Quando olho para o futuro, sinto que estou a olhar para dentro de um globo de neve com uma casa minúscula e perfeita, e uma pessoa minúscula, que sou eu, de pé no quintal como um pau de bandeira. Uma cena meticulosamente esculpida que representa o mundo inteiro: minúsculo, perfeito e fechado.

Eu e o Finny temos uma aula juntos: a turma de Inglês Avançado, onde nem os amigos dele nem os meus estão. A nossa é a última aula da tarde; a deles é de manhã. É estranho pensar nestes termos de nós e eles. Eles de manhã, nós à tarde, nós antes do último toque.

O meu lugar é no meio da primeira fila e, se me esticasse e inclinasse para a frente, as pontas dos meus dedos tocariam na borda da mesa do professor. O lugar do Finny é atrás do meu e seria preciso ainda menos para tocar em qualquer parte dele.

Nesta aula estamos mais próximos do que quando jantamos com as Mães ou nos sentamos no mesmo sofá enquanto esperamos que o serão acabe. Às vezes, o joelho dele bate na minha cadeira quando ele se vira para responder a um colega, outras inclinamo-nos para as nossas mochilas ao mesmo tempo e, embora eu não olhe, sei que os nossos rostos estão a escassos centímetros um do outro.

Nunca nos cumprimentamos. Sentamo-nos nos lugares que nos foram atribuídos e tiramos os cadernos e as canetas das nossas mochilas em silêncio ou conversamos com os outros que nos rodeiam. É um acordo implícito não falarmos aqui, tal como foi implícita a nossa decisão de trocarmos sempre algumas palavras em frente das Mães e tal como foram implícitos os nossos pedidos de desculpa pela Guerra do ano passado.

E eu sinto-me grata por ele concordar comigo que não devíamos falar aqui, porque ninguém nesta turma nos conheceu no primeiro ciclo. Tudo o que sabem é que ele é o Finn Smith, o rapaz mais popular do nosso ano, e que eu sou a Autumn Davis, a namorada do Jamie Allen que usa tiaras, portanto, se falássemos um com o outro, teria de ser como se ele fosse apenas mais um colega de turma e nada mais existisse entre nós. A tensão de ter de falar assim com ele, juntamente com todas as outras coisas implícitas, seria demasiada para mim e não sei o que diria ou faria.

Uma tarde, ouço uma rapariga a perguntar ao Finny se ele já escolheu o que quer seguir na universidade. Essa rapariga anda a tentar namoriscar com ele desde o primeiro dia de aulas, mas, de alguma forma, ele não reparou. Parece pensar que ela é genericamente amigável. Olho em frente, mas tenho os ouvidos atentos ao que se passa atrás de mim. Ouço um som sibilante que deve ser a rapariga a sacudir o cabelo.

— Quero ir para a faculdade de medicina — diz ele —, por isso o meu bacharelato tem de ser algo que dê para isso. Mas não sei.

— Uau! Isso é *tão* fixe — exclama a rapariga. A avaliar pelo seu tom de voz, acho que não havia nada que o Finny pudesse ter dito que ela não achasse fixe.

Ela não conhece o Finny o suficiente para perceber como é efetivamente fixe ele ter encontrado esta vocação. Quando éramos pequenos, ele dizia que queria ser jogador profissional de futebol, mas dizia sempre isso com um encolher de ombros. Ele adorava, adora, jogar futebol, mas nunca sentiu necessidade de jogar da maneira como eu sentia necessidade de inventar histórias. Os instintos do Finny sempre o levaram a ajudar as pessoas e agora encontrou uma maneira muito concreta e real de o fazer.

Tenho inveja da forma como o Finny escolheu a direção da sua vida sem ter de se comprometer com um destino. Não sabe que tipo de médico quer ser. A tia

Angelina diz que ele já falou em pediatria e nos Médicos Sem Fronteiras, mas que também referiu interesse em psiquiatria.

— Suponho que é fixe — diz o Finny. — Mas vou ter de acabar por optar por algo.

— Sim — diz a Rapariga Namoradeira. Volto a ouvir o sibilo do seu cabelo. — Eu não tenho a mais pequena ideia do que quero.

Contenho-me para não me virar e dizer-lhe que saber o que se quer pode ser muito pior. Não há razão para me interessar pelas conversas do Finn Smith.

TRINTA E QUATRO

O primeiro jogo de futebol do Finny é numa tarde de terça-feira de setembro, na terceira semana de aulas. Nada indicava que pudesse ser um dia importante.

Eu nem tencionava lá ir.

O Finny e a Sylvie não estavam na camioneta nessa tarde. Ficaram na escola, para o jogo dele e o treino de *cheerleader* dela. Fui a única aluna a sair na nossa paragem. Estou sozinha com o dia enquanto caminho pela rua em direção a casa. Ontem estava tanto calor como em agosto, mas esta manhã tivemos uma chuva fria que deixou o ar gelado. As folhas de algumas árvores começam a ficar amarelas ou um pouco avermelhadas. Se o tempo continuar assim nos próximos dias, mais folhas mudarão de cor, mas em breve voltará a estar calor; setembro ainda é um mês de verão.

A roseira junto à porta da frente parece a imagem de uma descrição demasiado entusiástica de um poeta. Está literalmente a vergar sob o peso de tantas flores já abertas e botões à espera de abrirem.

Fecho a porta contra o ar frio e largo a minha mochila no chão.

— Mãe?

Na mesa de café, há uma pilha de correio. Não é nada o estilo da minha mãe deixar o correio assim; já devia ter sido aberto e arquivado. Por baixo da conta da eletricidade, vejo uma pilha de sorrisos radiantes em cima das mesmas camisolas cor de vinho. «Vem para Springfield!», dizem. Reconheço um deles. Todos os alunos das turmas avançadas têm oportunidade de fazer uma visita de estudo a uma feira universitária. Era apenas uma sala enorme com cabinas e estudantes universitários munidos de folhetos. Uma das raparigas que aparece nesta capa estava lá. Sorriu para o Jamie e para mim, exatamente como tinham feito todas as outras pessoas que estavam nas outras cabinas. A rapariga fez-me perguntas e anotou as minhas respostas numa prancheta. Repeti a minha ladainha sobre formar-me em ensino de Inglês e fazer uma cadeira opcional de Escrita Criativa, porque podia sempre escrever no verão, etc., etc. Ela disse que estava a fazer Escrita Criativa como cadeira nuclear e eu fiquei aborrecida comigo própria por isso me ter provocado uma pequena pontada de dor. O Jamie estava impaciente para passar para outra cabina; agarrou-me na mão e seguimos em frente.

Este folheto é sobre o curso de Escrita Criativa de Springfield, em vez do programa de ensino. A rapariga deve ter-se enganado ao anotar as minhas informações. Folheio-

o rapidamente. Não é muito longo.

A minha mãe entra no átrio, toda sorrisos.

— Olá, querida — diz ela. Dobro o folheto ao meio e descalço os sapatos com um pontapé.

— Olá — respondo.

— Julgava que ias ficar até mais tarde na escola para veres o jogo do Finny.

— Por que razão faria tal coisa? — pergunto.

— A Angelina não pode ir por causa de uma reunião de professores. Eu vou. Pensei que sabias.

— Tenho de ir? — indago. Apetece-me estar sozinha no meu quarto.

— Julguei que querias.

— Não é como se ele se importasse que eu lá esteja ou não — observo. Baixo os olhos para o folheto que tenho na mão. O vinco cortou o rosto da rapariga ao meio.

— Autumn — diz a minha mãe —, porque é que estás sempre a dizer coisas dessas? — A voz dela é um suspiro.

Encolho os ombros. Posso ler o folheto durante o jogo. E não é que não queira ver o Finny. Às vezes é bom poder olhar para ele sem ter de me preocupar com o que possa parecer.

— Está bem. Eu vou — acedo. Enfio o folheto no bolso de trás das calças.

Faltam cinco minutos para o jogo começar, e já li o folheto duas vezes. Só porque algo parece impossível, não quer dizer que não se deva tentar.

Eu e a minha mãe estamos sentadas na fila de cima das bancadas de metal, de frente para o campo de futebol enlameado. Uma brisa fria revolve-me o cabelo. Os jogadores fazem alongamentos enquanto os árbitros atravessam o campo.

Não é que eu queira ser escritora e não professora, porque escritora já sou. O que quero é ser uma autora publicada, ter alguns leitores e poder esperar que alguém, algures, adore o meu livro. Quando digo isto a adultos, eles contam-me sempre que conheciam alguém que queria algo deste género e o que essa pessoa acabou realmente por fazer.

Soa um apito e o Finny lidera a equipa de futebol para dentro do campo. Ele é defesa. Há muito tempo, explicou-me que isso significa que a sua tarefa é proteger um lado do campo. É naturalmente bom a proteger. Dobro o folheto e enfio-o de novo no meu bolso de trás. O Finny tem aquela expressão determinada que ostenta sempre no início de um jogo. É a mesma cara que fazia em criança, o mesmo sulco na testa que conheço tão bem. Balouça-se nos calcanhares enquanto se perfila no campo com os outros titulares, outro hábito familiar.

O Finny disse que ensinar era demasiado normal para mim.

Não é disso que tratam todos os livros e filmes infantis? Como, por muito impossível que a missão pareça, ou se seja demasiado pequeno ou não se tenha o tipo certo seja do que for, se deve sempre tentar? Até que chegamos ao liceu e, de repente, devemos escolher um caminho seguro. Um caminho que não nos leve para muito longe de casa. Um caminho que não seja demasiado arriscado. Um caminho com seguro de saúde e plano de poupança reforma.

O Finny tem a bola. Quatro jogadores da outra equipa formam um círculo à sua volta. Estão a tentar tirar-lhe a bola e a falhar.

Não posso continuar a fingir que escrever umas semanas durante o verão será o suficiente. Não posso arriscar-me a olhar para trás um dia e saber que não fiz tudo o que podia para ser publicada.

Um dos jogadores que está a tentar desarmar o Finny escorrega na lama e desliza contra ele. O Finny está a correr demasiado depressa para parar; tropeça e dá uma volta completa sobre si mesmo no ar. Ao meu lado, a minha mãe arqueja. Dou-me conta de que ele parece ter aterrado sobre o pescoço.

O meu coração para.

Tenho outra vez dez anos e não consigo imaginar a vida sem ele.

— Estou bem — ouço o Finny gritar, mas a esta distância a sua voz chega abafada; se não a conhecesse tão bem, não a teria ouvido. Os treinadores e os árbitros atravessam o campo a correr e juntam-se à sua volta. Não consigo vê-lo, mas imagino a sua respiração acelerada e adivinho as batidas violentas do seu coração debaixo das costelas. Conheço as cicatrizes dos seus joelhos e o remoinho do seu cabelo na nuca. Tenho tentado fingir que não é assim, mas não posso fingir mais.

Sei o que estou a sentir. Sei que é real e, neste momento, não há mais nada em mim a não ser este conhecimento.

Estou apaixonada pelo Finny.

A multidão afasta-se e vejo o Finny a levantar-se cautelosamente. Olha para as bancadas e percebo quando nos localiza, à minha mãe e a mim, porque levanta a mão num aceno, a dizer-nos que está bem.

Amei-o toda a minha vida e, algures pelo caminho, esse amor não mudou, mas cresceu. Cresceu até inundar as partes de mim que não existiam quando eu era criança. Cresceu com cada novo anseio do meu corpo e cada desejo do meu coração, até não haver nenhum bocadinho de mim que não o amasse. E quando olho para ele, não existe qualquer outro sentimento em mim.

O apito soa e o jogo recomeça. Volto a tirar o folheto, mas agora só estou a fingir lê-lo.

TRINTA E CINCO

Os meus pais estão no conselheiro matrimonial. Quando voltarem, vamos jantar fora e eles vão fazer-me perguntas. Fazemos isto uma vez por semana. Foi ideia do meu pai. Chama-lhes Jantares de Família. Isto confundiu-me no início, porque até agora «família» incluía sempre a Angelina e o Finny.

Tenho de estar pronta a sair assim que eles chegarem, portanto estou à espera perto da porta. O sol está a pôr-se, mas não consigo vê-lo pela janela da frente. O céu está cinzento. As folhas estão a cair cedo, este ano.

Estou contente por ir jantar fora esta noite. Hoje escrevi três poemas e copiei-os para o meu livro em branco com a caneta de tinta permanente que o Jamie me deu. Usei a tinta violeta, e sinto-me virtuosa e inebriada. O meu trabalho de casa está feito e amanhã é sexta-feira.

Um carro desce a estrada e os faróis iluminam brevemente um montículo de qualquer coisa no relvado. É quase tão alto como eu e três vezes mais largo. Levo apenas um momento a reconhecer do que se trata, e logo me pergunto como foi possível não ter reparado naquilo antes.

Abro a porta e corro pela relva. Não tenho casaco e o ar frio faz-me arrepiar. Imediatamente antes de saltar, pergunto-me se as folhas estarão molhadas, mas mergulho de qualquer maneira. As folhas estão deliciosamente secas e crocantes. Estou completamente rodeada pelo seu cheiro poeirento, mesmo sobre a minha cabeça. Rio alto e o cheiro entra-me pela garganta abaixo. Irrompo do topo da pilha, que desliza para o lado sobre a relva. Apanho uma mão cheia de folhas e atiro-as ao ar. Elas flutuam à minha volta como neve e eu deixo-me cair de costas e olho para a luz que se desvanece no céu.

Quando éramos pequenos, o Finny adorava o outono, não por serem os nossos aniversários, mas por causa das folhas. Construía fortes para nós cobrindo caixas de cartão com pilhas de folhas e tentava convencer-me a ficar lá dentro toda a noite com ele. Eu não ficava tão entusiasmada com as folhas caídas; eram um anúncio de que o meu inimigo, o inverno, estava a aproximar-se. As árvores nuas faziam-me pensar na morte, e naquela altura tinha todos os motivos para temer a morte.

No entanto, adorava saltar para cima das folhas. O Finny conseguia sempre convencer-me a fazê-lo. Enquanto eu esperava, ele criava montes de folhas monstruosos, mais altos do que as nossas cabeças, até eu ficar demasiado impaciente

para esperar mais. Ele dizia para aguentar um pouco mais, porque ainda havia muitas folhas nos nossos enormes quintais e ele podia fazer uma pilha ainda maior, mas eu saltava de qualquer maneira e o Finny tinha de se juntar a mim. Ora mergulhávamos à vez, ora dávamos as mãos e saltávamos juntos. Saltávamos e saltávamos até a pilha ficar de novo achatada e as folhas, espalhadas pelo quintal todo. Então, o Finny pegava outra vez no ancinho e dizia que ia fazer uma pilha ainda maior, que eu estragava antes de ele terminar. Passávamos tardes inteiras assim.

Irrompo de novo da pilha, espalho mais folhas e subo o relvado outra vez para dar o meu segundo salto. Aponto com mais cuidado desta feita, na esperança de aterrar no topo da pilha, como rainha da colina, em vez de acabar enterrada no meio. Tomo balanço e, quando estou em pleno voo, ouço a voz dele.

— Autumn!

O crepitar das folhas abafa momentaneamente todos os outros sons. Deslizo de lado e fico novamente enterrada. A perna esquerda ficou de fora e eu encolho-a contra o corpo. O instinto diz-me para me esconder, embora saiba que isso é uma parvoíce.

— Autumn? — A voz dele está muito próxima. Apetece-me afundar-me mais entre as folhas e esperar que ele vá embora, mas sei que não vai resultar. Endireito-me de modo a ficar sentada em cima da pilha.

O Finny está a um metro de mim, com os braços cruzados sobre o peito. Olha-me de sobrolho franzido.

— Passei a tarde toda a limpar ambos os quintais — diz ele. Olho à minha volta. Espalhei metade da pilha na relva.

— Desculpa — digo-lhe. A sua fúria fascina-me e assusta-me ao mesmo tempo. É muito raro vê-la. Por um momento, estudo a sua postura, os seus olhos semicerrados. Memorizo cuidadosamente o tom da sua voz. Tudo nele é importante. Há uma breve pausa. Ele revira os olhos e suspira.

— Não faz mal — diz ele. Um canto da sua boca arqueia-se para cima. — É o que dá deixar a tarefa de as meter em sacos para amanhã. Eu devia saber que um monte de folhas desprotegidas seria uma tentação demasiado grande para ti.

Tenho de desviar o olhar. Dói vê-lo sorrir assim, um sorriso amistoso e fácil que não diz nada em particular, e, por isso mesmo, diz-me tudo o que preciso de saber sobre os seus sentimentos a meu respeito.

Pensei que passaria o resto de setembro, o resto da minha vida, a evitar o Finny, mas não o fiz. Nada mudou. Amei-o na primeira manhã que estive na paragem de camioneta com ele e todas as noites em que me sentei à frente dele ao jantar. Não importa que agora um de nós saiba; isso não muda nada.

— Eu apanho-as — declaro. — Até as meto nos sacos.

— Não — diz ele. — Não faz mal. A sério. — Quando olho para ele, vejo que a sua breve fúria se evaporou e que o seu rosto não exprime senão divertimento. — Como é aquilo que as pessoas dizem? — prossegue o Finny. A sua testa franze-se de novo, mas de uma forma diferente. — Quanto mais as coisas mudam, mais ficam na mesma?

Levanto-me desajeitadamente e tento sacudir as folhas da roupa; de repente, fiquei com frio e com comichão.

— Devia ir limpar-me. É suposto estar pronta quando os meus pais chegarem a casa.

— Tens folhas no cabelo — diz o Finny. — E na tiara. E em todo o lado.

Levanto a mão e passo os dedos pelos cabelos. Ele não se mexe. O sol desapareceu e a noite vai-se alterando à nossa volta, à medida que a luz dos faróis dos carros incide sobre nós e depois se afasta. Vejo o rosto bonito do Finny, o seu meio-sorriso e a madeixa dourada de cabelo que lhe pende sobre o rosto.

Amo-te, Finny, penso para comigo.

— Onde vais? — pergunta ele. Não consigo evitar uma carranca.

— Jantar de Família — replico.

— Oh — faz ele. As palavras que me saem da boca a seguir surpreendem-me, mas o Finny não parece nada perturbado por elas:

— O meu pai decidiu que quer que sejamos uma família normal — digo.

— Isso parece-me familiar — replica o Finny.

— Oh — exclamo eu por minha vez. — Já tinha ouvido falar.

O pai do Finny convidou o Finny e a Angelina para jantar. Está marcado para o mês que vem.

— Não faz mal, suponho eu — diz ele, e eu fico contente. Significa que não se sente magoado nem ressentido. Significa que não deposita grandes esperanças no homem. Isso alivia um pouco o fardo que tenho carregado. Mas não vai durar para sempre. Haverá sempre algo de que não posso protegê-lo.

A Sylvie pode partir-lhe o coração outra vez. Os tendões das suas pernas podem sofrer uma rutura no próximo jogo de futebol. Um dia, alguém que ele ama morrerá.

Os faróis dos meus pais brilham sobre nós.

— Bom jantar — diz ele.

— Para ti também — desejo-lhe e acho que ele compreende o que quero dizer, porque acena. Viramos costas sem nos despedirmos. O estalar das folhas sob os pés dele vai-se desvanecendo enquanto atravesso o comprido relvado em direção ao carro.

— Tu e o Finny estavam a saltar nas folhas? — pergunta a minha mãe quando deslizo para o banco de trás. Olho rapidamente para a minha roupa, para ver se ainda

estou coberta de folhas.

— Não — respondo. Quando fecho a porta, as luzes apagam-se e vejo o que ela deve ter visto: nas sombras do quintal, um vulto alto e esguio está a içar-se da pilha de folhas e a sacudi-las da roupa.

TRINTA E SEIS

Estou a ler *O Monte dos Vendavais*. É de leitura obrigatória para a escola, e esta manhã, quando acordei, decidi ler o primeiro capítulo na cama. Agora é o fim de tarde e ainda lá estou. Há uma hora, terminei o romance e adormeci. Sonhei que o Heathcliff me trancava e quando acordei, peguei no livro de novo e recomecei a lê-lo do princípio.

Não acho que a Cathy seja um monstro.

O Jamie ligou-me a dizer que tem um presente para mim. Ele foi ao cinema com a Sasha esta tarde, ver o tipo de filme com armas e explosões que eu me recuso a ver e a que a Sasha está sempre pronta a ir. Depois de um dia na cama a ler, tenho uma sensação de irrealidade, como se estivesse apenas a assistir ao que se passa em meu redor.

— Estás bem? — pergunta o Jamie.

— Estou — respondo.

— Estás com uma voz esquisita.

— Estava a ler — explico.

— Bem, estou a chegar — diz ele —, por isso tenta estar em bom estado para mim.

Depois de desligar o telefone, fico parada no meio do quarto, sem saber o que fazer. Estico os braços acima da cabeça e a minha mente clareia o suficiente para pensar que é melhor arranjar-me para o receber. Enquanto escovo o cabelo, penso com alguma preocupação que o Jamie está a conduzir na neve, até que me lembro de que hoje é um soalheiro dia de outono; só estava a nevar dentro do meu livro. Estava a nevar e o narrador estava a ver os restos do trágico erro da Cathy.

O sol brilha, mas a brisa transporta a promessa de frio. Sem saber que a sua época já passou, as rosas da minha mãe balouçam nessa brisa e espalham algumas pétalas entre as folhas vermelhas e douradas. Conseguirão sentir o frio? Espero pelo Jamie nos degraus do alpendre.

Amo o Jamie tanto como sempre amei.

O meu amor pelo Finny está enterrado como uma criança nado-morta; é igualmente prezado e igualmente real, mas nunca resultará em nada. Imagino-o envolto em renda, escondido num canto tranquilo do meu coração. Vai lá ficar pelo resto da minha vida e, quando eu morrer, morrerá comigo.

Uma das pétalas de rosa esvoaça sobre as folhas amarelas e para junto à biqueira da minha bota.

Fico a olhar para aquela pétala de rosa até ouvir o Jamie a parar no caminho de acesso. Levanto o olhar e vejo-o a sorrir e a fechar a porta.

— Olá, menina bonita — diz ele, e eu retribuo-lhe o sorriso. O seu belo rosto surpreende-me como se estivesse a vê-lo pela primeira vez. Ele senta-se ao meu lado e dá-me uma leve cotovelada.

— Estás acordada? — pergunta. Aceno com a cabeça. Percebo que esta é a minha vida. E ainda não cometi nenhum erro trágico. Fiz uma escolha, sim, mas ninguém sofre por isso a não ser eu e, no final, tudo vai ficar bem.

— Como foi o filme? — inquiro.

— Fantástico. E depois fomos almoçar e comprei-te isto. — Dá-me um ovo de plástico duro, do tipo que se abre em dois e que se compra por vinte e cinco cêntimos numa máquina à porta dos restaurantes baratos. Rio-me e o Jamie sorri de orelha a orelha. O ovo abre-se com um estalido. Dentro há um dinossauro de borracha mal pintado. Tem os olhos arregalados como se tivesse acordado de repente. Rio de novo.

— Vou dar-lhe o teu nome e pô-lo em cima da minha secretária — declaro.

— E isto — anuncia o Jamie, estendendo-me uma bola saltitona cor-de-rosa. Antes que eu tenha tempo de a atirar contra os degraus, ele estende mais uma vez a mão, agora cerrada num punho. Quando abre os dedos, um anel de arame com uma pedra de plástico cai na palma da minha mão. A pedra é roxa e tão grande como uma das minhas falanges.

— Gastei todos os meus trocos — diz ele.

O anel quase cintila na luz fraca. Ele deu-me outro pendente para a minha pulseira no nosso aniversário de namoro e gastou todos os seus trocos em coisas para mim na tarde que passámos separados. Não posso perdê-lo.

— Obrigada — digo-lhe. — Vou guardá-lo para sempre.

O Jamie beija-me e eu inclino-me contra o ombro dele e fico a ouvi-lo falar sobre o filme. Ele não repara que a minha mente está muito longe dali.

TRINTA E SETE

Normalmente, o nosso grupo troca os presentes de Natal na última semana de aulas, mas a Angie convenceu-nos a fazer algo especial este ano. No último dia do semestre, trocamos presentes no nosso restaurante favorito.

Cada um dos meus amigos dá-me uma tiara. Planearam o presente juntos e atribuíram cores. Duas semanas antes, a minha primeira tiara escorregou-me da cabeça quando eu ia a correr pelo parque de estacionamento da escola e foi atropelada antes que eu conseguisse apanhá-la. Liderados pelo Jamie, os meus amigos acharam a minha angústia divertida e agora, liderados de novo por ele, cada um deles tenta substituir a favorita perdida. O Jamie dá-me uma sapateira que ele converteu num «suporte de tiaras», uma pedra gira que encontrou e um CD gravado de canções que têm significado para nós.

Os meus amigos seguem a minha sugestão e cada um põe na cabeça a tiara que me deu, para que eu possa avaliar melhor qual é a minha nova favorita. Os empregados acham que estamos a celebrar um aniversário.

Eu estava a precisar disto. Nas últimas semanas, senti uma melancolia a pesar sobre mim. Hoje estou feliz e penso que talvez agora as coisas vão melhorar.

Comprei ao Alex um carro com controlo remoto que dá saltos mortais, à Angie, dois romances antigos em edição de bolso, ao Noah, um conjunto de *walkie-talkies* e à Brooke, um lenço de seda amarelo com flores castanhas.

Para o Jamie arranjei uma máquina *Polaroid* numa venda de garagem. Ele diz que vai usá-la para obter provas que lhe permitam ganhar discussões e para registar momentos importantes na sua vida, como vencer o Noah ao xadrez ou roubar cones de trânsito.

Comprei uma roseira para a Sasha, porque ela me disse que sempre quis uma quando era criança. Está num vaso de plástico preto e parece quase morta, assim tão perto do inverno. Os rapazes riem-se, mas a Sasha chama-lhe *Judith* e pede ao empregado que traga outra cadeira para instalar a planta.

A Sasha e o Alex são amigos a sério agora, não apenas a fingir para tornarem as coisas menos confrangedoras para nós. O Alex oferece-lhe fruta de plástico; ambos riem e recusam-se a dizer-nos qual é a piada. O Jamie promete arrancar a história ao Alex mais tarde e contar-me tudo depois.

A Angie ainda está com o Dave Betinho e nós continuamos a gostar dele. Vem ter

connosco ao cinema depois do jantar. Estão felizes. Têm um aspeto e uma atitude tão diferentes, mas algo neles deixa claro a toda a gente que são um casal, mesmo que estejam apenas parados ao lado um do outro.

No nosso último encontro duplo com o Noah e a Brooke, nós, raparigas, decidimos ter um casamento duplo também. Fazemos esboços dos nossos vestidos em guardanapos e irritamos os rapazes por tomarmos decisões sempre que estamos juntas. Esta noite concordámos em ter pelo menos cinco cisnes a vaguear pelo local da cerimónia, que espero que seja numa igreja abandonada à meia-noite.

Estamos a rir com vontade. Olho à minha volta e não acredito que há um escasso par de anos não conhecia nenhum deles.

— Proponho um brinde — diz o Jamie.

— Devias pôr-te em pé na cadeira — declara o Noah.

— Acho que isso seria a última gota para o pessoal — observa a Brooke.

— Discurso! Discurso! — entoa o Alex.

O Jamie levanta o copo:

— À nossa! — brada. Bebemos a isso.

TRINTA E OITO

O inverno atinge-me com força este ano. Não há céu, este inverno, e nem uma única folha agarrada a um único galho. O vento gelado atravessa as minhas luvas e os meus dedos doem até ficarem dormentes e silenciosos.

Não encontro nada para ler. Vagueio entre as estantes da biblioteca e levo montes de livros, mas todos me desiludem ao fim de cinquenta páginas e deixo-os deslizar para o chão.

Quando chego da escola, faço uma sesta na cama e à hora do jantar levanto-me sem voltar a arranjar os lençóis. A essa hora, o sol já está a pôr-se e não há nada para fazer a não ser comer e despachar os trabalhos de casa antes de ir para a cama. Sei que devia deixar de dormir à tarde: comecei a acordar uma hora ou mais antes de o meu despertador tocar e fico acordada no escuro, a ver a minha janela passar de preta a cinzenta.

É nessa altura que penso nas coisas em que nunca me permito pensar durante o dia.

Na escola, estou exausta por acordar cedo e no último período tenho de fazer um esforço terrível para me manter acordada. A minha professora de Inglês não gosta tanto de mim como eu acho que ela devia gostar. Depois de me apanhar duas vezes a dormir nas aulas, decide que não sou boa aluna, independentemente do que eu escreva ou diga na aula. Deixo de participar nas discussões.

Quando chego a casa à tarde e as horas frias e cinzentas se estendem à minha frente, não consigo impedir-me de deslizar para debaixo dos lençóis e refugiar-me no esquecimento.

Discuto com o Jamie porque ele não compreende nada do que eu digo. Detesto-o por não me conhecer verdadeiramente, a fundo, e no fim dos nossos encontros agarro-me ao casaco dele e imploro-lhe que nunca me deixe. Ele diz que nunca o fará.

Neva algumas vezes, mas uma neve húmida e mole, que acumula sujidade e faz poças. Nunca é suficiente para obrigar a fechar a escola, nunca é suficiente para ser bonita.

Faz sentido que o Finny ame a Sylvie e não sinta a minha falta.

Pelo menos uma vez por semana, ele e a tia Angelina vêm jantar, ou nós vamos a casa deles, e as Mães falam enquanto comemos, depois eu digo que tenho trabalhos de casa e subo para o meu quarto ou atravesso o relvado para minha casa sozinha. Não posso ficar em silêncio a ver televisão com ele. Não suporto a conversa de

circunstância enquanto ele me passa o controlo remoto. Ele é o melhor de nós os dois. Sempre foi. Talvez esteja aliviado por eu já não o empatar. Tem muitos amigos agora. Tem a Sylvie. Faz sentido.

O meu pai voltou à sua antiga agenda, os jantares de família acabaram e eu estou zangada com a minha mãe por ela estar perturbada por causa disso. Já devia estar à espera, devia saber como as coisas eram, e detesto-a por fazer com que eu fique triste por ela. Tenho ralações suficientes sem ter de me preocupar com ela também.

As minhas mãos estão secas e vermelhas e os meus lábios, gretados. Vejo-me ao espelho e não acho que seja bonita. Há dias em que não me dou ao trabalho de usar as minhas tiaras, até que os comentários e as perguntas das pessoas me levam a agarrar na primeira que me vem à mão antes de sair porta fora. Não me incomodo a ver se combina com a minha roupa.

Não consigo escrever nada de bom. Tento e falho. Agora percebo que é tudo falso. Sempre foi. Desligo o computador e rasgo os meus papéis.

Costumava dizer a mim mesma que só tinha de deixar passar o inverno, que só tinha de esperar. E que então as coisas melhorariam.

E sei que o inverno deve acabar, mas as coisas não são sempre como deviam ser.

TRINTA E NOVE

A minha mãe senta-se na minha cama. Estou deitada de lado, de frente para a janela. Se não lhe prestar atenção, talvez ela vá embora.

— Autumn? — A voz dela é baixa. Julga que estou a dormir. — Autumn, temos de conversar. — Passa os dedos pelo meu cabelo e eu deixo-a; é uma sensação agradável. Ela continua a acariciar-me o cabelo e o meu ressentimento assanhado abranda. Suspiro.

— Sobre quê?

— Podes sentar-te?

— Estou cansada.

— Estou preocupada contigo.

Afasto-lhe as mãos do cabelo e sento-me.

— Estou bem — afirmo. — Ando a dormir mal à noite. Vai ficar tudo bem quando o inverno acabar. Só tenho de deixar passar o inverno.

— Acho que é mais do que isso, querida — diz ela. — Marquei uma consulta com o Dr. Singh.

A princípio, esta informação é tão vulgar que não percebo porque é que ela está a dizer-me isto. O Dr. Singh é o psiquiatra dela e ela consulta-o de vez em quando. Mas ela continua a olhar para mim.

— Para mim? — pergunto. Ela acena e tenta tocar-me no cabelo outra vez. Eu recuo de novo.

— Não estou deprimida — insisto. — Isso és tu.

— Conheço os sintomas — diz ela.

— Não. Estás a projetar o teu problema em mim. Está tudo bem. Quando estiver outra vez calor, vou sentir-me melhor. É a única coisa que está mal.

— Venho buscar-te mais cedo na quinta-feira — declara ela e levanta-se.

— Não preciso de drogas — digo-lhe.

Ela sai, fechando a porta atrás de si. Os seus passos a descer a escada são o único som que ouço em resposta. Ao jantar, ela não fala no assunto e no dia seguinte deixa-me dormir.

A chamada da secretaria vem quinze minutos depois do início da aula de Inglês. Começo a arrumar as minhas coisas mal ouço o sinal do intercomunicador. Estou desejosa de pôr isto para trás das costas.

— Não há trabalhos de casa — diz a Sra. Stevens. — Tens alguém a quem possas pedir apontamentos?

— Sim — respondo. Já estou de pé.

— Quem? — É por isso que não gosto dela. Desconfio que ela desconfia de mim.

— O Finn — informo. Depois lembro-me de que o Jamie e a Sasha também têm esta aula. Mas não é boa ideia voltar atrás com o que acabei de dizer. A Sra. Stevens parece surpreendida. Gosta do Finny. Talvez ache que ele não se daria com alguém como eu. Os sussurros dispersos que ouço dizem-me que alguns dos meus colegas de turma também estão surpreendidos.

— Posso deixar-tos esta noite — diz o Finn. Pergunto-me se estará a defender-me. Não olho para nenhum deles quando saio da sala.

A minha mãe está sentada na secretaria com um fato à medida, sapatos de salto e uma *clutch* pousada no colo. Tem os tornozelos cruzados e a secretária está a rir-se com ela. Levanta-se quando abro a porta e sorri para mim.

— Tenha um bom dia — diz-lhe a secretária, sorrindo também. Tenho a certeza de que ela nunca conseguiria imaginar o resto da vida da minha mãe, a medicação, as discussões com o meu pai, os internamentos no hospital. Às vezes admiro a capacidade da minha mãe de parecer perfeita; hoje, detesto.

Os seus sapatos batem uniformemente no linóleo enquanto caminhamos pelo corredor.

— Que aula estás a perder? — pergunta ela.

— Inglês.

— Oh, desculpa. Pena não ter sido Matemática — diz ela. Encolho os ombros. — Adoro-te — acrescenta.

— Mãe! — protesto. Ela não diz mais nada.

*

O consultório onde a minha mãe me leva tem a sala de espera mais pequena em que jamais estive. Faz-me lembrar o *closet* dela, o pequeno quarto sem janelas onde eu e o Finny apagávamos as luzes e contávamos histórias de fantasmas a meio do dia. Sento-me numa das cadeiras de plástico acolchoadas e a minha mãe diz o meu nome à enfermeira. Estremeço ao ouvi-lo; o meu lugar não é aqui. A duas cadeiras de mim, um velho abana primeiro a perna esquerda, depois a direita, para trás e para a frente. De vez em quando, estala os dedos como se alguém tivesse gritado bingo.

— Raios — murmura. Do outro lado da sala, uma mulher corpulenta chora sem ruído. Ambos os punhos transbordam de lenços de papel. Sempre a soluçar, tira da

sua bolsa uma pastilha elástica, espalhando lenços pelo tapete cinzento.

A minha mãe senta-se ao meu lado e cruza os tornozelos.

— Vai demorar um bocadinho — anuncia. — Ele está um pouco atrasado. — Pega numa *Newsweek* e começa a ler.

Olho para a mesa. A maioria das revistas destina-se a pais ou golfistas. Enquanto procuro, um homem levanta-se, tira uma revista infantil da mesa e senta-se de novo.

— Mãe? — sussurro. Ela olha para mim e arqueia as sobrancelhas. — Estas pessoas são muito esquisitas. — A minha mãe tapa a boca e ri silenciosamente.

— Querida — murmura —, o que esperavas? E o que achas que eles diriam da rapariga com a tiara e as meias rasgadas pelo joelho?

Faço-lhe uma carranca e ela retoma a leitura.

— Oh, bolas — resmunga o velho.

— Autumn? — chama uma enfermeira de azul. Ponho-me em pé, sentindo-me subitamente exposta perante os outros. O velho e a senhora que chorava foram substituídos por uma rapariga da minha idade e o seu irritadiço bebé.

— Espero aqui — diz a minha mãe. Não olho para ela. A enfermeira conduz-me por um corredor estreito. Um indiano baixinho está à minha espera.

— Autumn? — pergunta. Faço um sinal afirmativo. — Ah, vem comigo — prossegue ele, com um sotaque acentuado. Entramos num gabinete ainda mais pequeno do que a sala de espera, apinhado com uma mesa, uma estante, um armário de arquivo e uma cadeira pequena. Ele gesticula para me sentar na cadeira. Estou desapontada por não ser um sofá. Ele senta-se à secretária e abre uma pasta.

— Então, Autumn — diz ele. — O que te traz aqui hoje?

— A minha mãe.

— Hum-hum. E porquê?

— Ela diz que está preocupada comigo.

— Hum — faz o Dr. Singh de novo. Olho para ele. — Porque usas a tiara?

— Porque gosto.

— Estou a ver. E há quanto tempo é que isso acontece?

— Não sei. Uns dois anos.

— Tens medo de estar sem ela? Ficas ansiosa ou preocupada?

— Não. — Fitamo-nos por momentos. Ele escreve qualquer coisa na pasta.

— Como está o teu apetite, Autumn?

— Está bem — respondo.

— A sério? O que comeste hoje?

— A minha mãe fez-me papas de aveia para o pequeno-almoço...

— E tu comeste as papas de aveia que a tua mãe te fez?

— Sim.

Ele toma umas notas nos seus papéis. Observo-o. A sua letra é demasiado pequena e irregular para que eu consiga lê-la.

— Autumn — diz ele. Põe-se em pé. — Vem cá para ver o teu peso. — Conduz-me para uma pequena balança. Esta está coberta com o nome de um medicamento que vi publicitado na televisão. Subo para a balança e ele toma notas.

— Não tenho nenhum distúrbio alimentar — declaro.

— Hum-hum — faz ele, tomando mais notas. Sentamo-nos de novo.

— Porque é que a tua mãe está preocupada contigo?

— Ela acha que estou deprimida — respondo. — Como ela.

— Como ela? — Ele olha para mim com atenção, como se eu tivesse deixado escapar alguma coisa.

— Ela é uma das suas pacientes — sublinho.

— Ah. — Ele vira algumas folhas na sua pasta. Lê algo, olha para mim e lê mais um pouco. Por fim, fecha a pasta.

— Então fala-me da tua depressão, Autumn.

— Não acho que esteja deprimida.

Ele põe a cabeça de lado:

— Estás triste?

— Bem, sim.

— O que está a entristecer-te?

— Não sei — replico.

— Não sabes? — diz ele. Abano a cabeça e olho para o chão. Ele escreve algo e continua a falar. É a vez em que passa mais tempo sem olhar para mim desde o início da consulta.

— Há quanto tempo estás triste?

— Há uns meses — respondo. — É inverno.

— Estás triste todos os dias?

— Basicamente, mas não é assim tão estranho, pois não? Quer dizer, não é nada extraordinário.

— Tens sentimentos de raiva acrescidos, Autumn?

— Não sei.

— Sentes-te irritada com mais frequência?

— Bem, sim — reconheço.

— Sentes-te ansiosa ou preocupada?

— Não.

— Como tens dormido?

— Razoavelmente, acho eu. Durmo muito, mas também tenho acordado de madrugada.

— E não consegues adormecer outra vez?

— Não — respondo.

O Dr. Singh acena com a cabeça. Depois pousa a caneta e olha para mim.

— Já tiveste pensamentos suicidas? Desejo de morrer?

— Não — afirmo.

— Tens a certeza, Autumn?

Aceno devagar. A pergunta assusta-me.

Ele continua:

— A depressão afeta os padrões de sono. Algumas pessoas dormem mais e outras dormem menos. Muitas vezes, as pessoas que acordam de madrugada são as que têm pensamentos suicidas.

— Mas eu não estou deprimida — insisto.

— Achas que mereces estar triste — diz ele. Há um momento de silêncio enquanto olhamos um para o outro. — Achas que não tem mal estares triste todos os dias. Mas tem mal, sim. E tu não o mereces.

Olho para o chão, apesar de saber que ele já viu as lágrimas a picar-me os olhos.

— Não é nada para ter vergonha — diz ele. — Não faz mal.

Aceno com a cabeça. Ouço a caneta dele a raspar no papel quando ele recomeça a escrever.

A minha mãe pega na receita sem dizer nada e passamos pela farmácia antes de irmos para casa. No princípio, ela pergunta-me constantemente se tomei o meu remédio, depois deixa de falar nisso e nenhuma de nós volta a falar do assunto.

Passadas algumas semanas, começo a sentir-me melhor, mas se é por causa dos comprimidos ou porque a primavera finalmente chegou, não sei ao certo.

QUARENTA

O cheiro a amoníaco pica-me as narinas e a Sasha está a rir-se aos meus ouvidos enquanto me debruço sobre dela. É quinta-feira, depois das aulas, e estou a pintar-lhe o cabelo: primeiro loiro, depois vamos adicionar madeixas azuis à frente. Estou a tentar espalhar o creme branco pelo seu cabelo sem pôr nada na pele, dela ou minha. Os meus dedos trabalham intimamente sobre o seu couro cabeludo, entrelaçados nos cabelos.

— Não mexas a cabeça — recomendo. As minhas mãos estão suadas dentro das luvas de plástico finas que vinham no *kit*. A janela atrás de mim está aberta. O ar ainda está um pouco frio, mas o sol está quente e o cheiro é demasiado forte para a fechar.

— Quando vais pintar outra vez o cabelo? — pergunta a Sasha. Tem a cabeça inclinada para trás e os seus olhos observam-me o rosto enquanto as minhas mãos se movem pelo seu cabelo.

— Nunca — replico. — Dá demasiado trabalho.

— É porque achas que o Jamie não ia gostar?

— Não — respondo. — O Jamie diz que me acharia bonita fosse como fosse.

— Vocês são tão queridos. Às vezes tenho inveja. — Agora a Sasha é a única solteira do grupo. O Alex anda com uma caloira que usa um diamante falso no nariz. Não gostamos dela. Achamos que é presunçosa e que tem um aspeto um pouco ordinário. O Jamie chama-lhe «a pega do Alex» quando eles não estão.

Tiro as luvas das mãos e marco vinte minutos no temporizador, depois desabo na borda da banheira.

— Quem me dera que voltasses a estar com o Alex — comento.

— Tenho pensado nisso ultimamente — confessa a Sasha. Endireito-me e agarro-me à borda da banheira antiga.

— A sério? — pergunto.

— Tenho saudades dele — diz a Sasha. — Mas ele está com aquela Trina.

— Se tomasses o lugar dela, fazias-nos um favor a todos.

— Sim, eu sei. — Trocamos uma careta de nojo. Ponho-me em pé de um salto.

— Temos de começar a trabalhar nisto imediatamente, vou ligar ao Jamie. — Saio e apresso-me pelo corredor fora até ao meu quarto, onde o meu telemóvel repousa na cómoda.

O Jamie atende ao primeiro toque.

— Olá — diz ele.

— Vamos separar o Alex e a Trina — declaro.

— Fantástico — diz ele. — Como?

— Vamos voltar a juntar o Alex e a Sasha.

— Oh. Não podemos separá-los sem fazer isso?

— Não, a Sasha quer voltar para ele. E isso vai pôr o grupo certo de novo. — Viro-me e atravesso o meu quarto.

— Ela quer?

— Pareces surpreendido. — Dirijo-me para a casa de banho. Ouço novamente o tique-taque do temporizador.

— Não sei se gostava deles como casal — diz o Jamie.

— O quê? — Estaco do lado de fora da porta da casa de banho. — Porque não?

— Não sei. Deixa lá. Temos de nos livrar da pega do Alex.

— Exatamente — concordo. Abro a porta e o cheiro a amoníaco atinge-me as narinas de novo. — Porque não passas por cá quando eu acabar de pintar o cabelo da Sasha e podemos montar um esquema?

— De que cor estão a pintar?

— Azul.

— Fixe.

— Eu sei. Ela queria verde, mas consegui fazê-la mudar de ideias. Depois telefono-te, está bem?

— Está bem. Amo-te.

— Eu amo-te mais. — A Sasha faz um barulho como se estivesse a vomitar e eu dou-lhe uma palmada no braço. O Jamie desliga. — Ele alinha — anuncio. A Sasha ri. Olho para o temporizador. Ainda faltam dez minutos. Sento-me outra vez. — Vais adorar o teu cabelo.

*

Na escola, no dia seguinte, queixamo-nos ao Alex de que agora nunca o vemos. Inventamos piadas privadas que ele perdeu porque estava com a Trina. Na noite seguinte, vamos ao cinema e a Angie leva o Dave Betinho, mas não dizemos ao Alex para convidar a Trina. A Sasha senta-se ao lado do Alex na plateia e os dois partilham um balde de pipocas. O Alex passa a noite em casa do Jamie, que lhe diz que não gosta da Trina. Que ninguém gosta da Trina. Que toda a gente gosta da Sasha. Que a Sasha tem saudades dele.

Só na segunda-feira seguinte, depois de o Alex ter acabado com a Trina e estar de

mãos dadas com a Sasha na Escada para Nenhures, é que eu vejo algo assustador naquilo que fizemos. Não sabia que eu e os meus amigos tínhamos tanto poder uns sobre os outros, que podíamos mudar o coração do Alex tão facilmente como eu tinha pintado o cabelo da Sasha.

Criámos entre nós algo mais poderoso do que qualquer um de nós poderia alcançar separadamente. Acima, à volta e através de nós, somos uma verdadeira força, tecida, atada e agregada numa só entidade. Se no futuro nos separarmos, vai parecer tão simples visto de fora, um afastamento, um afrouxar de laços. Mas por dentro estaremos a ser rasgados e despedaçados à medida que os laços que nos prendem são puxados.

Distanciámo-nos, diremos. Foi um acidente.

Sento-me na Escada para Nenhures com os meus amigos e rimos. É primavera e uma brisa agita o nosso cabelo como dedos amorosos. Sentamo-nos tão perto uns dos outros que roçamos constantemente uns contra os outros. Tocamo-nos com a naturalidade que o amor permite. O Noah e o Alex fazem lutas de polegares. A Angie dá-me uma cotovelada e pergunta-me o que vou fazer depois das aulas. A Brooke estende a mão para admirar o novo cabelo da Sasha. Há cem dias que nos sentamos assim e pensamos que o faremos durante outros cento e um.

Isto é amizade, é amor, mas eu já sei o que eles ainda não perceberam: quão perigosa é a amizade, quão prejudicial pode ser o amor.

QUARENTA E UM

Estou a dormir na minha cama, a sonhar com algo de que não vou lembrar-me daqui a instantes, porque o meu telemóvel está a tocar. O brilho do ecrã na escuridão da noite acorda-me tanto como a música chilreante. Procuro-o às apalpadelas na minha mesa de cabeceira e, algures na minha mente, estou a registar a hora tardia que vejo no meu relógio, a tentar orientar-me no meio do sonho que estou a perder. Os meus dedos fecham-se sobre o telefone e seguram-no perto do meu rosto para ler o nome que aparece no ecrã.

Finny.

O meu sonho desapareceu e tudo o que resta é a realidade do nome do Finny a brilhar no escuro. Sento-me na cama. O telefone toca outra vez.

— Estou?

— Meu, é uma rapariga. — Não conheço a voz nem o riso que se ouve ao fundo.

— Estou? — repito. A minha lógica ensonada acredita que, se eu disser as minhas deixas corretamente, o outro lado fará o mesmo.

— Ei, o que estás...? — Há um grito, sons de atrito e o barulho para. Olho para o meu telefone, que me informa que a conversa durou quinze segundos. Pestanejo. O aparelho toca mais uma vez. Finny. Primo o botão. Levo-o ao ouvido.

— Estou?

— Autumn? Desculpa.

— Finny?

— Sim, sou eu.

Deixo-me cair nas almofadas e fecho os olhos. Sinto-me aliviada, mas estou demasiado cansada para tentar perceber porquê. É ele, portanto está tudo bem.

— O que aconteceu?

— Uns tipos pegaram no meu telefone, estou numa festa, e acho que ligaram para ti porque tu és o primeiro contacto no meu telefone.

— Sou o primeiro contacto no teu telefone? — Sinto os cantos da boca arquearem-se e espero que ele não consiga ouvir a minha alegria surpreendida.

— Bem, sim. Ordem alfabética. Sabes como é. — A sua voz extingue-se no fim da frase.

— Ah, pois. — Esfrego os olhos e suspiro. — Ainda estou meia a dormir.

— Desculpa — diz o Finny.

— Não faz mal — replico. — A sério.

— Eles estão bêbedos e a armar-se em parvos. Não volta a acontecer.

— Tu estás bêbedo?

— Não, vou conduzir.

— Isso é bom — comento. Não sei o que quero dizer com isto, mas sinto que é verdade, portanto é o que eu digo.

— Ei, espera — diz ele. Depois, baixinho, dirigindo-se a alguém que não eu: — Ela está outra vez maldisposta? — Outra voz, desta feita feminina, responde-lhe e ele diz: — *OK*.

— Ei, Autumn?

— Sim?

— Vou deixar-te dormir, está bem? Desculpa o que aconteceu.

— Tudo bem. Boa noite.

— Boa noite.

Espero que ele desligue primeiro. Ouço o barulho da festa ao fundo. Conto até três devagar e continuo a ouvir a respiração dele.

Por fim, ele desliga.

O telefone cai no chão e eu rebolo e enterro o rosto na almofada. A dor no meu peito bate e lateja ao ritmo do coração. Quando foi a última vez que a voz dele esteve comigo neste quarto, no escuro? Sou inundada por um dilúvio de memórias. Nós, muito pequenos, a dormir enrolados como coelhos-bebés. Mais velhos, a sussurrarmos segredos um ao outro à noite. Pousamos os dedos sobre os lábios um do outro para abafar o riso. O nosso desespero quando as Mães disseram que éramos demasiado crescidos para dormir na mesma cama. O Finny a fazer-me sinais da sua janela com uma lanterna e eu a levar o copo e a corda ao ouvido: «Consegues ouvir-me?»

O amor que tenho tentado conter rompe o dique e inunda-me, crispando os dedos dos meus pés e cerrando as minhas mãos em punho enquanto sopro o seu nome contra a minha almofada.

— Finny — digo para a escuridão solitária. — Finny. O meu Finny. — A minha respiração vacila e as minhas pálpebras fecham-se contra a dor de o amar. Finny. O meu Finny.

QUARENTA E DOIS

No último dia de aulas, eu e o Jamie curtimos na sua piscina depois de os outros irem embora. A borda de betão enterra-se nas minhas costas quando ele se comprime contra mim. A minha mão está metida dentro do fato de banho dele e sinto os seus músculos a contrair-se. Apetece-me morder-lhe o ombro, mas ele não gostaria disso. Portanto encosto os meus lábios aos dele e a sua língua desliza para dentro da minha boca. O gemido que ele solta vibra dentro de mim.

— Jamie, amo-te — digo-lhe.

— Quanto? — Ele comprime-se de novo contra mim.

— Muito — respondo. Sinto a mesma ânsia outra vez e beijo-lhe o ombro.

— Por favor? — diz ele e, quando faz novamente pressão, a minha pele raspa no cimento.

— Au! — exclamo.

— Queres ir lá para dentro?

— Quero.

Atravessamos o pátio com os pés descalços e entramos em casa. Tenho a sensação de que o meu coração está a bater entre as minhas pernas. O arranhão nas minhas costas lateja e estou com pele de galinha. Gelada por ter andado no interior fresco devido ao ar condicionado, começo a meter-me debaixo dos cobertores quando chegamos ao quarto dele.

— Não — protesta ele. — Vais molhar os meus lençóis.

— Estou com frio.

— Então, tira o fato de banho.

— Sim, pois — replico. Ele desliza para o meu lado, prendendo os meus olhos nos seus. Ficamos deitados de lado, de frente um para o outro.

— Autumn — diz ele. O seu olhar revela-me o que ele vai dizer antes que o diga.

— Jamie, eu...

— Isto é ridículo — diz ele. — Olha para nós.

— Não podes apenas beijar-me?

— Quero fazer amor contigo — diz o Jamie.

Não consigo responder-lhe. Não posso dizer que quero fazer amor com ele. Não posso dizer que não quero fazer amor com ele. Ele não diz nada. Pergunto o que ele pensará que eu estou a pensar enquanto olhamos um para o outro. Talvez julgue que

estou a ponderar a ideia, a decidir se estou pronta ou não.

É como se ele me tivesse perguntado se eu queria ir para o telhado e tentar voar. Como se tivesse sugerido que fôssemos para o aeroporto, agora mesmo, e comprássemos dois bilhetes para Paris. Não é que eu não goste da ideia; é só que não é possível.

— Não podemos simplesmente fazer sexo — digo-lhe.

— Porque não?

— Porque sim — respondo, mas não consigo encontrar palavras para explicar o que é tão óbvio para mim.

— O que posso fazer para que se torne certo para ti? — pergunta o Jamie.

— Preciso... — Não sei do que preciso, portanto arrisco um palpite. — Preciso de tempo.

— Quanto tempo?

Fitamo-nos. O seu olhar é atento, avaliador. Estuda o meu rosto.

— Um ano — respondo.

— Está bem — diz ele.

— Está bem?

— Depois de terminarmos o secundário.

— Está bem.

O Jamie beija-me. Talvez daqui a um ano eu tenha encontrado aquilo de que realmente preciso. Talvez se não conseguir encontrar no prazo de um ano, isso signifique que nunca encontrarei. Talvez então seja melhor ceder, simplesmente.

O Jamie beija-me. Fecho os olhos e perco-me na pura sensação física, no calor, na pele e na respiração de ambos. Estamos quase nus na cama, e apaixonados, e isso é quase sexo. E é quase certo.

QUARENTA E TRÊS

A minha mãe pode ter de voltar para o hospital. A tia Angelina está ao telefone com os médicos. A minha mãe está a chorar na cozinha. Eu estou sentada na escada. O meu pai está no trabalho, mas vai voltar para casa o mais depressa possível.

Não posso entrar na cozinha. Eu não devia saber. Mas, na realidade, sou sempre a primeira a perceber. A minha roupa começa a aparecer à porta num cesto, em vez de já estar dobrada e dentro das gavetas. Há legumes congelados no congelador, em vez de couve-flor fresca inteira, pimentos amarelos brilhantes e abóbora. Ela deixa pratos sujos no lava-loiça de um dia para o outro. Não está maquilhada quando chego a casa, à tarde.

E aprendi que, se tento avisar alguém, eles se riem. Não veem que a tensão e o perfecionismo dela são as únicas coisas que a mantêm de pé. Até a tia Angelina franze a testa e diz que, se a minha mãe está a aprender a facilitar um bocado, isso será bom para ela e que talvez ela esteja a aprender a relaxar um pouco.

A tia Angelina desliga. Ouço a cadeira a raspar no chão. Fala com a minha mãe em voz baixa. A voz da minha mãe responde num tom estridente, depois cala-se.

Eu e o Finny adoramos ouvir a história de como elas se conheceram, porque nunca é igual. A tia Angelina disse-nos que a minha mãe a salvou de uma tempestade de neve, ou que ficaram presas no alto de uma roda gigante e tiveram de descer pelos raios. Salvaram-se uma à outra de se afogarem, conheceram-se nos bastidores de um concerto dos Rolling Stones, foram empurradas para o mesmo armário no primeiro dia do secundário e tinham-se tornado amigas quando foram resgatadas pelo contínuo.

A minha mãe disse que estavam sentadas ao lado uma da outra na aula de Matemática do oitavo ano. Uma vez, disse que tinha sido no sétimo.

Os soluços da minha mãe abrandaram. Apesar de nunca as ter visto numa das crises da minha mãe, imagino a cena com bastante clareza. A minha mãe tem a cabeça enterrada nos braços, em cima da mesa. A tia Angelina acaricia-lhe o cabelo.

Amaram-se quase toda a vida, mas não estão apaixonadas. Têm paixão e são dedicadas. Têm laços que as prendem e, ao mesmo tempo, equilibram-se uma à outra: o caos exterior da vida da Angelina e a escuridão interior da minha mãe, a força da Angelina e a vontade da minha mãe.

Imagino os dedos da Angelina a entrelaçarem-se nos cabelos dela e a repousarem lá.

— Adoro-te — diz ela. Adorará sempre.

O meu pai entra pela porta da frente. Traz a pasta na mão. Chegou mais cedo do que eu esperava. Começou a namorar a minha mãe no primeiro ano do secundário, tal como eu e o Jamie. Não sei o que os une.

— Olá, Autumn — diz ele.

— Olá, pai — respondo.

— Dia difícil, hem? — diz ele. Não tenho certeza se está a referir-se a mim, à mãe ou a todos nós.

— Ela está na cozinha — informo. Ele acena e olha para mim.

— Estás bem?

— Estou ótima — replico. Estou sempre. Comparativamente.

Não consigo imaginar não querer viver. Não consigo imaginar não acreditar que um dia será melhor. Não consigo imaginar que não há mais nada para ver, que não há nada que me prenda à Terra. Enquanto tiver vontade de viver, devo estar bem.

O meu pai entra. A tia Angelina sai.

— Então, miúda — diz ela. Não respondo.

— Vai ficar tudo bem — diz ela. Eu sei disso. Já está tudo bem. Está sempre tudo bem. Está tudo bem, tudo bem, tudo bem!

Aceno com a cabeça.

— Queres que eu ligue para o Finny? — propõe ela. Talvez eu tenha estremecido, não tenho a certeza. A expressão dela altera-se em reação a mim, portanto devo ter feito alguma coisa. — Está bem.

— Não é o que está a pensar — digo-lhe. Eu quero o Finny. Quero-o aqui, e quero o Jamie e quero a Sasha, a Angie, o Noah, a Brooke e até a minha avó, que morreu há tantos anos. Quero a minha mãe. Quero que ela fique bem, mesmo bem. Aquilo a que as outras pessoas se referem quando dizem que estão bem.

A tia Angelina faz um sinal afirmativo. Um canto da sua boca tremula, apenas por um momento.

— O amor é complexo — diz ela.

Aceno outra vez. Depois pouso a cabeça nos joelhos e não choro.

QUARENTA E QUATRO

À minha frente está um copo de rum e *Coca-Cola*. Tem três cubos de gelo. A Brooke está a deitar *Coca-Cola* no copo do Noah. O Jamie está sentado ao meu lado, à mesa da cozinha da minha mãe. Já bebeu um gole do seu copo, mas nós protestámos, dizendo que todos tínhamos de tomar a primeira bebida ao mesmo tempo.

A minha mãe ainda está no hospital e o meu pai está numa viagem de negócios. Esta é a primeira vez que me deixaram sozinha dias a fio. Todas as noites, tenho de falar com a tia Angelina. Ela quer saber como me sinto e se vou jantar com eles. Estou bem e tenho sempre planos, como esta noite.

O Jamie e os outros estacionaram do outro lado da esquina, para a tia Angelina não ver aqueles carros todos no nosso caminho de acesso. A irmã mais velha da Brooke comprou-nos o álcool. Nenhum de nós voltou a beber desde aquela noite de Ano Novo e decidimos que estava na hora de experimentarmos outra vez.

— Pronto — diz a Brooke. Todos levantamos os copos. Os cubos de gelo tilintam todos ao mesmo tempo, uma melodia que perdeu o rumo.

— À nossa — digo, lembrando-me do brinde de Natal do Jamie. E estou a falar a sério. Olho para cada um dos rostos deles. Baixamos novamente os copos. A princípio tem o mesmo sabor, como se só houvesse *Coca-Cola* no meu copo, mas quando engulo, a minha garganta arde e o meu estômago fica quente. A Angie faz uma careta. O Alex engasga-se. O Jamie toma outro trago.

— Isto é bom — diz o Noah. Bebo mais um golinho.

O Alex está a tentar prender o cabelo da Sasha ao alto. Tem uma escova, um punhado de ganchos meus e um elástico.

— Vais ficar fabulosa, querida, simplesmente fabulosa — diz ele. Estamos sentados no chão da sala, a vê-los a eles e à televisão, e a rir. A minha cabeça está pesada e leve ao mesmo tempo. Estou feliz. Amo os meus amigos.

— Au! — queixa-se a Sasha.

— É preciso sofrer para ser bela, querida — diz o Alex. Rimos de novo. Levanto o meu copo e a Brooke inclina-se para o encher. Parte do rum respinga para o meu braço e o Jamie curva-se e lambe-o.

— Isso é nojento — protesto. Esfrego a saliva dele da minha pele e fito-o de sobrolho franzido. Ele sorri-me. A Brooke enche o resto do meu copo com *Coca-Cola* e eu levo-o aos lábios. O gelo já derreteu há um bom bocado, mas ninguém se

importa com isso. Na televisão, um carro capota e incendeia-se.

— Oh, não! — exclamo.

— O que foi? — pergunta o Jamie.

— Ele morreu — respondo.

— Não, aquele é o carro do espião russo.

— Ah.

O Jamie inclina-se e lambe o meu braço outra vez.

— Não faças isso — digo-lhe. Afasto-o. Todos os outros riem. Tento levantar-me e tenho de me firmar no braço do sofá. Eles riem de novo. — Vou lavar o braço — declaro.

— Porquê? — indaga o Jamie.

— Tu lambeste-o duas vezes. Tenho de o lavar.

— Não tens nada.

— Vou lavar o braço agora — insisto. Largo o sofá e atravesso a sala com passos inseguros. Os meus pés não caminham como eu quero: oscilam para o lado e impulsionam-me para a frente antes de eu estar pronta.

— Traz-me mais dessas coisinhas do cabelo, querida — pede o Alex.

— Ainda não acabaste? — pergunta a Sasha. Agarro-me à moldura da porta quando saio para o corredor e não ouço a resposta do Alex. Desde a minha segunda bebida que tenho uma sensação calorosa e feliz, livre, como se estivesse num agradável banho quente e fosse invencível. Agora já vou na quarta bebida e algo borbulha dentro de mim, como uma gargalhada presa no meu peito, que me faz cócegas enquanto se debate para sair.

Vou à casa de banho do andar de cima, que é a minha favorita por causa da banheira antiga. Quando tinha dez anos, conseguia deitar-me de costas, com os pés numa das extremidades e a cabeça a roçar perfeitamente a outra. Agora tenho de dobrar os joelhos. Meto-me na banheira e contorço-me até ficar confortável. Mas depois tenho de me contorcer outra vez, para tirar o telemóvel do bolso.

Vou mudando de posição, tentando encontrar novamente o ponto confortável enquanto o telefone toca. Quando ele atende, paro de me mexer.

— Autumn?

— Finny, olá — sussurro.

— O que se passa?

— Nada — respondo. — Estou bêbeda.

— Oh — faz ele. E depois: — Oh!

Sinto o peito a inchar de orgulho: surpreendi o Finny. E agora já estive bêbeda, tal e qual como ele. Rio-me, depois lembro-me de que estou a tentar não fazer barulho.

— Agora sei porque é que tu fazes isto — sussurro. Tapo a boca com uma mão para abafar uma gargalhada.

— Onde estás? — pergunta ele.

— Na banheira.

— De quem?

— Na minha. A que tem os pés. Estou escondida dos meus amigos.

— Porquê?

— Para te poder telefonar, palerma. — Ele ri, um som curto que se transforma num suspiro. Franzo a testa e mudo de posição outra vez. Os lados de porcelana da banheira estão a enterrar-se nos meus cotovelos. — Isto foi maldade? — pergunto.

— Não, não é maldade nenhuma. Apenas a verdade.

— Mas ainda tenho de te dizer por que razão te telefonei.

— Porque é que me telefonaste?

— Quando formos visitar a minha mãe amanhã à noite, também vens?

— Queres que eu vá?

— Sim.

— Eu vou, mas tu tens de me prometer duas coisas.

— Está bem — anuo.

— Número um, quando desligarmos, quero que desças a escada e bebas um grande copo de água. E antes de ires para a cama, bebe outro.

— Porquê?

— Porque assim não estarás tão maldisposta amanhã, espero eu.

— Está bem.

— A promessa número dois é muito importante, Autumn.

— Está bem.

— Não faças sexo com o Jamie enquanto estiveres bêbeda — diz o Finny. Fecho os olhos. Sei o que tenho vontade de dizer, mas calo-me. As minhas palavras não conseguem encontrar o caminho através da névoa que envolve a minha mente para chegarem à minha boca. Há algo aqui, algo significativo, se ao menos eu conseguisse articulá-lo. — Autumn? — diz ele.

— Não ia fazer — respondo. As palavras caem-me dos lábios como pedras na água: uma, duas, três.

— Certo — diz ele. Ficamos ambos calados. Ouve-se um baque no andar de baixo, depois risos. — Eu tencionava ir na quinta-feira, fosse como fosse — acrescenta ele.

— Eu e o Jamie vamos fazer sexo depois de terminarmos o secundário — digo-lhe. Há uma pausa. Consigo ouvi-lo respirar.

— Porquê nessa altura?

— Não sei. — Quero que ele me diga que está bem, que é a coisa certa a fazer.
— Quantas bebidas tomaste? — pergunta ele.
— Três — respondo — e tenho uma à minha espera lá em baixo.
— Acho que devias parar depois disso.
— És sempre tão mandão — protesto.
— Promete-me — insiste o Finny.
— Prometo — anuo.
— Então está bem.
— É suposto estar a lavar o braço. Tenho de ir.
— Porque estás a lavar o braço?
— O Jamie lambeu-o. Duas vezes.
— Isso é algo que ele normalmente faz?
— Não. Ele também está bêbedo.
— Não te esqueças de beber a tua água.
— Não esqueço. Adeus.
— Adeus.

No andar de baixo, o espião bom está a partir de helicóptero com a rapariga. Esqueci-me de trazer aquelas «coisinhas do cabelo» para o Alex, mas agora a cabeça da Sasha está pousada no ombro dele e ele não dá pela falta. O meu braço está vermelho e com a pele irritada no sítio onde eu a esfreguei com água quente, como prova de que estive a lavar-me no andar de cima. Sento-me ao lado do outro rapaz por quem estou apaixonada.

— O que é isso? — pergunta ele.
— Um copo de água — explico. — Queres?
— Pois sim — diz ele. Estendo-lhe o copo. Ele bebe dois goles e devolve-mo. Acabo de beber a água e enrosco-me contra ele. Ele apoia a cabeça à minha. O espião beija a rapariga e a música cresce. O ecrã fica preto.

Hoje vou dormir a noite toda com o Jamie na minha cama, mas não vamos fazer sexo. De manhã, ele vai beijar-me e soprar o seu hálito quente no meu pescoço, e eu vou enterrar a cabeça no seu ombro. A Angie estará a vomitar na casa de banho do corredor. O Alex também estará maldisposto. Eu e o Jamie não ficaremos enjoados. Os que forem capazes de comer farão ovos estrelados e todos veremos o noticiário da manhã sentados no sofá, com os olhos vidrados. Ninguém vai falar muito. Não lhes direi que vou visitar a minha mãe mais tarde. Quando eles forem embora, ficarei aliviada e irei dormir mais um bocado.

À noite, vou vestir uma saia e dirigir-me para a casa ao lado. Recusarei quando o Finny me oferecer o banco da frente. A tia Angelina vai pôr uma estação de rádio

com êxitos antigos, mas ninguém vai cantar. Eu vou olhar para a parte de trás da cabeça do Finny enquanto o carro vira para o parque de estacionamento do hospital, porque ele está ali, mesmo ali, e estaria fosse como fosse.

QUARENTA E CINCO

Acho que li todos os livros da biblioteca. Todos os romances, quero eu dizer. Todos os romances que quero ler. Ou que posso estar disposta a tentar ler. Se alguém me dissesse que tal coisa era possível há dez anos, eu não teria acreditado. Os livros são ilimitados.

Faço rodar o escaparate com a placa NOVIDADES em letras garrafais. O ar condicionado está demasiado frio e eu tenho arrepios. A minha mãe já voltou para casa. O meu pai está a trabalhar. O 4 de Julho é amanhã.

O escaparate não é novo; range enquanto gira. Daqui a dois dias, vamos visitar uma universidade, todos nós: eu, a minha mãe, a tia Angelina e o Finny. Tenho de arranjar algo para ler ou não vou aguentar estar sentada ao lado dele durante quatro horas, com o seu cheiro e o seu perfil a olhar pela janela.

Pego num livro para o qual já olhei duas vezes. Talvez haja algo aqui, algo que eu possa agarrar-me, que me permita evadir-me durante um bocado.

Tive outra consulta com o Dr. Singh ontem. Ele acenou com a cabeça a tudo o que eu disse e receitou-me uma nova dose dos mesmos medicamentos. Penso na minha casa de fantasia, onde os móveis (mesas, cadeiras e estruturas das camas) são compostos por pilhas de livros. Pergunto-me se ele também acenaria pensativamente se lhe dissesse isso. Talvez me perguntasse o que os livros significam para mim. Eu dir-lhe-ia que significam viver outra vida; que estou apaixonada tanto pelo meu melhor amigo perdido, como pelo meu namorado, e que preciso de acreditar noutra vida. Ele tomaria seguramente uma das suas notas.

À vinda do consultório, perguntei à minha mãe se ela achava que eu alguma vez teria de ir para o hospital e ela começou a chorar. Não parou o carro nem diminuiu a velocidade. Limitou-se a olhar para a estrada e a chorar.

— Desculpa — pedi-lhe.

— Eu é que peço desculpa — disse ela. Não estava a pedir desculpa por chorar, mas por algo mais profundo, algo que ela me tinha transmitido, que me tinha feito, de que me tinha privado.

— Não faz mal — repliquei. A culpa não era dela.

Na parte inferior do escaparate há uma pequena compilação de *haikus* japoneses. As compilações de poesia podem ser boas. Os poemas podem ser relidos e estudados.

O Jamie aproxima-se por trás de mim. O seu peito roça nas minhas costas.

— Já estás despachada? — pergunta.

— Ainda não.

— Está bem — diz ele, e eu sinto o meu amor por ele, um pequeno ponto quente entre o meu estômago e os meus pulmões; o ponto tremula e assenta de novo no seu lugar.

— Não demoro — prometo. Ainda não me virei para olhar para ele.

— Temos tempo — diz ele. Vamos ao cinema. Vamos comer hambúrgueres na praça da restauração do centro comercial e o Jamie vai gozar comigo por causa da maneira como eu como as batatas fritas.

O Jamie vai candidatar-se a escolas diferentes das minhas. Nem sequer está a considerar a universidade que vamos visitar depois de amanhã. É a única que eu posso pagar que tem um programa de Escrita Criativa. O Jamie tem fé de que isso não terá importância: ele vai casar comigo assim que terminar a faculdade. Escolhemos uma casa a poucos quarteirões da minha. Tem a porta da frente amarela; é por isso que eu gosto dela. E ele gosta por eu gostar.

Escolho *A Campânula de Vidro*. Tenho tido demasiado receio de o ler e, parcialmente, ficado demasiado irritada com o clichê para superar esse medo.

— Estou pronta — anuncio.

— Boa — diz o Jamie. Viro-me. Ele está a sorrir para mim. O seu cabelo escuro cai-lhe sobre os olhos verdes. Lembro-me da primeira vez que o vi na escada, de ficar a olhar para ele como se não acreditasse que aquele rosto pudesse existir.

— O que foi? — pergunto.

— Estás bonita hoje — diz ele.

— Gostava que ponderasses ir para Springfield — digo-lhe.

— Nós vamos conseguir — assevera ele. — Eu ligo-te todas as noites antes de dormir.

— Vou ter saudades tuas.

— Ótimo, então não vais deixar-me por um poeta.

Lá fora, o ar quente rodeia-nos como uma membrana, tão espesso que parece palpável. Os meus arrepios desaparecem.

— E tu não tens de ir para lá, sabes? — diz o Jamie.

— Tenho, sim — replico.

O Jamie ainda quer que eu vá para o ensino. Quer que eu faça pelo menos um bacharelato em Educação. Fica calado. Dentro do carro está um calor sufocante, e o Jamie baixa os vidros antes de ligar o motor. Ele não consegue compreender a minha necessidade de ter Escrita como cadeira nuclear. Não compreende sequer a minha necessidade de escrever. Aceitação foi o que ele me ofereceu e eu sei que sou

afortunada por ter isso. E acho que é quanto basta.

QUARENTA E SEIS

Houve um momento, depois da visita ao *campus*, em que eu e o Finny ficámos sozinhos ao pé da fonte. O sol pintava tudo o que nos rodeava de um branco doloroso e brilhante. Quando o vento soprava, os salpicos da fonte refrescavam-nos, pelo que ficámos onde estávamos, à espera de que as Mães parassem de tirar fotografias e pudéssemos voltar para o hotel. Eu estava a olhar em volta, para tudo menos ele, quando ele falou:

— Então, o que achas?

Encolhi os ombros:

— Gosto, mas não tenho a certeza se seria feliz aqui.

— Serias — asseverou ele. Fitei-o. Ele estava a olhar para mim.

— Porquê? — perguntei. Foi a vez de ele encolher os ombros.

— Há muitas árvores — replicou.

Estamos a regressar a casa. O Finny vai a conduzir. Surpreendeu-me, embora, na verdade, não devesse surpreender, quando a tia Angelina abanou as chaves e lhe perguntou se ele queria fazer um turno. Também me ofereceu o banco da frente, para eu poder esticar as pernas. No banco de trás, as Mães estão a ficar sentimentais. Querem falar sobre o Natal em que a eletricidade faltou, sobre a equipa de futebol do quinto ano do Finny ou sobre o poema acerca de fadas mortas que eu escrevi quando tinha dez anos.

— Lembram-se do vosso primeiro dia de aulas? — pergunta a minha mãe.

— Não — respondo.

— Eu lembro — diz o Finny.

— Tu fugiste sem o Finny — diz a tia Angelina. — Ele ainda estava agarrado às minhas saias, à porta, e tu disparaste pelo pátio do jardim de infância fora direito às barras.

— E depois penduraste-te de cabeça para baixo e pregaste-me um susto de morte — acrescenta a minha mãe.

Não é só não me *lembrar*: não *acredito*. Eu tinha pavor de estar longe do Finny e ele estava à vontade onde quer que fôssemos.

— Vocês devem estar a ver a história ao contrário — observo.

— Estavas de saia e toda a gente te via as cuecas — prossegue a minha mãe.

— Tu foste sempre a corajosa — declara a tia Angelina.

— Eras tu — confirma o Finny. Os seus olhos não se desviam da estrada. Não me vê a olhar para ele.

Não me lembro de ter sido sempre a corajosa. Lembro-me de ter medo de que ele me deixasse um dia. Eu nunca o teria deixado.

Eu tinha-lhe perguntado:

— E tu?

Estávamos agora sentados na borda da fonte. As Mães continuavam a vaguear de um lado para o outro de máquina fotográfica em riste. Segui-as com os olhos, enquanto cirandavam por aqui e por ali.

— Eu também gosto — respondeu ele.

— A sério?

— Sim — disse ele —, e não fica muito longe de casa. — Fez uma pausa e eu olhei na direção dele. Não estava a olhar para mim. — Mas acho que talvez vá para Nova Iorque, para a faculdade de Medicina. — O Finny em Nova Iorque em vez de mim. Por essa altura, eu estarei casada com o Jamie e de novo aqui. É engraçado como as coisas não correm como pensávamos.

— Vais usar camisolas pretas de gola alta e beber café por mim? — gracejei.

— Não gosto de café — disse ele. Ri-me.

— Sabes que mais? Eu também não — confessei. Rimos os dois. As Mães tiraram-nos uma fotografia sem que déssemos por isso. Estavam bastante longe, pelo que ficámos pequenos, sentados juntos no canto da fonte. Eu estou a olhar para o chão; ele está a olhar para mim. Parece que costumamos sentar-nos ali juntos todos os dias.

No caminho para casa, olho pela janela e vejo as árvores passarem por nós como marcos rodoviários, a dizer-nos quanto já nos afastámos do sítio de onde vimos.

QUARENTA E SETE

No dia 8 de agosto nada acontece.

A Terra não é atingida por um raio. Nenhuma velha aparece à porta com avisos aterradores. O Finny não vê um cão preto a olhar para ele quando se apeia do seu carro vermelho. Ninguém diz nada de profético ou irónico. Não acordo na escuridão a ouvir o relógio bater treze badaladas.

O Finny terá pressentido alguma coisa? Haveria algo sem nome a agitar-se dentro dele? Este último ano ter-lhe-á parecido uma espécie de fim da tarde, com a luz do sol a rastejar pelas tábuas do seu quarto e a desvanecer-se lentamente até restar apenas um fino véu de cinzento entre o dia e a noite?

Eu terei pressentido alguma coisa? Terei sabido?

Como todas as coisas que se tornaram história, agora sinto como se sempre tivesse sabido, como se aquilo tivesse estado à espreita nas sombras ao longo de toda esta história. A história por baixo da história.

QUARENTA E OITO

No primeiro dia de aulas, eu e o Jamie passamos pela minha antiga paragem da camioneta e os caloiros parecem crianças. Uma rapariga de cabelo preto e botas de combate mexe os pés e olha para o chão com uma expressão carrancuda. Desejo-lhe as maiores felicidades.

— Somos finalistas! — guinchamos nós, raparigas, umas para as outras. Os rapazes imitam jocosamente os nossos guinchos e reviram os olhos. Está um calor mortal na Escada para Nenhures, mas temos de nos sentar lá antes das aulas e à hora de almoço, para que todos os caloiros saibam que esta zona lhes é vedada. Sentamo-nos lá antes do primeiro toque da manhã e conversamos sobre a compreensão de que, de certa forma, aquele tinha sido o nosso último verão. No próximo já não seremos crianças em nenhum sentido da palavra. Estamos quase lá, naquela linha de meta que tem estado diante de nós a vida inteira. Somos quase adultos; as nossas vidas estão prestes a começar.

Estou na aula de Escrita Criativa do Sr. Laughegan.

— Eu disse que te reencontraria aqui — diz ele quando entro na sua sala de aula do tamanho de uma despensa. Ele diz-nos para escrevermos uma página sobre que tipo de fruto ou vegetal seríamos. Eu seria um kiwi, obviamente.

Também tenho uma aula de Literatura que dá créditos para a universidade, duas aulas de Inglês e nenhuma de Matemática. É quase mais do que posso suportar.

Mas tenho Educação Física, uma aula temática chamada desportos para toda a vida. Incide sobre desportos que podem praticar-se a vida inteira, como *bowling*, caminhada ou algo desse género. Inscrevi-me porque parecia fácil.

Não sei por que motivo o Finny se inscreveu nesta disciplina. Ele é bom em todos os desportos; não consigo imaginar porque há de estar interessado numa aula com tão pouca atividade. Já estou sentada nas bancadas quando ele entra no ginásio. A professora regista a sua presença e ele senta-se à minha frente. Não tenho a certeza se me viu ou não.

Enquanto a Sra. Scope fala sobre as expectativas da disciplina, do que vamos fazer e quando o faremos, eu olho para a parte de trás da cabeça do Finny. A mãe dele provavelmente acha que ele precisa de um corte, mas eu gosto quando o cabelo dele fica um pouco comprido. No fim do seu discurso, a Sra. Scope diz que devemos escolher um parceiro para o semestre, alguém com quem jogar *shuffleboard* e bilhar.

Todos olham em volta e sussurram, escolhendo os seus pares o mais depressa possível para não ficarem para trás. O Finny vira-se e olha-me nos olhos.

— Queres? — pergunta.

— Claro — respondo. Penso em como foi estar com ele naquele primeiro dia do nosso ano de caloiros, de me sentir demasiado constrangida até para lhe dizer olá. Nesse ano não poderíamos ter sido parceiros, talvez nem mesmo no ano passado. Ele ainda é o rapaz mais popular da nossa escola e eu ainda sou a namorada do líder dos inadaptados, mas, como somos os únicos finalistas da turma, podemos ser parceiros de Educação Física; não vai parecer ter qualquer significado.

A Sra. Scope anota cada par e diz-nos que estamos livres para passar o resto da aula a atirar ao cesto ou sentados na bancada. Toda a gente se levanta ou sobe para as filas mais altas para cuscarem nos cantos. Eu e o Finny ficamos onde estamos. Ele volta-se para mim de novo. Não posso usar tiara no ginásio e sinto-me estranhamente exposta diante dele.

— Somos finalistas — diz ele.

— Pois somos — replico.

QUARENTA E NOVE

A Angie e o Dave Betinho tiveram relações sexuais no segundo fim de semana após o início das aulas.

— Onde é que o fizeram? — pergunta-lhe a Sasha. É a hora do almoço e os rapazes estão a perseguir-se mutuamente pelo campo, trocando insultos e socos nos ombros. Sinto o calor do pavimento de betão através das minhas calças de ganga. Lembro-me de estar sentada exatamente assim a ouvir a Brooke contar a sua história.

— Estávamos no carro dele — diz a Angie. — Não planeámos. Aconteceu, simplesmente. — Não parece perturbada, pelo contrário: está radiosa. Há um rubor nas suas faces pálidas e tem os olhos brilhantes.

— A sério? — admiro-me. Não compreendo como o sexo pode acontecer por acidente. Quando eu e o Jamie nos beijamos durante muito tempo, eu digo-lhe que temos de parar, porque é o que se espera que a rapariga diga nalgum momento. Mas nunca lhe disse que devíamos parar por achar que era realmente preciso. Nunca esqueci que estávamos no carro dele, que não era o momento certo.

— Doeu imenso, não foi? — pergunta a Brooke.

— Para dizer a verdade — confessa a Angie —, vomitei.

— Oh, meu Deus! — exclamo. Ela olha para a minha cara e dá uma gargalhada.

— Ele já tinha... sabes, acabado? — indaga a Brooke.

— Sim — diz a Angie. — Mas foi, tipo, logo a seguir.

— Vomitaste no carro dele? — pergunta a Sasha. A Angie abana a cabeça:

— Não. Deitei-me de barriga, abri a porta e vomitei no caminho.

— Oh! — exclamo. Não consigo pensar em nada para dizer, mas a Sasha tem uma questão:

— Espera, se não tinham planeado isso, usaram alguma coisa?

— Bem, não — reconhece a Angie. — Mas foi só uma vez e para a próxima vamos arranjar preservativos, ou, sei lá, qualquer coisa.

— Basta uma vez — diz a Brooke.

— Hum-hum — diz a Sasha. — E vocês têm de se sentar e *falar* sobre opções de controlo de natalidade antes que possa haver uma próxima vez.

— Malta — interrompe a Angie. Suspira. — Não me estraguem isto.

Franzo a testa de novo. Se estar no banco de trás de um carro e vomitar no caminho não lhe estragou a experiência, não sei como poderíamos estragá-la nós. Não

compreendo como é que a Angie pode ter-se contentado com um lugar tão clichê para perder a virgindade. Não compreendo porque é que o Dave não caiu em si quando tomou consciência de que não tinham contracetivos. A Brooke põe o braço em volta da Angie.

— Desculpa — diz ela. — Estamos felizes por ti, a sério.

— Sim — corrobora a Sasha.

— Ótimo — diz a Angie —, porque eu não consigo parar de sorrir e... — Suspira outra vez. — Amo-o tanto que, sempre que penso nele a segurar-me nos braços depois, dá-me vontade de chorar.

Eu também teria vontade de chorar se fosse a Angie, mas por motivos diferentes. Não compreendo como algo assim acontece.

No caminho para casa, conto a história da Angie ao Jamie. Ele ouve em silêncio, sem tirar os olhos da estrada.

— Quero dizer, acho que estou feliz por ela, se ela estiver feliz — concluo. — Mas não parece uma coisa horrível?

— Não sei — replica o Jamie. — Acho que seria querido se tu vomitasses.

— O quê?!

O Jamie tem uma expressão calma. Encolhe os ombros e sorri:

— Eu segurava-te o cabelo e cuidava de ti.

— Não vou vomitar — declaro.

— E não vais fazê-lo num carro. Eu sei, não te preocupes. — O Jamie vira para o caminho de acesso de minha casa.

— Bem, não da primeira vez — esclareço.

— Vamos ter um quarto de hotel — diz o Jamie. Olha para mim. — Um mesmo bom. E vamos vestir-nos a rigor e fazer um jantar caro primeiro.

— Isso soa... — Faço uma pausa. — Agradável. — Desaperto o cinto de segurança e viro-me para ele. O Jamie beija-me e eu percebo que, durante esse jantar, ele vai dar-me um pendente para a minha pulseira, algo subtil cujo significado só ele e eu compreenderemos. É romântico e eu gostaria de não ter pensado nisso, para que pudesse ser surpresa. Esforço-me para esquecer.

CINQUENTA

Estamos a jogar badmington e eu acabei de me encolher quando a coisinha de plástico voou para mim. Embora a pena tenha caído mesmo ao lado do meu ténis, o Finny vem buscá-la. Ele recua alguns passos e levanta a raquete. A turma tem demasiados pares para que possamos usar as redes, pelo que estamos espalhados por todo o ginásio, a espaços aleatórios.

— Tenta outra vez — diz ele. — Estou a batê-la devagar. Não pode magoar-te.

Levanto obedientemente a minha raquete. Com movimentos exageradamente marcados, o Finny atira-a ao ar e bate-a suavemente na minha direção. Eu atinjo-a defensivamente com a raquete e a pena descreve um arco para o chão. O Finny mergulha, mas a minha falta de jeito é de mais até para ele. Ele apanha a coisa branca das tábuas amarelas brilhantes do ginásio e olha novamente para mim.

— Certo — diz ele. — Foi melhor. Desta vez, tenta batê-la para cima. — Retoma a sua posição, depois detém-se: — Mas não a direito — acrescenta.

Desta vez, quando acerto na pena, ela guina para a esquerda. O Finny corre para o lado e, de repente, a pena está a voar de novo para mim.

— Uau! — grito. Brando a raquete, mas falho e a pena cai no chão. — Desculpa. — Curvo-me para a apanhar. Suponho que é como uma espécie de bola saltitona. Gosto de bolas saltitonas. Se não tivesse tantas penas de plástico a sair lá de dentro, talvez eu gostasse mais do jogo. Por outro lado, também seria mais difícil de ver. Tento imaginar ver uma bolinha a voar pelo ar. Talvez se fosse colorida...

— Autumn? — chama o Finny. Olho para ele e percebo que fiquei especada a olhar para a bola.

— Desculpa — peço pela segunda vez em dois minutos. — Estava distraída.

— Eu vi — diz o Finny. — Então queres servir?

— Pois, sim — respondo. Lanço cuidadosamente a pena ao ar e fico a vê-la cair. Bato-lhe com a raquete e a pena voa para cima e para fora. O Finny avança e devolve-a na minha direção, graciosa, alta e lenta. Vem direita a mim e eu acerto-lhe de novo sem ter de dar um passo sequer. Conseguimos trocá-la de um para o outro quatro ou cinco vezes, antes de eu voltar a falhar.

— Esta foi boa — diz o Finny. A Sra. Scope sopra o seu apito e nós encaminhamo-nos para ela para pousarmos as nossas raquetes numa pilha aos seus pés. Eu e o Finny avançamos juntos, mas não lado a lado. Eu sigo um pouco atrás dele e mantenho

alguma distância.

— Oh — digo, de repente —, a mãe disse para te perguntar o que queres de presente de anos.

— Nada de especial — diz ele. — Qualquer coisa serve.

— Tenho de ter algo para lhe dizer — insisto.

— Hum, davam-me jeito uns ténis novos — sugere o Finny.

— Vou dizer-lhe para te comprar uma quinta de formigas — declaro quando nos viramos na direção dos balneários. O Finny encolhe os ombros.

— Está bem. Também queres uma?

— Sim — replico, embora tal ideia não me tivesse ocorrido. Poderia pô-la na minha mesa e olhar para ela quando tivesse um bloqueio criativo. Já estamos perto das portas dos balneários. Depois de mudar de roupa, vou para a minha aula de Literatura e só amanhã é que volto a falar com o Finny, mesmo que o veja de longe, aqui ou em casa. — O que vais fazer pelo teu aniversário? — pergunto-lhe.

— A mesma coisa de sempre, ter toda a gente lá em casa na sexta-feira, para comermos e vermos um filme — diz ele.

— Isso parece divertido — comento.

— Queres vir? — propõe o Finny. Estaco abruptamente. O Finny vira-se para mim. Estamos diante das portas dos balneários. Os nossos colegas têm de nos contornar para entrarem.

— Eu não... — Tropeço nas palavras e tenho de desviar o olhar do rosto dele. — Quer dizer, isso não ia resultar, pois não?

O Finny encolhe os ombros, mas não sorri:

— Pensei que podia convidar-te, fosse como fosse.

— Quer dizer, eu também te convidava, mas sabes como é...

— Sim, eu sei — diz o Finny.

— Mas nos nossos verdadeiros aniversários vamos jantar com as Mães, por isso... — Encolho os ombros, sem saber como concluir o pensamento.

— Por isso está tudo bem, estamos bem — remata ele por mim.

— Sim — concordo. — Estamos bem.

— Finn, Autumn — grita-nos a Sra. Scope. — Querem chegar atrasados?

Percebo que somos os únicos que ainda estão no ginásio. Viramos as costas um ao outro e cada um transpõe a sua porta.

CINQUENTA E UM

— A roseira que me deste no Natal ainda está em flor — diz a Sasha. Senta-se na escada ao meu lado e pousa a mochila entre os joelhos.

— Elas fazem isso — replico. É a primeira semana de outubro. Tenho um pendente novo na pulseira do Jamie e uma quinta de formigas na minha secretária. O tempo está a começar a refrescar, embora ainda esteja calor, e algumas árvores começaram a mudar de cor. O nosso estatuto de finalistas perdeu a sensação de novidade. Agora é simplesmente evidente que somos os mais velhos e os mais fixes. Afinal, todos os outros alunos são tremendamente novos e desengraçados; como podíamos não ser?

— Devíamos dar uma festa de Halloween este ano — diz a Brooke. — Quero dizer, uma festa a sério, convidar outras pessoas além de nós. A minha irmã podia arranjar-nos outra vez bebidas...

— Podemos mascarar-nos? — indaga o Alex.

— Não — retorquimos eu e a Sasha em coro. Algures nas profundezas da minha mente penso em como ainda há poucos anos eu não conseguia imaginar o Halloween sem me mascarar.

— Porque não? — quer saber a Brooke.

— Eu não vou mascarar-me — afirma o Jamie.

— Eu também não — concordo. — Mas os meus pais vão para um retiro qualquer de terapia matrimonial nesse fim de semana, portanto...

— Estou grávida — anuncia a Angie. Todas as nossas cabeças giram ao mesmo tempo. Ela está no cimo da escada, acabada de chegar. Tem a mochila pendurada em ambos os ombros, como uma criança. As madeixas cor-de-rosa no seu cabelo começaram a desvanecer-se e as raízes a aparecer. Ela fita-nos como se tivéssemos acabado de lhe fazer uma pergunta.

— Já? — pergunta a Sasha.

— Fiz o teste ontem.

A campainha toca e nós pomo-nos em pé. Caminhamos em grupo para as portas do edifício, mas os rapazes vão um pouco atrás de nós. As raparigas fazem perguntas: Quais são os sintomas dela? Como é que o Dave está a lidar com a situação?

— Estou cansada e doem-me as mamas — diz ela. — Mas isso tudo é além de estar atrasada. — Diz que o Dave ficou bastante assustado, mas que, ao mesmo tempo,

parecia animado. — É quase como se estivesse orgulhoso de si próprio — diz ela no mesmo estranho tom monocórdico. Depois ri e soa estranhamente feliz.

CINQUENTA E DOIS

— Vamos fazer uma festa de Halloween no fim de semana em que os meus pais vão estar fora — digo ao Finny. Ele faz saltar a bola de pingue-pongue contra a mesa e bate-lhe devagar.

— Sim, ouvi falar disso — diz ele. A bola salta e passa a voar por mim.

— Ouviste?

— Sim. Sabes que devias ter batido aquela bola de novo para mim, certo?

— Desculpa. — Dobro-me para apanhar a bola e atiro-lha. — A questão é que tenho um favor para te pedir.

— O que é?

— Bem, sabes que eu *disse* aos meus pais que queria dar uma pequena festa no Halloween...

— Hum-hum. — O Finny bate a bola suavemente na minha direção e eu precipito-me para a devolver.

— Mas, sabes, vai ser mais do que apenas uma pequena festa. E eu estou preocupada com a tua mãe. — Apesar das minhas correrias desajeitadas, conseguimos estabelecer um ritmo constante. Pingue, pongue, pingue, pongue.

— E então?

— Então, calculei que, se tu lá estivesses, a tua mãe presumiria que não poderia ser muito mau, percebes? Que ela fizesse vista grossa.

O Finny segura a bola numa das mãos e arqueia as sobrancelhas:

— Queres que eu vá — conclui.

— Sim — respondo. Encolho os ombros sem querer. — Quero dizer, é claro que podes levar a Sylvie e os outros todos.

— Sabes, a minha mãe não é tão ingénua como a tua.

A Sra. Scope apita e eu e o Finny pousamos as nossas raquetes na mesa e vamos sentar-nos nas bancadas. A outra metade da turma junta-se em torno das seis mesas de pingue-pongue.

— Sim, mas isso é porque ela é mais fixe do que a minha — replico. Sentamo-nos com uns dois palmos de espaço entre nós, na fila de baixo.

— Isso é verdade — concorda ele.

— Então vens?

O Finny encolhe os ombros.

— Os teus amigos não se importam?

— Já falámos do assunto — replico. É uma boa maneira de descrever a discussão que esta proposta provocou na escada esta manhã, mas ele não precisa de saber isso.

— Ouçam, malta — disse eu —, não vou ter toda essa gente em minha casa a menos que saiba que a tia Angelina não vai dizer nada.

— E achas que ter lá a Alexis e a Sylvie vai fazer com que a festa pareça tranquila? — indagou a Sasha.

— Ter lá o Finny, vai — repliquei.

— Não vejo qual é o problema — disse o Noah. — Calculei logo que ele viesse. Vive na casa ao lado.

— Se ele vier, todos virão — disse o Jamie. — Nunca fazem nada sozinhos.

— Nós também não — retrucou a Brooke.

— Não quero intimidades com eles — insistiu o Jamie.

— Eu também não — concordou a Sasha.

— E se eu lhes atirar uma saraivada de gomas de milho se eles tentarem chegar perto de ti? — sugeriu o Alex.

— Não precisas — afirmei. — Duvido que eles queiram intimidades connosco.

— Mas achas que virão se os convidares? — inquiriu o Jamie.

— Se convidar o Finny, sim — declarei. — E vou convidá-lo.

O Finny inclina-se para atar os atacadores do sapato.

— Está bem — diz ele —, nós vamos.

— Ótimo — respondo. — Não pensei que fosse difícil convencer uma pessoa tão dada a festas como tu.

— Não sou assim tão dado a festas. Geralmente estou apenas lá, sem fazer nada de especial. E como levo quase sempre a Sylvie a casa, não posso beber.

— Isso parece muito divertido. Então, porque é que vais?

O Finny desvia o olhar e encolhe os ombros.

— A Sylvie precisa de alguém que tome conta dela — diz ele.

— Oh! — exclamo. É como se alguém tivesse aberto uma janela e uma brisa fria esvoaçasse em nosso redor. E de repente volta a ser inacreditável que eu possa convidar o Finny, e a Sylvie!, para uma festa de Halloween com todos os meus amigos. O Finny e a Sylvie foram Rei e Rainha da festa de início do ano letivo. No palco, o Finny estava muito corado e com um ar infeliz enquanto o coroavam, ao passo que a Sylvie sorria alegremente para a multidão. Deram as mãos. Não posso tê-los em minha casa.

— Bem, obrigada pelo favor. Não precisas de ficar lá o tempo todo, se não quiseres

— digo-lhe.

— Não faz mal — diz o Finny, e eu sei que ele sentiu o mesmo que eu. Passamos o resto da aula em silêncio.

CINQUENTA E TRÊS

Abro o meu bloco numa página nova.

— Muito bem, lembrem-se das regras, nada de riscar palavras, nada de parar. Prontos? — diz o Sr. Laughegan. Olhamos para ele na expectativa. — A vossa memória mais forte. Comecem!

Debruço-me sobre a mesa e a minha mão voa pela página:

Na noite em que o Finny me beijou eu...

A minha mão recua como se se tivesse queimado. Esta não é a resposta certa. Não é a minha memória mais forte. É a memória que eu me tenho esforçado para não ter. Não há a menor hipótese de me lembrar suficientemente bem para a escrever.

— É um fluxo de consciência, Autumn. Não pares.

Não posso desobedecer ao Sr. Laughegan.

Na noite em que o Finny me beijou, fiquei sem saber o que fazer.

Há semanas que quase não falávamos. Tínhamos vindo a afastar-nos cada vez mais ao longo de todo o outono e agora eu nunca sabia o que lhe dizer. Nessa última semana de aulas antes das férias, no oitavo ano, até tínhamos deixado de ir juntos para a paragem da camioneta. A minha mãe perguntou-me se nos tínhamos zangado.

Mas depois veio a véspera de Natal. Eu e a minha mãe fomos lá a casa e eu sentei-me ao lado dele no sofá, e ali não havia as outras raparigas populares, nem as nossas turmas diferentes, nem a maneira como os nossos colegas de escola estranhavam a nossa amizade. Havia apenas a nossa família reunida, a árvore de Natal e os nossos presentes, e nós ficámos a ver *Do Céu Caiu Uma Estrela* juntos enquanto as Mães faziam o jantar.

Não falámos sobre como as coisas se tinham tornado diferentes, porque de repente tudo voltou a ser igual. Na manhã de Natal, rimos e atirámos papel de embrulho um ao outro. A tarde estava excecionalmente quente, de maneira que fomos para o jardim e ele tentou ensinar-me a jogar futebol pela centésima vez. No dia seguinte, ele veio a minha casa e fizemos um forte no sótão. Deitámo-nos de costas e ficámos a ver a luz do sol escoar-se através da manta rasgada por cima das nossas cabeças e eu contei ao Finny o enredo do romance que ia escrever, sobre uma princesa raptada cujo navio naufragava, pelo que ela tinha de começar uma nova vida entre os nativos da ilha onde tinha ido parar.

Durante uma semana fomos nós de novo e eu esqueci-me de devolver os

telefonemas da Alexis, e o Finny apontou a sua lanterna para a minha janela à noite. Fizemos pipocas e vimos filmes. Tirámos fotografias estúpidas um do outro com a máquina da mãe dele. Eu fiz flocos de neve de papel e ele pendurou-os nas janelas.

Tinha sido como descer a corrente de um rio caudaloso. Eu tinha sido arrebatada para longe do Finny e para a popularidade, sem uma oportunidade para vir à tona respirar. Mas agora estava a respirar de novo e pensei que poderíamos encontrar uma maneira de continuarmos amigos. Não sei o que ele pensava.

Tivemos uma semana. E depois foi a véspera de Ano Novo. Os meus pais iam sair e eu ia ficar com o Finny e a tia Angelina até eles voltarem para casa. Depois do jantar, eu e o Finny fizemos um bolo com a mãe dele e, enquanto o bolo estava no forno, sentámo-nos à mesa da cozinha e pusemo-nos a fazer listas de resoluções de Ano Novo cada vez mais palermas: que faríamos amizade com patos e construiríamos propulsores a jato, conheceríamos cinco celebridades mortas e comeríamos uma piza do centro para fora, sem a cortar.

— Aqui vai uma a sério — disse o Finny. — Vamos construir uma casa na árvore este verão.

— Está bem — concordei. — Posso pintá-la?

— Claro.

— Da cor que eu quiser?

— Sim.

— Mesmo que seja cor-de-rosa?

— Se for essa a cor que queres. — O Finny escreveu a resolução na parte inferior da lista, fez um traço e adicionou uma nota acerca de esquemas de cores. — Tive saudades tuas — disse ele, com a cabeça ainda inclinada para o papel. Fiquei com um nó na garganta. Ele levantou o olhar. Fitámo-nos. Não sei como estava a minha cara. As faces dele estavam rosadas e lembro-me de pensar que os seus olhos pareciam diferentes, mais escuros, de certo modo. E havia outra coisa. Algo tinha mudado nas semanas em que tínhamos estado separados, mas eu não conseguia perceber o que era.

— Finny, Autumn, está quase na hora — chamou a tia Angelina. O Finny foi o primeiro a cortar o contacto visual e foi buscar colheres de pau e tachos para nós batermos.

Quando chegou o momento, corremos juntos pelo relvado, e os vizinhos estavam a deitar fogo de artifício, e nós fomos para o passeio, gritámos, batemos nos tachos e vimos a animação. Nunca tinha visto o Finny tão barulhento. Gritou até a sua voz falhar, levantou o tacho acima da cabeça e fê-lo vibrar como um gongo. Isso perturbou-me um pouco, tal como os seus olhos. Ele não parecia o mesmo.

— Pronto, venham daí — disse a tia Angelina. Virámo-nos e começámos a subir o relvado atrás dela, ainda arquejantes. Ela já estava quase no alpendre quando o Finny me agarrou no braço.

— Espera — disse ele. Parei e olhei para ele. Ele engoliu em seco e fitou-me.

— O que foi? — perguntei. Vi-o inclinar-se para mim, mas pensei que devia estar confusa. Ele não podia estar prestes a beijar-me. Então ele virou o rosto para o lado, o seu nariz roçou pela minha bochecha e, de repente, os lábios do Finny estavam nos meus. Quentes. Os seus lábios moveram-se suavemente contra os meus uma vez; apenas o tempo de as minhas pálpebras se fecharem instintivamente e abrirem de novo. Ele recuou devagar, sem tirar os olhos do meu rosto. A sua mão continuava pousada no meu braço, os seus dedos crispados em mim. O meu estômago tinha-se contraído num nó.

— O que estás a fazer? — perguntei, embora agora o Finny não estivesse a fazer nada. Estava apenas a olhar para mim com uma expressão que eu nunca tinha visto. Os seus dedos enterraram-se mais profundamente no meu braço. Respirámos fundo.

— Meninos? — chamou a tia Angelina da porta. — Venham. O bolo está pronto.

Puxei suavemente o meu braço e a mão dele caiu. Dei um passo para trás. Os nossos olhos nunca se desviaram.

— Meninos?

Virei-me e corri pelo relvado. Ele seguiu-me e eu imaginei que ele me agarrava e me prendia contra o chão.

O Finny, o meu Finny, tinha-me beijado. Foi horrível. Foi estranho e maravilhoso. Parecia que eu estava a ver uma chuva de meteoros e não sabia se isso significava que as estrelas estavam a cair e o céu a romper-se.

Quando voltei para casa, fechei as persianas e enterrei o rosto na almofada. Lágrimas quentes enchiam-me os olhos e era-me difícil respirar.

«O que estás a fazer?», murmurei. «O que estás a fazer?», sussurrei uma e outra vez, até acabar por adormecer de tanto chorar.

Na manhã seguinte, enquanto as Mães faziam o nosso *brunch* de Ano Novo, eu e o Finny sentámo-nos no sofá com um metro de espaço a separar-nos e não falámos. Limitámo-nos a olhar fixamente em frente.

Havia quatro hematomas redondos no meu braço, no sítio onde a sua mão me apertara. Ele nunca me tinha magoado antes.

E já não éramos amigos.

Não é justo Eu não estava preparada Não é culpa minha. Beijaste-me porque querias beijar uma rapariga ou beijaste-me porque sim O que é que eu devia fazer Não estava preparada Não

estava preparada Não sabia

— Tempo — diz o Sr. Laughegan. Largo a minha caneta, que rola da borda da mesa e cai ao chão. — Muito bem. Agora leiam o que escreveram. Há aí uma história?

CINQUENTA E QUATRO

Estou a beber vinho branco de uma caneca azul. A festa está tremendamente concorrida e animada. Um sucesso. Algumas pessoas estão mascaradas de piratas ou vagabundos; eu estou de mim própria, com uma *T-shirt* azul, uma saia preta, meias fluorescentes e uma tiara prateada. Contemplo a festa sozinha, encostada à porta da sala. A Brooke e o Noah estão na cozinha a preparar bebidas. Não sei para onde o Alex e a Sasha foram. A Angie e o Dave Betinho estão enroscados no sofá, a beber *Coca-Cola* e a sussurrar. O Jamie está de pé em cima da mesa de apoio, a contar uma história a um público entusiástico. Abre os braços, encolhe os ombros e todos riem.

— Portanto fui *outra vez* para o carro — diz ele. Uma gargalhada destaca-se entre as outras e eu olho para lá dele, para o outro lado da sala. A Sylvie está sentada no chão, de pernas cruzadas, ao lado do sofá, com uma cerveja na mão e os olhos muito brilhantes. Conheço aquele olhar. A Sylvie foi apanhada pelo encanto do Jamie. Isso acontece com bastante facilidade e a quase toda a gente.

O Jamie atira a cabeça para trás e ri da sua própria piada, e a Sylvie sorri de orelha a orelha. A minha boca abre-se também num sorriso ao ver o Jamie saltar da mesa e fazer uma vénia. A Sylvie pode gostar dele agora, pode talvez até desejá-lo, mas ele está a atravessar a sala direito a mim. Pousa as mãos na minha anca e aproxima o rosto do meu.

— Olá — diz ele.

— Foi uma história muito divertida.

— Eu sei — replica ele. Agora que a sua épica narrativa terminou, a sala começa a encher-se novamente com outras vozes, num zumbido baixo e generalizado. Ele está tão perto que a única coisa que vejo são os seus olhos risonhos e zombeteiros, fixos nos meus.

— Tenho mesmo vontade... — começo.

— Vontade de quê? — pergunta ele.

— De estar a sós contigo — concluo. A sua pele forma pequenas rugas à volta dos olhos quando ele sorri:

— Vamos.

Abano a cabeça:

— Se nos virem sair daqui juntos, os outros podem resolver passar por baixo da corda também — objeto. Antes de os convidados chegarem, pus um cordel a barrar o

fundo da escada, para manter a festa limitada ao andar de baixo, contendo a loucura e a confusão.

— Eu vou agora — diz o Jamie — e tu segues daqui a um minuto com bebidas.

— Está bem — concordo. Ele beija-me intensamente, comprimindo-me contra o aro da porta, de uma maneira que geralmente não faz diante dos outros. Deixa-me sem fôlego e ruborizada; levo a caneca à boca e emborco o resto do vinho de um trago.

Dirijo-me para o sofá e deixo-me cair ao lado da Angie. Ponho as mãos à volta da boca e inclino-me para o ouvido dela.

— Sussurro, sussurro, sussurro — digo-lhe. Ela empurra-me suavemente e ri. — O que estão vocês a tramar? — pergunto.

— Vamos casar-nos — diz o Dave Betinho.

— Em dezembro, talvez — acrescenta a Angie. — Vamos contar aos nossos pais em breve.

— Uau — exclamo —, isso é realmente... — pelo canto do olho, vejo o Finny entrar na sala — impressionante — remato. Ambos acenam e o braço do Dave cerra-se em torno dos ombros dela. Levanto-me, cambaleante, e apoio uma mão ao sofá. — Vou deixar-vos sossegados — declaro. — Tenho um encontro marcado no meu quarto.

— Tem cuidado — diz o Dave Betinho.

— Sim — corrobora a Angie. Rio, tiro a mão do sofá para me virar e esbarro contra o peito do Finny.

— Oh!

— Desculpa — diz ele, embora a culpa seja claramente minha. A sua bebida entornou-se pela parte da frente da camisa quando fui contra ele. Ele limpa o peito com uma mão, enquanto eu olho em redor, à procura de algo para lhe enxugar a camisa.

— Oh, querido! — exclama a Sylvie. Toca no peito dele e dá estalinhos com a língua, como uma mãe-galinha.

— Peço muita desculpa — digo eu.

— Não há crise — assevera o Finny.

— Vais ficar a cheirar a álcool, querido — diz a Sylvie.

— Vamos buscar uma toalha à cozinha — sugiro. — E podes ficar com uma bebida da nossa reserva. — Ele contorna a mesa comigo e dirigimo-nos para a cozinha.

— Não precisas de fazer isso — diz o Finny.

— É apenas justo — replico.

— É muito simpático da tua parte, Autumn — diz a Sylvie. Eu e o Finny não respondemos.

Na cozinha, a Brooke e o Noah estão a tentar fazer um *shaker* encaixando um copo de plástico por cima de um copo de vidro. Gotas de vodca voam pela cozinha a cada vez que abanam a sua engenhoca.

— Não me parece que esteja a resultar — comenta o Noah.

— Pois não — reconhece a Brooke. Pousa tristemente o *shaker* improvisado.

— Ei — digo-lhes —, façam qualquer coisa da nossa reserva para o Finny.

— Queres um martíni personalizado agitado à mão? — oferece o Noah. Abro uma gaveta e tiro uma toalha pequena.

— Diz que não — aconselho.

— Hum — faz o Finny —, talvez algo que não suje a cozinha da tia Claire toda.

— Quem? — indaga a Brooke.

— A minha mãe — esclareço. Entrego a toalha ao Finny e ele tenta enxugar o peito, mas entretanto a sua camisa já só está húmida e a toalha não adianta muito. Enquanto a Brooke e o Noah fazem uma mistela de rum para o Finny, eu encho a minha caneca e um copo de plástico com vinho.

— Aqui tens, meu bom homem — diz o Noah.

— Obrigado — agradece o Finny.

Nós os três, isto é, eu, o Finny e a Sylvie, voltamos para a sala. O corredor está vazio. Passo por baixo da corda e olho por cima do ombro para ter a certeza de que ninguém viu.

O Finny está parado ao fundo da escada, com a bebida intacta na mão. A Sylvie desapareceu. Ouço-a a rir na sala ao lado.

— Ei — chama ele.

— Sim?

— Não te esqueças do que me prometeste, está bem?

Passo rapidamente em revista todas as memórias que tenho nossas, tentando encontrar uma promessa que ainda não tenha sido quebrada. Havia muitas promessas, mas poucas restam.

— Não enquanto estás bêbeda — diz ele. Os meus dedos crispam-se no copo e sinto-me a começar a acenar, depois a encolher os ombros.

— Não precisas de te preocupar comigo, Phineas — digo-lhe. — Está bem?

Ele olha para mim sem pestanejar, sem se mexer. Não cora. Na sala ao lado, a Sylvie chama por ele, mas ele parece não ouvir. Engulo em seco, tentando empurrar o meu coração para fora da garganta.

— Pronto — cedo, por fim. — Não estou... não vamos fazer nada, está bem?

— Está bem — diz ele e vira-se.
— Finn? — chama a Sylvie.

CINQUENTA E CINCO

— Então já ouviste do Dia de Ação de Graças? — pergunta o Finny. Está a alinhar o seu taco com a bola branca. Bate-lhe com força e desfaz o triângulo formado no centro da mesa. As bolas rolam em todas as direções. Uma cai na bolsa da esquerda.

— Isso conta? — pergunto. O Finny encolhe os ombros e gesticula para eu jogar. — Pode muito bem contar, já que tu vais ganhar, assim como assim.

— Não sabes se vou — replica ele.

— Sei, sim. — Inclino-me e tento posicionar-me como ele.

— Não o segures tão alto atrás — diz ele. — E não curves as costas.

Dou a tacada na mesma e apanho a bola de lado. Esta salta por cima da borda da mesa e vai parar ao chão. O Finny apanha-a e põe-na de novo na mesa. Abre a boca para me explicar o que eu fiz mal.

— O que estavas a dizer sobre o Dia de Ação de Graças? — indago. Ele baixa os olhos e começa a preparar a sua próxima tacada.

— O meu pai quer que eu vá a casa dele para conhecer a mulher e filha. — Dá a tacada e a bola branca bate na que eu acho que ele queria, mas não consegue metê-la no buraco.

— Tens uma irmã? — Sinto o peito quente e o coração cair-me aos pés. O Finny encolhe os ombros e qualquer outra pessoa pensaria que ele não dava nenhuma importância a isso. Mas eu sei que ele se importa. E é mais um laço para rivalizar com o que o liga a mim. Primeiro a Sylvie e agora esta irmã.

— Como é que ela se chama?

— Elizabeth.

— Que idade tem?

— Quatro anos.

Descontraio um pouco.

— Há quanto tempo sabes dela? Porque não me contaste?

Ele olha para mim de novo. Estamos à frente um do outro, um de cada lado da mesa, com tacos na mão. À nossa volta ouve-se o zumbido de outras conversas e as batidas de outras bolas umas contra as outras. Eu sei que ele não me contou porque nós os dois quase não nos falávamos quando a pequenita nasceu. O Finny não se dá ao trabalho de me lembrar esse facto.

— É a tua vez — diz ele.

— Então não vais estar connosco no Dia de Ação de Graças? — inquiro. Bato com o taco e a bola branca acerta na número seis cor de laranja, que embate inutilmente na tabela e rola sobre o pano até parar.

— Vou lá estar, sim — diz ele. — Só vou para o meu pai à noite, para *cocktails* e restos.

— Oh! — exclamo. Ele bate outra bola para o buraco.

— Pareces aliviada — comenta ele, sorrindo.

— Gostavas de passar o dia todo sozinho com eles?

O Finny encolhe os ombros. Eu inclino-me e tento fazer pontaria.

— Para — atalha ele. — Não aguento.

— O quê?

Ele não responde. Contorna a mesa e posiciona-se atrás de mim. Põe as mãos sobre as minhas. Estão secas e quentes. A anca dele pressiona a minha.

— Assim — diz ele. Ajusta as minhas mãos. Fecho os olhos. Estamos imóveis. As mãos dele apertam-se contra as minhas. Respiro fundo. Ouço o barulho das bolas.

— Ups — faz o Finny. Abro os olhos. A bola a que estávamos a apontar bate na tabela e rola devagar até parar. Endireitamo-nos e afastamo-nos um do outro.

— Acho que sou uma porcaria tão grande que nem tu consegues consertar-me — observo. Ele não me responde nem se mexe para preparar a sua tacada. — Finny?

Ele pestaneja:

— A culpa não foi tua — afirma. — Foi minha.

E dá-me de novo a vez.

CINQUENTA E SEIS

Estamos no tribunal, na Baixa. Empunho a minha nova máquina fotográfica digital, um presente de aniversário. O vestido da Angie é curto e branco, os *collants*, azuis. Tem uma grande flor branca presa no cabelo. Está de costas para mim, mas, quando se virar de perfil, vou ver o alto quase impercetível na sua barriga. O Dave Betinho veste um fato cinzento e tem o cabelo alisado com gel e penteado de modo que se vejam os riscos. A mãe dele está a chorar. Não sei se são lágrimas de felicidade ou não. Ergo a minha máquina e tiro outra fotografia. O Jamie inclina-se e olha para o ecrã, depois faz um aceno de aprovação. Estamos todos sentados numa fila do lado esquerdo. Do outro lado estão três dos companheiros de equipa do Dave Betinho. São os únicos outros jovens aqui presentes; o resto da assistência é composto por pais e avós, alguns tios e tias. Há um bebé algures que choraminga e é mandado calar a intervalos de poucos minutos.

Estendo a mão e pego na do Jamie.

— Nós somos os próximos — sussurro. Ele sorri brevemente e retribuiu a pressão da minha mão.

O Dave Betinho e a Angie viram-se um para o outro, e eu largo a mão do Jamie e ergo a minha máquina de novo. O sorriso dela crava-me uma faca no estômago: as minhas mãos tremem e a imagem fica desfocada. Apago-a antes que o Jamie a veja.

Um dia serei assim feliz, digo a mim própria.

As mãos da Angie apertam as do Dave e eu penso na mão do Finny pousada sobre a minha enquanto apontávamos a tacada na mesa de *snooker*. Aperto a mão do Jamie.

CINQUENTA E SETE

As Mães passaram o dia todo a fazer uma grande fita por este ser o nosso último Natal antes de partirmos para a faculdade, e eu e o Finny tivemos de nos conter para não revirarmos os olhos nem rirmos quando elas ficavam sentimentais. Às vezes, os nossos olhares encontravam-se e alertávamo-nos silenciosamente um ao outro para não fungarmos ou suspirarmos em reação à atitude delas. Não víamos como as coisas poderiam ser tão diferentes no próximo ano, e elas pareciam ridículas e piegas aos nossos olhos.

Os meus pais deram-me um computador portátil. Bom para os trabalhos escolares, disseram eles. Bom para escrever, pensei eu. Comecei algo novo, algo secreto, e agora posso levar essa coisa secreta comigo para onde quer que vá, a balouçar contra a minha anca dentro da pasta.

O Finny recebeu um sistema de som para o pequeno carro vermelho que o pai lhe tinha dado. Ele nunca gostou muito de música, mas encolheu os ombros e fez uma espécie de sorriso.

Estamos sentados no sofá, a ver televisão com as luzes apagadas. O Natal é na casa da tia Angelina este ano. As luzes do pinheiro, junto à janela, piscam por vezes aleatoriamente numa secção ou noutra, mas nunca ao mesmo tempo ou com qualquer ritmo. O Finny tentou perceber qual era o problema e corrigi-lo, mas a tia Angelina decidiu que gostava assim mesmo. Por causa da árvore, a luz na sala dança através do teto e faz com que as janelas escureçam e voltem a iluminar-se. O Finny tem o comando. Passa por vários canais até encontrar *Do Céu Caiu Uma Estrela.* Pousa o comando da mesa de apoio, recosta-se nas almofadas e estica as pernas compridas diante de si.

No Dia de Ação de Graças, quando ele se levantou à noite para nos deixar pela sua nova outra família, os nossos olhares encontraram-se brevemente, mas não dissemos nada. Sem ele, sentei-me no canto com um livro e subi para o meu quarto mais cedo. Nenhuma notícia acerca da sua noite me chegou através das Mães e ele também não falou do assunto na aula de Educação Física. Tudo o que sei é que não vai deixar-nos esta noite.

As Mães riem na cozinha e o Jimmy Stewart cai na piscina. Sorrimos os dois e o filme é interrompido para um intervalo publicitário. Levanto-me.

— Queres uma *Coca-Cola?* — pergunto.

— Pode ser — diz ele.

Dou-lhe um chuto no pé.

— Estás a obstruir o trânsito com essas coisas — declaro, e ele dobra as pernas para trás e estica-as de novo depois de eu passar, como uma cancela de portagem.

Aquelas pernas levaram a nossa escola às finais estaduais de futebol neste outono. Fui ao último jogo deles com as Mães e tive oportunidade de o observar a correr durante uma hora e meia. Os músculos das pernas, a forma como ele levantava a camisola para limpar o suor do rosto, a concentração no seu olhar enquanto corria, tudo isso fazia com que o meu peito se contraísse. Sentia-me como se nunca mais fosse vê-lo jogar e, de alguma forma, sabia que eles não ganhariam o jogo, que não chegariam ao campeonato nacional e que aquele seria o último jogo do Finny. O último jogo do Finny no secundário, corrigi mentalmente, mas o peito ainda me doía quando o apito soou e ele atravessou pesadamente o campo, derrotado.

Na cozinha, a minha mãe está a tratar do borrego e a tia Angelina está a servir um copo de vinho.

— Mais vinte minutos — anuncia a minha mãe.

— Só vim buscar *Coca-Cola* — replico. A tia Angelina tira-as de cima do frigorífico e dá-mas. Levo uma lata quente em cada mão. Eu e o Finny gostamos de beber refrigerantes em latas à temperatura ambiente; por volta do terceiro ano, tivemos a ideia de que havia algo de indómito e rebelde em beber refrigerante diretamente da lata e durante anos recusámo-nos a beber de outra maneira. Agora tornou-se um hábito. O Jamie acha estranho, provavelmente porque eu nunca lhe dei uma explicação, não que a verdadeira adiantasse alguma coisa. Ele continua a exprimir a opinião, sempre que o assunto vem à baila, de que a minha relação com o Finny é estranha.

— Atira-a — diz o Finny quando regresso à sala. Estende as mãos.

— Tens um desejo de morte ou coisa do género? — retruco. Atravesso a sala e ponho-lhe a lata nas mãos.

— Não. Mesmo que tu acertasses na minha cabeça, não conseguirias atirá-la com força suficiente para causar qualquer verdadeiro dano. — Sento-me no meu lado do sofá e abro a lata. Ele deve ter razão. Estou a beber o meu primeiro gole quando ele fala, mas a sua voz é demasiado baixa.

— O que é que disseste?

O Finny pigarreia.

— Vou ter saudades da aula de Educação Física contigo — diz ele.

— Queres dizer que vais ter saudades de rir de mim na aula de Educação Física?

— Não. Quero dizer que vou ter saudades de passar um bocado contigo.

Fico com um nó na garganta. Encolho os ombros, sorrio e tento falar à volta do tal nó:

— Nós vemo-nos constantemente. Jantamos com as Mães, tipo, duas vezes por semana.

— Eu sei — diz o Finny. Baixa os olhos para a lata. — Mas não sei. Devíamos passar um bocado juntos de vez em quando, sem ser preciso. Ver um filme ou assim.

— Hum. — Estou outra vez a desviar o olhar. Sinto-me quente e inquieta por dentro. Não consigo dizer nada. Talvez seja possível que tenhamos completado o círculo, de tão próximos quanto duas pessoas podem estar a estranhos constrangidos, a quase amigos, a...

A quê?

O que poderíamos ser agora? É possível amar duas pessoas ao mesmo tempo, mas será possível permanecer leal a uma?

Olho para o rosto dele, para as suas faces ruborizadas e olhos azuis cheios de nervosismo, e tenho vontade de dizer: «Claro.» Quero-o de mais.

— Não tenho a certeza, Finny — digo, por fim. Só dizer o nome dele dói-me. — Não sei se o Jamie gostaria. Era capaz de ser um bocado esquisito.

— Mas eu pensava que o Jamie e a Sasha se fartavam de fazer coisas juntos...

— E fazem, sim — respondo. — Mas eles são amigos...

Vacilo e não consigo falar mais. Olho fixamente em frente e tento respirar sem tremer.

— Estou a ver — diz o Finny. Ouço o telemóvel da minha mãe a tocar na cozinha. Respiro fundo e levanto-me.

— Deve estar quase na hora do jantar — comento. O Finny olha para a televisão e não diz nada. Contorno a mesa e saio da sala o mais depressa possível.

Na casa de banho, sento-me na borda da banheira e comprimo os olhos com as mãos até ver formas estranhas na escuridão. Os dedos tremem-me no cabelo.

— Não chores, não chores, não chores, não chores — sussurro.

— Finny! Autumn! — chama a tia Angelina.

Eu e o Finny encontramo-nos no corredor e não dizemos nada. Entramos juntos na sala de jantar e paramos na soleira. Há uma hora, tínhamos posto a mesa para cinco. Agora a tia Angelina está a tirar o prato e os talheres de um dos lugares. Leva-os para a cozinha. A minha mãe põe o carré de borrego na mesa e senta-se com as mãos pousadas no colo.

— Mãe? — pergunto. — Aonde foi o pai?

— Não sei, querida — diz ela. — Mas ele acabou de ligar a dizer que não vinha a casa esta noite.

— Oh! — digo.

A tia Angelina regressa à sala e pousa a mão no ombro da minha mãe.

— Venham sentar-se, meninos — diz ela. A sua voz e a sua expressão são uma súplica. O Finny dá um passo em frente, mas eu não me mexo. Ele vira-se e olha para mim. Os nossos olhares encontram-se. Ele estende a mão e pousa-a no meu braço:

— Anda, Autumn. — Aperta-me suavemente o braço e esboça um sorriso.

— Está bem — acedo.

A tia Angelina e o Finny falam por nós enquanto comemos. Depois, as Mães fecham-se na cozinha, e eu e o Finny ficamos a ver televisão até à meia-noite. Não dizemos mais nada um ao outro.

CINQUENTA E OITO

O Jamie responde ao último toque, imediatamente antes da sua engraçada e inteligente mensagem do correio de voz. Tem a voz pastosa de sono. São oito horas da manhã, o primeiro sábado desde o reinício das aulas. Já é o ano em que vamos terminar o secundário, o ano em que se supõe que nos tornamos adultos.

— Jamie?

— O que é? Eu estava a dormir.

— Jamie, os meus pais vão divorciar-se. — Faz-se um silêncio. Imagino-o a sentar-se na cama, a esfregar o rosto com uma mão.

— Céus, menina bonita, tenho muita pena!

— Nem sei porque estou perturbada — confesso. Estou no meu quarto, enrolada na cadeira da secretária. Lá fora está a chover, escuro e frio. Tenho uma manta sobre os ombros e a face apoiada no joelho. — Quase nada vai mudar. Ao que parece, o meu pai mudou-se para um apartamento no centro da cidade há uma semana e eu nem dei por isso.

— Quando é que soubeste?

— Disseram-me ontem à noite, ao jantar. E debitaram aquelas tretas todas sobre como a culpa não é minha e ambos me amam, etc., etc., como se eu tivesse seis anos ou coisa do género.

— Porque não me telefonaste?

— Telefonei. Tu não atendeste.

— Oh, merda! Lembro-me disso. Estava no cinema com a Sasha...

— Eu sei. Não faz mal.

— Tencionava devolver-te a chamada.

— Não faz mal — repito. As minhas palavras soam duras aos meus ouvidos, mas o Jamie não faz qualquer comentário. Engulo em seco. — Achas que podes cá vir?

— Sim — diz ele. — Deixa-me só tomar um duche primeiro... Ei, queres que te leve a tomar o pequeno-almoço fora?

— Acho que não consigo comer.

— Tens a certeza?

— Tenho. — Aperto mais a manta à minha volta. — Vem só para cá e abraça-me.

— Combinado, menina bonita. Vejo-te daqui a nada.

— Espera! Jamie?

— Sim?
— Alguma vez vais deixar-me?
— Não.
— Prometes?
— Sim.
— Está bem. Até já.
— Até já. Amo-te.
— Também te amo, Jamie.
Pouso o meu telefone na secretária e fico a ver a chuva do outro lado da janela.

CINQUENTA E NOVE

Na escola, a Angie deixa-me sentir a sua barriga. Ainda não está muito grande, mas é rija como um tambor. Agora já toda a gente na escola sabe da gravidez dela e todos os meus amigos sabem dos meus pais. Um dia, ao almoço, o Alex pergunta se isso significa que a minha mãe e a tia Angelina vão finalmente juntar-se. A Sasha dá-lhe um soco no ombro e chama-lhe idiota.

— A sério, meu? — interpela-o o Jamie. — Disseste mesmo isso?

— Todos vocês estavam a pensar nisso também! — replica o Alex. Esfrega o ombro atingido pelo murro da Sasha.

— Sim, mas não íamos perguntar — argumenta o Noah.

— Noah! — sibila a Brooke.

— Olhem, malta, eu sabia que pensavam isso. Não me interessa. E não, elas não vão juntar-se.

— Autumn, queres sentir a minha barriga outra vez? — sugere a Angie. Ela sabe que isso me anima.

— Claro — respondo.

Não há muito mais que me anime. Odeio o inverno. O Dr. Singh aumentou a dose do meu medicamento. No semestre passado, eu disse ao Sr. Laughegan que estava a começar um romance. Não tenho vontade de trabalhar muito e não quero desapontá-lo.

— Talvez devesses arranjar uma dessas lâmpadas de fototerapia — sugere o Jamie, no caminho da escola para casa. Está a nevar, mas a neve não se cola, derrete no para-brisas e escorre em finas torrentes de água.

— Não é só por causa do tempo, Jamie. Os meus pais estão a divorciar-se.

— Sim, mas tu ficas deprimida todos os invernos, por isso talvez...

— Estás farto de cuidar de mim? — Viro-me de lado no meu banco para o encarar.

— Não, céus, Autumn, estava só a dizer que isso talvez ajudasse.

— Desculpa. Amo-te.

— Eu também te amo. — Ele liga os limpa-para-brisas e não falamos ao longo do resto do caminho para casa.

A Angie e o Dave Betinho mostram-nos o seu apartamento na cave dos pais dele. Têm uma cama e uma mesa de cozinha. Não temos autorização para ficar muito tempo. Os pais do Dave dizem que estão a dar-lhes um lugar para viver, não um

lugar para conviver. Na escola, os outros alunos alternam entre pensar que é fixe ela ser casada e olhar para ela com desdém. A Angie parece alheia a ambas as coisas e, sempre que pousa a mão na barriga, sorri.

No fim de março, a Sasha acaba com o Alex. Diz que desta é de vez e eu acredito nela. Os dois concordam em ir ao baile de finalistas juntos, em abril, em honra dos velhos tempos. E então a Brooke e o Noah dizem-nos, com toda a naturalidade, que não planeiam ficar juntos quando forem para a faculdade. Não vão para a mesma universidade e dizem que não querem destruir o que têm a tentar fazer com que resulte. Nenhum de nós, exceto a Sasha e o Jamie, vai para a mesma escola.

Às vezes, quando estamos todos juntos, falamos sobre como o secundário está quase a acabar. E como seremos sempre amigos.

Agora jantamos com a tia Angelina e o Finny quase todas as noites. Depois a minha mãe fica lá até tarde e só volta para casa após eu já estar na cama. Como detesto estar em casa sozinha, às vezes levo os meus trabalhos de casa e estudo na mesa da cozinha deles. O Finny vem ter comigo e fazemos os nossos trabalhos juntos como dantes, com a diferença de que não falamos tanto. Todas as noites, a Sylvie liga-lhe e ele leva o telemóvel para a outra sala durante meia hora, depois volta e enfia-o no bolso antes de se sentar. Ouvi dizer na escola que ela não vai para a faculdade no outono. Vai para a Europa no verão e depois vai tirar um ano de folga para se encontrar ou coisa do género. Tenho vontade de perguntar ao Finny se eles tencionam ficar juntos, mas não posso.

Ficou combinado que eu passaria uma noite por semana com o meu pai, mas nem sempre dá. Quando lá vou, ele leva-me a restaurantes da cidade e pergunta-me sobre a escola e o Jamie. Ele sempre gostou do Jamie. O seu apartamento tem vista para o rio e para o Arco. Tem um segundo quarto que diz que eu posso usar quando quiser. Não sei bem para que me serviria.

No princípio de abril começam a aparecer alguns rebentos verdes. Ainda está frio, mas as coisas estão um pouco melhores.

Mas só um pouco.

SESSENTA

— Vais votar no Finn? — pergunta a Sasha.

— Para quê? — indago. Estamos na *Goodwill*, a ver antigos vestidos de noiva. É uma ideia da Sasha para o seu vestido de baile. A minha mãe quer que eu compre um vestido numa loja do centro comercial; diz que nesta fase precisa de algo como me comprar um vestido de baile de finalistas a sério. Não resisti tanto como talvez tivesse resistido no passado. A Brooke também comprou um vestido numa dessas lojas. Diz que há muitos pesadelos cheios de lantejoulas no centro comercial, mas que não será tão difícil como eu julgo encontrar uma coisa fixe.

A Angie está a fazer o seu próprio vestido com crepe azul. Agora tem dificuldade em encontrar roupa. A sogra compra-lhe camisas de grávida que parecem o tipo de coisa que a Sylvie usaria se engordasse. O que a Angie mais veste agora são *T-shirts* gigantescas de bandas que se separaram nos anos noventa.

A Sasha exibe um vestido a imitar o estilo vitoriano, com gola justa ao pescoço, para eu ver.

— Se quiseres dizer ao Alex para não te pôr as mãos em cima, isso deve resultar — observo. Recomeço a procurar nos cabides.

— Bem, já que estou prestes a ser a última virgem do nosso grupo de amigos, bem posso vestir-me em conformidade — replica ela. Levanto de novo os olhos. A Sasha tem o vestido atravessado sobre o braço.

— O Jamie contou-te isso? — inquiro.

Ela faz um sinal afirmativo:

— Sim. Porque é que tu não contaste?

Encolho os ombros.

— Não sei — respondo e é verdade, não sei mesmo. — Não parece real, suponho eu.

— Bem, tens dois meses e uma semana até ser tudo inteiramente real.

— Sim, suponho que sim. — Apalpo a renda amarelada do vestido mais próximo. — O que estavas a dizer sobre o Finny?

— Ah, se vais votar nele para Rei do Baile.

Sinto o rosto contrair-se numa careta.

— Ele vai candidatar-se a Rei do Baile? — pergunto.

— Ele e a Sylvie em conjunto. Pensei que soubesses.

Não fico surpreendida por não saber. Quando eu e o Finny conversamos, ele nunca fala da Sylvie. Desde o Natal, geralmente ele só me pergunta como estou, eu digo que estou bem e depois ficamos a ver televisão ou vamos terminar os trabalhos de casa. Às vezes, falamos da escola ou do tempo.

— Acho que foi ideia da Sylvie — observo. — Não, espera, sei que foi ideia dela. Ele detesta ser o centro das atenções.

— Mas ele é tão popular — argumenta a Sasha. Encolho os ombros.

— A culpa não é dele. É simpático.

— Também acho — diz a Sasha. — E é muito giro. — Volto a encolher os ombros. Ela olha para o vestido que tem nas mãos. — Vou ficar superfixe — conclui.

Eu e a minha mãe vamos às compras no primeiro dia em que realmente parece primavera. O rosto dela está mais magro e tem sempre olheiras, mas hoje está animada.

— Ora bem — diz ela, enquanto deslizamos pela escada rolante para a secção de vestidos de noite —, será que tudo o que seja cor-de-rosa é totalmente proibido?

— Não se for um rosa ousado — respondo. — Mas se for um rosa suave e menineiro, sim. Talvez um tom de rosa sarcástico se não for demasiado abrasivo.

— Vou ter isso em mente — diz ela.

Experimento todos os tipos de rosa, por ela. Experimento azuis e verdes porque o pai a deixou e consideramos laranjas e vermelhos porque o mundo inteiro se abre diante de nós agora. No espelho, vejo a rapariga que eu poderia ter sido se tivesse feito as provas para *cheerleader*. Vejo o aspeto que teria se fosse o tipo de rapariga capaz de fazer uma roda e ter mais amigos do que livros favoritos. Cada vestido me mostra outra rapariga que não sou eu.

E então aparece um. Cetim bege, quase da cor da minha pele, com uma, apenas uma, camada de tule preto sobre a saia e o corpete em caicai. Uma fita preta para a minha mãe me atar nas costas. Olhamos para mim no espelho.

— Certo — diz a minha mãe. — Então?

— Por favor — peço.

— Oh, sim — responde ela. Sorrio, depois rio. Tento segurar o cabelo com as mãos, mas ele desliza-me entre os dedos.

SESSENTA E UM

— O que se passa com o vestido da Sasha? — sussurra-me o Jamie ao ouvido. Olho para onde ela e o Alex estão a posar para uma fotografia. As raparigas arranjaram-se em minha casa e todos os pais vieram tirar fotografias dos rapazes a virem buscar-nos. Os pais têm os olhos marejados e nós estamos entusiasmados e a tentar mostrar-nos cínicos. Não é fixe achar o baile de finalistas uma coisa demasiado especial.

— É um antigo vestido de noiva — respondo. O vestido, embora fosse uma ideia gira em teoria, não fica tão bem como pensávamos. Ela está bonita, mas também dá a impressão de que vai a uma festa de Halloween. A Sasha acha que está espetacular e eu não lhe disse o contrário. A Angie está linda e todas lho dissemos com uma espécie de admiração. Com a sua gravidez suave envolta em azul e os cabelos loiros a cair em caracóis macios, parece uma pintura renascentista de Nossa Senhora.

O Dave não tira nem os olhos, nem as mãos, dela.

— Gosto do teu vestido — elogia o Jamie.

— Estou bonita?

— Claro que estás.

— Sorriam! — diz a minha mãe. Sorrimos e encostamo-nos bochecha contra bochecha.

— Já podemos ir? — brada a Brooke. Veste o tal rosa sarcástico que eu tentei explicar à minha mãe, com uma saia evasé curta e luvas de renda pretas. Tem o cabelo apanhado num carrapito, como uma bailarina. O Noah usa um *smoking* cor-de-rosa a condizer, com camisa preta e gravata.

No seu *smoking*, o Jamie está atraente como um *playboy* dos anos cinquenta; parece sofisticado e elegante, e se eu tivesse acabado de o conhecer, não confiaria em que ele não me partisse o coração.

— Mais uma foto com todos juntos — diz a mãe da Sasha. Juntamo-nos todos e passamos os braços à volta da cintura uns dos outros.

— Au! — protesta a Brooke. — Pisaste-me.

— Sorriam! — diz a minha mãe.

Não temos uma limusina. Os miúdos que alugam limusinas são pretensiosos e levam o baile demasiado a sério. Eu vou no banco do passageiro do carro do Jamie, com a Sasha e o Alex no banco de trás. Estacionamos nas traseiras do hotel e serpenteamos entre limusinas e raparigas com vestidos suficientemente volumosos

para albergar uma família inteira até nos encontrarmos com os outros junto às portas.

— Viva — diz o Noah —, acho que há comida lá dentro.

— Claro que há comida — retruca a Sasha.

— Que tipo de comida? — pergunta o Alex.

— Nos convites diziam que haveria um bufete — respondo.

— Estou cheia de fome — diz a Angie.

— Claro que estás — diz o Dave.

— Oh, cala-te!

Ele beija-a pousando-lhe as mãos na anca e eu desvio o olhar.

— Onde está a tua tiara? — pergunta a Sylvie. Todos nos viramos para ela.

A Sylvie e o Finny estão ao nosso lado. Ao longe, vejo a Alexis e a Victoria a sair de uma limusina.

— As tiaras são para todos os dias — replico. — Hoje é uma noite especial.

— Ah! — faz ela. Os rapazes riem disfarçadamente. O Finny olha para eles e puxa a mão dela.

— Vamos entrar — diz ele.

— Vemo-nos lá dentro — digo-lhe. Ele acena e os dois dirigem-se para a porta.

— Bem, como hoje é uma noite especial, devíamos ir comer um pouco dessa comida especial — declara o Alex.

— Há magia no ar. Sinto-a — troça o Jamie.

— Calem-se, malta — interrompo-os. — Ela pensou que vocês estavam a rir dela.

— Esse problema não é nosso — afirma a Sasha.

— Só para que conste, estávamos decididamente a rir de ti — diz o Noah.

— Até eu achei engraçado — diz o Dave Betinho. Todos riem e seguimos a multidão para dentro do hotel. Há estrelas prateadas penduradas no teto e purpurinas azuis e brancas nas mesas.

Comemos cubos de queijo e troçamos da maior parte da música. Os rapazes despem os casacos e atiram-nos para as costas das cadeiras. Dançamos canções lentas e vamos trocando de par. Eu danço com o Noah e o Alex; o Dave recusa-se a sair do lado da Angie.

Vejo o Finny duas vezes, uma enquanto eu e o Jamie balouçamos ao ritmo de uma canção de amor e a segunda quando ele e a Sylvie são coroados Rei e Rainha do Baile. As faces dele estão vermelhas como pimentões, eu rio e bato palmas e os nossos olhares encontram-se por um momento. Depois ele afasta-se de novo e a noite continua.

No último *slow*, estou com calor e cansada. Eu e o Jamie movemo-nos juntos com as ancas e as faces coladas um ao outro. Apoio o meu peso contra ele, apenas um

pouco, e ele aperta-me nos braços.

— Amo-te — digo-lhe e, nesse momento, parece uma revelação. Gostaria de poder explicar-lhe que estou a falar mesmo a sério. Os seus dedos enterram-se nas minhas costas.

— Nunca te magoarei — diz ele e deixa-me comprimir-me mais contra o seu corpo.

Foi um dos nossos melhores momentos.

SESSENTA E DOIS

O Jamie está a levar-me a casa da escola quando eu levanto o assunto. Está um dia lindo, com o céu límpido e o vento a soprar através das árvores. Tenho vontade de baixar a minha janela, mas o Jamie não gosta que eu faça isso e teria de lhe implorar. Tenho a mochila pousada no chão e os joelhos encolhidos contra o peito. Saímos do parque de estacionamento da escola.

— Estava a pensar que devíamos falar sobre aquilo — começo.

— Sobre quê?

— Sobre... — Não me tinha ocorrido que ele não soubesse exatamente ao que eu me referia e agora dou por mim incapaz de dizer as palavras. — Sobre aquilo que combinámos que aconteceria após terminarmos o ano.

— Ah — diz ele. Continua a conduzir em silêncio, olhando fixamente para a frente. Não diz nada para me ajudar.

— Ainda não estou a tomar a pílula — prossigo —, mas posso começar a tomá-la.

— Não — diz ele —, não precisas de fazer isso.

— Bem, então tu vais ter de comprar preservativos e, talvez, praticar...

— Autumn, não consigo pensar nisso agora. Estou demasiado *stressado* com os exames e... e tudo o mais. Não vamos falar sobre isso agora.

— Está bem — anuo. Tenho orgulho por ele, ao contrário dos outros rapazes, não estar tão focado no sexo que não consiga pensar noutras coisas.

— Amo-te — digo-lhe. Beijo-o e saio do carro.

— Eu também — responde ele.

SESSENTA E TRÊS

Passo a cerimónia inteira a olhar para o *mullet* emaranhado do Shawn O'Brian e penso para comigo: *Um dia essa será a única coisa que recordarei deste momento*. Os adultos sobem ao palco e proferem discursos cheios de conselhos para nós. Tento sentir que alcancei um qualquer objetivo, mas tudo o que sinto é que vivi alguns anos da minha vida; concluir o secundário foi apenas algo que aconteceu à margem disso.

— Autumn R. Davis — chama um professor, e eu avanço para receber o meu diploma. Lembro-me de que tenho de sorrir. Os adultos apertam-me a mão e dão-me os parabéns, e fico surpreendida por parecerem tão sinceros. Um fotógrafo tira-me uma fotografia quando aperto a mão da Sra. Black. Vejo pontos brilhantes por um momento, depois dirijo-me de novo para o meu lugar, mas tenho a sensação de estar a deambular.

No fim, quando tiramos as nossas togas e os professores nos libertam para irmos ter com as nossas famílias, o salão está demasiado apinhado para andarmos de um lado para o outro à procura delas. Vejo a Angie com o Dave e a família, e dou-lhe um abraço antes que a multidão me arraste. Vejo a Brooke e o Noah num canto, de mãos dadas e a conversar em voz baixa. Pergunto-me se eles estarão a falar sobre o seu plano de se separarem no outono; ainda não compreendo.

O telemóvel vibra no meu bolso.

— Mãe? — Quase tenho de gritar para me ouvir a mim própria.

— Querida, estamos ao pé da vitrina. Consegues ver-nos? — Ela também grita. Olho em redor e ergo-me em bicos de pés.

— Não. — Vejo o Jamie, a Sasha e o Alex. Eles também me veem e eu aceno-lhes para virem ter comigo. Eles começam a abrir caminho na minha direção.

— Onde estás? Podemos mandar o Finny à tua procura.

— Não, eu vou ter convosco — recuso. O Jamie para à minha frente, com a Sasha ao lado e o Alex atrás dos dois. — Estou aí daqui a nada — assevero e desligo.

— Olá — diz o Jamie —, nós vamos jantar. Queres vir? Dou-te boleia para casa.

— Tenho de ir jantar com a minha família — respondo.

— Oh! — faz o Jamie. — Então posso passar lá por casa amanhã? Temos de falar. — Sinto as faces quentes.

— Sim, eu sei — respondo. Inclino-me para ele e o Jamie dá-me um beijo rápido.

— Vi o Finn e a tua mãe ali — diz a Sasha.

— Obrigada. — Abraço-os rapidamente, a ela e ao Alex, e abro caminho na direção que ela apontou.

Quando as Mães me veem, começam a acenar animadamente. O Finny olha para elas e ri. O meu pai está no Japão. Telefonou-me esta manhã.

— Fotografia, fotografia — diz a minha mãe. Eu e o Finny postamo-nos ao lado um do outro e sorrimos. A multidão está a começar a diminuir e as Mães tentam arranjar espaço suficiente para conseguirem fotografias nossas de corpo inteiro.

— Então, parabéns — diz o Finny. Continuamos a olhar para as máquinas fotográficas, com sorrisos artificiais afivelados no rosto.

— Porquê? — retruco.

— Para dizer a verdade, não sei — responde ele. Ouço-o rir ao meu lado.

— Eu também não. Parabéns por sobreviver, talvez?

— Talvez. Mas, vá lá, não foi assim tão mau, pois não?

Olho para ele.

— Não, acho que não — reconheço. Ele sorri e, pelo canto do olho, vejo os *flashes* das máquinas das Mães.

Foi essa a fotografia que elas emolduraram.

SESSENTA E QUATRO

O Jamie liga-me bem cedo na manhã seguinte. Fico admirada: ele nunca costuma acordar antes das dez horas, se puder evitá-lo.

— Olá — diz ele —, é muito cedo para ir aí?

— Não — respondo. — Estou acordada há uma hora.

— Ah. Certo, boa. — A sua voz é estranha e o meu estômago dá uma volta. Depois de desligarmos, vou à casa de banho para me maquilhar. Lembro-me da estranheza da voz dele e sinto uma espécie de excitação esquisita e nauseada.

Espero-o nos degraus das traseiras. Ainda não está muito calor, mas o sol brilha e já está a secar o orvalho na relva e a aquecer os degraus. Ouço um carro a chegar e endireito-me, mas é só o Finny. Ele vê-me ali sentada.

— Olá.

— Olá — respondo.

— O que estás a fazer?

— À espera do Jamie.

— Oh — faz o Finny.

Nesse momento, o carro do Jamie entra no caminho de acesso. Ele apeia-se devagar e olha para o Finny.

— Olá, meu — cumprimenta.

— Olá — retribui o Finny. Vira-se e entra em casa. O Jamie aproxima-se e para à minha frente. Sorrio-lhe debilmente.

— Olá — digo-lhe.

— Olá — responde ele, mas não sorri. E eu fico a saber com certeza e o peito dói-me exatamente como se ele me tivesse dado um soco. Fecho a boca e engulo em seco.

Então acabou-se, afinal, penso para comigo. Quão fácil e óbvio parece agora! Quão estúpido e banal, quão terrível e real. Quero rir de mim própria e dele, mas a única coisa que consigo é que os cantos da minha boca se contraiam uma vez.

Chego-me para o lado para lhe dar espaço no degrau.

— Porque não te sentas? — pergunto.

— Pensei que podíamos dar uma volta — diz ele.

— Aqui serve perfeitamente — replico. Ele encolhe os ombros e desvia o olhar. Não vê que eu já sei. Senta-se pesadamente, com uns quinze centímetros de espaço entre nós, e põe-se a olhar para as mãos que entalou entre os joelhos. Eu olho para o

lado e concentro-me no carro do Finny enquanto espero. A sensação de excitação nauseada começa a abrandar e a dar lugar a um medo gelado.

— Autumn? — começa ele.

— Sim, Jamie.

— Não posso continuar com isto.

— Com o quê? — pergunto, apenas para ser cruel.

— Com esta relação. — Vejo a sua cabeça virar-se para mim para avaliar a minha reação, à espera de encontrar uma expressão de surpresa no meu rosto. Tento manter as feições impassíveis, mas sinto os olhos a arder.

— Porquê? — pergunto. Ele respira fundo.

— Não posso ser a pessoa que tu precisas que eu seja — diz ele. Fala no tom de alguém que está a recitar uma lição memorizada, um catecismo. — Precisas muito de mim e eu não consigo lidar com isso. Estás sempre deprimida...

— Não estou sempre deprimida!

— Estás, sim.

— Não estou, não.

— Estás deprimida muitas vezes.

— Os meus pais estão a divorciar-se.

— Foste sempre assim. Não aguento mais.

Tenho os braços a comprimir a barriga e estou inclinada para a frente, como se tivesse de segurar os meus órgãos internos no sítio. O carro do Finny está turvo aos meus olhos.

— Há quanto tempo te sentes assim? — indago.

— Há algumas semanas.

— Algumas semanas? Queres deitar fora tudo o que tivemos durante quatro anos por causa de algumas semanas? Isso é estúpido.

O Jamie suspira e, pela primeira vez, não ouço piedade na sua voz.

— Eu sabia que ias dizer isso — declara.

— Ouve, todas as tuas razões são realmente estúpidas — continuo. — As pessoas que estão numa relação precisam uma da outra, como eu preciso de ti. Sei que é esgotante cuidar de mim e peço desculpa. Posso tentar dar-te uma pausa e podemos usar este verão para pôr tudo outra vez nos eixos. Acho mesmo que isto é só uma fase difícil.

O Jamie abana a cabeça. Finalmente, viro-me e encaro-o. Ele está a olhar outra vez para as mãos.

— Então é assim? Nem vais tentar? Depois de todo este tempo juntos?

— Não aguento mais, Autumn.

— Disseste que me amarias sempre. — Não vou deixá-lo safar-se facilmente.

— E amo-te, mas não da mesma maneira — replica o Jamie.

— Ainda me amas — afirmo. — Acontece simplesmente que não consegues sentir isso neste momento. Às vezes, isso também acontece comigo. Eu limito-me a esperar e o sentimento volta sempre. Não acabo contigo. Dou tempo ao tempo.

Ele abana a cabeça de novo. Suspira. Eu espero.

— Há outra coisa — diz ele por fim. As minhas veias enchem-se de água gelada e tenho a sensação de estar a olhar para ele de muito longe.

— O quê? — Ouço a minha própria voz e penso em como é ridículo fazer aquela pergunta quando já sei a resposta.

— Eu e a Sasha descobrimos que temos sentimentos um pelo outro.

Finalmente, o riso que tem estado a acumular-se no meu peito transborda. Pouso a cabeça entre os joelhos e os meus ombros tremem.

— Descobriram?! — repito. O meu riso começa a soar estranho e engulo em seco, num esforço para o conter. Solto mais uma risada e abano a cabeça. — «Descobriram»? Que porra tão especial isso deve ter sido para vocês os dois!

O Jamie pousa-me a mão no ombro:

— Ambos te adoramos — diz ele — e estamos muito preocupados contigo. A Sasha quer mesmo falar contigo... — Sacudo a mão dele.

— Não, não, não — corto. — Para. Dá-me um minuto.

Respiro fundo. O Jamie observa-me respeitosamente, toda a sua aura irradia compreensão. Endireito-me e respiro fundo.

— Certo — digo. Então o Jamie inclina-se para a frente, expectante. — Dormiste com ela?

Ele recua como se eu o tivesse beliscado. Não responde.

Pestanejo.

— A sério? — exclamo. — Quando?

— Não planeámos nada disto — diz o Jamie. — Sentimo-nos horrivelmente com a maneira como as coisas correram e...

— Diz-me quando! — exijo.

As suas feições endurecem, como quando disse que sabia o que eu ia dizer.

— Uns dias antes do baile. Depois de ela ter ido comigo encomendar a tua *corsage*. Foi um acidente. Sentimo-nos horrivelmente e jurámos que não voltaria a acontecer. Mas na semana passada ambos reconhecemos que não podemos continuar a fingir. Gostamos um do outro, mas não queríamos estragar-te a cerimónia.

— E querem uma maldita medalha por isso? — atiro-lhe. Passo mentalmente em revista todas as recordações das seis semanas que decorreram desde o baile. Só nas

últimas duas é que notei algo diferente. Julgava que estávamos todos *stressados* com o fim do ano letivo. Confiava que o Jamie me quereria sempre. Nunca pensei que alguma vez viesse a ficar livre do seu amor por mim.

— Lamentamos ter-te magoado, Autumn — está o Jamie a dizer. — Mas continuamos a gostar muito de ti e...

— Queres saber uma coisa engraçada? — interrompo. — Sempre pensei que me amavas mais do que eu a ti. Sempre pensei que, se alguma vez acabássemos, seria eu a fazê-lo.

— Durante muito tempo, eu também acreditei nisso — diz ele. Por um momento, a minha confissão e o seu acordo dão-me um ligeiro sentimento de camaradagem: estamos ambos a olhar para a nossa relação e a ver a mesma coisa. Mas depois esse sentimento desvanece-se e estou sozinha. Uma estranha calma alastrou dentro de mim. Concentro-me de novo no carro do Finny.

— Podes ir embora — digo-lhe. A minha voz é baixa e calma. Estou pronta para ir para o meu quarto e pôr um ponto final nisto.

— O quê? — espanta-se o Jamie.

— É melhor ires andando. Não há mais nada a dizer. Vocês são uns cretinos e pronto.

— Eu sei que estás zangada e tens o direito de estar, mas nós não planeámos nada disto...

— Não quero ouvir mais nada, está bem? Vamos acabar com isto.

— Está bem. — O Jamie põe-se em pé. As suas feições endureceram de novo. No fundo dos degraus, vira-se para mim: — A Sasha quer que saibas que lamenta muito. Quer falar contigo, mas vai esperar que lhe ligues.

— Não vou ligar-lhe. Podes dizer-lhe isso mesmo. — Levanto-me e encaminho-me para a porta.

— Temos esperança de que um dia possamos ser amigos de novo — diz o Jamie. — Gostamos muito de ti. Acho que devias...

Abro a porta e viro-me para o encarar:

— Jamie — digo-lhe —, já que tu é que estás a acabar comigo, acho que devo ser eu a ter a última palavra. E quero que saibas que eu nunca, nunca mais serei vossa amiga.

Bato com a porta e vou para o meu quarto, onde choro sem que ninguém me ouça.

SESSENTA E CINCO

No terceiro dia, a minha mãe vem e senta-se na beira da cama. Estamos a meio da tarde, mas eu ainda estou de pijama. Há dois dias que não visto outra coisa. Estou de óculos e tenho o cabelo gorduroso. Sei que ficar na cama a maior parte do dia não dá credibilidade ao meu argumento de que só preciso que me deixem sozinha, mas não consigo conjurar determinação suficiente para fazer mais nada. Desde que consiga dormir, sinto-me entorpecida, e estar entorpecida é bom: estar entorpecida não dói.

— Autumn — diz a minha mãe.

— Já sei o que vais dizer, por isso podemos saltar simplesmente para a parte seguinte?

— Porque não ligas a um dos teus amigos? — diz ela. — Porque é que a Sasha não apareceu por cá?

— A Sasha que dormiu com o Jamie pouco antes do baile de finalistas? — Sinto o corpo dela ficar tenso. Enrolo-me numa bola e puxo os cobertores para cima da cabeça.

— Peço desculpa — diz a minha mãe. Não respondo, embora ela faça uma pausa. Pigarreia. — E a Brooke?

— A prima do Jamie? Tenho a certeza de que ela está interessadíssima em ouvir tudo sobre o sacana que ele é.

— A Angie...

— Vai entrar em trabalho de parto em breve, mãe.

Ela fica muito quieta e calada, e tenho esperança de que esteja prestes a desistir e a ir embora.

— Não suponho que um dos rapazes...? — aventa ela.

— Mãe! Vai-te embora, por favor!

Sinto o colchão oscilar e ouço os passos dela a atravessar o quarto. Sai, fechando a porta atrás de si. Eu fecho os olhos e tento adormecer outra vez.

*

Quando volto a abrir os olhos, é o fim da tarde e a minha mãe está à porta do meu quarto.

— Tens de te levantar — diz ela.

— Não.

— O Finny vem aí.

— O quê? — Sento-me na cama como se tivesse sido atingida por um choque elétrico. A minha mãe dirige-se para o armário, mete a mão lá dentro, aparentemente ao acaso, e tira um *top* azul.

— Porque é que ele vem aí? — pergunto. A minha mãe pousa o *top* na cama ao meu lado e vira-se para a cómoda.

— Vem ver-te. Tens um *soutien* sem alças lavado? — Abre a gaveta de cima da minha cómoda.

— Nem sequer tomei banho! E não quero ver o Finny! — declaro.

Ela não me presta atenção e abre outra gaveta.

— Calças de ganga ou saia? Não depilaste as pernas, pois não? Toma. — Tenta dar-me umas calças de ganga, mas eu afasto-as com um safanão.

— Ele estará cá daqui a dez minutos, portanto é melhor despachares-te. — Vira-se e sai do quarto.

— Mãe! — grito para as suas costas. Ela não me liga. Salto da cama e corro para a casa de banho.

Quando o ouço na escada, estou vestida, mas ainda tenho o cabelo molhado e não estou a usar maquilhagem. Agarro numa fita e prendo o cabelo à pressa num rabo de cavalo. Ele bate à porta. Eu olho em redor para o meu quarto.

Tenho comido aqui nos últimos três dias, mas dou-me conta de que, enquanto eu tomava duche, a minha mãe esteve aqui e limpou todos os invólucros vazios e pratos sujos. Sento-me na cama. Foi feita.

— Entra — digo. A porta abre-se uma fresta e o rosto do Finny espreita até me ver, depois ele acaba de abrir a porta e detém-se na soleira.

— Olá — diz ele. Já está a começar a corar.

— Olá — respondo. Ele olha para mim como se estivesse à espera de que eu fizesse alguma coisa. — Vais entrar ou ficar a rondar a porta como um vampiro?

— Vou entrar — replica ele. Atravessa o quarto e puxa a cadeira da minha secretária. Senta-se de frente para mim, com um cotovelo apoiado na mesa. Encolho os joelhos contra o peito e encosto-me à cabeceira da cama.

— Lamento que te tenham obrigado a fazer isto — comento.

— Quem? — indaga o Finny.

— As Mães. — Ele abana a cabeça.

— Elas não me obrigaram a nada — afirma. — Foi ideia minha. — Está a olhar para o colo. Não se mexe. Fica simplesmente sentado comigo. Olho para os seus ombros e para as suas mãos. O seu cabelo está ainda mais dourado por causa do sol do

verão. Algo se agita em mim e eu apresso-me a reprimir a emoção. Prefiro não sentir nada.

— Mas tens de saber — acrescenta o Finny — que elas estão muito preocupadas contigo.

— Eu sei — respondo. Ele levanta a cabeça e fita-me.

— Estão a falar em chamar o tal médico. — Sento-me direita e deixo os pés deslizarem para o chão.

— O Singh? — O Finny faz um sinal afirmativo. — Oh, meu Deus, ele é a última pessoa que eu quero ver.

— Porquê? Qual é o problema com ele?

— Não sei. — Abano a cabeça. — Ele toma nota de tudo o que eu digo numa ficha. E sempre que lá vou, obriga-me a subir para a balança.

O Finny franze a testa:

— Porquê?

— Acha que sou anoréxica — explico. Os cantos da boca do Finny contraem-se. — Não tem graça — protesto. Ele sorri e abana a cabeça.

— Tem uma certa graça — replica. Não posso deixar de sorrir um pouco quando ele olha para mim assim.

— Está bem — anuo —, talvez tenha uma certa graça. Mas não quero falar com ele sobre o Jamie. — Quando digo o nome dele, é como se uma faca se cravasse nas minhas tripas e o meu sorriso desvanece-se.

— Eu trato disso — declara o Finny.

— Vais convencê-las a não o chamar?

— Com uma condição.

— Que condição?

O Finny põe-se em pé:

— Vem comer um gelado comigo.

Suspiro e encolho os joelhos contra o peito de novo.

— Finny, não tenho mesmo vontade de ir a sítio nenhum hoje — digo-lhe. O Finny agarra-me no braço e puxa-me para cima. — Ei! — exclamo.

— Onde estão os teus sapatos? — pergunta ele. Vê uns chinelos no canto e arrasta-me para lá. — Calça-te.

— Isso não combina com a minha roupa — objeto. — E não estou de tiara.

— O que é que isso tem que ver seja com o que for? — questiona ele. — Vamos embora.

Enfio os pés nos chinelos e o Finny conduz-me pela escada abaixo, ainda a segurar-me no braço. As Mães estão na cozinha a beber chá gelado. Ambos os rostos se

iluminam quando nos veem.

— Vamos comer um gelado — anuncia o Finny.

— Estou a ser raptada — queixo-me.

— Bom trabalho, Phineas — diz a minha mãe.

— Divirtam-se, crianças — diz a tia Angelina.

Ele não me larga até chegarmos ao seu carro. Prime o botão da chave e abre-me a porta. Suspiro e sento-me. É apenas a terceira vez que estou no pequeno carro vermelho; cheira a couro e ao Finny. Ele contorna-o e desliza para o meu lado. Sem uma palavra, sai do caminho de acesso e liga o rádio. Ruma ao *Train Spot*, que muitos alunos da escola frequentam e onde alguns trabalham.

— Tenho de ir lá dentro? — pergunto quando o Finny vira para o parque de estacionamento. Está quase cheio. Reconheço a maioria dos carros.

— Porquê? — indaga ele.

— Não quero ver a malta toda da escola. — O Finny mete o carro num lugar vago e desliga o motor. Vira-se para me encarar:

— Não queres ser vista comigo? — pergunta.

— O quê? Não! — respondo. Estou tão surpreendida que dou por mim a gaguejar. — Não quero ter de responder a perguntas sobre o Jamie.

— Oh — diz ele. — Desculpa. — Sai do carro. Observo as suas costas enquanto ele atravessa o parque de estacionamento e tento perceber por que terá pensado que eu não queria ser vista com ele.

Regressa passados minutos, com dois cones de gelado. Bate na janela com um dedo e eu abro-lhe a porta. Ele passa-me os dois cones:

— Toma.

— Obrigada — agradeço. Ele lembrou-se de que o gelado de pepitas de chocolate e hortelã é o meu favorito. Para ele trouxe gelado de baunilha simples, como sempre. Eu costumava troçar dele por isso. Saímos do parque de estacionamento e ele vira na direção oposta à de casa.

— Aonde vamos? — inquiro.

— Ao parque — diz ele. — Quanto mais tempo ficarmos fora, melhor elas se sentirão.

Quando saímos do carro, entrego-lhe o seu cone e passeamos pelo caminho que circunda o lago. Comemos em silêncio durante alguns minutos. Tento comer com cuidado para não ficar com manchas verdes pegajosas no rosto.

— Então — digo, passado um bocado —, o que é que a Sylvie está a fazer hoje?

— Foi na viagem dela pela Europa. Acho que está em Londres.

— Ah, tinha-me esquecido. Quando é que ela volta?

— Em agosto.

— Uau. — O Finny não diz nada. Olho-o. Ele está a olhar em frente. — Vocês vão continuar juntos no outono?

— Acho que sim — diz ele.

— Não falaram sobre o assunto?

— Não.

Caminhamos em silêncio durante um bocado. Como o último pedaço do meu cone e saio do caminho para deitar fora os meus guardanapos. Paramos ao lado do caixote do lixo enquanto o Finny termina o seu e deita fora os restos também.

— A Sasha e o Jamie vão para Rochester — conto-lhe. O caminho serpenteia para mais perto do lago e emerge da sombra das árvores.

— Hum — faz o Finny.

— Portanto, acho que vão continuar juntos.

— Talvez acabem antes disso — replica ele.

— Ah! — exclamo. — Mas duvido.

— Bem, eles merecem-se um ao outro — afirma ele.

— Também não é a maneira mais saudável de começar uma relação — observo. — Não vejo como isto poderia ser bom para eles.

— Não — opina o Finny —, não será.

— E sabes o que o Jamie me disse? Disse que eu «precisava demasiado dele». — Desenho aspas no ar com os dedos. O Finny faz uma careta.

— O que é que isso significa?

— Não sei. Mas estás a ver o que eu quero dizer? Que tipo de relação vai ser a deles se ele tem uma atitude destas?

O Finny para, pega numa pedrinha de gravilha e atira-a ao lago. A pedra salta quatro vezes, depois afunda-se na água. Sento-me à sombra e fico a vê-lo procurar outra pedra achatada.

— Tu estás melhor sem eles. Sabes disso, não sabes? — diz ele.

— Sei — concordo. Enrolo os braços à volta da barriga. — Mas não posso deixar de desejar que as coisas pudessem voltar a ser como dantes. — O Finny olha-me de relance, depois vira-se de novo para o lago. A pedra ressalta apenas uma vez e cai. Ele curva-se novamente e revolve a gravilha. — Achas isso estúpido? — pergunto.

— Não.

— Eu acho — declaro. — Sinto-me uma idiota. Devia estar contente por ter acabado. Devia estar aliviada.

— Pois devias — corrobora o Finny. Arremessa a pedra, que ressalta várias vezes sobre a água. — Mas não acho que sejas idiota.

— Houve tantas vezes que eu quis acabar com ele — prossigo. — Mas não o fiz, porque pensei: «Ele ama-me muito. Não posso fazer-lhe uma coisa dessas.» Não é estúpido?

— Não — repete o Finny.

— Pensei que, se acabasse com ele, mais ninguém me amaria assim.

— Bem, essa parte é estúpida — diz o Finny. Afasta-se do lago e senta-se na relva ao meu lado. Apoia os cotovelos sobre os joelhos e olha para mim.

— Vais pregar-me um sermão sobre como voltarei a encontrar o amor? — inquiro.

— Não — diz ele —, ia perguntar... — Cora e olha de novo para o lago. — Ele não dormiu contigo e depois...

— Não — respondo, depois acrescento: — Ele não é assim tão mau.

O Finny encolhe os ombros.

Contemplamos o lago durante um bocado. O sol está a começar a pôr-se e a pintar a água de cores quentes. Sopra uma brisa, que despenteia o meu rabo de cavalo. Ponho novamente os braços à volta do meu corpo. Gostava de saber se o Jamie e a Sasha estarão juntos neste momento, o que estarão a fazer. Se estão a falar de mim, a ter pena de mim. Coço o braço.

— Achas que já estivemos fora tempo suficiente? — pergunto.

— Provavelmente.

— É que estou a ser devorada por insetos.

— Está bem. — O Finny levanta-se e oferece-me a mão. Ajuda-me a levantar e eu finjo sacudir o pó das calças de ganga para me livrar da sensação da mão dele na minha.

Ele baixa os vidros na viagem para casa. Ponho a mão fora da janela e sinto o ar a correr entre os dedos. Desfaço o rabo de cavalo e o cabelo chicoteia em torno do meu rosto. Já não me sinto entorpecida e isso não é bom. Dói-me o estômago e sinto uma dor familiar no peito. Não falamos até ele estacionar o carro e desligar o motor.

— O que vais fazer amanhã? — pergunta o Finny. Encolho os ombros. — Deixa-me levar-te a tomar o pequeno-almoço fora, depois podes passar o resto do dia metida na cama, ou como te apetecer.

— Está bem.

— Até amanhã, então. — Abrimos as portas e apeamo-nos.

Entramos cada um na sua casa e eu subo a escada. Choro outra vez até adormecer, mas desta feita não é só pelo Jamie.

SESSENTA E SEIS

Quando desço a escada, a minha mãe está à mesa a tomar café e a ler o jornal. Arqueia as sobrancelhas ao ver-me, mas não faz comentários. Hoje eu maquilhei-me e o meu cabelo está lavado e seco. Peguei numa tiara e quase a pus na cabeça, mas depois pousei-a de novo.

Dirijo-me para o frigorífico e sirvo-me de um copo de sumo de maçã.

— Obrigada — digo à minha mãe, enquanto ainda estou de costas.

— Porquê?

— Por não dizeres nada.

— Não tens de quê. — Sento-me à frente dela e pego na banda desenhada. — O que vais fazer hoje? — pergunta ela. Bebe outro gole, sem desviar o olhar do jornal.

— Eu e o Finny vamos tomar o pequeno-almoço fora. — A minha mãe levanta os olhos e sorri. — Tenta não ficar com um ar tão entusiasmado — acrescento.

— Desculpa — diz ela. Concentra-se de novo no jornal.

O Finny mandou-me uma mensagem há uma hora, a perguntar-me a que horas eu queria sair. Isso acordou-me. Durante um momento horrível, pensei que era o Jamie, depois lembrei-me de tudo. Se os meus planos tivessem sido com qualquer outra pessoa que não o Finny, não teria sido capaz de me arrastar para fora da cama.

Ouço-o bater à porta das traseiras e levanto o olhar. Ele abre a porta e entra na cozinha.

— Olá — cumprimenta.

— Bom dia, Finny — diz a minha mãe.

— Só um segundo — peço. Engulo o resto do meu sumo e ponho-me em pé.

— A que horas estarão em casa? — pergunta a minha mãe.

— Não sei. É só o pequeno-almoço — respondo.

— Telefona se vieres depois da meia-noite.

— És hilariante, mãe.

O Finny abre a porta e saímos os dois.

— A minha também estava em êxtase — diz ele.

Ele não ri de mim por eu pedir um hambúrguer e batatas fritas para o pequeno-almoço. A empregada de mesa também não faz cara feia e eu tomo isso como mais uma prova de que não sou a única. O Finny pede *bacon*, ovos e *hash browns*1, exatamente como deve ser.

— A tua mãe disse-te que já não temos hora para chegar a casa? — pergunta o Finny depois de a empregada se afastar com as nossas ementas.

— Não. Tens a certeza de que isso é válido para nós os dois?

— Foi o que ela disse. E disse a mesma coisa sobre telefonar se chegar depois da meia-noite.

— Hum.

O telefone do Finny toca. Ele tira-o do bolso, olha para o ecrã e franze a testa.

— Desculpa — pede-me, depois fala para o telefone: — Olá. — Tiro um lápis de cera do frasco sobre a mesa e começo a desenhar na toalha de papel. — Ainda estás com *jet-lag*? — pergunta ele. Desenho uma flor e depois um coração. Risco o coração. — Sim, estou a tomar o pequeno-almoço. A sério? Isso é fixe. — Fica a ouvir durante muito tempo. Desenho uma casa com um sol no céu e duas figuras tipo palitos no jardim, a brincar com uma bola vermelha. Após uma pausa, faço deles uma rapariga loira e um rapaz moreno. Dou-lhes um cão. Sempre quis um cão. — Hum-hum. Sim. Também tenho saudades tuas. — Os meus olhos estão colados à mesa. Não quero levantá-los. A empregada chega com a nossa comida e tapa o meu desenho. Enquanto o Finny ouve o seu interlocutor, eu mexo nas minhas batatas fritas e faço remoinhos com o *ketchup*.

— Está bem. Diverte-te. E, Sylvie? — Embora soubesse que era ela, ouvir o seu nome sobressalta-me e faz-me olhar para ele. Ele olha-me de relance, depois desvia o olhar. — Hum, uh, tem cuidado contigo, está bem? Não faças nada... tu sabes. — Faz uma pausa para ouvir. — Eu sei. Eu sei. Também te amo. Adeus. — Mete o telefone de novo no bolso. Eu foco-me outra vez na minha comida. — Desculpa — diz ele.

— Não faz mal — assevero.

— Com a diferença horária e a correria toda que ela está a fazer, não consegue telefonar com tanta frequência. Eu não podia dizer-lhe que depois lhe ligava.

— Não, a sério, não faz mal. Como é que ela está?

— Está bem. Muito entusiasmada.

— Isso é bom — comento. Pego finalmente no meu hambúrguer e dou-lhe uma dentada.

— Então... A Angie já teve o bebé?

Mastigo devagar e vejo-o a cortar os seus ovos.

— Não — respondo. — Na verdade, não falo com ela desde a cerimónia. Sei que devia telefonar-lhe, mas... — Encolho os ombros e dou outra dentada no hambúrguer.

— Aposto que ela compreende — diz o Finny. Comemos em silêncio por um

bocado. O Finny come primeiro os ovos todos, depois todos os *hash browns* e, quando já não há mais nada, passa para o *bacon*.

— O Jamie disse que esperava que todos pudéssemos ser amigos — conto. O Finny fita-me:

— Amiga dele e da Sasha? — indaga.

— Sim — respondo.

O Finny abana a cabeça.

— Ele não existe — observa.

— É mau eu querer que todos os outros fiquem do meu lado contra eles? — pergunto.

— Não — diz o Finny —, mas também não deves esperar que o façam. Pode não acontecer.

— Eu sei — respondo. O Finny corta o *bacon* ao meio e oferece-me um bocado. Abano negativamente a cabeça.

— Eu estou do teu lado — declara ele. Limpa as mãos ao guardanapo.

— Tu não contas.

— Obrigado.

— Sabes o que eu quero dizer.

— Sei, sim.

*

Conduz novamente com as janelas abertas, desta vez porque eu lho peço. É quase meio-dia e o resto do dia estende-se vazio diante de mim. Suspiro e olho pela janela.

— Vais voltar a meter-te na cama hoje? — pergunta o Finny. Encolho os ombros enquanto ele vira para o caminho de acesso. — Bem, o que vais fazer?

— Não sei — respondo. Ele estaciona o carro e não diz mais nada. Passo os dedos pelo cabelo várias vezes, olhando fixamente em frente. Sinto um nó a subir-me pela garganta e tento empurrá-lo outra vez para baixo.

— Finny? — sussurro.

— Sim?

— Tenho medo de lhe ligar.

— Porquê? — questiona o Finny. Pelo canto do olho, vejo-o virar-se e olhar para mim.

— Só para gritar com ele.

Ele abana a cabeça:

— Isso não é boa ideia.

— Eu sei. Mas estou habituada a poder ligar-lhe. Estou habituada a dizer-lhe que

estou zangada, triste, seja o que for. — Engulo em seco e respiro fundo. — É como se precisasse que ele me ajudasse a superá-lo.

— Tu não precisas dele — afirma o Finny. Não respondo. A minha vista está a ficar turva e concentro-me em não chorar à frente dele.

— Autumn? — diz ele.

— Sim?

— Porque não passas o dia comigo? Não tenho planos além de jogar um videojogo. Tu podes ler ou fazer o que quiseres. E eu não te deixo telefonar-lhe.

— Está bem — anuo.

— O quê?

— Está bem — repito, mais alto.

— Ótimo. Anda daí. — Ele contorna o carro, abre-me a porta e eu sigo-o.

---

[1] Prato de pequeno-almoço típico dos Estados Unidos, feito com batatas picadas e fritas até ficarem douradas.

SESSENTA E SETE

É o que fazemos todos os dias, ao longo dos cinco dias seguintes. Saímos para um pequeno-almoço tardio, depois eu enrosco-me na cama do Finny a ler enquanto ele joga o seu videojogo ao meu lado. À noite, as Mães jantam connosco. A seguir vemos um filme e, no fim, eu desculpo-me e vou para casa.

Quando finalmente escurece, apago as luzes do meu quarto e espio a janela do Finny. Ele entretém-se a jogar ou a navegar na Internet. Às onze horas, todas as noites, o seu telemóvel toca. Acho que é a Sylvie. Conversam durante meia hora ou um pouco mais e, quando desliga, ele sai do quarto. Regressa de *boxers* e mete-se na cama. Lê durante um bocado, o livro que eu vi na sua mesa de cabeceira, um *thriller* qualquer de grande êxito, e depois apaga as luzes.

Observar o Finny impede-me de pensar no Jamie. De alguma forma, acho que o Finny não se importaria se soubesse. Se eu estiver a imaginar o que ele estará a dizer à Sylvie, não estou a imaginar o que o Jamie poderá estar a dizer à Sasha. Vejo o Finny a coçar o braço ou a bocejar, e a minha mente não está em nenhum outro sítio além do presente, com ele. Não corro o risco de me magoar.

Na sexta manhã, o Finny parece nervoso quando aparece à porta das traseiras para me vir buscar.

— Olá! — cumprimento.

— Olá — responde ele. Tem os lábios comprimidos e as mãos enterradas nos bolsos.

Fecho a porta atrás de mim e encaminhamo-nos juntos para o carro. Espero que ele deslize para o banco ao meu lado.

— O que se passa? — pergunto. Ele liga o carro e sai do caminho de acesso.

— O Jack telefonou ontem à noite...

— Oh! — exclamo. Tinha-me perguntado de quem teria sido esse telefonema. O Finny lança-me um olhar estranho e continua:

— Estão a falar em juntarmo-nos todos hoje. Não nos vemos desde a cerimónia.

— Oh — repito, mas num tom diferente.

— Ficas bem sozinha?

— Fico — assevero. — Não quero que te sintas obrigado a tomar conta de mim, ou coisa do género.

— Não sinto nada disso — replica o Finny. Desvia brevemente o olhar da estrada

para me observar.

— Devias ir divertir-te com os teus amigos — digo-lhe. — Já passou uma semana e eu sinto-me melhor.

— Sentes mesmo?

— Não completamente bem, mas melhor, sim.

— Bom — diz o Finny. Conduz em silêncio durante um bocado, depois a nossa conversa recomeça normalmente, como nas outras manhãs. Troçamos das Mães e falamos sobre o filme que vimos na véspera à noite.

Depois do pequeno-almoço, o Finny deixa-me em casa e eu viro-me e aceno-lhe do alpendre das traseiras enquanto ele arranca de novo. A casa está vazia; a minha mãe, o meu pai e os advogados têm uma reunião no centro da cidade hoje. Vou para o meu quarto e estendo-me na cama. Olho pela janela e observo o vento a soprar através das árvores. Passado um bocado, adormeço. Quando volto a abrir os olhos, é o início da tarde e está calor no meu quarto. As cigarras cantam e o vento continua a fazer farfalhar as árvores. Espreguiço-me, viro para o outro lado e o meu olhar cai sobre o computador.

Há muito tempo que não escrevo. Comecei uma coisa antes do Natal, mas perdeu-se na confusão do inverno e na excitação da primavera, e agora não me lembro se o que escrevi valia alguma coisa.

Atravesso o quarto, sentindo a madeira do soalho aquecida pelo sol debaixo dos meus pés descalços, e sento-me.

O meu texto está bom, mas corto grandes pedaços e mudo parágrafos de sítio. Tenho uma nova visão, uma nova estrutura para a história. Estou pronta para escrever algo honesto. O barulho do teclado transforma-se depressa no único som que me penetra os ouvidos, depois até isso se desvanece e ouço apenas as vozes na minha cabeça.

Quando a minha mãe chega a casa, manda vir uma piza e comemos com a tia Angelina. O Finny ainda não voltou. Mal acabamos de comer, eu deixo-as e elas não protestam. Sei que a minha mãe quer falar com a Angelina sobre o meu pai.

Recomeço a escrever e não dou pelo sol a avançar pelo soalho, pela luz a começar a esmorecer. Quando saio do meu transe, está escuro lá fora e ouço o carro desportivo no caminho de acesso. As luzes do meu quarto já estão apagadas. Fecho o computador para que o quarto fique completamente às escuras e deito-me na cama, virada para a janela.

Ele entra no seu quarto e olha em redor, como se esperasse que lá estivesse alguma coisa. Atravessa a divisão e olha pela janela, e por um momento penso que consegue ver-me. Mas depois ele afasta-se e senta-se na cama. Pega no telefone e leva-o ao

ouvido.

O meu telemóvel toca. Olho para o aparelho que vibra na minha mesa de cabeceira, depois pela janela, para o Finny a estender-se na cama.

— Estou?

— Olá — diz ele.

— Olá.

— O que estás a fazer?

— Nada — respondo, mas depois, para ser mais credível, acrescento: — Só a ler.

— Como foi o teu dia?

— Foi bom. E o teu?

— Foi bom.

Ficamos calados, mas não se trata de um silêncio confrangedor; é como se estivéssemos tranquilamente sentados na mesma sala. Vejo-o espreguiçar-se e ouço-o bocejar.

— É uma pena que não tivéssemos telemóveis naquela altura — comento. — Não precisaríamos dos copos e do cordel.

— Pois é — diz ele. E depois: — Espera, estás no teu quarto?

— Estou — respondo, mas então lembro-me de que tinha dito que estava a ler e que a minha janela está escura. — Acabei de entrar.

— Consegues ver-me? — Ele acena. Rio-me.

— Consigo — confirmo. — Estou a acenar também.

— Olá — diz ele.

— Olá — digo eu.

SESSENTA E OITO

Mais tarde nessa noite, horas depois de eu e o Finny termos desligado e ido deitar-nos, o meu telemóvel dá novamente sinal. Levanto a cabeça e olho para o ecrã iluminado na mesa de cabeceira. É uma mensagem do Dave Betinho:

«Guinevere Angela 03h46 3,230 kg, horário das visitas amanhã das 13h00-18h00»

Sorrio e pouso a cabeça na almofada. Imagino a Angie cansada, feliz e a chorar. Antes de conseguir adormecer, o telemóvel emite novo sinal. Vejo o nome do Jamie e o coração cai-me aos pés.

«A Angie teve o bebé. É uma menina. Podemos visitá-la amanhã a partir das 13h00. Queres boleia?»

Arremesso o telefone pelo quarto fora e ouço-o bater contra a parede. Talvez se tenha partido. Não quero saber. Durmo um sono agitado.

Quando o Finny bate à porta das traseiras, estou sentada na cozinha à espera dele, a ler um livro e a comer um gelado. Quando levanto a cabeça, ele abre a porta e entra.

— Ei — diz ele —, estás com um ar...

— Furioso? — sugiro.

— Hã, não. — O Finny dirige-me um olhar cauteloso. — Ia dizer cansado.

— Sim, bem, isso também estou — digo-lhe. Fecho o livro e atiro-o para cima da mesa. — O Jamie mandou-me uma mensagem ontem à noite.

— A dizer o quê?

Suspiro e pouso o pauzinho do gelado no tampo da mesa.

— O Dave Betinho enviou uma mensagem a todos.

— Quem? — O Finny senta-se na cadeira à minha frente.

— O Dave Betinho, o namor... quero dizer, o marido da Angie. Disse que a Angie tinha tido o bebé, que é uma menina, que pesa não sei quanto, as horas a que podemos visitá-la e tudo o mais. E nem cinco minutos depois, o Jamie manda-me uma mensagem a dizer... — Aclaro a garganta e tento imitar a voz do Jamie: — «A Angie teve o bebé. É uma menina. Podemos visitá-la amanhã. Precisas de boleia?»

— Ele achou que tu não serias uma das pessoas a quem o Dan Betinho avisaria? — questiona o Finny.

— Sim! — confirmo. — É Dave Betinho, mas sim! E isso é tão típico do Jamie! Achar que está a ser muito generoso por me avisar e oferecer boleia. Presumir que

preciso dele para essas coisas.

— Bem — observa o Finny —, em boa verdade, tu precisas de boleia.

— Não, não preciso — replico. — Tenho-te a ti.

O Finny sorri:

— Gosto dessa tua certeza de que eu te levo lá.

— Levas, não levas? — pergunto.

— Claro que sim. Não é esse o ponto. — Continua a sorrir e eu já não me sinto zangada.

Perdemo-nos no caminho para o hospital e só lá chegamos à uma e meia. É estranho estar num sítio destes sem um adulto. Digo a mim própria que agora também sou adulta, mas continua a parecer-me que as enfermeiras estão a olhar para nós. O Finny está perfeitamente à vontade, como se passasse a vida a andar por maternidades.

Quando chegamos à porta aberta do quarto da Angie, sei que o Jamie está lá dentro, quase como se lhe sentisse o cheiro. Detenho-me e olho para o Finny. Ele dirige-me um olhar, que eu consigo decifrar porque o conheço, mas que para o resto do mundo parece apenas um sorriso suave. Vai correr tudo bem.

A Angie está sentada na cama e os outros rodeiam-na como se estivéssemos outra vez na Escada para Nenhures. A minha garganta contrai-se.

— Ei, vieste — diz o Jamie.

— Autumn! — exclama a Angie. Sorri e estende-me os braços, mas o movimento arranca-lhe uma careta. Por um momento, esqueço tudo e corro para ela.

— Oh, desculpa o atraso! — digo-lhe enquanto a aperto nos braços. — Perdemo-nos.

— Trouxeste o Finn! — diz ela. — Olá, Finn.

— Olá — responde ele. Está parado à porta, parecendo a imagem do que eu própria tinha sentido quando estávamos a percorrer o corredor.

— Onde está a tua tiara? — pergunta a Brooke. Encolho os ombros.

— Acho que me fartei das tiaras — replico.

— A sério? — indaga a Sasha.

— Queres pegar-lhe? — propõe a Angie.

— Quero — respondo. Olho em redor do quarto, evitando o Jamie e a Sasha, que estão sentados juntos no canto, e vejo finalmente que o Dave Betinho tem um embrulhinho nos braços, uma coisa tão pequenina que não a tinha notado. Ele atravessa o quarto e estende-me a bebé.

— Uau! — exclamo, quando o ligeiro peso é transferido para os meus braços. —

Uau!

Ela é muito pequenina e tem o rosto franzido e os olhos fechados, como se estivesse a tentar bloquear o mundo.

— Uau — murmuro mais uma vez. Esta é uma pessoa que antes não existia. — Finny — chamo, a minha voz ainda baixa, a minha mente ainda num turbilhão —, vem ver. — Sinto-o parar atrás de mim, olhar por cima do meu ombro. Permanecemos em silêncio por um momento.

— As unhas dela — diz ele.

— Eu sei — diz a Angie. Dou-me conta de que gosto de pegar na Guinevere. Posso olhar para ela e esquecer que o Jamie e a Sasha estão sentados junto um do outro, como se isso estivesse certo.

— Então, onde é que se perderam? — pergunta o Jamie. Tento não fazer uma careta à bebé.

— Falhámos a saída da I-70 e perdemo-nos quando tentámos voltar para trás — explica o Finny.

— Sim, nós também nos desorientámos um bocado — diz o Jamie. — Mas saímos cedo.

— Nós almoçámos primeiro — diz o Finny.

— Bem gostava de que tivéssemos almoçado também — comenta a Brooke. — Estou cheia de fome.

— Que tal sairmos todos juntos depois? — sugere o Alex.

— Vamos — concorda o Jamie.

— E vocês? — pergunta a Sasha. Levo um segundo para perceber que está a falar com o Finny e comigo.

— Hum, não, temos planos — retruco. O que me apetece dizer é: «Nem pensar!», mas, de alguma forma, não consigo fazê-lo. Sento-me na cama, de costas para ela.

— O que vão fazer? — pergunta a Angie. Pisca-me o olho, de modo que o Jamie e a Sasha não vejam. Sinto as faces a arder e olho para o Finny.

— Vamos ao cinema — declara ele, embora não tenhamos combinado nada disso. A sua autoconfiança voltou. Senta-se ao meu lado na cama.

— Que filme vão ver? — indaga a Sasha.

— Finny, pega tu nela — digo eu.

— Oh, não! — exclama ele. Rio-me e ele levanta as mãos defensivamente.

— Vá lá — insisto, estendendo a bebé na direção dele. Obrigo-o a pegar-lhe e, quando ela está nos seus braços, ele olha para mim como se eu devesse explicar-lhe qual o passo seguinte. Rio-me de novo e inclino-me sobre a pequenina. — Olha para esta carinha franzida — comento. Apercebo-me de que a minha cabeça está quase

apoiada no ombro dele e não consigo forçar-me a afastá-la.

O Finny olha para a bebé. Por um momento, parece que nós os três somos as únicas pessoas na sala.

— Há coisa mais *sexy* do que um tipo com um bebé ao colo? — observa a Angie, mas nem isso me faz cair em mim.

— Não — respondo, depois vacilo. Afasto-me um centímetro do Finny e sinto verdadeiramente a perda do calor do corpo dele.

— Pronto, é a minha vez — declara a Brooke. — Parem de torturar a pobrezinha.

Atravessa o quarto e tira a bebé dos braços do Finny. Eu evito olhar para ele.

Passamos a hora seguinte a falar de coisas normais e a ver televisão. Eu não olho para o Finny e tenho cuidado para não roçar nele quando mudo de posição na cama. O Jamie é quem mais fala, orquestrando a conversa de modo a exibir o seu charme e humor. Não é diferente do que já fazia antes, mas não me parece a mesma coisa. Ele e a Sasha não dão as mãos nem se beijam, mas estão sentados lado a lado.

Quando começa a canção do programa seguinte, a Guinevere desata a chorar.

— Está com fome — afirma a Angie. Di-lo com uma certa autoridade, o que me intriga. Afinal, ela ainda só conhece a filha há menos de meio dia.

— Provavelmente é melhor irmos embora — digo. Eu e o Finny pomo-nos em pé.

A Angie olha para nós, mas tem uma expressão distraída.

— Obrigada por terem vindo — diz ela e foca-se de novo na bebé.

Dirijo-me rapidamente para a porta.

— Adeus, malta — despeço-me.

— Adeus — diz o Finny.

— É melhor irmos andando também — ouço a voz do Jamie, mas não olho para trás nem abrando o passo. Eu e o Finny caminhamos lado a lado. Os outros vêm todos atrás de nós: o Jamie, a Sasha, o Alex, a Brooke e o Noah. Estão a falar sobre o que vão fazer a seguir. Andamos pelo corredor como se não nos conhecêssemos. O Finny prime o botão do elevador e as portas abrem-se imediatamente. Entramos e o Finny prime o botão do primeiro andar enquanto os outros dobram a esquina. Eu olho para eles, e eles olham para mim.

As portas fecham-se. O Finny fita-me:

— Estás bem? — pergunta.

— Estou — respondo.

— Queres ir mesmo ao cinema?

— Quero — replico — e vamos ver o que tu quiseres. Obrigada por teres vindo.

— Não há crise — diz ele. Sorri-me e eu percebo finalmente que nunca, nunca me senti assim com o Jamie, nem mesmo nos melhores momentos.

SESSENTA E NOVE

Estamos na cama dele. Estou enroscada perto da cabeceira com o meu computador no colo; o Finny está esticado de bruços, a acabar com um chefão no seu jogo.

Acabei de terminar um capítulo e sinto a cabeça leve. Vejo a sua personagem a atirar bombas ao dragão. Já passa do meio-dia, mas não estou com fome; agora ficamos fora até tarde e dormimos até depois da hora do pequeno-almoço. Passamos a maior parte do tempo a andar de carro com as janelas abertas. Vamos a *drive-throughs* depois da meia-noite e deambulamos pelos corredores de lojas de conveniência abertas vinte e quatro horas. Ontem à noite, sentámo-nos no capô do seu carro vermelho a comer doces carregados de açúcar, corantes alimentares fluorescentes e sabores artificiais.

O Finny deixou o rádio ligado e encostámo-nos ao para-brisas, mas os candeeiros da rua eram demasiado brilhantes para se ver as estrelas.

Fecho o computador e o Finny deve ter ouvido o estalido, porque me pergunta «Já acabaste?», enquanto outra bomba explode no ecrã e o seu comando zumbe.

— Por agora — respondo. Pouso o computador ao meu lado e estico os braços acima da cabeça. Fico a vê-lo ganhar a luta e gravar o jogo.

— Então quando é que vou poder lê-lo? — indaga o Finny.

— Nunca — replico, sem pensar. — Desculpa — acrescento.

— Porque não? — Parece surpreendido. Não está a olhar para mim; está outra vez a jogar.

— Porque é privado — explico — e ainda não está muito bom.

— Posso lê-lo quando estiver bom?

Encolho os ombros, embora ele não consiga ver-me.

— Provavelmente, não.

— Porque escreves se ninguém pode ler?

— Não disse que ninguém podia ler.

O Finny olha para mim por cima do ombro.

— Então sou só eu? — pergunta.

No ecrã, a sua personagem corre em círculos e bate repetidamente contra uma árvore.

— Não — respondo. Deslizo para a frente na cama e estendo-me de bruços ao lado dele. — É que... eu conheço-te. E se o leres, podes pensar: «Oh, esta personagem é

aquela pessoa» ou «ela está a falar sobre aquele tempo aqui», mas não é nada disso.

— E se eu prometer não fazer interpretações dessas? Nada de análises. Juro sobre a sepultura da minha mãe.

— Vou contar-lhe que disseste isso.

— Vá lá, por favor?

Encolho os ombros e reviro os olhos.

— Talvez.

— Ah! — O Finny vira o rosto e olha para a televisão. Pega no comando e começa a premir botões. — Isso significa que sim.

— Não significa nada!

— Significa, pois.

— Não! — Dou-lhe um soco no ombro e ele ri.

— Então, o que queres fazer agora? — pergunta. Volto a encolher os ombros, mas estou a sorrir.

— Isto — respondo.

SETENTA

O Finny atende o telefone ao primeiro toque.

— Estou?

— Olá, já cheguei.

— Ainda estás lá fora?

— Sim — respondo.

— Fica aí — diz ele. — Desço já.

Quando ele sai pela porta das traseiras, eu estou sentada no capô do seu carro. É quase meia-noite. O canto dos grilos ressoa no ar ainda quente.

— Então, como foi? — pergunta ele.

— Correu bem — digo-lhe. — Acho que ela estava a atuar como representante de todos os outros. — Acabei de regressar de uma ida ao cinema com a Brooke. Durante o percurso de meia hora de carro até casa, ela disse-me que todos compreendiam que eu estivesse zangada com o Jamie e a Sasha, mas que todos queriam continuar a ser meus amigos e que eu ainda fazia parte do grupo.

— Ela disse que ninguém quer tomar partido — acrescento.

— Calculei que fosse algo desse género — diz o Finny. — Tens fome?

— Tenho.

No caminho para o *drive-through* aberto toda a noite, descalço as sandálias e ponho os pés fora da janela. O Finny não se importa.

— Sentes-te melhor? — pergunta. Encolho os ombros.

— Mais ou menos. Quero dizer, é bom poder continuar a ser amiga deles, mas... — Encolho novamente os ombros e suspiro. — Não sei. Como podemos continuar a ser um grupo depois daquilo? E vamos todos para universidades diferentes... — A minha voz extingue-se. Um minuto passa em silêncio. Viramos na direção das luzes brilhantes do restaurante de *fast food*.

— É assim tão fácil para ti deixares os teus amigos? — indaga o Finny.

— Não — confesso. Puxo os pés para dentro e apoio a face aos joelhos. — Pensava mesmo que seríamos amigos para sempre.

— Estás a falar de nós ou deles? — pergunta o Finny. Está a olhar pela janela.

— Posso receber o seu pedido? — guincha a caixa para nós.

— Um momento — diz o Finny, depois vira-se para mim: — Sabes o que queres?

O meu coração ainda está a bater mais depressa por causa da outra pergunta dele.

Não falámos sobre sermos amigos de novo. As Mães estão delirantes, mas sabem que é melhor não dizerem nada. Pouco antes de me deixar em casa, a Brooke perguntou se agora eu andava com o Finny. Respondi-lhe que ele ainda estava com a Sylvie e saí do carro.

— Um número um para mim. Com *Coca-Cola* — peço. Ele faz os pedidos para nós e paga. Depois de avançarmos, enquanto estamos à espera da nossa comida, digo-lhe: — Deles, nessa altura. Mas também pensava isso de ti. — Ele não me responde. Entrega-me o saco e faz inversão de marcha. Quando voltamos à estrada, diz:

— A Sylvie está em Itália.

— Ah, sim?

— Passou a semana inteira em museus de arte.

— Não consigo imaginar a Sylvie num museu de arte — comento. O Finny olha para mim, depois franze o sobrolho para a estrada.

— Sabes, não a acharias assim tão má se lhe desses uma oportunidade.

— Quem disse que eu achava que ela era «assim tão má»? — replico. — Simplesmente não a vejo como uma pessoa dada a museus de arte.

— Vindo de ti, isso é mau — diz ele. — E não a conheces verdadeiramente.

— Certo. Não a conheço verdadeiramente — retruco. — Ela também não me conhece e Deus sabe o que pensa de mim.

— Essencialmente, tem medo de ti — diz o Finny.

— Tem medo de mim?

— Tu intimida-la.

— Como queiras.

— Estou a falar a sério — afirma ele.

— Certo. Estás a falar a sério — replico. Fazemos o resto do trajeto até casa em silêncio. O Finny vira para o caminho de acesso, desliga o motor e ficamos a olhar fixamente em frente.

— Estás zangado comigo? — pergunto.

— Não, não estou — responde ele. Não consigo pensar em mais nada para dizer, pelo menos em nada que deva dizer, por isso não digo nada. Tiro a nossa comida do saco e entrego ao Finny a dele. — Obrigado — agradece ele. O seu perfil é bonito à luz do painel de instrumentos. Tenho muita vontade de me inclinar e deitar a cabeça no ombro dele. Quando éramos crianças, podia fazê-lo.

— Eu não detesto a Sylvie — digo por fim. — Não a conheço, tens razão. Mas isso significa que não sei se ela gostaria de museus. — O Finny encolhe os ombros, mas não é um gesto desdenhoso. — Aposto que, se ela me conhecesse, veria a palerma que eu sou e não teria medo de mim — acrescento. — Ela sabe que o Jamie me

deixou?

— Eu contei-lhe — diz o Finny. Fita-me. — Mas não entrei em detalhes — acrescenta rapidamente.

— Ela sabe de nós? — pergunto. O Finny abana a cabeça e olha de novo pela janela. — O que vais dizer-lhe quando ela voltar para casa?

— Não sei — confessa ele, e depois: — Tu não és palerma.

Como o meu hambúrguer antes que fique frio. O Finny começa por comer todas as suas batatas fritas, depois passa para o hambúrguer. Deixo metade do meu e embrulho-o no papel antes de o meter de novo no saco. Enroscada no meu banco, de frente para o Finny, fico a vê-lo comer à meia-luz. O rádio está a tocar baixinho. Seria um pouco romântico se estivéssemos juntos.

— Então — diz o Finny —, o que vamos fazer amanhã?

SETENTA E UM

Estamos sentados juntos à beira do lago. O céu está a escurecer lentamente e os fogos de artifício começarão em breve. A minha mãe e a tia Angelina estão ali perto, mas não estão sentadas ao nosso lado. Agora deixam-nos em paz. Eu finjo que não sei porquê e o Finny parece não dar por nada.

— Deviam começar agora — observo. — Já está suficientemente escuro.

— Vão começar daqui a nada — replica ele, depois ouvimos um estrondo e o céu ilumina-se.

Inclino-me para trás, para poder observá-lo quando olhar para cima, fingindo que estou a olhar para o céu. O seu queixo está virado para cima, um sorriso arqueia-lhe suavemente os cantos da boca. Levanta a mão e afasta uma madeixa de cabelo dos olhos.

Em momentos como este, admira-me que as palavras não me irrompam dos lábios. Sinto-as na boca como três seixos lisos. Sinto-as quando engulo e quando respiro.

As suas sobrancelhas arqueiam-se ligeiramente e eu pergunto-me o que o terá surpreendido no céu, mas não consigo desviar o olhar.

É possível que os últimos seis anos tenham sido reais e não um sonho, como me parecem agora? Acho que, se me concentrasse, poderia fazer desaparecer essas memórias. Poderia fechar os olhos e acreditar que nunca tínhamos estado afastados. Poderia inventar um novo passado para recordar.

Vejo-me sentada na bancada no jogo de futebol do Finny. Ele olha para mim e eu aceno-lhe. Temos quinze anos.

— Autumn? — Abro os olhos e ele está a olhar para mim. — O que se passa?

— Nada — respondo. — Só estou cansada.

— Queres ir embora?

— Não, não. — Sorrio-lhe. — Não te preocupes comigo.

Desvio os olhos dele com esforço e viro-os para o céu.

SETENTA E DOIS

Quando o carro do Finny para, estou sentada nos degraus da frente, à espera. Chegaram cedo. O Finny buzina e eu levanto-me. É de noite e está calor. Corro para ele através do relvado.

Quando chego ao pé do carro, o Jack está a sair do banco da frente e a mudar-se para o de trás.

— Não, não — digo-lhe. — Eu posso ir atrás.

— Não — replica ele —, as senhoras à frente. — É a nossa troca de palavras mais longa de sempre. Sento-me e fecho a porta.

— O Jack gosta de fingir que é um cavalheiro — comenta o Finny. — Mas não te deixes enganar.

— Finn, como é que eu vou causar boa impressão à tua amiga se tu falas de mim assim?

— Eu não disse que vocês tinham de gostar um do outro — retruca o Finny. O que ele de facto disse, pelo menos a mim, foi que o incomodava o facto de os seus dois melhores amigos mal se conhecerem. Só queria que fôssemos ver um filme juntos, apenas um. Eu estava prestes a protestar, mas quando ele se referiu a mim como sua melhor amiga, fiquei demasiado satisfeita para objetar. Não sei se o Jack foi mais difícil de convencer.

— Vamos dar-nos bem só para o contrariar — digo. O Jack ri. Isto pode correr bem.

Não quero ver o filme de espionagem, nem a comédia com um humor grosseiro, por isso os rapazes convencem-me a ir ver o filme de terror. Nos primeiros quinze minutos, a rapariga abre a porta do roupeiro e cai um manequim de costureira. Grito e tapo os olhos. O Jack e o Finny riem, mas o Finny pergunta-me se vou ficar bem. Faço que sim com a cabeça e encolho-me no meu lugar.

Passada uma hora, o filme está no clímax. A rapariga abre outra porta e vê o namorado pendurado nas vigas. Ela grita e a câmara aproxima-se para um grande plano do rosto dele. Eu estremeço e viro a cabeça para o lado. A minha testa roça no ombro do Finny. Seguem-se mais gritos e eu volto a estremecer.

— Está tudo bem? — sussurra o Finny. Aceno com a cabeça e a minha testa roça outra vez nele. Ele recua. Envergonhadíssima, levanto rapidamente a cabeça e olho para o ecrã.

E sinto o Finny pôr o braço à volta dos meus ombros.

Mais ou menos. Está sobretudo apoiado nas costas do meu banco, mal me tocando. Mas os seus dedos estão decididamente no meu ombro e, quando chega a parte assustadora seguinte, ele pressiona-os gentilmente contra mim.

— Estou bem — sussurro. O Jack olha para nós.

Mais tarde, quando o Finny se prepara para pôr o carro a trabalhar, o Jack diz:

— Ei, vocês querem embebedar-se esta noite?

— Sim — respondo. O Finny encolhe os ombros:

— Se vos apetece — acede.

— Mas onde vamos arranjar álcool? — indago.

— O meu irmão trabalha na loja de bebidas de Rock Road — explica o Jack.

— Estás a falar a sério? — Olho para o Finny. — É lá que o arranjam sempre?

— É — diz o Jack. O Finny encolhe novamente os ombros.

Ficamos sentados no carro estacionado com as janelas abertas e embebedamo-nos atrás das casas das nossas mães. Os rapazes pegaram numa garrafa de litro de *Coca-Cola*, deitaram fora um terço do conteúdo e encheram o resto com uísque. Estão sentados nos bancos da frente, passando a garrafa de um para o outro. Eu estou estendida no banco de trás com seis latas de uma coisa cor-de-rosa com flores tropicais. Foi o Finny que a escolheu para mim. Disse que eu ia gostar. Gostava de saber se será o que a Sylvie costuma beber.

— Vais ter de ficar em minha casa esta noite — diz o Finny. — Não vou estar em condições de te levar a casa.

O Jack bebe um longo trago e passa-lhe a garrafa.

— Podes ter a certeza que não — replica. Dou uma gargalhada e vejo o Finny beber um gole enorme. Limpa a boca às costas da mão e, de alguma forma, faz com que o gesto pareça masculino e elegante.

— Então, Autumn — começa o Jack. Vira-se no seu banco para me encarar. — Porque é que acabaste com o Jamie? Porque toda a gente pensava que vocês os dois iam casar e tudo o mais.

— Sim, eu também pensava isso — respondo. — Mas ele traiu-me com a Sasha, portanto isso não vai acontecer.

— A sério? — admira-se o Jack. Faz uma careta e levanta as mãos. — Ela nem sequer é... hã...

— Tão bonita como eu? Sim, eu sei.

O Jack ri alto.

— Bem, isso é que é modéstia.

— Mas é verdade.

— Pois é, mas tu não devias saber disso.

— Porquê? — questiono. Sento-me e inclino-me para a frente, de maneira que a minha cabeça fica entre os bancos deles. — Porque havia de fingir que não sei que sou bonita, quando toda a gente passa a vida a dizer-me que sou?

— Porque simplesmente não devias saber.

— Enquanto vocês os dois discutem, eu vou à casa de banho — declara o Finny. Sai do carro e fecha a porta. O Jack fica a vê-lo afastar-se.

— Quer dizer, não é como se eu achasse que sou melhor pessoa por isso, nem nada do género — prossigo. — Nem sequer é uma realização. É apenas o meu aspeto. — Ouço a porta de rede da casa fechar-se atrás do Finny.

— Ouve — diz o Jack. Fita-me. — Podes dizer-me com sinceridade que não estás apenas a dar-lhe a volta à cabeça?

— O quê? — exclamo.

— Estou a falar a sério. O Finn é meu amigo, sabes?

— Não sei do que estás a falar.

— Eu estava lá no terceiro ciclo — diz o Jack.

— Certo — respondo. — Eu também.

O Jack suspira.

— Se não estás a levar isto a sério, então não mexas com a cabeça dele. Ele e a Sylvie nem sempre são o par ideal, mas é melhor do que ele andar obcecado contigo outra vez.

— Ele... quê? — Sinto-me como se o Jack me tivesse dado um soco no estômago. Engulo com força, embora a minha boca tenha ficado seca de repente.

O Finny não me beijou só porque queria saber como era beijar uma rapariga; gostava realmente de mim. Embora estejamos sozinhos, baixo a voz:

— Ele disse-te alguma coisa?

— Não. Ele diz que vocês são só amigos. Mas também dizia isso da última vez e depois levou uma eternidade a ultrapassar-te — diz o Jack. Baixo o rosto, com medo de chorar de desilusão. Por um momento, o coração saltou-me até à garganta. — Não queria perturbar-te, nem nada disso — acrescenta o Jack.

— Não — assevero —, as coisas não são assim comigo e com o Finny. — Engulo em seco de novo e respiro fundo. O Jack pega outra vez na garrafa.

— Isso é estranho — comenta.

— O quê? — pergunto.

— Tu chamares-lhe *Finny*, como a mãe dele.

Esboço um sorriso.

— Bem — replico —, conheço-o há quase tanto tempo como a mãe dele.

— Eu sei.

— E era assim que todos lhe chamavam. As Mães às vezes chamam-lhe Phineas, e eu só o chamo assim quando estou zangada com ele. — Ouço a porta das traseiras abrir-se e ambos nos viramos e olhamos. O Finny desce os degraus. Traz um saco de *pretzels*.

— Não digas nada, está bem? — pede o Jack.

— Claro que não. E as coisas não são assim connosco, seja como for.

SETENTA E TRÊS

Adormecemos outra vez na cama dele. Mas agora estou acordada. A luz da tarde jorra pela janela sobre nós. A caixa vazia da piza que comemos ao almoço jaz no chão, ao lado da cama. O jogo de computador dele está em pausa. O meu livro repousa na sua mesa de cabeceira.

Ontem à noite, por volta das três da manhã, medimos a nossa tensão arterial numa daquelas máquinas em que se enfia o braço, no supermercado. A do Finny estava perfeita e a minha, apenas um pouco alta. Comemorámos com meio quilo de gomas e o uísque que tinha sobrado.

Amanhã vou almoçar com o meu pai, por isso não poderemos ficar fora até muito tarde esta noite. Pergunto-me se o Finny irá ficar acordado até tarde sem mim ou se irá simplesmente dormir, como eu.

Estico-me e rebolo até ficar deitada de lado, com cuidado para não o acordar.

Ele está deitado de costas, com as mãos atrás da cabeça. Tem a boca entreaberta, mas isso não faz com que fique com um aspeto parvo, apenas relaxado e confortável.

Tínhamos estado a olhar para as sombras da árvore do lado de fora da janela dele e a falar sobre o divórcio dos meus pais, depois comentámos que devíamos ir ao museu de arte ou, pelo menos, ao jardim zoológico. A certo ponto, a minha memória fica confusa e devo ter adormecido. Gostava de saber se foi antes ou depois dele. Talvez tenhamos cedido ao sono ao mesmo tempo.

É bom olhar para o rosto dele.

Assim tão perto, posso ver que ele não é exatamente perfeito. Tem uma pequena borbulha no lado do nariz e uma cicatriz de varicela na bochecha. Nós tivemos varicela ao mesmo tempo. Passámos uma semana na cama juntos, a ver filmes e a comer nachos do mesmo prato. O Finny saía-se melhor a não coçar. Ele melhorou dois dias antes de mim, mas as Mães deixaram-no ficar comigo na mesma.

A ânsia de tocar naquela cicatriz é mais insuportável do que qualquer comichão que eu alguma vez senti.

— Peço desculpa — sussurro. — Até costumávamos ficar doentes juntos e eu estraguei tudo.

Se estivesse acordado, ele dir-me-ia que não fazia mal e estaria a falar a sério. Mas faz mal. O Jack disse que ele levou uma eternidade a ultrapassar-me, mas isso não deixa de significar que me ultrapassou.

— Amo-te — sussurro-lhe, tão baixinho que nem eu própria ouço. Fecho os olhos e fico a escutar a sua respiração. Volto à história na minha cabeça sobre como as coisas poderiam ter sido. Estou na parte em que ele está a ensinar-me a conduzir quando o ouço respirar fundo, quase num suspiro. Ainda me lembro desse som; é o que ele faz ao acordar, como se estivesse a vir de baixo de água. Deixo os meus olhos fechados. Ele rebola devagar até ficar de bruços, tal como eu fiz quando me deitei de lado. Espero que ele pouse a mão no meu ombro ou diga o meu nome, mas ele não o faz. Espero um pouco mais, até acabar por concluir que ele voltou a adormecer. Abro os olhos.

— Olá — diz ele.

— Olá — respondo.

— Acho que as nossas noitadas estão a começar a cobrar o seu preço — observa ele.

— Sim.

Não dizemos mais nada, não nos mexemos e não desviamos o olhar.

Gostaria que isto significasse alguma coisa. Gostaria de poder desejar que ele esteja deitado e a olhar para mim pela mesma razão por que eu estou a olhar para ele, que esteja a pensar as mesmas coisas que eu.

— O que se passa? — indaga o Finny.

— Nada — respondo.

— Tens a certeza? — insiste ele e depois acrescenta: — Autumn...

E então o seu telefone toca. Ele fica hirto e senta-se. Quando pega no telemóvel, olha para o ecrã e franze o sobrolho.

— Olá — diz para o aparelho. — Não são, tipo, quatro da manhã para ti? — Vejo o vinco no seu sobrolho ficar mais profundo, depois ele vira-se de costas para mim. — Mais devagar, Syl... não, está tudo bem. Respira. — Fica calado por um minuto, olha por cima do ombro para mim e sai do quarto. — O que tomaste? — pergunta, depois fecha a porta e eu já não consigo ouvi-lo.

Deito a cabeça na cama e fecho os olhos.

Quando o Finny finalmente regressa, é para me dizer que as Mães estão a chamar-nos para jantar. Não me olha nos olhos. Depois de comermos, volto para casa. A janela dele já está escura.

SETENTA E QUATRO

— Se quiseres, eu posso libertar a minha agenda e ir lá contigo e com a tua mãe quando te mudares para a residência universitária — diz o meu pai. Estamos sentados na esplanada do restaurante do centro da cidade que ele escolheu. Tem um carro vermelho novo, que me lembra o do Finny, mas o do meu pai nem sequer tem banco traseiro. — É um dia importante — prossegue ele —, e se quiseres que eu lá esteja, lá estarei.

— Então se eu não quiser que vás, tu não vais? — pergunto.

— Se quiseres que eu vá, eu vou, é tudo o que estou a dizer. — As nossas entradas chegam e o meu pai não presta qualquer atenção à empregada que põe os pratos na mesa. Nem sequer levanta o olhar.

— Obrigada — agradeço, mas ela também não me presta qualquer atenção e vai-se embora.

— Não é preciso tomares uma decisão já, mas quanto mais nos aproximarmos da data, mais difícil será. — O meu pai mergulha o seu ravióli torrado em molho *marinara*. — Não que isso me impeça de ir. — Dá uma dentada no ravióli e mastiga.

— Se eu quiser — especifico. — E só se eu quiser. Se tu quisesses ir, mas eu não quisesse, não irias.

O meu pai limpa as mãos ao guardanapo e suspira:

— Querida, se não me quiseres lá...

— E se eu não quiser a mãe lá? Posso simplesmente dizer-lhe para não ir e ela não vai?

— Então, querida, a tua mãe tem de ir. Isso não é opcional.

— Porquê? Porque é que tu és opcional e ela não?

— Estás a dizer que queres instalar-te na residência universitária sem nenhum dos teus pais lá? — pergunta o meu pai.

— Não — retruco —, não é isso que estou a dizer. Estou a dizer que... não interessa.

Olhamos para a nossa comida. Está demasiado calor aqui fora para que o tempo esteja perfeito.

— A tua mãe contou-me do Jamie — diz ele ao fim de um bocado. Ouvir aquele nome sobressalta-me.

— Ah, pois — replico. — Não tem importância.

— É por isso que estás perturbada?
— O quê? Não estou perturbada.
— Não estás perturbada?
— Não — afirmo. — Estou ótima.

Quando chego a casa, não telefono ao Finny. Quero fazê-lo, mas não o faço. Sento-me à minha secretária, escrevo algumas frases, apago-as e fecho o computador. Tento dormitar um bocadinho, mas não estou cansada. Mesmo assim, fecho os olhos. A luz do sol filtra-se através das minhas pálpebras e não vejo senão vermelho. Vou esperar que o Finny me telefone primeiro. A tarde passa.

SETENTA E CINCO

Passa um dia. Depois outro. Escrevo um pouco; leio muito. O Finny não janta connosco; foi sair com o Jack, diz a mãe dele.

No terceiro dia, observo-o enquanto entra com o carro vermelho no caminho de acesso. Ele hesita antes de fechar a porta; fica a olhar para as chaves que tem na mão durante muito tempo. Não se mexe até a tia Angelina sair para o alpendre e o chamar. Então ele bate a porta do carro, olha para ela e sorri.

Ao quarto dia, a minha mãe pergunta-me se eu e o Finny nos zangámos outra vez.

— O que queres dizer com «outra vez»? — retruco.

— Bem, só quero dizer que vocês estavam a passar imenso tempo juntos e de repente...

— Mas porquê «outra vez»? Quem disse que nos zangámos da primeira vez? Talvez às vezes as pessoas deixem de passar tempo juntas e isso não signifique nada.

— Pronto, Autumn — diz ela. Deixa-me subir para o meu quarto.

A Sasha telefona-me. Eu não atendo.

Acordo de madrugada e não consigo dormir. Fico a olhar para a janela dele até o sol nascer e depois adormeço de novo.

Ao sexto dia, telefono-lhe. Ele não atende. Pouso o telemóvel na mesa de cabeceira e enrolo-me numa bola. Ele deve ter visto a verdade nos meus olhos.

Consegui estragar tudo outra vez.

O meu telemóvel toca. Pego-lhe. Olho para o ecrã. Toca outra vez.

— Finny? — digo, em vez de me limitar a dizer friamente «Está lá?», como tinha planeado.

— Olá — diz ele.

— Olá. — Ficamos em silêncio por um bocadinho. Ouço-o respirar. Ele pigarreia.

— Vou acabar com a Sylvie quando ela voltar para casa.

— Oh! — exclamo.

— Sim. Vai... vai ser difícil.

Encolho os joelhos até ao queixo. Não posso começar a chorar agora.

— Queres vir ver um filme? — pergunta ele.

— Está bem — respondo.

— A sério?

— Claro que sim.
— Agora, já?
— Claro.
Depois do filme, saímos para comer uma piza. E não falamos da Sylvie.

SETENTA E SEIS

— Lembras-te do quarto ano — diz o Finny —, quando lemos *A Teia de Carlota* na sala de aula e tu choraste?

— Sim. Lembras-te de quando aquela bola de beisebol te bateu na cabeça?

— Sim. Também choraste nessa altura?

— Não — replico. Estamos sentados no carro dele. A noite já vai adiantada de novo, mas ainda não estamos prontos para entrar em casa. O motor está desligado, mas a luz do painel de instrumentos está acesa; mal consigo ver o rosto dele. Estou enroscada no meu banco. Sinto-me muito cansada, mas não quero que ele perceba.

— Mas assustaste-te. Disseste que julgaste que eu estava morto.

— Foi assustador. Caíste como uma boneca de trapos.

— Lembras-te do Natal em que nevou e depois a neve gelou?

— Fomos para o riacho.

— Sim.

Apoio a face no joelho. As janelas começam a embaciar, mas não parece que estamos sentados ali assim há tanto tempo.

— Lembras-te de quando deste um murro ao Donnie Banks? — pergunto.

— Claro que sim.

— Ele disse que eu era uma aberração.

— Tu não eras uma aberração. Eras a única rapariga fixe da escola.

— Como podias saber isso? Nunca falaste com nenhuma das outras raparigas.

— Não era preciso. Lembras-te do Dia dos Namorados em que a minha mãe teve o encontro com o careca?

— Qual?

— O que tinha um aspeto assustador.

— Não me lembro.

O Finny vira-se no seu banco para olhar para mim. Esforço-me para decifrar a sua expressão.

— Lembras-te, sim, estávamos a planear atirar um balde de água da janela quando eles voltaram para casa...

— Mas a *baby-sitter* obrigou-nos a deitar-nos em quartos separados! Lembro-me disso, mas não me lembro do tipo.

— Lembro eu. Era assustador.

— Ou talvez só te lembres de pensar que ele era assustador. Talvez se o visses agora, não pensasses assim. A memória não é objetiva.

— Mas eu e tu lembramo-nos sempre das coisas da mesma maneira.

— Mas isso acontece porque pensávamos sempre da mesma maneira nessa altura. Aposto que não nos lembraríamos... — Interrompo-me quando me dou conta do que estava prestes a dizer.

— De quê? — indaga o Finny.

Encolho os ombros, como se não tivesse grande importância.

— Provavelmente não nos lembraremos do terceiro ciclo da mesma maneira, nem do secundário.

— Oh. Talvez. — Ficamos calados e eu pergunto-me porque terei dito aquilo e se ele irá dizer que é melhor irmos para casa.

— Tu eras a favorita do Sr. Laughegan — diz o Finny.

— Sim, eu sei — respondo. — Mas todos os outros professores gostavam mais de ti.

— Isso não é verdade.

— É, sim! — afirmo. Levanto a cabeça dos joelhos e sento-me mais direita. — Toda a gente gosta sempre de ti. Aconteceu o mesmo no primeiro ciclo.

O Finny encolhe os ombros.

— No primeiro ciclo não sei — replica —, mas ninguém gostava de mim no terceiro.

— Isso não é verdade.

— É, sim. Eu era cromo e tu eras, tipo, a rainha.

— Não — contesto. — A Alexis é que era a rainha. Eu era apenas uma fiel seguidora.

O Finny abana a cabeça.

— Que estás a dizer? — insisto. — Ela era a líder da Clique. — Não tenho a certeza, por causa da escuridão, mas acho que o Finny revira os olhos.

— Mas tu eras aquela de quem todos os rapazes gostavam — afirma ele.

— Oh!

— Sim, era... estranho. Ouvi-los falar sobre ti daquela maneira, quero eu dizer.

— Oh! — repito. As janelas estão completamente embaciadas. Só consigo perceber o brilho da luz do candeeiro da rua; tirando isso, poderia ser qualquer rua da América.

— Então porque é que as deixaste? — pergunta o Finny.

— A quem? — indago. Estou a pensar na maneira como ele tropeçou nas palavras ao dizer que era estranho ouvir os rapazes a falar sobre mim.

— Às outras raparigas. Porque é que tu e a Sasha as deixaram?

— Nós não as deixámos — replico. — Elas é que nos expulsaram.

— Não é isso que dizem — declara o Finny. Olho para ele e gostaria de poder ver melhor o seu rosto. — Disseram-me que, quando elas se juntaram à equipa de *cheerleaders*, tu começaste a dizer que ser *cheerleader* no secundário era um estereótipo e que querias fazer parte de algo mais significativo. E que deixaste de lhes devolver as chamadas.

— Não foi assim que aconteceu — respondo. — Elas deixaram de ser nossas amigas.

— Mas isso parece o tipo de coisa que tu dirias — observa o Finny.

— Sim, mas foram elas que se acharam boas de mais para nós.

— Isso é o que elas dizem de ti — replica o Finny.

— Mas isso não é verdade!

— A memória não é objetiva, certo?

— Suponho que sim — digo, e pela primeira vez pergunto-me o que mais poderia ser diferente do ponto de vista do Finny.

SETENTA E SETE

Estamos no carro dele outra vez, mas em circunstâncias diferentes. É uma da manhã e um carro da polícia acabou de nos mandar parar. É a segunda vez esta semana, mas o Finny nunca fez nada de mal. Eles mandam-nos parar simplesmente porque somos adolescentes num carro desportivo vermelho.

— Alguma vez pensaste — pergunto ao Finny quando ele se senta de novo ao volante depois de ter ido ver o polícia a revistar a bagageira —, se este carro valerá as chatices que dá? — O Finny encolhe os ombros. Atrás de nós, o carro da polícia vai-se embora. O Finny desliga os quatro piscas e olha por cima do ombro para regressar à faixa de rodagem. — A tua mãe diz que o seguro é muito caro.

— Pois é — diz ele —, mas eu gosto do carro.

— É um carro giro — comento.

— Não chames «giro» ao meu carro — protesta ele.

Dou uma gargalhada.

— O Finny tem um carro giro. É tão giro.

— Cala-te — diz ele —, ou eu deixo de te levar a toda a parte.

— Não deixas nada.

— Deixo, sim.

— Ias ter saudades minhas.

— Não se continuares a chamar «giro» ao meu carro.

Rio de novo.

— Eu devia ensinar-te a conduzir — declara o Finny.

Franzo a testa:

— O quê? Não.

— Ah, vá lá, não podes continuar eternamente sem aprender a conduzir.

— Vais ver se não posso.

— Pega no volante.

— Não.

— Autumn, pega no volante.

Não sei se ele já percebeu que eu não consigo recusar-lhe nada quando diz o meu nome daquela maneira, mas o certo é que funciona. Chego-me mais para ele, agarro no volante e o carro começa imediatamente a guinar para a direita.

— Ei! — exclama o Finny. Faço menção de tirar as mãos do volante, mas ele pousa

as suas sobre as minhas, pressiona suavemente e põe-nos a rolar em linha reta de novo. — Cá vamos nós — proclama. O coração martela-me no peito e tenho a sensação de estar a cair. — Tens de ir fazendo pequenos ajustes enquanto andas — diz ele. — Caso contrário, acabas por te desviar para um dos lados.

— Oh — murmuro. Tenho a voz a tremer. Engulo em seco.

— Estás a ir bem — diz ele. — Eu agarro-te se começarmos a desviar-nos demasiado.

Ajuda-me a dobrar uma esquina, depois outra. Contornamos vários quarteirões e, por fim, ele leva-nos de novo para a Main Street.

— Queres experimentar na autoestrada?

— Não — respondo.

— Temos pena — replica ele. As suas mãos pressionam as minhas para me forçar a virar na direção da rampa de acesso.

— Oh, meu Deus! — exclamo. O Finny tira a minha mão direita do volante e pousa-a na alavanca de mudanças. — Oh, meu Deus! — exclamo de novo.

— Está tudo bem — diz ele. — Eu ajudo-te. — Pressiona a minha mão outra vez e engrenamos uma nova velocidade. Tenho as palmas das mãos suadas, mas as dele são quentes e firmes. A autoestrada está quase vazia e estende-se diante de nós, infindável.

SETENTA E OITO

Fico surpreendida da vez seguinte em que a Sylvie telefona quando estou com ele. De algum modo, tinha-me esquecido dela. De algum modo, tinha-me esquecido de que o mundo não se limitava apenas a nós os dois.

Estamos a ver um filme no meu sofá. Faço pausa quando ele diz «Olá» e é assim que sei que é ela: pela maneira como ele o diz. Ele também diz «hum-hum» cinco vezes e «isso é fixe» duas. Diz ainda «nada de especial» uma vez e olha para mim. Devolvo-lhe o olhar e não desvio os olhos quando ele vira novamente o rosto.

— Está bem — diz o Finny —, eu não me esqueço. — Desliga. — Podes sair da pausa — diz-me.

— Era a Sylvie?

— Era.

— Hum. — Não sei bem o que estou a tentar dizer, mas o Finny responde-me de qualquer maneira:

— Não posso acabar com ela por telefone.

— Eu não disse que devias fazê-lo — replico.

— Bem, tu só... Não interessa.

— O quê?

— Nada — diz o Finny.

— Eu estava a pensar que era estranho como tu vais acabar com ela, mas ela ainda te telefona... quero dizer, faz sentido porque ela não sabe, mas é estranho.

— Suponho que sim — diz ele. Olho para o comando que tenho nas mãos, mas não primo o botão de reproduzir.

— Nunca me disseste — começo.

— O quê? — A voz dele é tão baixa como a minha.

— Porquê — respondo. Ele não diz nada e não encolhe os ombros. Não olha para mim. Não se mexeu desde que me disse para sair da pausa. Espero.

— Ela não é a pessoa com quem eu quero estar — diz ele por fim. — Não é, e isso é tudo.

— Está bem — replico e aceno, como se ele tivesse dito muito mais. Ele levanta os olhos para mim.

— Tens saudades do Jamie? — A sua pergunta assusta-me; vejo-o a estudar a minha reação no meu rosto.

— Não sei — respondo, porque quero dizer-lhe a verdade. — Não quero dizer que sim, porque não o quero de volta, mas também não posso dizer que não, porque ainda gosto dele. Continua a ser o Jamie.

— Ama-lo?

Abano a cabeça.

— Não estou apaixonada por ele. — Ficamos calados de novo e eu penso em como é um alívio, e também estranho, dizer que não estou apaixonada pelo Jamie.

— Porque estás a sorrir? — pergunta-me o Finny.

— Não amo o Jamie — digo e rio-me porque parece muito engraçado dizer aquelas palavras.

— Fico contente por estares feliz — diz o Finny.

— E estou — respondo. — Na verdade, tenho estado muito feliz.

Os olhos do Finny suavizam-se e olhamos um para o outro.

Foi outro momento em que um de nós poderia ter dito algo, poderia ter-nos dado tempo, mas nenhum de nós o fez. Olhamos um para o outro até eu não aguentar mais.

— Devíamos acabar de ver isto e depois ir buscar qualquer coisa para comer — digo.

Inventámos uma nova refeição, que acontece depois da meia-noite e antes do amanhecer, e raramente prescindimos dela. É mais tempo que podemos passar juntos sem dizer o que devíamos dizer.

— Boa ideia — concorda o Finny, mas não é. A Sylvie voltará para casa em breve.

SETENTA E NOVE

O Finny e eu ficamos parados no caminho de acesso enquanto o carro se afasta. Eu aceno e o Finny limita-se a segui-las com os olhos. O divórcio dos meus pais ficou finalizado hoje. Coincidentemente, as Mães vão passar o fim de semana numa exploração vinícola. Deram-nos cem dólares para apenas aqueles dois dias e o Jack vem ter connosco mais tarde. Vamos jantar piza e álcool e, provavelmente, fazer uma direta.

— Isto vai ser divertido — observo.

— Sim — diz o Finny, num tom que me lembra a maneira como ele costumava dizer «sim» à Sylvie na paragem da camioneta quando ela falava sem parar. Eu sempre suspeitei, não, de facto queria apenas acreditar, que ela o aborrecia.

— Está tudo bem? — pergunto.

— Está — diz ele. Fito-o. Ainda está a olhar para o caminho de acesso.

— Acho que vou escrever um bocado em minha casa — declaro. Ele olha finalmente para mim.

— Ah, está bem — anui.

— Manda-me uma mensagem quando o Jack chegar — peço-lhe. — Ou quando quiseres que eu vá ter contigo.

— Está bem — diz ele. Viro-me e dirijo-me para casa, e ouço-o a afastar-se em direção à sua casa também. Olho por cima do ombro. Ele fecha a porta e eu viro rapidamente o olhar.

Uma hora depois, recebo uma mensagem. Tiro os auscultadores dos ouvidos e pego no telemóvel, que está pousado na minha secretária.

«Quando posso lê-lo?»

«*Nunca*.»

«Que tal amanhã?»

«*Talvez*.»

Passadas mais algumas horas, recebo nova mensagem. Estou deitada na cama, a olhar para o teto.

«O Jack chega daqui a meia hora.»

«*Certo*.»

«E se viesses para cá agora? Estou chateado.»

Sorrio e passo as pernas sobre a borda da cama.

Quando o Jack bate à porta, eu e o Finny estamos dentro de uma tenda que fizemos com as almofadas do sofá, cadeiras e mantas. Fizemo-la suficientemente grande para que todos pudéssemos esticar-nos lá dentro e deixámos um lado aberto para podermos ver filmes. O Finny conduz o Jack para a sala de estar. Ele traz uma garrafa de rum e dois litros de *Coca-Cola*.

— Olá, Jack. — Ponho a cabeça fora da tenda e aceno-lhe.

— O que é isso? — indaga ele.

— É a nossa caverna — explico. O Jack olha para o Finny:

— Ena, meu!

— Anda daí — diz o Finny. — Não confio em ti para o serviço de bar. — Puxa-lhe o braço e o Jack segue-o em direção à cozinha.

— De que estás a falar? — protesta ele. — Sou um ótimo *barman*.

Poucos minutos depois, o Jack agacha-se diante da abertura da caverna. Entrega-me a minha bebida e diz:

— Muito bem, vamos lá experimentar essa coisa.

— Vais adorar — assevero. Desvio-me para lhe dar espaço e ele desliza para o meu lado. Senta-se de pernas cruzadas e baixa a cabeça para caber lá dentro.

— Pronto — diz ele. Olha em redor para o interior da caverna. O chão está forrado com mais mantas e almofadas, pelo que é como uma espécie de cama gigante. — Isto não é mau.

— Eu e o Finny passávamos a vida a fazer isto — conto-lhe. — Sempre que um de nós ia dormir a casa do outro. Era uma tradição e, como provavelmente vou acabar por dormir aqui esta noite, pareceu-nos apropriado.

Tomo um gole da minha bebida e faço uma careta; é muito forte. O Jack ri e abana a cabeça.

— Isso é esquisito — comenta.

— O quê? Eu ter feito uma careta?

— Os vossos pais deixarem-vos dormir juntos.

— Não era assim! — protesto. — Já te disse que nunca foi assim entre nós.

— Olá — diz o Finny. Levanto os olhos. Ele está curvado, a espreitar para dentro da tenda. — A piza chega daqui a uma hora.

— Fixe — diz o Jack. Desvia-se e o Finny entra na caverna. Estende-se ao meu lado, com uns escassos centímetros a separar-nos. Fico satisfeita por ele me ter ouvido, para o caso de ter suspeitado de alguma coisa. Desde que ele não saiba, poderei continuar a tê-lo junto de mim.

O Finny e o Jack batem com os copos um do outro e bebem longos tragos.

— Eu também — digo. O Finny estende o seu copo, eu toco-lhe com o meu e

bebo outro gole. Estremeço e lambo os lábios.

— Isso foi fraco — declara o Jack. — Temos de te ensinar a beber.

— Esta bebida é demasiado forte — replico. O Jack ri. Viro-me para o Finny em busca de apoio. Ele dirige-me um dos seus sorrisos retorcidos.

— Desculpa — diz ele —, mas neste ponto estou de acordo com ele.

O meu coração bate mais depressa e bebo outro gole.

A primeira vez que acordo, ainda estou bêbeda e o Finny está a dormir ao meu lado. Está deitado de costas, com um braço atravessado sobre os olhos. Deslizo para mais perto dele, devagar. Deito-me de bruços, com a testa encostada à axila dele, quase pousada no seu ombro. Enrolo-me numa bola. Os meus dedos tocam nas suas costelas.

Quando acordo pela segunda vez, os rapazes não estão comigo na caverna. Sei que o Finny não está lá antes mesmo de abrir os olhos. Tenho frio e dói-me a cabeça.

— Como podes ter perdido aquele jogo? — ouço o Jack dizer algures na sala. Abro os olhos. Fora da tenda, a luz brilha; deve ser quase meio-dia.

— A Autumn e eu estávamos no centro comercial — replica o Finny. A sua voz faz-me ter vontade de fechar os olhos.

— Nunca perdes um jogo dos Strikers na televisão — diz o Jack. O Finny não responde. Imagino que tenha encolhido os ombros.

Há uma pausa, depois o Finny diz:

— Vou acabar com a Sylvie quando ela chegar a casa, amanhã.

Fico hirta e o meu estômago dá uma volta. Pouso uma mão na barriga. Não sabia que ela voltava para casa amanhã. Ele nunca me disse a data do regresso dela e eu nunca perguntei.

— Já calculava — diz o Jack. Faz-se outra pausa. As minhas glândulas salivares latejam e a minha garganta contrai-se. — E depois? — pergunta ele, em voz mais baixa.

— Oh, Deus! — brado. Saio da tenda. É possível que o Finny ou o Jack me digam alguma coisa, mas não tenho consciência disso; passo rapidamente por eles e corro para a casa de banho.

Ainda estou a vomitar quando o Finny bate à porta.

— Vai-te embora — digo-lhe.

— Estás bem?

— Estou. Vai-te embora.

— Está bem.

Quando termino, lavo a boca e olho-me ao espelho. Estou com um aspeto horrível.

Passo os dedos pelos cabelos.

Quando saio, os rapazes estão na cozinha, a fazer torradas. Deixo-me cair numa cadeira junto à mesa e encolho os joelhos contra o peito.

— Sentes-te melhor? — pergunta o Jack.

— Mais ou menos — respondo. Eles continuam a conversa sem mim. Não estão a falar da Sylvie e, seja como for, eu não lhes presto atenção. Passado um minuto, o Finny entrega-me uma torrada barrada com manteiga e eu como em silêncio. O meu estômago protesta, mas consigo mantê-la lá dentro.

Mais tarde, acabamos de ver o filme que tínhamos começado à noite e depois o Jack vai-se embora. Digo ao Finny que vou tomar duche a minha casa. Ele responde que está bem e não pergunta quando voltarei.

Em casa, encolho-me no duche quente com os braços enrolados à volta do corpo. Quero que ele acabe com a Sylvie. Não quero vê-lo apaixonar-se por outra rapariga.

Quero que ele esteja apaixonado por mim. Como numa montagem de um filme que não consigo parar, as cenas do verão sucedem-se na minha mente, momentos em que pensei que talvez, talvez...

— Para com isso, para com isso, para com isso! — digo em voz alta. Fecho os olhos com força. — Não é real — digo ainda. A necessidade de escrever avassala-me e saio do duche, a pingar e a tremer.

Metida no roupão, sento-me ao computador e escrevo durante muito tempo. No início, não percebo o que está a acontecer: penso que vou escrever algumas páginas e voltar para casa do Finny. À medida que a tarde avança, a minha mente começa a ficar aturdida, mas forço-me a continuar. Percebo que quero acabar com isto. Não posso continuar a fazer isto a mim própria.

Levanto-me duas vezes, uma para beber um copo de água, outra para ir à casa de banho. De ambas as vezes, volto a correr para escrever o que estou a pensar.

Por vezes, as minhas mãos voam sobre o teclado, outras, fico a olhar para o ecrã durante longos períodos silenciosos. Por volta da hora do jantar, o Finny envia-me uma mensagem. Respondo com duas palavras: «A escrever.»

Já é bastante tarde, mas ainda está claro lá fora. Estou a escrever a última frase, que está na minha cabeça há muito tempo. Estou a tremer. Clico em guardar. Olho para o ecrã.

Está feito. É tudo.

Ainda estou de roupão. O meu cabelo secou. Sinto-me entorpecida, como quando o Jamie acabou comigo.

Não sei quanto tempo passou, está a começar a escurecer, mas a luz ainda não

desapareceu completamente quando o Finny bate à porta do meu quarto. Sei que é ele. Já tinha calculado que ele acabaria por vir. A porta range quando ele a abre. Estou sentada numa das extremidades da minha cama. Ainda em roupão.

— Autumn? — chama ele.

— Olá — digo.

— Vim ver como estavas — diz ele.

— Terminei o romance — explico e começo a chorar. Não o vejo atravessar o quarto, mas sinto-o envolver-me num abraço. Nunca chorei assim diante dele, pelo menos não desde que éramos crianças. Pouso a cabeça no seu ombro e soluço, mas não por muito tempo, porque estou a tocar-lhe e ele está a abraçar-me. Espera que eu me acalme antes de falar.

— Queres dizer-me o que se passa? — pergunta, por fim. Não me larga. Eu fungo.

— É como se estivessem mortos — digo-lhe.

— Como se quem estivesse morto?

— A Izzy e o Aden — respondo. — As minhas personagens principais. — Sinto as lágrimas prestes a jorrar de novo.

Sinto o Finny arquejar. O riso sai-lhe pelo nariz.

— Pensei que se passava algo sério — diz ele. Antes que eu me dê conta do que estou a fazer, afasto-me dele, furiosa.

— E passa-se algo sério! — exclamo. — Não vês que estou enervada? — O Finny ri de novo. O seu braço direito ainda está sobre os meus ombros. Cerro a mão num punho e dou-lhe um soco no braço esquerdo. Ele continua a rir. — Para de rir de mim! — exijo.

— Desculpa — diz ele, mas não deixa de sorrir. — É só que é realmente evidente que estás enervada e o que eu queria dizer era que tinha pensado que se passava algo verdadeiramente sério, como o Jamie ter-te telefonado.

— Quem quer saber se o Jamie me telefonou? — A voz sai-me estridente. — Quem quer saber do Jamie? — O Finny sorri de orelha a orelha. Começo a chorar outra vez. Ele envolve-me noutro abraço. — Não compreendes — digo contra o seu peito.

— Eu sei — diz ele. A sua voz é suave; fecho os olhos. — Mas mal posso esperar para o ler — acrescenta.

— Tu não podes lê-lo — declaro.

— Porque não? — pergunta ele, e eu não consigo responder. Ele não diz mais nada. Continua a abraçar-me mesmo depois de eu parar de chorar. Agora já escureceu completamente lá fora.

Percebo que quero acabar com isto. Não posso continuar a fazer isto a mim própria.

— Está bem — acedo. — Podes lê-lo depois do jantar.

OITENTA

Era uma vez um rapaz e uma rapariga chamados Aden e Izzy. Viviam ao lado um do outro e eram melhores amigos. O Aden era inteligente e bonito, a Izzy, desajeitada e divertida. Ninguém os compreendia como eles se compreendiam um ao outro.

Quando o Aden e a Izzy crescem, a Izzy não deixa o Aden e o Aden não tem medo de esperar para a beijar até ter a certeza de que ela está pronta para ser beijada. No secundário, já não são apenas melhores amigos. Quando se despem à noite, deixam as persianas abertas para poderem ver-se mutuamente. O Aden joga futebol, mas a Izzy não faz nada além de ver os jogos das bancadas. Por vezes, vão aos bailes da escola, mas na maior parte dos casos só querem estar os dois sozinhos. Não têm outros amigos e não querem tê-los, porque continuam a ser os melhores amigos um do outro também. Roubam vodca do pai da Izzy, descem até ao riacho onde costumavam brincar e embebedam-se. O Aden aprende a conduzir e ensina a Izzy.

Uma noite, o Aden e a Izzy fazem sexo, e é maravilhoso e assustador. Depois a Izzy fica grávida, mas, antes que alguém descubra, o seu bebé morre e isso é muito, muito assustador, mas também tem uma certa beleza, como por vezes acontece com as coisas tristes.

Às vezes, as pessoas dizem-lhes que deviam fazer outros amigos ou sair com outras pessoas, mas a Izzy e o Aden não lhes prestam atenção, porque sabem que devem ser sempre só os dois e não interessa se mais ninguém compreende isso.

Então, no último ano, a Izzy obtém uma bolsa de estudo para estudar Escrita numa universidade distante daquela para onde o Aden vai. A Izzy quer muito aceitar essa bolsa e o Aden diz-lhe que tem de o fazer. Choram ambos muito, depois decidem que não querem estragar o seu amor perfeito tentando mantê-lo numa relação à distância. Acham que poderão lembrar-se para sempre de como são agora e que nunca terão de discutir por telefone ou perguntar-se o que o outro estará a fazer naquela noite. Quando a Izzy partir, será o fim, por isso tentam aproveitar ao máximo os últimos meses.

Chega o dia da partida e os dois vão juntos para o aeroporto, para se despedirem. O Aden aperta a Izzy nos braços pela última vez, mas, quando chega a hora, nenhum deles consegue largar o outro. Continuam abraçados. Os altifalantes começam a chamar para o avião da Izzy, mas nenhum deles se mexe. Por fim, reconhecem que preferem correr o risco de estragar o seu amor perfeito a tentarem fazer com que a

relação resulte, porque serem infelizes juntos é melhor do que serem infelizes separados.

Só então a Izzy e o Aden conseguem finalmente soltar-se.

E é essa a última frase do meu romance.

OITENTA E UM

O Finny senta-se no sofá da sala a ler no ecrã do meu computador. Eu leio um livro durante um bocado e o único som que se ouve na sala é o estalido do teclado quando ele passa para a página seguinte. Sempre que ouço esse estalido, olho para o rosto dele, mas as suas feições não revelam absolutamente nada.

Por volta das onze, ligo a televisão e vejo um filme antigo. O Finny não faz comentários. Pouco antes de o filme acabar, ele levanta-se. Ouço-o beber um copo de água na cozinha. Depois volta para o sofá sem olhar para mim. O filme termina, começa outro e o Finny continua a ler.

Mas agora tem a testa franzida.

Fico acordada mais uma hora, mas tenho as pálpebras pesadas e dói-me outra vez a cabeça. Desligo a televisão e o Finny não se mexe. Ponho-me em pé e espreguiço-me, mas ele não reage. Passo por ele, saio da sala e subo a escada.

No quarto do Finny, deslizo para baixo dos cobertores e deito a cabeça na sua almofada. Fecho os olhos e respiro fundo. Julgava que ia sentir-me nervosa e com vontade de roer as unhas, mas a única coisa que me apetece é dormir; o ato de lhe dar o romance deixou-me esgotada.

Durmo profundamente e sonho.

Acordo tão depressa ou tão devagar que não me lembro de despertar; fico repentinamente alerta.

O Finny está de pé ao lado da cama, a sua silhueta escura a recortar-se na luz fraca. Tem as mãos flácidas ao longo do corpo. Não consigo ver o seu rosto, mas não duvido de que está a olhar para mim. Ele diz o meu nome e, de alguma forma, sei que está a dizê-lo pela segunda vez.

— O que é? — pergunto. Sento-me. O cabelo cai-me sobre o rosto, eu afasto-o e esfrego os olhos.

— Porque é que tiveste de me deixar assim? — diz ele.

— Estava cansada — respondo — e tu estavas a ler.

— Não — atalha ele. Há um ligeiro tremor na sua voz. — Quando tínhamos treze anos. Porque tiveste de ir embora *daquela maneira*? — A pergunta paira no ar entre nós, como sempre pairou.

— Eu não fui embora — digo, por fim. As minhas palavras carecem de convicção; até eu o percebo. — Fomo-nos afastando.

O Finny abana a cabeça:

— Não nos limitámos a afastar-nos, Autumn.

— Não era minha intenção — digo então. — Desculpa.

— Eu já sei porque é que o fizeste — diz ele. — Só quero saber por que tiveste de o fazer de modo tão cruel.

A minha respiração torna-se mais rápida.

— É verdade, nesse outono fui estúpida e egoísta — reconheço. — E lamento muito. Mas tudo teria voltado ao normal se tu não me tivesses beijado, do nada, sem sequer pedir. Fazes alguma ideia de como me assustaste nessa noite?

— Eu assustei-te?

— Eu não estava preparada — explico. Limpo os olhos com uma mão. — E não sabia o que pensar daquilo. — O Finny senta-se na cama, mas não me encara. Enrolo os braços à volta da minha cintura com força e espero, mas ele não diz nada. Afasto os cobertores e chego-me para ele. Inclino-me para a frente e tento encontrar os seus olhos.

— Peço muita desculpa — digo. — Detesto-me por te ter magoado.

— Eu também peço desculpa.

— Porquê?

— Por te ter beijado.

— Não digas isso. Não digas que estás arrependido disso.

Então o Finny surpreende-me: ri alto e abana a cabeça.

— Nunca sei o que fazer para te fazer feliz, não é?

— Fazes-me mais feliz do que qualquer outra pessoa — afirmo, mas ele continua a recusar-se a olhar para mim.

— Faço? — pergunta. Aceno com a cabeça.

— Todos os dias — sussurro. O meu coração bate mais depressa e os meus dedos cerram-se em punhos trémulos. Ficamos ambos em silêncio por momentos. Ouço um pássaro solitário a cantar lá fora; deve estar quase a amanhecer. Gostaria de conseguir vê-lo melhor. Ele continua sem olhar para mim.

— E se eu te beijasse agora? — pergunta-me. A princípio, não consigo responder; tudo em mim parou. Tenho de dizer a mim própria para respirar.

— Isso far-me-ia feliz — respondo.

Não é fluido. Primeiro, o Finny muda de posição, de modo a ficar de frente para mim, depois eu sento-me mais direita. Então ficamos parados e eu tenho de dizer a mim mesma para levantar o rosto para ele. Ele estende a mão devagar, como se pensasse que eu ia dizer-lhe para parar a qualquer momento e pousa-a na minha nuca. Sinto todo o meu corpo relaxar com o seu toque e talvez ele sinta isso também,

porque a seguir tudo acontece muito depressa. O Finny puxa-me para si e os nossos narizes chocam. Viro o rosto para o lado e ele comprime a boca contra a minha.

Beijar o Finny é caloroso e um pouco como se todo o meu corpo estivesse a ser acariciado com uma pena. Ele põe a mão na minha anca e eu quero fazer algo com as minhas mãos também. Pouso-lhe uma no ombro e a outra no joelho. Os dedos do Finny fecham-se no meu cabelo.

— Au! — exclamo e retraio-me, embora não queira fazê-lo, embora queira fingir que não doeu.

— Desculpa — diz ele. Os nossos narizes continuam a tocar-se, mas ele já não está a beijar-me. Começa a tirar as mãos.

— Não, não pares — protesto. Puxo-lhe o ombro. — Deita-te comigo. — Recosto-me de novo nas suas almofadas.

— Oh, Deus — geme o Finny, deslizando por cima de mim.

Beijamo-nos depressa no início, como se estivéssemos a tentar recuperar o tempo perdido, depois longa e lentamente, como se estivéssemos a desafiar-nos um ao outro para ver quem aguenta mais tempo. As minhas mãos estão nas suas costas, a tentar apertá-lo ainda mais contra mim; as dele seguram o meu rosto de ambos os lados, mantendo-me quieta.

Não sei durante quanto tempo nos beijamos assim; a única coisa de que tenho consciência além dele são os sons que me ouço a fazer de vez em quando: pequenos suspiros e gemidos, como se nunca tivesse beijado ninguém.

Nunca me senti assim.

Parece tão natural.

Parece tão certo.

O Finny.

Compreendo por fim o que me tem faltado ao longo de todos estes anos.

Passado um bocado, ele faz deslizar a mão devagar, muito devagar, pelo meu ombro e ao longo das minhas costelas. Pousa-a suavemente no meu seio.

O meu Finny.

Os meus olhos estão novamente marejados e sinto uma lágrima a escorrer das pálpebras, depois outra e outra, e percebo que nunca haverá outro momento mais perfeito do que este no resto da minha vida.

— Finny? — murmuro.

Ele para lentamente de me beijar, depois levanta a cabeça num gesto mais rápido para olhar para mim.

— Sim? — suspira.

— Eu quero... — começo, mas logo me dou conta de que não sei como dizê-lo e as

palavras extinguem-se.

— Queres que eu pare? — diz ele.

— Não! — exclamo. A simples ideia enche-me de pânico e começo a falar muito depressa: — Quero o contrário disso. — Faz-se um silêncio. Sustenho a respiração.

— Queres que eu continue? — pergunta ele.

— Sim — respondo.

O Finny pestaneja e engasga-se nas palavras seguintes:

— Eu... eu não tenho...

— Não me importo — digo-lhe. E é verdade. A única coisa que me interessa é não perder este momento com ele.

— Autumn — diz ele. — Não...

— Por favor, Finny. — Inclino-me e beijo-lhe o pescoço, imediatamente abaixo da orelha. Ele arqueja bruscamente e todo o seu corpo estremece. — Por favor, Finny — sussurro entre beijos. — Por favor. Por favor. Por favor.

Finalmente, as nossas bocas encontram-se de novo. Passado um momento, ele mete a mão por baixo da minha *T-shirt* até ao meu *soutien*. Tento puxar a *T-shirt* por cima da cabeça sem tirar os lábios dos dele, até ter mesmo de o fazer. Se pararmos de nos beijar, teremos de falar sobre o que estamos a fazer. Ele ajuda-me e beija-me enquanto eu arqueio as costas para abrir o *soutien*.

Estico a mão e tento desapertar o botão das calças de ganga dele, mas não consigo.

Ele para de me beijar e afasta-me as mãos. Julgo que vou morrer, até perceber que ele está a desapertar ele próprio o botão.

Pura e simplesmente, não há nenhuma maneira de duas pessoas deitadas numa cama despirem as calças que não seja estranha e desajeitada. Sem que, apesar disso, deixe de ser perfeito e maravilhoso também.

O Finny senta-se e puxa a sua camisa pela cabeça. Agora consigo vê-lo todo e, pela primeira vez, fico assustada. Ele olha para mim.

— Oh, Autumn! — diz ele. Estendo a mão e tento livrar-me das cuecas sem parecer parva, mas provavelmente não consigo.

Quando elas passam pela minha anca, ele puxa-as para baixo, sobre os meus tornozelos, e atira-as para o chão. Está a olhar-me outra vez. Tenho a sensação de ter sido atirada ao ar e, se não me agarrar a ele a tempo, vou despenhar-me. Estendo-lhe os braços.

— Posso dizer-te primeiro que te amo? — diz o Finny. Começo a cair devagar, devagar.

— Podes — respondo. Então, o Finny inclina-se novamente sobre mim. Uma das suas mãos afasta-me as coxas, a outra repousa junto à minha cabeça.

— Amo-te — diz-me o Finny ao ouvido. Sinto-o tocar-me lá, a princípio com a mão, mas depois já não é a mão dele que lá está. — Oh, Deus, amo-te. — Penetra-me apenas um bocadinho, apenas um aviso. Enterro o rosto no seu ombro. — Oh, Deus — repete ele. — Autumn.

Mordo o lábio e não grito. Ele mexe-se devagar no início e eu sei que isso é por mim. Sinto-o conter-se. Dói, mas não como eu pensava que doeria. Não é uma dor generalizada e indistinta; é contida e exata, como se estivesse a ser rasgada. Quase consigo ouvi-lo.

— Está tudo bem, Finny — digo-lhe. — Estou bem. — Ele geme então pela primeira vez e os seus movimentos tornam-se mais rápidos. Fecho os olhos e encosto a face à dele. Penso em como me deitava neste quarto com ele, a desenharmos nas costas um do outro. Penso em como me sentava ao lado dele no sofá, a ver televisão. Ele geme e os meus braços apertam-se em torno do seu corpo. Penso nas mãos dele sobre as minhas no volante. Penso em nós a acendermos as nossas lanternas para a janela um do outro à noite.

Não demora muito para que o sinta enrijecer bruscamente. Ele solta um grito e estremece. As lágrimas picam-me novamente os olhos. O Finny exala longamente e começa a recuar. Só solto um lamento quando o sinto afastar-se de mim.

— Autumn? — diz ele. Olha para o meu rosto.

— Eu também te amo — digo-lhe. — Esqueci-me de te dizer. — As lágrimas transbordam e o Finny começa a beijar-me as pálpebras e a testa uma e outra vez.

— Está tudo bem. Não chores — diz ele. As palavras saem-lhe de jato e misturam-se com os seus beijos. Ele beija as minhas faces e as minhas lágrimas. — Não chores — repete. — Está tudo bem.

— Abraças-me? — pergunto. Ele rola para o lado, saindo de dentro de mim, e estende-me os braços. Limpo os olhos e deito a cabeça no ombro dele. Os seus braços cruzam-se à minha volta e puxam-me para si.

— Assim? — pergunta.

— Sim — respondo. Ficamos calados enquanto a nossa respiração volta ao normal. Vejo a luz tornar-se mais brilhante no quarto. Agora há mais pássaros a cantar, todo um coro.

— Não posso acreditar que isto acabou de acontecer — diz o Finny. Quase me rio, mas não chego a fazê-lo. Um sentimento estranho começa a inundar-me e pergunto-lhe:

— Estavas a falar a sério quando disseste que me amavas?

— Claro que sim — diz ele.

— Não disseste isso só porque é o que o rapaz deve dizer?

Ele não me responde e o coração cai-me aos pés.

O Finny larga-me e soergue-se apoiado ao cotovelo. A minha respiração falha.

— Vá lá, Autumn — diz ele. Emite um som que não é bem uma gargalhada. — Eu sei que tu sabes que eu estou apaixonado por ti desde sempre. Não precisas de fingir.

— O quê? — exclamo. Ele revira os olhos.

— Não faz mal — prossegue. — Eu sempre soube que tu sabias.

Soergo-me sobre o cotovelo também, puxando o lençol para cima para me cobrir, e fito-o. Franzimos a testa um ao outro. Tento forçar-me a compreender o que ele está a dizer.

— O que queres dizer com «desde sempre»? — indago.

— Tu sabes. Desde sempre. Desde que tínhamos, tipo, quê? Onze anos? — diz ele.

— Desde o quinto ano? Aquele em que deste um soco ao Donnie Banks?

— Sim, tu lembras-te do que o Donnie Banks disse.

— Chamou-me aberração.

— Ele disse: «A tua namorada é uma aberração» — especifica o Finny. — E ele sabia que tu não querias ser minha namorada. E que eu queria.

— Já gostavas de mim assim nessa altura?

O Finny parece perceber finalmente o que estou a dizer. Senta-se direito na cama.

— Mas não foi por isso que deixaste de te dar comigo no terceiro ciclo? — pergunta. — Porque te fartaste de eu querer que fôssemos mais do que amigos?

— Não — replico. — Não fazia ideia de que querias nada disso.

— Mas depois de eu te beijar, ficaste a saber — diz ele.

— Não. Eu não sabia por que motivo me tinhas beijado e isso assustou-me. Pensei que talvez estivesses a experimentar comigo. — O Finny fita-me de novo. Tem a boca entreaberta, os olhos insinuam um franzir da testa.

— Mas isso não faz sentido nenhum — afirma. — Se não sabias, porque é que me deixaste?

É a minha vez de desviar o olhar:

— Era tão bom já não ser a rapariga esquisita. Eu gostava de ser popular. Nós fomo-nos afastando nesse ano, mais ou menos. Não estou a dizer que a culpa não foi minha. Estou apenas a dizer que não queria que isso acontecesse.

— Tu não sabias mesmo? — pergunta o Finny.

— Não — replico. — Não sabia mesmo.

O Finny deixa-se cair de novo na cama. Fica a olhar fixamente para o teto.

— E eu passei estes anos todos apavorado com a ideia de que conseguisses perceber que eu ainda... sabes.

— Ainda quê? — pergunto.

— Ainda te queria.

— A sério? — digo. Ele não me responde. Limita-se a olhar para o teto com uma expressão que parece tão confusa como eu própria me sinto. — E a Sylvie? — Na minha voz há uma pitada de acusação que não consigo evitar. O Finny surpreende-me ao rir amargamente:

— A única razão por que comecei a dar-me com as *cheerleaders* depois dos treinos de futebol foi porque julgava que ainda eram tuas amigas. Pensei que assim talvez tivesse uma hipótese contigo, que talvez passasse a ser suficientemente fixe para me veres como tal. Depois, quando chegou o primeiro dia do secundário, tu nem me disseste «olá» na paragem da camioneta. E eu descobri que não só já não eras amiga delas, como as detestavas. E então tu começaste a andar com o Jamie e a Alexis perguntava-me porque é que eu estava a iludir a Sylvie, e eu nem sabia do que ela estava a falar... — A sua voz extingue-se e ele fica novamente em silêncio. Desta vez, eu estou demasiado chocada para conseguir dizer seja o que for.

Ele ainda está a olhar para o teto. Começo a sentir frio sem os seus braços em torno dos meus ombros.

— Não penses que eu nunca gostei da Sylvie, porque gostei — diz o Finny por fim. — Ela não é mesmo como tu pensas. E precisava que eu tomasse conta dela, quando tu tinhas deixado de precisar. Eu amava-a, mas de uma maneira diferente daquela como sempre te amei.

— Oh, Finny! — exclamo. A minha voz é baixa e não consigo encontrar palavras para dizer mais nada. Passado um momento, ele vira o rosto para mim, mas os seus olhos não encontram os meus.

— Disseste... disseste que também me amavas. — Está a corar e sinto-me capaz de desmaiar.

— Sim — respondo. — Amo. — A minha voz é pouco mais do que um sussurro e não consigo disfarçar um tremor.

— Desde quando? — A voz dele está igual à minha.

— Não sei — confesso. — Talvez desde sempre também, mas não reconheci isso até há dois anos. — Ele levanta os olhos para os meus e eu desabo de novo na cama. Ele envolve-me nos braços e eu enrosco-me contra ele. O Finny aperta-me com tanta força que quase me magoa, depois sinto todo o seu corpo relaxar. Fecho os olhos e suspiro. É tão estranho; é uma revelação, esta sensação de pele contra pele por todo o meu corpo. Estendo uma mão e tento encontrar o seu coração. Ele pousa uma das suas sobre a minha e acaricia-me os dedos com o polegar.

— Então... — começa ele, mas não conclui a frase.

— O quê? — pergunto.

— Agora somos eu e tu, certo?

— Phineas Smith, estás a pedir-me para ser tua namorada? — Não posso deixar de rir.

— Bem, sim. — Ele muda de posição por baixo de mim. — Isso é esquisito?

— Só porque parece que já somos muito mais do que isso.

Ele relaxa de novo.

— Sim, eu sei. Mas vai ter de servir, por enquanto.

— Ainda tens de acabar com a Sylvie — digo baixinho.

— Eu sei — diz ele. — Vou acabar. Amanhã.

— Queres dizer, hoje — corrijo. Ele olha para a janela.

— Oh. Pois. — Aperta-me de novo nos braços. — Acho que devíamos dormir um bocadinho.

— Sim. Também acho. — Fecho os olhos e ficamos calados. O quarto está calmo e silencioso e, lá fora, o sol nasceu num dia quente de agosto.

OITENTA E DOIS

Acordo muitas vezes. Mexemo-nos e mudamos de posição juntos; ele aconchega-me, eu enrosco-me contra ele. Ele segura-me nas mãos, no pescoço, no rosto. Sonho, acordo, vejo-o, durmo.

O telemóvel do Finny toca. Ele fica tenso e senta-se. Fico quieta e confusa por um momento, depois sento-me bruscamente na cama. Parece ser o princípio da tarde. O Finny está de pé no meio do quarto, a apanhar as calças de ganga do chão e a revolver os bolsos. Cruzo os braços sobre os seios enquanto o observo. Ele abre o telefone, olha para o ecrã e prime um botão. O aparelho deixa de tocar. Ainda com as calças na mão, ele vira-se e olha para mim. Devolvo-lhe o olhar.

— Olá — diz ele.

— Era ela?

— Isso interessa? — Pousa o telefone na mesa de cabeceira.

— Interessa.

— Era. — Desvio o olhar para os cobertores no meu colo. Ouço as calças dele a baterem no chão e a cama a ranger quando ele se senta no colchão. O cobertor oscila quando ele se deita ao meu lado. — Vem cá.

Puxa-me para baixo contra ele e aperta-me nos braços como tinha feito à noite.

Penso na Sylvie num aeroporto qualquer, entusiasmada por ir ver o Finny em breve. Penso em como me ri quando o Jamie me disse que ele e a Sasha tinham descoberto que tinham sentimentos um pelo outro. Percebo quão diferente esta história deve parecer dos vários pontos de vista.

— Sentes-te culpado? — pergunto. Ele não responde logo.

— Sim — diz, por fim. — Mas também sinto que fui leal a algo maior.

O seu telefone emite um sinal sonoro. Recebeu uma mensagem.

— Devias ver quem é — observo.

— Não quero.

— Pode ser das Mães e, se não respondermos, elas vão pensar que estamos mortos e voltar para casa mais cedo. — Ele senta-se e olha para o telemóvel.

Põe-se de costas para mim enquanto digita uma resposta. Não diz nada quando se vira de novo. Deita-se de lado e eu viro-me de maneira a podermos encarar-nos.

— Era ela outra vez — digo.

— Disse-lhe que não a ia esperar ao aeroporto. Vou vê-la depois de ela jantar com

os pais.

— Oh. Quando?

— Ainda temos algumas horas. Dorme.

— Não estou cansada.

— Eu também não. — Ele estende a mão e acaricia-me o cabelo. Fecho os olhos, mas não adormeço. Os seus dedos são suaves no meu couro cabeludo e eu estremeço. — Estás arrependida? — pergunta ele ao fim de um bocado. Abro os olhos de novo. Ele tem uma expressão preocupada.

— Não — respondo —, mas... — Baixo o rosto para não olhar para ele. — Gostava que tivesse sido também a tua primeira vez.

Ele para de acariciar o meu cabelo e a sua mão cai entre nós sobre a cama. Quando fala, as palavras saem-lhe lentas e pausadas:

— Da primeira vez, estávamos ambos tão bêbedos que nenhum de nós consegue lembrar-se. E depois verificou-se... — faz uma pausa e franze a testa — ...que ela não conseguia fazê-lo a não ser que estivesse bêbeda. E quando ela estava bêbeda, eu tinha a impressão de que estava errado. Não acontecia com frequência e, quando acontecia, nem sequer corria bem. Por isso, em muitos sentidos, isto foi uma estreia para mim.

— Que queres dizer com ela não conseguir fazê-lo se não estivesse bêbeda? — pergunto.

O Finny desvia o olhar e murmura:

— Magoaram-na uma vez.

— Oh! — Ficamos calados por um momento. Estendo a mão e cubro a dele com a minha. Ele vira a palma para cima e os nossos dedos entrelaçam-se. Os nossos olhos encontram-se de novo.

— Eu queria que as coisas fossem melhores para ti — diz o Finny. — Foi por isso que te fiz prometer que não o farias quando bebesses. Mas, na verdade, a ideia de tu chegares a fazê-lo fosse com quem fosse punha-me doido. Lembras-te de me teres dito que ias fazê-lo depois de terminar o ano e que no dia a seguir estavas sentada no alpendre e disseste que estavas à espera do Jamie?

— Sim?

— Vim cá para cima e dei um murro na parede. Nunca tinha feito tal coisa. Doeu.

— Pensaste...

— Sim — diz o Finny. Continua a sustentar o meu olhar, mas na sua expressão pinta-se uma mistura de emoções que eu não consigo decifrar. — Depois, quando soube que vocês tinham acabado, foi difícil ver-te tão infeliz por causa dele quando eu estava tão contente que só tinha vontade de pegar em ti e fazer-te rodopiar no ar

— prossegue o Finny.

— Tu ficaste triste daquela vez que a Sylvie rompeu contigo — observo. — Fiquei tão zangada com ela por te ter magoado que pensei em empurrá-la para a frente da camioneta da escola.

— Fiquei triste — confirma o Finny. Não consigo evitar a pontada de ciúmes que me perfura o estômago. — Mas a culpa foi minha — acrescenta. — Disse a toda a gente que não gostava que fizessem comentários a teu respeito e a Sylvie ficou com ciúmes. Perguntou-me se eu tinha sentimentos por ti e eu disse-lhe para se deixar disso e não parava de tentar mudar de assunto. Ela percebeu.

— Porque é que voltaste para ela? — Faço a pergunta apesar de não ter a certeza de querer saber a resposta.

Ele faz uma pausa por apenas um segundo antes de responder:

— Tu também amaste o Jamie este tempo todo. Não foi?

— Sim — reconheço.

— Então porque é que não compreendes? Eu queria, tentava amá-la apenas a ela. Quando te disse, no mês passado, que ia acabar com a Sylvie, não foi por ter pensado que tinha uma hipótese de ser mais do que só teu amigo. Foi porque amar-te à distância era uma coisa, mas não teria sido justo para com ela se eu estivesse apaixonado pela minha melhor amiga.

Sento-me e puxo os cobertores para que ele não possa ver o meu corpo. Não consigo encará-lo. Tudo o que ele disse deixou-me ao mesmo tempo muito triste e muito contente e, mais do que qualquer outra coisa, estou muito assustada.

— Autumn? — Ouço a cama ranger quando ele se senta também, mas baixo a cabeça e recuso-me a olhar para ele.

— E se a vires e perceberes que tudo isto foi um erro? — digo.

— Isso não vai acontecer.

— É possível.

— Não é.

— Se a amas...

— Mas se eu tiver hipótese de estar contigo... Céus, Autumn, tu és o ideal em função do qual eu julguei todas as outras raparigas durante toda a minha vida — diz o Finny. — Tu és divertida, inteligente e esquisita. Eu nunca sei o que vai sair da tua boca ou o que vais fazer. Amo isso. A ti. Amo-te.

Levanto um pouco a cabeça. Ele está a olhar-me com uma expressão que nunca lhe tinha visto. Vejo os seus olhos a estudar o meu rosto.

— E és tão bonita — acrescenta ele. Baixo a cabeça e tento esconder o rosto. Tenho as bochechas a arder. O Finny ri. — Ora, eu sei que isso já tu sabias.

— É diferente quando tu o dizes.

Ele ri de novo.

— Diferente, como?

— Não sei.

— És tão bonita. — O Finny segura-me o queixo com a mão e força-me a encará-lo. Olha-me nos olhos. — Ontem à noite foi a melhor coisa que me aconteceu e eu nunca pensaria que tinha sido um erro, a menos que tu dissesses que era.

— Eu nunca diria tal coisa.

O Finny encosta a testa à minha:

— Então vai correr tudo bem. Agora estamos juntos. Não é?

— Claro que sim.

Mais uma vez, o Finny ri de mim. Recuo o rosto para o fitar.

— Nunca pensei que isto fosse acontecer — diz ele. — E então tu dizes «claro que sim» como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— E não parece que é isso mesmo?

Ele ri de novo, desta vez mais baixo e num tom diferente.

— Como é que chegámos aqui? — questiona. Não sei o que responder, por isso limito-me a olhar para ele. Então ele sorri-me, puxa-me de novo para si e eu sento-me no seu colo, com os seus braços à minha volta, e é a coisa mais natural do mundo.

OITENTA E TRÊS

O Finny tem de sair daqui a poucos minutos. Está no duche e eu estou no quarto dele, vestida e à espera. Fiz-lhe a cama e tentei tapar a mancha de sangue, e agora estou sentada no meio do colchão, com os joelhos encolhidos contra o peito. O céu ficou nublado e, embora ainda seja apenas o fim da tarde, já quase parece ter escurecido.

Ouço o duche parar; descanso o queixo nos joelhos. Demora uma eternidade até o ouvir no corredor. Ele entra totalmente vestido e a esfregar o cabelo molhado com uma toalha. Olha para mim.

— Vai correr tudo bem — afirma.

— Não podes esperar até amanhã?

— Quero resolver o assunto de uma vez. Quero que sejamos só nós. — Deixa cair a toalha no chão. Tira um boné de beisebol da cómoda, põe-no na cabeça molhada, depois tira-o e passa os dedos pelos cabelos. Vira-se para mim.

— Acompanhas-me até lá fora? — pergunta. Faço um sinal afirmativo e ele estende-me a mão.

Sigo-o até ao seu carro e ficamos a olhar um para o outro.

— Prometo — diz ele —, que voltarei logo que puder. Mas pode demorar um bocado.

— Por favor, não vás — peço-lhe. Ele pousa as mãos nos meus ombros e aperta-me contra o peito.

— Tenho de fazer isto — diz ele. — Tu sabes que tenho, Autumn.

Não posso responder-lhe porque sei que ele tem razão. Ele apoia a face ao meu cocuruto.

— Vamos fazer o seguinte — diz ele. Fala num tom suave e ligeiro, como se estivéssemos a traçar o tipo de plano travesso que fazíamos em crianças. — Quando as Mães chegarem, tu vais para a cama cedo e quando eu voltar, entro pela tua porta das traseiras e vou para o teu quarto. E depois abraço-te a noite toda.

Levanto a cabeça para o encarar.

— Está bem — anuo. Ele sorri e inclina-se para me beijar. Beija-me uma vez, depois eu aproximo-me para mais um beijo. Beijamo-nos durante muito tempo. Encosto-me ao carro dele e ele comprime-se contra mim. Ambos respiramos pesadamente. Se eu puder continuar a beijá-lo, ele nunca irá embora.

A porta de um carro bate. Ambos levantamos os olhos, mas não nos afastamos. As Mães estão no outro caminho de acesso, a tirar caixas de vinho do porta-bagagem. Não estão a olhar para nós.

— Achas que elas viram? — indago.

— Com toda a certeza — diz ele.

— Oh, meu Deus! — gemo.

— Acho que a minha mãe tem uma garrafa de champanhe especial escondida justamente para esta ocasião — diz o Finny.

— Oh, meu Deus — repito. O Finny olha para mim e sorri.

— Eu volto para te ajudar a controlá-las.

— Está bem — digo. Desta vez, resisto ao impulso de lhe dizer para não ir. O seu sorriso desvanece-se lentamente e ele respira fundo. Os meus braços deslizam-lhe do pescoço com relutância. Ele beija a minha boca rapidamente e dá um passo para trás. Vira-se para abrir a porta do carro e eu dou um passo para trás também. Ele olha para mim de novo e, pouco antes de entrar, sorri mais uma vez.

— Depois disto — diz-me —, as coisas vão ser como sempre deviam ter sido. — Depois entra no carro e fecha a porta. Põe o motor a trabalhar sem voltar a olhar para mim. Eu fico no jardim a seguir o carro dele com os olhos até desaparecer.

Começa a chover.

OITENTA E QUATRO

A meio da noite, ouço passos no corredor. Rolo sobre mim própria e olho para a porta, que se abre devagar.

— Finny? — pergunto. Faz-se um silêncio.

— Oh, Autumn — diz a minha mãe.

OITENTA E CINCO

Phineas Smith morreu no dia 8 de agosto e eu consigo imaginar cada detalhe dessa noite. Consigo ver o seu rosto e a curva dos seus dedos crispados no volante. Consigo ouvir a sua respiração e sinto a aceleração do seu pulso.

Sei o que ele estava a pensar quando entrou naquela curva demasiado depressa.

Sei o que eles estavam a discutir antes de o pequeno carro vermelho se despistar.

Sei que o rosto da Sylvie já estava cheio de lágrimas quando ela foi projetada através do para-brisas.

Seria errado dizer que a Sylvie matou o Phineas. Ela foi o instrumento da sua morte, mas não a causa. Se estivesse comigo, o Finny ainda estaria vivo. Se ele estivesse comigo, tudo teria sido diferente. Mas por culpa de quem é que ele não estava?

Vejo o Finny sentado no carro vermelho, perfeito e incólume. A chuva cai através do buraco no para-brisas, mas ele não a sente. Não sente nada. Não pensa em nada. Está vivo.

Fica, sussurro-lhe. *Fica no carro. Fica neste momento. Fica comigo.*

Mas claro que ele não o faz.

De repente, como se tivesse apanhado um soco, cai em si. Sente o banco de couro quente sob as suas calças de ganga e o volante que as suas mãos agarram com tanta força que tem os nós dos dedos brancos.

Vê o vidro a cintilar à sua volta e o enorme buraco à sua frente. E através desse buraco, onde antes estava o para-brisas, vê-a a ela. Por entre a escuridão e a chuva, vê a Sylvie estendida na estrada, imóvel e silenciosa.

Fica, sussurro.

De repente, as suas mãos largam o volante e ele tira o cinto de segurança que lhe salvou a vida, abre a porta e corre pela estrada para ela.

Vejo a poça de água junto à cabeça dela, na qual ele não repara. Vejo o cabo elétrico preto e brilhante, que a tempestade derrubou, caído na água. O Finny não dá por nada; só a vê a ela, àquilo que pensa ser o seu destino.

A Sylvie está do outro lado da poça, segura e imóvel, servindo apenas o seu propósito.

Ele ajoelha-se diante dela. Chama o seu nome. Ela não se mexe. Ele é invadido por um sentimento de medo e pânico que corresponde ao que eu própria sinto ao assistir

a este momento. Para se firmar, ele pousa a mão esquerda ao lado da cabeça dela.

A morte acontece-lhe mais repentinamente do que eu posso descrever ou quero imaginar.

OITENTA E SEIS

É o final de setembro. Mesmo sem termos falado sobre o assunto, todos sabíamos que eu não iria para a faculdade este ano. Passo a maior parte dos dias no meu quarto e digo às Mães que estou a ler. A tia Angelina ainda dorme cá em casa todas as noites, mas a minha mãe já não precisa de lhe implorar que coma. O meu pai leva-me a almoçar fora uma vez por semana; pensa que está a distrair-me quando fala em me levar com ele na sua próxima viagem ao estrangeiro.

Tive de ir novamente ao Dr. Singh. Ele fez-me uma quantidade de perguntas e eu contei-lhe outras tantas mentiras. Ele aumentou a dose dos meus medicamentos e deixou-me ir embora.

Há um mês que não tomo os comprimidos.

Hoje é o dia a meio caminho entre os nossos aniversários e as folhas começaram a mudar. Deito-me na cama a olhar para a janela do Finny. Este setembro foi tão quente e seco que algumas das folhas já ficaram castanhas e morreram, e nestas circunstâncias o início do outono tem um aspeto de bronze baço em vez de ouro. Vejo algumas das rosas ainda em flor no jardim da minha mãe. Castanhas no exterior e com outras cores vivas no meio, abrem-se e desabrocham com as pétalas já pendentes, morrendo mal as suas vidas começam.

Permaneceram além do seu tempo e dou-me conta de que o mesmo acontece comigo.

No fim, a minha decisão resume-se a uma única coisa: acho que o Finny me perdoaria. Não seria o que ele desejaria para mim, mas perdoar-me-ia. E se eu continuar a tentar sobreviver sem o Finny, há caminhos que posso acabar por seguir e que ele consideraria muito piores do que isto.

A tarde dá lugar ao crepúsculo e, depois, à noite. Espero até deixar de ouvir as Mães a falar uma com a outra antes de adormecerem. Desço a escada com cuidado, evitando todos os rangidos de que consigo lembrar-me. Na cozinha, deixo o bilhete em cima da mesa. Demorou mais tempo a escrever do que eu pensava. Por fim, tive de aceitar que não conseguiria dizer todas as coisas que queria. Dirijo-me ao bloco de facas da minha mãe e essa é a única vez que me detenho, e isso para ponderar se devo levar a faca maior, que é o que tinha imaginado, ou se é preferível ser prática e escolher a que fará melhor o trabalho. Mas se eu for apanhada com este bilhete, terei de dizer muitas mentiras, ao longo de dias ou talvez mesmo semanas, até elas me

deixarem sozinha o tempo suficiente para tentar de novo. Assim, concluo que, se estiver suficientemente determinada, não interessa que faca escolho, pelo que pego na grande.

Ao sair sorrateiramente pela porta das traseiras, tiro um momento para olhar para os jardins onde brincávamos juntos, para a árvore onde nunca chegámos a construir a nossa casa na árvore. Mas depois apresso-me a atravessar o relvado até ao jardim dele e passo a correr pelo sítio onde ele me beijou pela primeira vez.

A tia Angelina está sempre a perder coisas, por isso tem uma chave de casa extra por baixo do vaso vazio no alpendre. Depois de destrancar a porta, reponho a chave no sítio, na esperança de que ela talvez não perceba que a usei e se culpe por isso. É o mínimo que posso fazer; tudo isto já não é justo para ela. Mas a tentação de estar perto dele uma última vez é demasiado grande para lhe resistir.

A casa está silenciosa, vazia, sombria. Os degraus rangem quando subo, mas não há ninguém para ouvir e eu aprecio o som, lembrando-me de como corríamos por aquela escada juntos.

A porta do quarto do Finny está fechada. Eu sabia que estaria. Ninguém lá esteve desde que ele e eu saímos por aquela porta de mãos dadas.

Uso fita-cola transparente para prender à porta o cartaz que tinha feito:

Por favor, não tentem arrombar a porta. É demasiado tarde para fazerem alguma coisa. Chamem a polícia e deixem-na lidar com essa parte.

Entro no quarto e fecho a porta à chave atrás de mim.

OITENTA E SETE

Nos livros, as pessoas que acordam no hospital nunca se lembram de como lá chegaram, depois vão recuperando lentamente a memória.

Eu abri os olhos e pensei: «Oh, merda!»

Estou sentada de pernas cruzadas no meio da cama, vestindo uma camisa de noite azul que me faz comichão. O cobertor do hospital é deprimentemente pequeno e fino, mais parecendo uma toalha de praia. Tenho uma linha intravenosa numa mão e os meus pulsos estão tão impecavelmente enfaixados e colados que me fazem especular acerca da pessoa que os ligou. Estudo as minhas ligaduras enquanto a enfermeira me mede a tensão arterial e me pergunta se sei que dia é.

— E lembras-te do motivo por que estás aqui, querida? — pergunta-me a enfermeira. Não gosto da voz dela. — Autumn?

— Lembro — respondo. Lembro-me de muito mais do que desejaria, já que estou a planear fazer tudo outra vez.

Ela faz-me mais perguntas. Eu resmoneio as respostas. É melhor não perguntar acerca da pessoa que me pôs as ligaduras, porque isso seria esquisito e eu preciso de sair daqui o mais depressa possível. O Finny perdoar-me-ia. Não, o Finny perdoar-me-á quando eu puder explicar-lhe, depois. Toco nas ligaduras de algodão com um dedo.

— E quando foi o teu último ciclo menstrual, querida?

Pela primeira vez em semanas, tudo dentro de mim fica imóvel e silencioso.

— Em que dia tiveste a tua última menstruação, Autumn?

Olho para o rosto dela pela primeira vez. É mais nova do que eu pensava.

— Não me lembro — respondo. Ela franze a testa.

OITENTA E OITO

O Finny não aprovaria que eu tentasse outra vez se estivesse grávida. Eu poderia discutir com ele tudo o que me apetecesse, que ele não cederia. O Finny não suportava deixar vermes morrerem na berma da estrada; eu nunca conseguiria convencê-lo de que seria pelo melhor.

Vejo a expressão do seu rosto. O seu sobrolho franzido em sinal de desaprovação. Tento explicar-lhe e ele limita-se a fitar-me de sobrancelhas arqueadas.

As pessoas fazem coisas assim. A tia Angelina fez.

Podíamos viver com as Mães no princípio; elas ficariam felizes por nos receber. Eu podia servir à mesa, poupar dinheiro e frequentar a faculdade, algumas cadeiras de cada vez. Podia escrever à noite na mesma, talvez não todas as noites, mas ainda assim.

Só porque algo parece impossível não significa que não se deva tentar.

E, claro, não seria como tê-lo de volta. Não verdadeiramente. Mas seria melhor do que não o ter de todo. Lembro-me dele a pegar na bebé da Angie no hospital, da maneira como olhou maravilhado para aquele pequeno rosto.

E o Finny sorri-me, porque sabe que ganhou.

OITENTA E NOVE

— É política do hospital, querida — diz a enfermeira. Pestanejo.

— O quê?

— O teste.

— Ah! Está bem.

— Agora vou sair do quarto apenas por um minuto. A enfermaria está trancada. Vais portar-te bem e esperar aqui?

— Sim — respondo —, eu espero. — Ela deixa-me. Envolvo os braços em torno do corpo e faço força até me doerem os pulsos. Os meus olhos fecham-se. Vou esperar.

E vou ficar bem.

E, pela primeira vez em anos, sinto que as coisas vão correr como sempre estiveram destinadas a correr.

AGRADECIMENTOS

O meu marido, Robert, pegou-me literal e figurativamente na mão enquanto eu lutava para concretizar este sonho. Querido, conseguimos!

Os meus pais, Gary e Susan Nowlin, educaram-me para me amar a mim e aos livros. Mãe, obrigada por me teres dado uma paixão pela beleza em todas as suas formas. Pai, obrigada por seres o oposto do pai da Autumn.

A minha irmã mais velha, Elizabeth Nowlin, é incrível. Obrigada por me teres tornado mais forte.

Os meus sogros, Jay e Tina Rosener, são das pessoas mais carinhosas e generosas que já conheci. Não teria conseguido fazer isto sem o vosso apoio.

A minha agente, Ali McDonald, tornou este sonho realidade. Obrigada. Muito, muito obrigada.

E obrigada, Deus, por estas e todas as muitas bênçãos que me deste.

Se ele estivesse comigo